

COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS COMO A EXPRESSÃO SOCIAL DA SUSTENTABILIDADE URBANA

João Fumega



Modelação, Ordenamento e Planeamento Territorial

Centro de Estudos Geográficos

Universidade de Lisboa

2011

IGOT-UL / CEG-UL

Instituto de Geografia e Ordenamento do Território
Centro de Estudos Geográficos
Universidade de Lisboa



Comunidades Sustentáveis como a Expressão Social da Sustentabilidade Urbana

Autor
João Fumega

Ficha Técnica

Título:

Comunidades Sustentáveis como a Expressão Social da Sustentabilidade Urbana

Autores:

João FUMEGA

Edição:

CEG-UL / IGOT-UL

Centro de Estudos Geográficos

Instituto de Geografia e Ordenamento do Território

Universidade de Lisboa

Tiragem:

100 exemplares

ISBN:

978-972-636-217-3

Índice de conteúdos

PARTE I

- 25 | 1. INTRODUÇÃO**
- 26 | Modelo de análise
- 26 | Problemática
- 28 | Hipótese de investigação

- 31 | 2. A EVOLUÇÃO DAS CIDADES AO LONGO DA HISTÓRIA E O SEU CAMINHO EM DIRECÇÃO À INSUSTENTABILIDADE**
- 31 | 2.1. Da origem das cidades à revolução industrial**
- 34 | A importância do mercantilismo e a industrialização para a forma da cidade
- 36 | A emergência de um novo sistema e organização urbana fruto da industrialização
- 38 | Problemas da cidade industrial e respectiva resposta
- 41 | O caso de Boston
- 43 | 2.2. Crescimento explosivo dos subúrbios a partir da metade do século XX e o aparecimento e expansão do automóvel**
- 43 | O aparecimento dos subúrbios
- 47 | Os subúrbios como locais de experimentação de novas teorias urbanas e suas contribuições para a nova forma urbana
- 50 | Os subúrbios e a ascensão da corrente modernista
- 52 | Suburbanização em massa e o uso do automóvel
- 56 | A cidade pós-industrial

- 59 | 3. SUSTENTABILIDADE URBANA**
- 59 | 3.1. Desenvolvimento Sustentável**
- 60 | 3.2. Caracterização e evolução do conceito de sustentabilidade urbana**
- 66 | 3.3. Sustentabilidade Urbana –movimentos associados**
- 66 | 3.3.1. 'Smarth Growth'
- 67 | 3.3.2. 'United States Green Building Council'
- 68 | 3.3.3. 'Novo Urbanismo'
- 70 | Escala Regional
- 70 | Escala do Bairro
- 78 | Escala da Rua
- 80 | 3.4. Desafios para o urbanismo sustentável**

- 83 | 4. COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS E CAPITAL SOCIAL**
- 83 | 4.1. Caracterização do conceito de comunidades sustentáveis**
- 85 | 4.1.1. A comunidade sustentável
- 88 | 4.1.2. As componentes das comunidades sustentáveis
- 93 | Componente sociocultural
- 94 | Componente serviços e equipamentos
- 96 | Componente dos transportes e conectividade

99	4.1.3. Exemplos de aplicação do conceito de comunidades sustentáveis
99	Nível governamental – o exemplo inglês
101	Nível local – Kronsberg, Alemanha
102	Caso português
105	4.2. Relação entre comunidades sustentáveis e capital social
106	4.3. Caracterização do conceito de Capital Social
108	Confiança
108	Redes sociais
110	Civismo

PARTE II

113	5. O BAIRRO DE CAMPO DE OURIQUE
113	5.1. Contextualização do bairro de Campo de Ourique
114	5.2. Metodologia
120	5.3. Indicadores demográficos e de edificação do bairro de Campo de Ourique
137	5.4. Caracterização sociodemográfica das famílias na área de estudo
150	5.5. Análise do bairro e sua aproximação às Comunidades Sustentáveis
150	Componente geral
154	Componente sociocultural
159	Componente equipamentos e serviços
162	Componente dos transportes e Conectividade
120	5.6. A dimensão do capital social em Campo de Ourique: contributo para o estabelecimento de uma comunidade sustentável
173	Dimensão redes sociais
177	Dimensão confiança
179	Dimensão civismo
183	6. PROPOSTAS E CONCLUSÃO
191	BIBLIOGRAFIA
197	ANEXOS

Índice de gráficos

FIGURA 1 | 30

Modelo de Análise

FIGURA 2 | 49

Proposta de unidade de vizinhança feita por Clarence Perry

FIGURA 3 | 63

As ruas de duas faixas e curta largura tem a melhor capacidade para escoar pessoas e viaturas, segundo Farr

FIGURA 4 | 67

Crescimento do número de edifícios com a certificação LEED

FIGURA 5 | 71

Conceito de unidade de vizinhança revisitado pelo CNU

FIGURA 6 | 73

Diferença entre tráfego nos subúrbios (conventional trip assignment) e numa área com um sistema viário tradicional (traditional trip assignment)

FIGURA 7 | 74

Exemplo da influência da expansão da rede viária na habitação (Washington D.C.)

FIGURA 8 | 78

Exemplo de intervenção na zona ribeirinha de Milwaukee, USA

FIGURA 9 | 84

Vários tipos de capitais relativos ao conceito de comunidades sustentáveis

FIGURA 10 | 86

Conjunto urbano cooperativo

FIGURA 11 | 87

Uma visão de uma cidade sustentável

FIGURA 12 | 88

Crescimento de Berkeley, USA, como exemplo de crescimento à volta de núcleos urbanos

FIGURA 13 | 89

Componentes das comunidades sustentáveis segundo Egan

FIGURA 14 | 90

Componentes das comunidades sustentáveis revisitadas

- 91 | FIGURA 15**
Competências tidas em conta no conceito de comunidades sustentáveis
- 94 | FIGURA 16**
'Terceiros Lugares' segundo frequentadores, categorias e capital social gerado
- 96 | FIGURA 17**
Tipos de serviços e equipamentos e respectivas características segundo Farr
- 98 | FIGURA 18**
Integração dos vários tipos de transporte de acordo com as formas urbanas
- 99 | FIGURA 19**
Importância do TOD para criar uma rede interrelacionada de bairros
- 102 | FIGURA 20**
Bairro de Kronsberg, Alemanha
- 107 | FIGURA 21**
Várias definições para o conceito de capital social
- 115 | FIGURA 22**
Perspectiva do Bairro de Campo de Ourique (Google Earth)
- 116 | FIGURA 23**
Enquadramento do bairro de Campo de Ourique
- 117 | FIGURA 24**
Dimensões e indicadores do capital social
- 118 | FIGURA 25**
Três núcleos de análise
- 119 | FIGURA 26**
Vias analisadas
- 129 | FIGURA 27**
Carta da época de construção do edificado na área de análise, Campo de Ourique
- 131 | FIGURA 28**
Carta do estado de conservação do edificado na área de análise, Campo de Ourique
- 132 | FIGURA 29**
Carta da idade e estado de conservação do edificado na área de análise, Campo de Ourique
- 162 | FIGURA 30**
Carta de levantamento funcional

Índice de tabelas

TABELA 1 | 121

População residente, famílias e variação da população residente entre 1981-2001

TABELA 2 | 134

Freguesia de Santa Isabel: Fogos licenciados (N.º) em construções novas para habitação familiar por Localização geográfica e Entidade promotora

TABELA 3 | 135

Freguesia de Santo Condestável: Fogos licenciados (N.º) em construções novas para habitação familiar por Localização geográfica e Entidade promotora

Índice de gráficos

GRÁFICO 1 | 121

Variação da população residente entre 1981-2001 por género em Campo de Ourique

GRÁFICO 2 | 122

Modelo de variação de residentes na década de 90

GRÁFICO 3 | 123

Variação da população residente entre 1981-2001 por grupo etário em Campo de Ourique

GRÁFICO 4 | 124

População da freguesia de Santo Condestável segundo grau de escolaridade em 1991 e 2001

GRÁFICO 5 | 124

População da freguesia de Santa Isabel segundo grau de escolaridade em 1991 e 2001

GRÁFICO 6 | 125

Variação do número e dimensão das famílias clássicas entre 1991-2001 em Campo de Ourique

GRÁFICO 7 | 126

Evolução da taxa de actividade na freguesia de Santo Condestável entre 1981-2001

GRÁFICO 8 | 126

Evolução da taxa de actividade na freguesia de Santa Isabel entre 1981-2001

GRÁFICO 9 | 127

População não activa na freguesia de Santo Condestável entre 1991 e 2001

GRÁFICO 10 | 128

População não activa na freguesia de Santa Isabel em 1991 e 2001

GRÁFICO 11 | 130

Edifícios segundo estado de conservação em 2001 no bairro de Campo de Ourique

GRÁFICO 12 | 133

Variação do nº de edifícios segundo o tipo entre 1991 e 2001 no bairro de Campo de Ourique

GRÁFICO 13 | 136

Vitalidade residencial por factores

GRÁFICO 14 | 136

Género vs situação sócio profissional

- 138 | GRÁFICO 15**
Idade, moradores e não moradores
- 139 | GRÁFICO 16**
Composição do agregado familiar
- 139 | GRÁFICO 17**
Grau de instrução
- 140 | GRÁFICO 18**
Grau de instrução vs idade
- 141 | GRÁFICO 19**
Situação sócio-profissional
- 141 | GRÁFICO 20**
Idade vs situação sócio-profissional
- 142 | GRÁFICO 21**
Profissão dos elementos
- 143 | GRÁFICO 22**
Profissão dos elementos vs grau de qualificação
- 143 | GRÁFICO 23**
Local de residência
- 144 | GRÁFICO 24**
Local de residência vs grau de instrução e idade
- 145 | GRÁFICO 25**
Tempo de residência em Campo de Ourique
- 145 | GRÁFICO 26**
Grau de instrução vs tempo de residência
- 146 | GRÁFICO 27**
Porque mudou para Campo de Ourique?
- 147 | GRÁFICO 28**
Grau de instrução vs porque mudou para Campo de Ourique?
- 148 | GRÁFICO 29**
Local de trabalho/estudo
- 149 | GRÁFICO 30**
Profissão vs local de trabalho/estudo

GRÁFICO 31 | 150

Sente-se feliz de uma forma geral?

GRÁFICO 32 | 151

Está satisfeito com o seu bairro como local para viver?

GRÁFICO 33 | 151

Está satisfeito com o seu bairro como local para viver?

GRÁFICO 34 | 152

Gosta de vir a Campo de Ourique?

GRÁFICO 35 | 153

Gosta de vir a Campo de Ourique vs porque motivos vem a Campo de Ourique?

GRÁFICO 36 | 153

Identifica-se com o bairro de Campo de Ourique?

GRÁFICO 37 | 154

Idade vs Identifica-se com o bairro de Campo de Ourique?

GRÁFICO 38 | 155

Acha que Campo de Ourique é um bairro onde pessoas de diferentes características sociais e culturais se dão bem?

GRÁFICO 39 | 156

Sente-se envolvido na comunidade de Campo de Ourique?

GRÁFICO 40 | 157

Idade vs sente-se envolvido na comunidade de Campo de Ourique?

GRÁFICO 41 | 158

Identifica-se com Campo de Ourique vs sente-se envolvido na comunidade?

GRÁFICO 42 | 159

Está satisfeito com o seu bairro no que respeita à oferta de equipamentos?

GRÁFICO 43 | 160

Está satisfeito com o seu bairro no que respeita à oferta de comércio?

GRÁFICO 44 | 161

Idade vs está satisfeito com o seu bairro no que respeita à oferta de comércio?

GRÁFICO 45 | 161

Transportes e conectividade – local (1)

- 163 | GRÁFICO 46**
Transportes e conectividade – local (2)
- 164 | GRÁFICO 47**
Onde se situa o seu médico de clínica geral?
- 165 | GRÁFICO 48**
Onde se situa o equipamento de desporto/lazer?
- 165 | GRÁFICO 49**
Onde frequenta equipamentos culturais?
- 166 | GRÁFICO 50**
Motivos para vir a Campo de Ourique
- 167 | GRÁFICO 51**
Idade vs motivos para vir a Campo de Ourique
- 168 | GRÁFICO 52**
Transportes e conectividade – modo utilizado
- 169 | GRÁFICO 53**
Transportes e conectividade – frequência
- 170 | GRÁFICO 54**
Frequência das deslocações para Campo de Ourique
- 171 | GRÁFICO 55**
Porque motivos vem a Campo de Ourique vs frequência
- 171 | GRÁFICO 56**
Transportes e conectividade – tempo
- 172 | GRÁFICO 57**
Pertence a alguma associação? Se sim a quantas?
- 173 | GRÁFICO 58**
Já alguma vez fez trabalho voluntário? Se sim quantas vezes?
- 174 | GRÁFICO 59**
Quantas vezes está com a família?
- 175 | GRÁFICO 60**
Quantas vezes está com os seus amigos?
- 175 | GRÁFICO 61**
A sua família é importante vs quantas vezes está com ela?

GRÁFICO 62 | 176

Para si os seus amigos são importantes vs quantas vezes está com eles?

GRÁFICO 63 | 177

Idade de residência vs acha que as pessoas de Campo de Ourique são de confiança?

GRÁFICO 64 | 178

Confia nas seguintes instituições?

GRÁFICO 65 | 179

Acha que as seguintes acções são justificáveis (1)?

GRÁFICO 66 | 180

Acha que as seguintes acções são justificáveis (2)?

GRÁFICO 67 | 180

Com que frequência discute política?

Anexos

FIGURAS

FIGURA 1 | 199

Lista de características necessárias para a comunidade sustentável

FIGURA 2 E 3 | 200

Indicadores relativos às componentes dos transportes e conectividade e socioculturais

FIGURA 4 | 201

Indicadores relativos à componente dos serviços

TABELAS

TABELA 1 | 202

População residente em 1981, 1991 e 2001, segundo os grupos etários e sua evolução entre 1981 e 2001

TABELA 2 | 202

População residente segundo o nível de ensino atingido, sexo e taxa de analfabetismo (1981-2001)

TABELA 3 | 203

População residente e economicamente activa (sentido lato) e empregada, segundo o sexo e o ramo de actividade e taxas de actividade em 1991 e 2001

TABELA 4 | 203

Famílias clássicas, segundo a dimensão

TABELA 5 | 204

População residente, com 15 ou mais anos, segundo a condição perante a actividade económica (sentido lato) e sexo

TABELA 6 E 7 | 205

Edifícios, segundo a época de construção, por estado de conservação

TABELA 8 E 9 | 205

Edifícios, segundo o número de pavimentos, por tipo de edifício e número de alojamentos

- 207 | TABELA 10**
População inquirida por género
- 207 | TABELA 11**
Género vs Situação Sócio Profissional: moradores e respectivo agregado
- 207 | TABELA 12**
Idade: moradores e não moradores
- 207 | TABELA 13**
Composição do agregado familiar
- 208 | TABELA 14**
Grau de instrução
- 208 | TABELA 15**
Grau de instrução vs idade
- 208 | TABELA 16**
Situação Sócio-Profissional
- 209 | TABELA 17**
Situação sócio-profissional vs idade
- 209 | TABELA 18**
Profissão de acordo com a CNP
- 209 | TABELA 19**
Profissão vs grau de instrução
- 210 | TABELA 20**
Local de residência
- 210 | TABELA 21**
Local de residência vs grau de instrução e idade
- 210 | TABELA 22**
Já teve outra habitação?
- 210 | TABELA 23**
Há quantos anos mora em Campo de Ourique?
- 211 | TABELA 24**
Grau de instrução vs tempo de residência: moradores e agregado
- 211 | TABELA 25**
Porque mudou para Campo de Ourique?

TABELA 26 | 211

Grau de instrução vs porque mudou para Campo de Ourique?

TABELA 27 | 212

Local de trabalho/estudo

TABELA 28 | 212

Profissão vs local de trabalho/estudo: moradores e agregado.

TABELA 29 | 212

Sente-se feliz?

TABELA 30 | 212

Está satisfeito com o seu bairro como local para viver?

TABELA 31 | 213

Está satisfeito com o seu bairro como local para viver vs sente-se feliz de uma forma geral?

TABELA 32 | 213

Gosta de vir a Campo de Ourique? [não moradores]

TABELA 33 | 213

Gosta de vir a Campo de Ourique vs quais são os motivos que levam a vir a Campo de Ourique? [não moradores]

TABELA 34 | 213

Identifica-se com o bairro de Campo de Ourique?

TABELA 35 | 214

Idade vs identifica-se com o bairro de Campo de Ourique? [Moradores]

TABELA 36 | 214

Acha que Campo de Ourique é um bairro onde pessoas de diferentes características culturais e sociais se dão bem?

TABELA 37 | 214

Sente-se envolvido na comunidade de Campo de Ourique?

TABELA 38 | 214

Idade vs sente-se envolvido na comunidade?

TABELA 39 | 215

Identifica-se com Campo de Ourique vs sente-se envolvido na comunidade?

TABELA 40 | 215

Está satisfeito com a oferta cultural do bairro?

- 215 | TABELA 41**
Está satisfeito com Campo de Ourique no que respeita à oferta de comércio?
- 216 | TABELA 42**
Idade vs está satisfeito com a oferta de comércio?
- 216 | TABELA 43**
Transportes e conectividade – local [1]
- 216 | TABELA 44**
Transportes e conectividade – local [2]
- 216 | TABELA 45**
Onde consulta o seu médico de clínica geral?
- 216 | TABELA 46**
Onde se situa o seu médico de clínica geral?
- 217 | TABELA 47**
Frequenta equipamentos de desporto/lazer?
- 217 | TABELA 48**
Onde se situa o seu equipamento de desporto/lazer?
- 217 | TABELA 49**
Frequenta equipamentos culturais?
- 217 | TABELA 50**
Onde se situa o seu equipamento cultural?
- 217 | TABELA 51**
Onde vai aos correios, bancos, farmácias?
- 218 | TABELA 52**
Transportes e conectividade – frequência
- 218 | TABELA 53**
Transportes e conectividade – tempo
- 219 | TABELA 54**
Porque motivos vem a Campo de Ourique?
- 219 | TABELA 55**
Idade vs porque motivos vem a Campo de Ourique? [não moradores]
- 219 | TABELA 56**
Com que frequência vem a Campo de Ourique? [não moradores]

TABELA 57 | 220

Porque motivos vem a Campo de Ourique vs com que frequência vem a Campo de Ourique?
[não moradores]

TABELA 58 | 220

Pertence ou pertenceu a alguma associação? Se sim a quantas?

TABELA 59 | 220

Já alguma vez fez trabalho voluntário? Se sim quantas vezes?

TABELA 60 | 220

Para si a sua família é importante?

TABELA 61 | 220

Quantas vezes está com a sua família?

TABELA 62 | 221

Para si os seus amigos são importantes?

TABELA 63 | 221

Quantas vezes está com os seus amigos?

TABELA 64 | 221

Para si a sua família é importante vs quantas vezes está com os seus família? [Moradores]

TABELA 65 | 221

Para si os seus amigos são importantes vs está muitas vezes com os seus amigos?
[Moradores]

TABELA 66 | 222

De uma forma geral diria que a maioria das pessoas em Campo de Ourique são de confiança?

TABELA 67 | 222

Idade de residência vs de uma forma geral acha que as pessoas de Campo de Ourique
são de confiança? [Moradores]

TABELA 68 | 222

Confia nas seguintes instituições?

TABELA 69 | 223

Acha que as seguintes acções são justificáveis?

TABELA 71 | 224

Interessa-se pela política?

TABELA 72 | 224

Com que frequência discute política?

228 | TABELA 73

Resultados das entrevistas

GUIÕES

225 | GUIÃO 1

Entrevista ao Presidente da Junta de Freguesia - Dr. Luís Graça Gonçalves

225 | GUIÃO 2

Entrevista ao Comissário da Carta Estratégica de Lisboa para a sustentabilidade ambiental e energética - Professor Tiago Farias

226 | GUIÃO 3

Entrevista ao Professor do MIT - Professor John Fernandez

227 | GUIÃO 4

Entrevista a técnica da CCDR-LVT: Dr^a. Isabel da Silva Marques

237 | MODELO DO INQUÉRITO APLICADO

"Trend is not destiny" – Lewis Mumford
Architecture as home for men: Essays for architecture record, Ed. Jeanne M.
Davern (New York: Architectural Record Books, 1975), pp.201-206

Parte I

Capítulo 1

Introdução

A questão da sustentabilidade urbana tem vindo a ganhar crescente importância ao longo das últimas décadas. Existe no presente uma multiplicidade de abordagens a esta problemática que têm diferido consoante os vários contextos a que se referem, sejam eles geográficos, políticos, sociais, económicos ou de outro tipo. Este estudo tem como fim a análise de uma das vertentes da sustentabilidade que tem sido menos estudada, a social, através dos conceitos de comunidades sustentáveis e capital social, visando assim colocar de novo no centro do desenvolvimento urbano a comunidade, uma das características das cidades que muitas vezes é relegada para segundo plano. Assim, relativamente ao conceito de comunidades sustentáveis, serão tidas em conta dimensões como cultura e sociedade, acessibilidades e serviços e transportes e conectividade, sendo a análise do capital social utilizada para entender a teia de relações de uma comunidade, e como factor de validação do conceito de comunidades sustentáveis.

Pretende-se responder a estes objectivos em duas fases: uma primeira, onde se irá fazer um levantamento teórico dos conceitos, do que já foi estudado, e como se manifestam no território; e uma segunda, na qual se vai aferir a presença ou não destes conceitos na área de estudo e respectiva relação que têm. À parte dos grandes objectivos propostos serão também focados temas que no entender do autor têm uma importância vital no enquadramento da problemática, os quais serão abordados na primeira parte deste estudo:

- Perceber a relação que os primeiros subúrbios têm com o aparecimento de novas formas de desenho urbano, como são a unidade de bairro, e também com a revitalização de conceitos como são as relações de vizinhança;
- Analisar a evolução dos subúrbios e a sua importância para a (in)sustentabilidade da forma urbana;

- Identificar a importância de alguns movimentos de sustentabilidade urbana para o desenvolvimento do pensamento relacionado com a sustentabilidade;
- Nomear exemplos de comunidades sustentáveis aplicados às componentes em estudo.

Estes últimos elementos, serão fundamentalmente demonstrados ao longo da I parte, onde são explanados um conjunto de conceitos teóricos numa abordagem evolutiva.

O estudo estará estruturado em três partes que se dividem em sete capítulos. Assim, a primeira parte compreende o capítulo da introdução e objectivos, onde se faz um breve enquadramento do estudo relativamente à sua estrutura e objectivos a atingir; o capítulo do modelo de análise que compreende a parte conceptual, nomeadamente a problemática, respectivo modelo de análise e hipótese de investigação seguidos; os três capítulos seguintes são referentes ao estado da arte, sendo que o primeiro respeita à evolução histórica das cidades e o processo em direcção à insustentabilidade destas, o segundo o desenvolvimento sustentável e mais particularmente a sustentabilidade urbana através de alguns dos movimentos mais importantes nesta área e o terceiro, o cerne da reflexão teórica, as comunidades sustentáveis e o capital social, nomeadamente a sua relação e importância que têm para a sustentabilidade de uma comunidade.

A segunda parte compreende o caso de estudo, Campo de Ourique e a metodologia, portanto, a descrição dos instrumentos usados para comprovar a existência de uma comunidade sustentável e de um forte capital social em Campo de Ourique. Por fim a terceira parte diz respeito à análise de resultados, conclusão e propostas, na qual se irá fazer uma síntese e reflexão e também irão ser traçadas recomendações com base na análise efectuada para o caso de estudo.

Assim, pretende-se com este estudo reflectir, questionar e propor. Reflectir, no percurso que foi feito pelas cidades ao longo da história, principalmente no último século, e traçar um diagnóstico do seu estado actual. Pretende-se comprovar a hipótese de que a maioria das cidades têm formas urbanas com graves problemas de sustentabilidade, e que, por constituírem o local onde mais pessoas vivem contribuem por sua vez para a insustentabilidade do nosso planeta. Torna-se assim essencial questionar o que existe ao nível do conhecimento científico que possa contribuir para a alteração desta evolução. A proposta deste estudo é a abordagem dos conceitos de comunidade sustentável e capital social, como uma das formas de responder a este desafio, pela importância que as relações sociais aliadas a uma forma sustentável de planear o espaço a uma escala de bairro podem ter para o equilíbrio da cidade.

• MODELO DE ANÁLISE

Problemática da investigação

A industrialização, juntamente com o desenvolvimento do sistema capitalista, alteraram profundamente a forma e função da cidade e conduziram ao aparecimento

dos primeiros subúrbios. Os subúrbios, no início da sua criação, eram a expressão máxima da arquitectura moderna, revitalizaram a relação do homem com a natureza e inclusive, foram responsáveis pela introdução de novos elementos no urbanismo, sendo Raimond Unwin (1912) um dos principais responsáveis por estas inovações. Conceitos de grande importância ainda na actualidade ganharam expressão aquando do desenvolvimento destas novas formas urbanas, como são o caso do conceito de relações de proximidade e a unidade de vizinhança (Clarence Perry, 1923). Também com a cidade industrial ganha maior expressão o zonamento, que inicialmente se tornou comum para afastar e delimitar as zonas industrializadas, foi depois usado para dividir as zonas comerciais das zonas habitacionais. Nos subúrbios, que foram criados como forma distinta da cidade e dos seus problemas, o zonamento foi levado ao limite criando-se áreas habitacionais de função exclusivamente residencial, de grandes extensões, e zonas pontuais de serviços que começam a proliferar e que mais tarde originam as grandes superfícies comerciais.

É sobretudo depois da 2ª Guerra Mundial que a extensão e os problemas gerados pelos subúrbios ganham uma nova dimensão, devido à banalização do automóvel e do consumo crescente nos EUA, que saíram vitoriosos de uma guerra sem danificação da sua estrutura produtiva e com novos mercados mundiais dependentes de si. Foi nos EUA que primeiro se verificou e expandiu o novo modelo de suburbanização em massa, que depois foi importado com variações para a Europa e mais tarde para o resto do mundo, e que conduziu à forma urbana actual tendencialmente cada vez mais dispersa na maioria das cidades. Este novo modelo assenta no uso do automóvel particular como meio de deslocação para qualquer tipo de distâncias, mesmo as mais elementares. Entretanto, o crescimento padronizado a que se veio a assistir era o elemento essencial para o desenvolvimento do sistema capitalista e do modelo empresarial que vinha a ganhar expressão mundialmente, de fomento ao consumo, a par com um política estatal com cada vez menor regulação. Territorialmente, esta política teve consequências no modelo de crescimento das cidades, que se foram alargando sucessivamente para acomodar o “sonho americano”, padronizado, numa casa de piso térreo com quintal, relvado, cerca branca e um carro à porta. Quando não se construía em extensão, construía-se em altura de forma rápida e inspirado em teorias arquitectónicas racionalistas e modernistas que foram sendo desvirtuadas, criando prédios de numerosos andares nas periferias das cidades, acumulados sucessivamente uns em cima dos outros: a resposta da Europa para a falta de espaço e para a diferente estrutura urbana que nos separava dos EUA.

Foi neste contexto que surgiram nas décadas de 70-80 novas formas de pensar o urbanismo, entre elas o “Novo Urbanismo”, que por sua vez foi buscar muitos dos seus ideais ao período inicial dos subúrbios, mas também a autores como Jane Jacobs e Lewis Mumford, que nos anos 60 se exprimem contra o estado das cidades atrás descrito. No fundo, a intenção era tornar a cidade de novo mais compacta, criar de novo a escala de bairro (inspiração na unidade de vizinhança), fomentar as relações de proximidade, o comércio local e misto, a criação de equipamentos, a participação pública, o respeito pelo meio ambiente. No fundo é uma abordagem integrada, de resposta aos vários problemas que a cidade vinha a demonstrar fruto de um período

do de desenvolvimento caótico. Com o crescimento de importância do conceito de desenvolvimento sustentável, através do Relatório Brundtland (1987), e mais tarde a conferência do Rio de Janeiro de 1992 intitulada “Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento”, e muito por “culpa” do aquecimento global e das consequências que se começavam a fazer sentir, nascem novos movimentos que visam promover a sustentabilidade nos locais que mais contribuem para o seu desequilíbrio: as cidades. Um destes movimentos são as comunidades sustentáveis, fortemente apoiado nos princípios do “Novo Urbanismo” e apostado em recolocar a componente social e a escala do bairro de novo como elementos essenciais da cidade. O conceito de capital social torna-se assim neste âmbito extremamente importante como meio de aferição das várias componentes das comunidades sustentáveis. De facto na literatura existente este aparece como um dos capitais comunitários essenciais para a sustentação do conceito de comunidades sustentáveis (Roseland, 2004:13). Contudo, o que se pretende comprovar é que o capital social é o produto mais importante da aplicação das várias componentes do conceito de comunidades sustentáveis, e que estas pela sua actuação em sectores chave como os transportes e conectividade, factores socioculturais e equipamentos e serviços, contribuem para a manutenção e afirmação dos vários tipos de relações sociais que existem e que caracterizam a comunidade de Campo de Ourique. Ao ser mantido e possivelmente potencializado o capital social nas dimensões que serão analisadas, pode por sua vez conduzir a uma maior sustentabilidade do bairro, como de resto foi já estudado por Jacobs (1961), pois vai influenciar positivamente as componentes das comunidades sustentáveis traduzidas em vitalidade económica, diversidade cultural, bem-estar dos habitantes, entre outros.

Hipótese de investigação

O modelo de análise proposto, parte de uma questão essencial, a qual questiona de que modo é que a conjugação de uma forma urbana e de um conjunto de características funcionais e populacionais, nomeadamente a existência de um capital social traduzido num capital relacional forte, contribuem para a formação ou existência de comunidades sustentáveis. Para responder a esta questão irá proceder-se à aplicação dos conceitos-chave ‘comunidades sustentáveis’ e ‘capital social’, a uma dada área da cidade, neste caso o bairro de Campo de Ourique. O conceito de comunidades sustentáveis irá ser aplicado através das componentes sociocultural, equipamentos e serviços e transportes e conectividade, enquanto que o conceito de capital social irá ser aplicado através das dimensões das redes sociais, confiança e civismo. Para aferir as políticas que estão a ser seguidas, assim como validar os pressupostos teóricos relacionados com estes conceitos, foram utilizadas entrevistas a agentes chave que operam na área de análise e também investigadores que desenvolveram investigação na área. Para a aferição das variáveis que ajudam a enquadrar e quantificar os conceitos de capital social e comunidades sustentáveis foram utilizados os resultados dos inquéritos, e cruzada esta informação com as estatísticas existentes da área, nomeadamente os censos de 1981, 1991 e 2001 recolhidos do INE, assim como do estudo da Câmara Municipal de Lisboa “Diagnóstico Sócio-Urbanístico da Cidade de Lisboa - Uma perspectiva censitária” (CML, 2001). Foi feito um levantamento funcional, e posterior produção de cartografia que servirá para a caracterização es-

pacial do edificado, nomeadamente da idade, estado de conservação e função, para assim melhor enquadrar a componente dos serviços e equipamentos do conceito de comunidades sustentáveis através da sua comparação com dados relativos aos censos de 1981, 1991 e 2001.

Assim, pretende-se com os dados recolhidos e a relação entre os conceitos chave, suportar a afirmação de que, de facto, existe uma adequação da realidade do bairro no que respeita às componentes identificadas das comunidades sustentáveis, aquilo que é preconizado como exigível para uma comunidade sustentável. Mais, que poderá existir um forte capital social, nas suas dimensões das redes sociais, confiança e civismo, e que a existência de factores associados às componentes das comunidades sustentáveis (sociocultural, equipamentos e serviços, transportes e conectividade) que se traduzem em variedade de comércio, distância pedonal, relativamente bom estado de conservação do edificado entre outros, podem contribuir positivamente para a manutenção do conceito de capital social, que por sua vez permitirá a sustentabilidade de uma comunidade. Assim, pretende-se validar um ciclo de interdependência que se estabelece entre estes dois conceitos. Se por um lado é indispensável para Campo de Ourique a vitalidade de cada uma das componentes analisadas das comunidades sustentáveis, estas só poderão assim existir se por outro lado existir um forte capital social. Assume-se que a falta de um destes elementos provocará um enfraquecimento no outro, que por sua vez prejudica o todo e a área de análise em questão, o contrário, poderá provocar um fortalecimento desta área. Desta forma, a hipótese que esta investigação procurará validar é a seguinte:

As componentes sociocultural, equipamentos e serviços, transportes e conectividade, contribuem para a manutenção do capital social do bairro de Campo de Ourique possibilitando o desenvolvimento de uma comunidade sustentável.

Capítulo 2

A evolução das cidades ao longo da história e o seu caminho em direcção à insustentabilidade

2.1. DA ORIGEM DAS CIDADES À REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Existe um acordo quase geral com a teoria a partir da qual se estabelece a origem das cidades sendo essa teoria conhecida como a teoria ecológica ou do ambiente, cuja autoria se deve a Childe (*in* Herbert and Thomas 1986:18). Esta teoria reporta que a emergência das cidades se deve ao desenvolvimento da agricultura que permitiu uma maior produção de alimentos e a fixação das populações que até aí eram nómadas com uma subsistência que adivinhava da caça e recollecção de alimentos. Os primeiros aglomerados urbanos, as cidades neolíticas, eram caracterizadas pela domesticação dos animais e cultivo dos bens necessários para a subsistência. Com o aumento da população destas cidades, assim como da capacidade produtiva da terra, criou-se o excedente produtivo que permitiu a existência de grupos de pessoas que deixaram de trabalhar na agricultura para exercerem outras funções, especializando-se noutros cargos como padres, líderes e especialistas nos vários materiais. Esta tese defende que só com as condições físicas adequadas se pode registar este crescimento das primeiras cidades. Lewis Mumford (1961:17) afirma que a noção de excedente já existia antes, no período paleolítico, pois existiam os pintores de cavernas, que nem sempre exerciam a actividade de caça, o que pressupunha um excedente dos animais caçados. Contudo, não se trata de saber exactamente quando começou a existir esse excedente, mas sim, a partir de que momento existiram condições em vários sítios do globo para manter constantemente um excesso de produção. A principal condição para o surgimento dos excedentes foi a chamada Revolução Agrícola, durante a qual plantas e animais foram domesticados dando origem a pequenos povoamentos de, na sua maioria, agricultores. Segundo Lynch (1981:12) a diferença que existe entre as primeiras plantações e o aparecimento de uma cidade é em média de 1000 anos, como é o caso de Eridu na Suméria. Em 3500 A.C. já existiam várias cidades de dimensão considerável nesta área, 15 a 20 segundo o autor, sendo que as maiores tinham cerca de 50 000 habitantes e no caso de Ur, uma extensão de 10km². Já apresentam muralhas, e pelos achados indicam que tinham

edifícios de várias dimensões e artigos de vários valores o que apontava para uma estratificação da sociedade. Jane Jacobs (in Herbert and Thomas, 1986:18), afirma uma teoria contrária a esta na qual, e através do exemplo da cidade de Catal Huyuk, menciona que esta cidade já existia quando começaram a surgir as primeiras áreas rurais, e os primeiros excedentes a serem armazenados. Esta era um centro mineiro numa área que anteriormente não tinha qualquer vestígio de aglomerados populacionais. Com o seu crescimento e o desenvolvimento de inovações foi aumentando a procura, que por sua vez originou a criação das primeiras áreas rurais à sua volta. Era assim o fenómeno inverso ao da urbanização inicial. Contudo, apesar de válido, este caso é uma excepção, visto a maioria das cidades e das primeiras inovações terem resultado do crescimento e desenvolvimento dos aglomerados rurais e das condições de excedente.

Os maiores símbolos das cidades primordiais eram os templos, construídos sucessivamente sobre ruínas de antigos templos mais pequenos. Existia também uma especialização na pedra, metal, cerâmica, madeira e vidro, sendo que os alimentos e outros produtos eram recolhidos como tributo junto dos camponeses e estrangeiros e eram distribuídos pelos cidadãos por uma classe de sacerdotes que representavam o centro da sociedade. Assim, a cidade primitiva já pouco tinha a haver com a aldeia, pois enquanto que a segunda era composta ainda por uma sociedade não estratificada, a primeira possuía já diversos níveis sociais, passando assim, segundo Lynch (1981:12) de relações de parentesco a relações de classe. A propriedade da terra estava concentrada nos sacerdotes, contudo, com a guerra cada vez mais permanente entre as cidades estado, passaram a existir exércitos profissionais e chefes de guerra que aos poucos foram exercendo esse poder. Relação curiosa faz o autor no que respeita às causas e consequências da existência da cidade. Segundo Lynch, (1981:14) “Diz-se que as cidades terão surgido como armazéns e pontos de paragem para o comércio, como centros fortificados para a guerra ou como centros administrativos utilizados para a gestão de obras públicas complexas e centralizadas [...] Mas a guerra, o comércio e as obras públicas organizados devem ter surgido *depois* do surgimento da cidade”. As primeiras afirmações da cidade são como centro religioso, tornando-se o expoente máximo da ostentação e simbolismo de determinada cultura e um meio de exercer domínio psicológico e político sobre os outros povos. Além de ser um local sagrado a cidade torna-se depois um lugar de múltiplas funções: armazém, fortaleza, oficina, mercado e palácio. A cidade de Teotihuacan, no México é um exemplo disso. A sua localização deve-se à abundância da obsidiana uma matéria prima de elevado valor, mas a sua importância e o crescimento explosivo que registou estão directamente relacionados com a ascensão desta como local de culto religioso. Em 450 d.c. no apogeu desta cidade, quando apresentava 200 000 habitantes e 5 km de extensão, esta era caracterizada por uma larga avenida em linha recta que atravessava a cidade e outra perpendicular que a intersectava. Ao longo destas avenidas encontravam-se os edifícios mais importantes da cidade: os templos, as casas da nobreza e as oficinas, e na confluência destas o mercado e o centro administrativo. A cidade tinha uma forma aproximada de um quadrado e era circundada em quase toda a sua extensão por uma muralha. Disposição semelhante apresentavam as cidades Romanas e também as Chinesas, sendo que estas últimas eram caracteri-

zadas pela construção de uma muralha à volta de cada bairro da cidade, e de a vida destas ser regida segundo a lógica de um quartel militar com recolher obrigatório.

• Padrão de distribuição das primeiras cidades e sua forma de organização

Relativamente ao padrão de dispersão da urbanização inicial existe, apesar de algumas divergências, um consenso relativamente a este ter tido a sua origem num grupo reduzido de pontos no globo, ao invés de ter origem exclusivamente num ponto. Este grupo é composto pelas cidades que tiveram um desenvolvimento independente, ou seja, que não resultaram da difusão de desenvolvimento por parte de outras cidades, e que por isso foram os primeiros focos de urbanização no planeta. Existe, também aqui, um consenso relativamente alargado relativamente às primeiras áreas de urbanização no globo: Mesopotâmia, o vale do Indu, o vale do Nilo, o planalto do norte da China. Como pontos não consensuais surgem a Meso-América, os Andes centrais e o sul da Nigéria (Herbert and Thomas 1986:19). Comparadas com as cidades contemporâneas estas primeiras cidades eram bastante pequenas em tamanho e população. Por volta de 1300 A.C. Tebes era a cidade com maior população não passando de 100 000 habitantes, e só existiam 20 cidades com mais de 20 000. Por volta de 500 A.C. Tebes já teria cerca de 250 000 habitantes e em 100 A.C. Roma ultrapassava os 650 000, sendo que 60 cidades já teriam mais que 40 000 habitantes. Assim, e até à revolução industrial, as sociedades eram compostas, em norma, por uma cidade de grande dimensão seguida de outras bastantes menores no sistema urbano.

Relativamente à forma como estas se organizavam, interessa referir a teoria defendida por Sjoberg's (*in* Herbert and Thomas, 1986:25), na qual este reportava que as cidades pré-industriais são um reflexo da sociedade no seu modo de organização. Assim, funcionalmente, a cidade expandia-se zonalmente a partir de um núcleo onde se concentrava a riqueza e poder, sendo que quanto mais longe do centro menor riqueza e importância tinham as zonas da cidade. Assim, no núcleo, situavam-se os grupos da elite perto dos edifícios de prestígio e poder, no sítio mais protegido da cidade e longe dos grupos mais pobres. Contudo, outros factores são apontados por Langton (*in* Herbert and Thomas, 1986:26) para esta organização, e que se devem às más condições dos meios de transporte, material das estradas, ruas desenhadas para funções defensivas e acesso a habitação e não circulação, sobrepopulação das outras áreas, entre outros. Podendo haver excepções, existe contudo um consenso relativamente a esta teoria. No que respeita aos principais edifícios que caracterizavam estas cidades eles variavam de cultura para cultura. A cidade Muçulmana medieval era caracterizada por edifícios chave como são a mesquita, mercado e os banhos públicos; a cidade mesopotâmica era caracterizada pelo templo; a cidade feudal europeia pelo castelo, igreja e mercado e assim por conseguinte. Estas instituições deram às cidades o seu conteúdo urbano definitivo e daí o grande simbolismo da sua área central. Fora das áreas centrais não existe um padrão relativamente ao tipo de edifícios, morfologia e simbolismo sendo que estes também variam de cidade para cidade e de cultura para cultura. Contudo, um padrão recorrente é o da segmentação e compartimentalização da forma urbana sendo que cada área, pela sua função ou estatuto social do seu habitante, era fortemente dividida da outra existindo assim um forte zonamento.

A partir do momento em que o conceito de cidade se cimentou e daí se extrapolaram as suas vantagens, começa-se a assistir ao nascimento deliberado de cidades como são o caso das cidades coloniais. Estas surgem de duas formas: em primeiro lugar as que surgem em zonas incultas e com fraco povoamento humano, sendo criado para explorar um recurso ou atenuar o excesso de população do local de origem. Como normalmente não possui grandes dimensões, e as pessoas estão em locais que desconhecem, as principais preocupações relacionam-se com a defesa, extracção da matéria-prima, e fácil identificação dos edifícios funcionais. A sua forma é bastante simples, e marca um contraste acentuado muitas vezes com o local onde se insere. A presença de símbolos do país de origem é constante. Exemplos das primeiras cidades deste género são as colónias gregas que se disseminaram ao longo da costa do Mediterrâneo e do Mar Negro durante os séculos IV a V a.c. Padrão dominante também aqui, era o traçado regular das principais ruas, para dar um acesso mais rápido às habitações, e também para assegurar a função defensiva da cidade. Exemplos destas cidades são as cidades coloniais espanholas, portuguesas e também inglesas. Nova Deli, construída em 1911, caracterizava-se segundo Lynch (1981:26) por “ [...] várias avenidas axiais e grandiosas, de inspiração barroca, com amplos espaços destinados à exibição das forças militares e da grandiosidade civil. A sociedade estava meticulosamente hierarquizada e cada hierarquia encontrava-se cuidadosamente localizada em precedência, rendimentos e local de residência na nova cidade. A elevação do terreno e a visibilidade axial eram empregues para expressar o domínio social. [...] Normalmente, estes aglomerado coloniais são cidades bipolares, em que coexistem lado a lado duas zonas: a antiga e a moderna, a apinhada e a ampla, a desordenada e a ordenada, a pobre e a rica, a nativa e a estrangeira”

• A importância do mercantilismo e a industrialização para a forma da cidade

Com o período mercantilista, e a emergência de uma terceira classe, a da burguesia, as cidades começaram a tomar uma forma diferente resultado do crescente de trocas comerciais e de uma nova organização económica, construção de novos edifícios que suportassem esta nova economia ou simplesmente afirmassem uma cidade em detrimento de outras. O autor Vance (*in* Herbert and Thomas, 1986:29) argumenta que aquilo que mais marcou e contribuiu para a passagem de uma sociedade medieval para capitalista foi o facto de na primeira, os cidadãos terem a terra como legado ou conquista, enquanto que na segunda esta era sua propriedade, podendo ser vendida e adquirida por meio de dinheiro. Na sociedade medieval a terra era vista como um espaço para exercer algo, para viver ou demonstrativo de poder e não um espaço para obter lucro.

Até ao século XIX tinha havido um equilíbrio de actividades dentro da cidade. O trabalho e o comércio sempre tiveram importância e a religião e a diversão eram outras componentes que compunham o role de actividades. Contudo, com a expansão do modelo capitalista iniciado na cidade mercantilista, e a nova organização da produção, que passou de trabalhos manuais forçados para a produção fabril em larga escala, assistiu-se a uma transformação da paisagem da cidade, a sua forma de organização, e todas as outras actividades e rotinas. Mumford (1961:483) faz questão de focar as diferenças de crescimento e da expansão para novas terras na época

medieval e na industrialização: enquanto que na primeira esta fazia-se com base no desígnio de um país, expansão territorial ou religião o segundo era feito com base no progresso e na expansão económica. Segundo Lynch (1981:27) a fase mais importante e que mais mudanças induziu na forma e função da cidade foi a industrialização. Dois factores importantes caracterizaram esta época: o desenvolvimento do capitalismo e as inovações.

O século XIX marca assim uma fase de transição das cidades, transição essa que diferiu consoante a sociedade, e entre grandes ou pequenas áreas urbanas. Esta transição, que se deveu a várias inovações no campo médico, económico, da engenharia, entre outros, teve fortes impactos na estrutura da cidade, afectando a sua população, área, morfologia, actividades económicas, bem como um elevado número de factores sociopolíticos - era uma mudança na organização da sociedade a que se estava a assistir. O crescimento económico, força dominante a partir da cidade capitalista iniciada aquando do mercantilismo, aliado aos mais recentes avanços industriais, conduziu à passagem definitiva da sociedade tradicional feudal para a industrializada ou moderna. Para Vance (*in* Herbert and Thomas 1986:32), as maiores expressões da industrialização e do capitalismo no século XIX foram o aumento da especialização, diferenciação e estratificação, que mais tarde vieram a formar a base para a diferenciação residencial na cidade moderna e a separação de local de trabalho e de habitação. De notar que na cidade medieval o local de trabalho e de habitação muitas vezes eram o mesmo, e muitas vezes também as pessoas estratificavam-se por classes na mesma habitação (empregadores e empregados).

Assim, o chamado “capitalismo industrial” (Herbert and Thomas 1986:39), conduziu a uma rápida expansão urbana, mas também a nova organização da estrutura social, criando duas classes fundamentais: os donos do capital, que investiam em força produtiva para produzir lucro, e os trabalhadores, mais tarde conhecidos pelos operários, que dão as suas competências de forma a terem um sustento. Esta divisão na hierarquia do trabalho conduziu a profundas mudanças no relacionamento da sociedade e impulsionou o crescimento das teorias marxistas. Contudo, além desta divisão profunda, a sociedade industrial era também caracterizada pela nova burguesia, que resultava da ascensão de trabalhadores que devido ao seu sucesso se tornaram industriais, homens de negócios, profissionais de uma determinada área. Os agentes principais desta cidade eram segundo Mumford (1961:483) a mina, a fábrica e a ferrovia, que depressa descaracterizaram a cidade. Segundo este autor “Entre 1820 e 1900, a destruição e desordem, dentro das grandes cidades, é semelhante aquela de um campo de batalha, proporcional à própria extensão do seu equipamento e ao poder das forças empregadas”, sendo os principais intervenientes e impulsionadores desta mudança os banqueiros, industriais e inventores que “Foram (...) responsáveis pela maior parte do que era bom e por quase tudo o que era mau”, Mumford (1961: 484). A industrialização, a principal força de desenvolvimento do século XIX, produziu o ambiente urbano mais degradado que o mundo vira até à época.

• **A emergência de um novo sistema e organização urbana fruto da industrialização**

Até à invenção da máquina de vapor fenómenos de aglomeração de população à volta de determinadas indústrias eram já visíveis, mas não tinham um impacto significativo assim como a exploração dos recursos que era feita. Contudo, depois da invenção desta, os impactos decorrentes destes fenómenos aumentaram pois foi possível a concentração de indústrias e trabalhadores que, graças ao comboio, vinham cada vez de lugares mais distantes. O combustível que permitia o funcionamento do vapor, o carvão, veio dar uma enorme importância aos campos de carvão, que eram um dos principais factores de aglomeração. As fábricas tenderam a situar-se perto destas fontes de matéria-prima para encurtar o seu percurso e assim agilizar a produção e aumentar os rendimentos, e perto das cidades (ou mesmo dentro destas), locais onde existia uma maior concentração de população. Era a aglomeração pelo lucro a contrariar o até à data sistema de produção bem distribuído e humanamente regulado de acordo com Mumford (1961: 494).

O crescimento da população demonstrava dois padrões: o primeiro relacionado com as zonas carboníferas, onde floresciam as indústrias pesadas, mineração de carvão e ferro, fundição, cutelaria, produção de ferragens, manufactura de vidro e montagem de máquinas; o outro, o da população ao longo das novas linhas ferroviárias, concentrando-se nos novos centros industriais, e nas cidades entroncamento ou nos terminais exportadores. Ao mesmo tempo, observava-se um abandono das zonas rurais e actividades subjacentes. A maioria das grandes capitais políticas mantiveram o seu estatuto, pois não só já ocupavam posições geograficamente estratégicas, como tinham recursos especiais como a intimidade com o poder político, bancos e bolsas que controlavam os fluxos de investimento.

Um dos factos mais importantes da evolução urbana nesta época foi a transição de população através do êxodo rural e o aumento exponencial desta através das inovações médicas. Assim, registou-se sobretudo na Europa um aumento generalizado da urbanização e sobretudo dos grandes centros urbanos. Nos territórios recentemente descobertos pelos europeus a situação era a de um grande número de imigrantes que chegavam provenientes de países com opressão política ou pobreza. Aqui, nestes territórios, o significado desta chegada traduziu-se em duas formas: descoberta e população de novas terras, ou desenvolvimento industrial. Enquanto que a primeira encheu vastos territórios como a América, África, Austrália, Sibéria, o segundo levou os excedentes para as novas aldeias e cidades industriais. Foi o elevado excedente de alimentos aliado às inovações médicas, que permitiu este aumento de população exponencial, o que conduziu a um aumento da dimensão das cidades e dos seus edifícios nestes locais. A pressa de construir, de desenvolver e acomodar as sucessivas vagas de imigrantes que chegavam, deram origem a uma forma urbana cada vez mais caótica: “Os recém-vindos, bebés ou imigrantes, não podiam esperar pelos novos bairros: acumulavam-se onde quer que houvesse espaço disponível. Foi um período de vasta improvisação urbana: “o improvisado acumulava-se apressadamente sobre o expediente” (Mumford, 1961: 486).

Foram desenvolvidos bairros com apenas um tipo de população que era classificada consoante as suas funções e posses. O desenvolvimento económico explosivo modificou a natureza das relações sociais transformando a terra e habitação em bens que podem ser vendidos e não apenas pertença de alguém. Relativamente à habitação muitas mudanças ocorreram segundo Herbert and Thomas (1986:33): o emprego deixou de ter como garantia uma habitação, e a capacidade de pagar a renda tornou-se um critério de localização e qualidade da residência.

Os principais elementos do conjunto urbano eram a fábrica, o caminho-de-ferro e os bairros operários. A fábrica passou a ser o núcleo do centro urbano, sendo que até serviços como o abastecimento de água eram muitas vezes resolvidos apenas depois da construção da fábrica. Protecção policial, bombeiros, educação, cuidados hospitalares, eram muitas vezes negligenciados face à existência desta ocupação. O local de trabalho e o local de residência eram na maioria dos casos separados por tipo e classe para aumentar a produção, mas também para impedir situações de violência e o alastrar de doenças devido à falta de condições de vida das classes mais pobres.

O desenvolvimento da fábrica como principal unidade de produção, levou a que estas se localizassem perto umas das outras de modo a maximizar os lucros através de factores de localização como bolsas de emprego, mercados, fornecedores e serviços. Este processo de 'clusterização' levou inevitavelmente à mudança da forma urbana. A base da nova composição social e económica urbana baseou-se assim em três factores principais: abolição das associações profissionais medievais, criando um estado de insegurança nas classes trabalhadoras; implantação do mercado de trabalho moderno e competitivo; manutenção de dependências estrangeiras como fonte de matérias-primas, necessárias às novas indústrias, e como mercado aberto para absorver os excedentes da indústria mecanizada. Tudo isto era suportado através da exploração do carvão, produção exponencial de ferro e utilização da energia mecânica conferida pela máquina a vapor (Mumford, 1961:484).

As grandes cidades tornaram-se assim, aquelas que mais rapidamente e em maior dimensão conseguiram criar estas condições, pois indústrias com sucesso rapidamente atraíam outras multiplicando a procura de serviços, aumentando a procura por parte de trabalhadores e gerando nova riqueza. Esta nova riqueza segundo Herbert and Thomas (1986: 39) era usada para a construção de novos edifícios cívicos, instituições culturais, e novas infra-estruturas como estradas, caminhos-de-ferro e serviços. Estes fenómenos tinham lugar inicialmente nas grandes cidades, foco das principais inovações e só bastante mais tarde atingiram os lugares mais baixos da hierarquia urbana. Muitas vezes a fábrica reclamava o melhor sítio da cidade, como é no caso das indústrias do algodão, química, siderúrgica entre outras, em que se localizavam perto de cursos de água, que além de factor de localização para indústrias era também lugar de despejo do lixo. Todo este desenvolvimento associado estritamente à produção e à lógica do lucro veio causar graves problemas nas cidades relacionados com a qualidade de vida das populações que nelas viviam.

• Problemas da cidade industrial e respectiva resposta

As cidades foram sendo inundadas pelas pessoas provenientes das zonas rurais sem trabalho e em busca do sonho do lucro que era fomentado pela cidade. Tornaram-se mão de obra barata que possibilitou um maior lucro às empresas, contudo, as poucas condições de higiene, baixos salários, e falta de condições de habitabilidade conduziu ao desespero desta classe que cada vez mais se manifestava e criava situações de tensão entre classes.

A sustentabilidade das acções humanas começa a ser posta em causa e Mumford (1961:488) dá o exemplo aplicado à exploração mineira que veio a assumir uma importância fulcral na industrialização: "A mineração representa, assim, a própria imagem da descontinuidade humana, hoje presente, amanhã desaparecida, hoje febril por causa do lucro, amanhã esgotada e abandonada". A mina era dos principais factores que levaram nesta fase à ruptura do homem com a natureza, através da criação das cidades mineiras e da expansão acelerada do caminho-de-ferro. A desintegração das estruturas produtivas e de comércio começavam a ganhar expressão dando origem a novas formas de organização e localização. Novas rotas comerciais foram abertas, as distâncias ganhavam outro significado e a comunicação entre pessoas era cada vez mais acessível. Foi também nesta época que mais impunemente se destruiu os recursos naturais do planeta por não existir ainda uma consciência ecológica global, nem uma educação para a preservação do meio ambiente. Assim, dizimaram-se florestas, espécies, levando à quebra do equilíbrio ambiental dos ecossistemas de muitas regiões, equilíbrio esse que em muitos casos nunca mais irá ser retomado.

A escala de urbanização era espectacular. Segundo Lawton (*in* Herbert and Thomas 1986:39) na Grã-Bretanha a população a viver em zonas urbanas aumentou 27 milhões de 1801 a 1911. Contudo, como resultado destes expressivos números, as condições de vida na cidade começaram a deteriorar-se. A pressão do crescimento populacional das cidades e as fracas posses da maioria da população, conduziram à criação de vários bairros de habitação perto das fábricas, sem as condições mínimas de subsistência, e com as infra-estruturas a serem levadas até ao limite conduzindo a falta de água, poluição e falta de saneamento. Estes factores conduziram ao aumento das doenças e ao crescimento das taxas de crime associadas à falta de trabalho, pouca remuneração e degradação das condições de vida.

Contudo, outras mudanças estavam a ocorrer. Com o desenvolvimento da industrialização, a actividade produtiva e a habitação foram-se afastando progressivamente. Foi a passagem da *workshop* para a fábrica. Assim, a fábrica começou a ter mais espaço de trabalho pois não incluía locais de habitação e estes começaram a ser construídos nos locais não utilizados da cidade que passaram a ser locais de lucro. A cidade começa a estar mais congestionada. Devido à grande procura destes espaços numa fase inicial, os comerciantes que viviam nas principais ruas começam a ponderar vender a parte habitacional dos seus prédios para expandir o seu negócio, movendo-se para a periferia que começava a ter boas acessibilidades, tornando-se os *managers* e não os donos os principais habitantes do centro da cidade. Com

estas mudanças o centro da cidade começa a enfraquecer e cada vez mais é aceite, sobretudo pelas classes mais altas, o percorrer de uma maior distância para ir trabalhar (Herbert and Thomas 1986:37). A criação de um mercado habitacional foi a consequência deste desenvolvimento, mercado esse que, ao generalizar a habitação, conduziu à criação dos bairros sem ordenamento e condições próprias de habitabilidade que mais tarde se chamaram bairros operários.

O centro da cidade começa lentamente a tornar-se o pólo comercial e os subúrbios começam a ganhar expressão através do êxodo das classes mais abastadas, como já atrás foi mencionado, pois estes possuíam mais espaço, menos densidade populacional. Uma das melhores descrições do novo panorama das cidades do século XIX é a de Engels, reportando-se à cidade de Manchester em 1844 (*in* Herbert and Thomas, 1986:40): “Manchester contains, at its heart, a rather extended commercial district, perhaps half mile long and about as broad, and consisting almost wholly of offices and warehouses...unmixed working people’s quarters, stretching like a girdle (around this commercial district), averaging a mile and a half in breath [...] Outside, beyond this girdle, lives the upper and middle bourgeoisie, the middle bourgeoisie in regularly laid out streets in the vicinity of working quarters [...] the upper bourgeoisie in remoter villas with gardens [...] in free wholesome country air, in fine comfortable houses”.

Aqui a poluição começa a ganhar dimensões nunca antes vistas. Não eram só os rios que, fruto do aumento exponencial da produção e falta de conhecimento científico, começavam a tornar-se gravemente poluídos, era também o ar da cidade, as ruas e as terras à volta desta que serviam de lixeira a céu aberto. A proliferação em tão grande número destas indústrias era o problema e condicionava a existência de outras indústrias que não puderam subsistir na cidade devido ao elevado grau de poluição. A habitação era construída ao lado destas fábricas e as condições de habitabilidade degradantes devido à elevada poluição, má construção das casas, fracas vias de acesso e qualidade do espaço público. A acompanhar este cenário igualmente degradante era o das condições de trabalho onde os operários trabalhavam horas a fio, com tarefas repetitivas, baixos salários e condições físicas de trabalho sub-humanas na maioria das vezes.

O comboio rasgava anteriores artérias da cidade e penetrava no centro da cidade muitas vezes redefinindo o centro histórico, e com o seu caminho criando uma barreira.

A falta de preocupação com a forma urbana, qualidade do espaço público e das habitações era notória. Mumford (1961:503) descreve de forma bastante expressiva este cenário “[...] nas habitações industriais, existem certas características comuns. Quarteirão após quarteirão repete a mesma formação: são as mesmas ruas tristes, os mesmos becos soturnos e cheios de lixo, a mesma ausência de espaços abertos para o brincar das crianças e de jardins; a mesma falta de coerência e de individualidade em relação à vizinhança local. As janelas são costumeiramente estreitas; a luz interior, insuficiente; esforço algum se faz no sentido de orientar o traçado das ruas

de acordo com a luz do sol e a direcção dos ventos". Nesta altura a cidade era vista como um centro de má qualidade de vida e os operários urbanos efectivamente possuíam uma esperança média de vida inferior à dos rurais.

Todo este contexto urbano contribuiu fortemente para o alastramento de doenças e um aumento da mortalidade, especialmente mortalidade infantil, que viu os seus números aumentarem de uma forma exponencial. Só no final do século XIX se começaram a ver progressos efectivos, e em grande escala, abrangendo as classes mais baixas, através da introdução do saneamento básico, aquecimentos, melhoramento das ruas, iluminação e água corrente. O aumento das reservas alimentares foi também sem dúvida um elemento importante para a melhoria da qualidade de vida a par da introdução do sabão e da higiene periódica que impediu o maior alastramento de certo tipo de doenças. A alimentação foi também outro factor que conheceu sucessivos retrocessos durante esta época com a introdução de uma dieta alimentar à base de conservas e com menor uso de vegetais e à base de calorias.

Todo este cenário conduziu a uma resposta, resposta essa que partindo das inovações que foram alcançadas, foi a pouco e pouco, melhorando a fraca qualidade de vida da população. Segundo Mumford (1961:414) "Dar de novo à cidade ar puro, água fresca, espaços abertos de verdura e sol, passou a ser o objectivo do bom urbanismo". A falta de qualidade de vida provocou assim esta necessidade e a falta de contacto com a natureza a promoção dos parques públicos "[...] Camilo Sitte insistia na função higiénica do parque urbano, como uma 'verdura sanitária', para empregar a sua própria expressão: os 'pulmões' da cidade, cuja função passou a ser apreciada de um modo novo, por causa da sua ausência". A necessidade de higiene ganhou nova dimensão no final do século XIX, com os trabalhos desenvolvidos por Johannes Muller e Claude Bernard (*in* Mumford, 1961:415), que relacionaram os processos fisiológicos com os psicológicos e de Pasteur através da bacteriologia que permitiu entender a propagação de certas doenças e a constituição destas. Florence Nightingale, conhecida enfermeira, contribuiu decisivamente através do estabelecimento de novos padrões de luz e limpeza, primeiramente aplicados aos hospitais e depois às habitações (Mumford, 1961:415). O símbolo do progresso, o fumo, e a falta de luz solar, foram sendo cada vez mais expostos como perigos e factores cruciais para o mal-estar da população, através dos desenvolvimentos da ciência biológica.

Neste contexto urbano, o poder municipal e do estado ganha de novo importância, pois foi este o garante do investimento para a melhoria das condições de higiene e iluminação que se começaram a fazer sentir, e que a partir de 1870 levaram mesmo a um decréscimo progressivo da mortalidade infantil. Ainda no presente continuam a resolver-se questões ligadas à higienização como o abastecimento de água, saneamento, recolha de lixo, limpeza das ruas. Na época eram vistas como inovações e obras de envergadura, hoje como serviços básicos. Foi assim este movimento higienista, composto por pessoas de charneira como Pasteur, Florence Nightingale e Haussman que contribuíram para as medidas mais positivas do urbanismo no século XIX.

• O caso de Boston

Para espelhar e tipificar o crescimento que adveio da industrialização numa cidade do século XVIII, Lynch (1981:30) utiliza o exemplo da cidade de Boston a qual é útil para perceber, a nível prático, como se manifestaram todas as alterações que este período acarretou, e principalmente a transformação da forma urbana de uma cidade. Esta cidade, de grande capacidade mercantil, viu a sua economia mudar de porto mercantil de troca para um centro de produção industrial. Os comerciantes, com grande capital disponível para investir, e aproveitando a grande vaga de imigração irlandesa no séc. XIX bem como a invenção e expansão do vapor, transformaram a capacidade produtiva desta cidade. Rapidamente os armazéns associados ao transporte marítimo e ao comércio marítimo passaram a ser grandes fábricas com os métodos mais modernos e mecanizados de trabalho, que se localizavam no centro da cidade junto ao mar. Outras indústrias colocaram-se na periferia da cidade de forma a construir fábricas mais espaçosas e também habitações operárias mais perto do local de trabalho. Os armazéns, mercados e, subsequentemente, ruas da cidade começam a especializar-se cada um no seu tipo de material. As indústrias localizavam-se entre o porto, onde chegavam as matérias primas, e a periferia da cidade, onde depois eram escoadas estas matérias primas através de vias de comunicação que as faziam seguir para o resto dos EUA. Os antigos escritórios de contabilidade comercial, associados ao comércio marítimo crescem e reconfiguram-se tornando-se uma área financeira especializada nos seus produtos, sendo que as actividades de comércio aqui perto se localizavam para estarem no centro da decisão financeira e das vantagens deste sector, como são o caso dos empréstimos.

Todo este frenesim em troca da produção teve profundas consequências na malha urbana de Boston, que se expandiu significativamente e que foi sendo traçada de acordo com os interesses das várias empresas, eliminando por vezes equipamentos ou edifícios essenciais em troca do espaço, mas também levou à reconfiguração geográfica da península de Boston que aumentou bastante de tamanho devido à falta de espaço para cumular o crescimento explosivo. Contudo, a geografia desta cidade continuava a ser adversa e muito dificultou o seu desenvolvimento e ligação entre o porto, centro da cidade e zonas rurais sobretudo devido à dificuldade de ligação por via ferroviária, que conduziu ao congestionamento do centro da cidade.

Numa década Boston viu crescer a sua população Irlandesa de 15% para 46% (Lynch, 1981:34), constituindo a maioria da população imigrante. Esta, chegada à cidade, habitava tendencialmente junto do porto, a zona mais pobre onde especuladores faziam, mesmo assim, chegar os preços das casas a valores não suportáveis por apenas uma família, vivendo em média quatro famílias por casa. Rapidamente as doenças se foram espalhando, devido à falta de condições de higiene e habitabilidade, aumentando ainda mais o estigma da população nativa contra a recém chegada.

A periferia era vista como um lugar para ricos, pois só estes tinham dinheiro para andar de comboio e percorrer grandes distâncias todos os dias. Contudo, a partir do desenvolvimento do eléctrico em Boston, outras classes passaram a ter acesso a este meio de transporte mais barato, o que permitiu um crescimento mais acelerado

dos então subúrbios propulsionado pelos homens de negócios irlandeses, que passado algumas gerações foram subindo de rendimentos. Curiosamente, estes investimentos no transporte público eram suportados e incentivados pelos especuladores imobiliários que queriam tornar apelativas as novas habitações que então construíam, mesmo algumas pontes que foram então construídas tinham a mesma génese (Lynch, 1981:35). Com mais espaço para crescer, e com a necessidade de obter maior lucro e um mercado maior, cada vez mais população conseguia comprar casas com melhores condições de habitabilidade que tomavam as formas de pequenas vivendas, casas de dois andares e edifícios de apartamentos. Estas habitações segundo o autor “[...] espalharam-se por uma zona que abrangia um raio de cerca de cinco quilómetros em relação ao centro, até que as leis anti-incêndios e a diminuição da rentabilidade económica no serviço de tróleys (eléctricos) restringiu a sua extensão” (Lynch, 1981:35). Finalmente a classe média pode-se expandir, à custa dos empréstimos, e começam-se a ver as primeiras políticas públicas, com a estagnação do preço do eléctrico, expansão das ruas em largura, melhoramento dos serviços públicos, que chegaram a consumir metade do orçamento de Boston durante o período inicial de expansão, e foram anexando sucessivas zonas suburbanas que passaram a fazer parte de um tecido urbano qualificado.

Contudo, este período de expansão sofreu uma estagnação com a Guerra Civil Americana, a Depressão, e o Grande Incêndio de Boston de 1873. Os Irlandeses, que chegaram como classe baixa, começavam a assumir os poderes municipais, os nativos os poderes de estado ou então a direcção de grandes empresas, e a maré de imigração sempre a aumentar, desta vez composta sobretudo por italianos, judeus de leste e canadianos de origem francesa (Lynch, 1981:38).

O capital especulativo e comercial revolucionou Boston, atraiu mão de obra, ‘desfuncionalizou’ a sua malha urbana e o que esta tinha. O resultado foi uma cidade com uma produção não eficiente e um sistema de ritmo transportes desequilibrado. Esta expansão brusca veio a revelar as suas consequências na população, na sua saúde, mas também na sua distribuição através da criação de enclaves étnicos, atitudes de exclusão e um centro densamente e descontroladamente povoado. O primeiro crescimento para os subúrbios foi feito a reboque dos interesses capitalistas, que precisavam de mais espaço para as suas fábricas e dos especuladores imobiliários que queriam ver os seus lucros crescer à custa de novas habitações, assim, criou-se um espaço de clivagens, rápido, pouco vivido e não pensado para a vivência familiar, para o bem estar da população e altamente volátil a situações de insegurança e mal estar. Segundo Lynch (1981:39). “A cidade não ‘cresceu naturalmente’, nem foi o resultado inescapável de forças impessoais. O seu crescimento também não representou uma fábula única e incompreensível”.

Não sendo de acordo geral as razões que conduziram as cidades à sua forma industrial, e partindo das conclusões deste exemplo para extrapolar para a realidade mundial, o autor indica tendências comuns que foram seguidas um pouco por todo o mundo, mas sobretudo na Europa e EUA “[...] motivos persistentes para os construtores das cidades como a estabilidade simbólica e a ordem; o controlo dos outros

e a expressão do poder; o acesso e a exclusão; a função económica eficiente; e a capacidade de controlar recursos” (Lynch, 1981:39).

2.2. CRESCIMENTO EXPLOSIVO DOS SUBÚRBIOS A PARTIR DA METADE DO SÉCULO XX E O APARECIMENTO E EXPANSÃO DO AUTOMÓVEL

• O aparecimento dos primeiros subúrbios

A existência de subúrbios, ou mais adequadamente falando, de pequenos núcleos urbanos em torno de uma cidade, não é um facto recente, já existe pelo menos desde a civilização egípcia com os pequenos aglomerados à volta da cidade de Ur, que normalmente eram uma extensão da simbologia religiosa e poder comercial da cidade. A dimensão destes, os fluxos criados e consequências para a ‘saúde’ da cidade da qual dependem, e impactos na organização urbana e equilíbrio ecológico, que começaram a fazer-se sentir mais preocupantemente no século XX, é que vieram conferir uma maior importância aos subúrbios. Esta tendência começou com as escapadelas da cidade para apanhar “ar fresco” e “curar os males da cidade” : “Some Jenyns observava, em 1795, que as esposas dos comerciantes que se sentiam sufocadas pela fumaça de Londres precisavam [de] ter [as] suas vilas em Clapham; e Hampstead era um local ainda mais apreciado por aqueles que se podiam dar a tal luxo, pois a sua localização elevada, numa colina, ainda lhe proporciona ar puro quando o resto de Londres sufoca e tosse, envolto no *smog*” (adaptado de Mumford, 1961: 527). No século XIX outro incentivo para a fuga das classes mais abastadas, desta vez fuga permanente, era a ameaça da pobreza que segundo o que “ [...]observava um escritor na *Quarterly Review*, em 1850 – ‘contribuiu tanto para afastar os opulentos das moradas dos pobres quanto o medo de sua insalubridade e imundice’” (Mumford, 1961:527). Foi a industrialização, a construção de fábricas, grandes complexos fabris no centro da cidade, a ocupação da zona histórica exclusivamente por comércio e serviços ligados à banca, e os problemas de poluição, saneamento básico, elevada densidade, que lentamente começam a expulsar a população do centro da cidade.

Por algum tempo, sobretudo no século XVIII e princípio do século XIX, as deslocações pendulares até aos subúrbios eram maioritariamente exclusivas das classes mais abastadas. Só mais tarde, com o desenvolvimento do comboio, e mais tarde ainda o eléctrico, estas tornaram-se mais acessíveis às classes médias. Assim, a forma urbana durante algum tempo permanecia praticamente inalterada entre a cidade e o recém criado subúrbio, segundo Mumford (1961: 528) “[...] pouca coisa havia para assinalar num antigo subúrbio vitoriano, excepto a amplidão do espaço destinado a jardins [...] As casas eram as mesmas casas urbanas espaçosas [...]”. Esta diferença começou a surgir em meados do século XIX, através do sentimento de afastamento relativamente à ordem e rigidez das estrutura urbana da cidade, que conduziram à criação dos ‘subúrbios-jardim’ nos quais uma grande parte do espaço urbano era jardim, a organização era irregular e o sentimento predominante era a liberdade e o *laissez faire*. O aparecimento deste tipo de subúrbios é enquadrado pelo período conhecido como o período romântico, que sofreu uma forte influência do Iluminis-

mo que se tinha originado na Europa e alastrado para os EUA onde começaram a aparecer estas primeiras formas urbanas. Esta corrente era bastante relacionada com a arquitectura de estilo grego que sofria nessa altura uma revitalização. Por outro lado o romantismo estava também bastante relacionado com a revolução americana que conduziu à independência dos Estados Unidos, enquanto que o estilo grego representava o espírito democrático, de sabedoria, mas também a afirmação de uma nação como um império, uma lógica que se adequava também à ideologia política da época. Assim, a maior parte dos edifícios públicos e casas de campo e de classes mais abastadas cedo começaram a usar este estilo arquitectónico, como se o povo americano acreditasse explicitamente que a sua nação se fosse tornar a fábula da paz e abundância. Kunstler (1993:42)

Uma das pessoas mais influentes no que respeita ao desenho dos primeiros subúrbios do século XIX nos EUA foi Andrew Jackson Downing (1815-1852). Downing começou a sua carreira como jardineiro e paisagista, desenvolvendo especial interesse na habitação nomeadamente as *country villas* dos EUA. Era dos principais entusiastas de John Claudius Loudon, um designer inglês de *villas* e jardins. Por sua vez Loudon iria influenciar John Ruskin, um intelectual romântico, que idealizava o período medieval como um paraíso pré-industrial, promovendo as suas regras arquitectónicas como as mais adequadas para a cultura inglesa. O pioneirismo destes três homens foi o facto de direccionarem o alvo dos seus ideais para uma nova classe que surgia, baseada em fortunas resultantes do comércio e manufatura nos Estados Unidos. Downing, inspirado no método inglês de construção e manutenção dos jardins, os quais eram cuidadosamente planeados de forma a terem um aspecto o mais natural e livre possível, e também no movimento romântico que era contra a formalidade em geral, começa a desenvolver os seus primeiros projectos de jardins no Hudson Valley. Estes jardins situavam-se em novas propriedades que começaram a surgir devido ao barco a vapor que começou a fazer a ligação entre Nova Iorque e esta zona, proporcionando aqui casas de descanso sazonal das epidemias que alastravam na cidade. Praticamente todas estas casas eram construídas no estilo grego. As casas desenhadas por Downing não eram nem habitações urbanas nem rurais, não eram localizadas com base no sítio de onde a pessoa tirava rendimento: eram estritamente para uso recreativo e habitacional. Até meados do século XIX a distância pendular era bastante limitada pelos tipos de transporte (cavalo e carruagem) e pelas fracas condições das vias. Contudo, depois da invenção do comboio, tudo isto mudou e as distâncias temporais encurtaram-se assim como o número de pessoas que rapidamente tiveram acesso a este meio de transporte. Assim, começaram a surgir alguns conjuntos urbanos de pequena dimensão, sobretudo para as classes mais ricas, servidos pelo comboio e com a função exclusiva de lazer e também melhoria da saúde. As deslocações que para aqui eram feitas eram sazonais ou mesmo diárias. Uma das primeiras criações deste tipo foi Llewellyn Park, perto de Nova Iorque, que começou por ser um refúgio de algumas famílias abastadas, e depressa ganhou dimensão transformando-se num grande condomínio privado que requeria autorização para entrar. Lá criou-se uma verdadeira cidade jardim, de espírito romântico, onde os mais ricos vinham descansar da “pressão” da cidade. Contudo, e como bem apontou Kunstler (1993:48) faltava-lhe muitas coisas para poder funcionar: “produc-

tive work, markets, cultural institutions, different classes of people. And the houses were so far apart that the residents would lose all awareness of their neighbors.” De facto, o comboio teve uma importância fulcral, não só para o aparecimento dos subúrbios, mas para a sua expansão controlada numa primeira fase. Além da cintura verde e das vias, foi o comboio que durante algum tempo ajudou a conservar o subúrbio como unidade de vizinhança pois este era o principal meio de transporte e por regra existiam estações de 4 ou de 8 em 8 km o que implicava que os subúrbios mantivessem esta distância entre si.

Em 1869, em Chicago, Olmsted e Vaux criaram um bairro habitacional de nome Riverside e que viria a ser utilizado como modelo, e desvirtuado em alguns casos, ao longo do século XX nos EUA. Este era um bairro de casas unifamiliares, dispostas ao longo da via e com um espaço relvado à frente. Contudo, era mais que esta descrição, pois o enquadramento geográfico era tido em conta, nomeadamente o rio, existia separação de vias pedonais e viárias, e uma inteligente forma de jogar com os aspectos visuais e sempre com a surpresa e curiosidade do habitante. O espaço público era amplo, fácil de caminhar, e de alta qualidade. O bairro era ligado à cidade através de uma linha de comboio, sendo que demoravam meia hora a chegar ao centro da cidade. As casas eram, como próprias da época, auto suficientes, e os autores do projecto fizeram questão de manter jardins em que se cultivavam os elementos essenciais que eram usados para a própria sobrevivência dos habitantes, e inclusive encorajavam alguns espaços onde animais podiam ser mantidos. Muitas vezes os produtos de mercearia eram também trazidos a casa.

O subúrbio nesta data constituía assim uma comunidade segregada, separada da cidade pelo espaço que as dividia sobretudo pela hierarquia de classes que as separava. Era assim segundo Mumford (1961:533) “[...] uma espécie de gueto verde dedicado à elite” em contraste com o centro urbano que “[...] era uma mistura de pessoas que vinham de diferentes lugares, exerciam diferentes ocupações, encontravam outras personalidades, reunindo-se e se misturando, cooperando e chocando-se umas com as outras, os ricos e os pobres, os orgulhosos com os humildes”. Esta segregação, apesar de espacial e societal, não era total, pois muitas vezes os habitantes dos subúrbios deslocavam-se para a cidade para assistir ao teatro, ópera, ir à universidade. O facto deste tipo de equipamentos não ter sido também implementado nos subúrbios, conduziu mais tarde a um dos grandes problemas urbanísticos que são as deslocações pendulares de base diária, e que segundo o autor, o verdadeiro problema reside no facto de “[...] se estabelecerem conexões, em base regional e não em base metropolitana” (Mumford, 1961:533).

No fundo a natureza era predominante à forma construída pelo ser humano, poupando-se as árvores e seguindo o conjunto urbano a forma das encostas. As casas eram conscientemente orientadas para a disposição solar e organizadas no seu interior para o aproveitamento máximo da sua luz. A baixa densidade, de cerca de três casas por hectare era a regra. Inclusive, outro factor interessante do subúrbio era a importação da vida rural para um ambiente e vivências urbanas. A oficina, o alpendre, a cozinha, o quintal, até os animais, eram tudo elementos que se começaram a

ver de novo nos primeiros subúrbios e apesar de ainda hoje persistirem em alguns, sofreram alterações, nas mais variadas formas. A noção de que estamos no campo vivendo na cidade, a qualidade de ar e de vida do campo perto de todas as comodidades e facilidades da cidade, o melhor de dois mundos, é a imagem do subúrbio que se tenta vender. No que respeita à qualidade de vida das crianças, os subúrbios revelaram-se um lugar com, não só melhores condições, mas em certos casos inovadores no modo como introduziram certos equipamentos que até à data não existiam, ou não tinham os novos usos conferidos. Lugares com maior segurança, melhores e maiores espaços verdes, eram o local ideal de crescimento das crianças que tinham espaço para crescerem e brincarem à vontade. A quantidade de espaço possibilitou a criação de campos de ténis, baseball ou futebol que se tornaram comuns, e que mais tarde foram sendo introduzidos na grande cidade como espaços essenciais.

O que faltava a este subúrbio, e que foi uma das principais lacunas dos subúrbios a partir daí criados, era a existência de um centro. A razão apontada por Kunstler (1993:55), era que estes subúrbios não eram propriamente lugares cívicos no sentido de cidade, ou seja, eram lugares criados através de iniciativas imobiliárias com uma função meramente de lucro, e não lugares que evoluíram ao longo da história e com um objectivo específico. Assim, faltava-lhes muitas das instituições e equipamentos, assim como heterogeneidade social e funcional para poderem funcionar autonomamente. Eram um resultado da invenção do comboio, fábrica e máquina a vapor. Para proteger o plano criado de Riverside atrás mencionado, Olmstead e Vaux criaram uma série de regras de zonamento que também elas iriam ser utilizadas nos anos que se seguiram em vários subúrbios, e que foram igualmente em muitos casos desvirtuadas. Estabeleceram um mínimo tamanho para um lote que seria de 30 por 60 metros, e 9 metros da via até à casa. As cercas eram proibidas para criar a noção de espaço natural e orgânico, e foi definido um preço mínimo para as casas de 3000 dólares. O objectivo destas regras era a criação de uma comunidade unidimensional, socialmente falando, algo que até à época não tinha precedentes, mesmo se considerarmos todos os factos que advêm das separações de classes e estratos das cidades ao longo da história. Assim, a segregação por rendimento começou a tornar-se uma realidade e prolongou-se até aos dias de hoje.

A quantidade de pessoas que podiam suportar uma casa nos subúrbios nesta época era muito pequena, sendo que a oportunidade para comerciantes ou usos comerciais nestes espaços era muito insignificante. Os subúrbios eram espaços sem economias próprias, a actividade económica continuava na cidade, assim como os trabalhadores que ficavam perto do seu trabalho. Existia assim uma grande ocupação de terra para uma densidade incrivelmente baixa de moradores num território sem qualquer tipo de equipamentos, na maioria dos casos, ou até actividades económicas, culturais ou sociais. Era um modo artificial de vida, numa comunidade não orgânica, que ironicamente, pretendia ser o mais natural possível (Kunstler 1993:56). Com este tipo de ocupação foi-se destruindo o cenário rural dos EUA e também de algumas zonas da Europa.

- **Os subúrbios como locais de experimentação de novas teorias urbanas e as suas contribuições para a nova forma urbana**

No subúrbio podemos identificar certos elementos que nasceram desta nova forma urbana, ou que aqui ganharam uma nova expressão: o jardim, o parque, a alameda de árvores, nova hierarquização das vias. Foram contribuições positivas para a forma urbana as que resultaram deste primeiros subúrbios, e que mais tarde foram desvirtuadas com o alastramento desta. Aqui o edifício não se encontrava em cima da estrada mas sim a alguma distância envolvido pelo verde. Para esta nova disposição era necessária uma nova forma de organização e daí nasceu o quarteirão urbano de grande dimensão. O acesso ao seu interior era feito através de uma invenção na rede viária chamada o *cul-de-sac*, ou por vias em forma de U ou L, destinadas sobretudo a um uso local e limitado. Esta inovação possibilitou um ‘desafogamento’ da densidade urbana ao mesmo tempo que encontrava espaço para a construção de espaços verdes, poupava dinheiro na construção de vias e colocava as habitações numa posição de descanso relativamente à via principal.

Raymond Unwin (Unwin, 1912) contribuiu de forma bastante importante para o desenvolvimento destas novas formas urbanas. Este começou por analisar a típica rua inglesa através dos regulamentos existentes na altura, e descobriu que o planeamento utilitarista que até aí tinha sido aplicado era bastante dispendioso pois criava ruas a mais, com materiais caros face à utilização que de facto tinham. Reparou ainda que, por falta de espaços verdes e locais de recreio, estas vias eram usadas pelas crianças para os seus tempos livres. A proposta deste autor foi de que a solução ideal de planeamento seria a de reduzir o número de ruas e com o espaço deixado livre por estas construir parques e lugares de recreio. Assim, mantinha-se praticamente a mesma densidade habitacional e ganhavam-se novos usos mantendo também o custo. Demonstrou também que muitos dos problemas de circulação e de falta de uso do espaço público estavam relacionados directamente com o mau planeamento e não com a falta de fundos ou conhecimento científico. Foi um importante estudo porque desmistificou que os espaços públicos de qualidade estavam apenas acessíveis a quem tivesse dinheiro, o que conduziu à vulgarização destes mesmos em zonas mais empobrecidas da cidade.

Outro ponto positivo que os subúrbios trouxeram para o conjunto urbano, e que mais tarde veio-se a desvirtuar, foi o sentido de comunidade e de vizinhança. Pode parecer uma ironia, pois é um dos principais problemas que no presente são apontados aos subúrbios, o da falta de sentido de comunidade, contudo, no século XIX a realidade era bem diferente. Aqui, os centros das cidades começavam a sua longa decadência até aos dias de hoje devido à constante alteração da forma urbana, reestruturação funcional e económica, e vinda de imigrantes que alteraram o tecido social destes centros. Nas comunidades suburbanas, mais educadas e sem nenhum órgão de governo local, os habitantes juntavam-se em comunidades de forma a zelar pelo interesse do local onde viviam e de forma a manter o estilo de vida que tanto prezavam. Segundo Mumford (1961:540) “Algumas das actividades do subúrbio de classe média deviam-se, sem dúvida, à educação superior de seus membros e à parcela relativamente grande de lazer gozada pelas mulheres da comunidade. Esta,

em termos modernos, aproximava-se assim das condições exigidas para a cidadania na polis grega: lazer, desligamento das ocupações mesquinhas, preocupação com o bem público”.

A sociedade suburbana era caracterizada por um pequeno eleitorado, alguma homogeneidade, valores cívicos, e tempo para o lazer o que fez desta, segundo Robert Wood (*in* Mumford, 1961:540), um lugar onde a democracia pudesse ser posta em prática para mais pessoas e governos. Deste modo veio dar de novo mais importância aos valores comunitários, que tinham sido abalados com o alastrar do capitalismo, industrialização e reestruturação profunda dos centros das cidades. Enquanto o subúrbio inicial conservava o seu tamanho inicial estas condições mantiveram-se.

Importante mencionar, decorrente de todas estas mudanças, o surgimento do conceito de “unidade de vizinhança” formulado por Clarence Perry em 1924 no livro “Regional Plan of New York and Its Environments”. Foi um conceito criado para os bairros que, no entender de Perry, deveriam-se afirmar como uma entidade distinta, apesar de dependerem da municipalidade, sendo que estes bairros localizavam-se fora dos centros das cidades mas mantinham relações com este centro: “The underlying principle of the scheme is that an urban neighborhood should be regarded both as a unit of a larger whole and as distinct entity itself. For government, fire and police protection, and many other services, it depends upon the municipality. Its residents, for the most part, find their occupations outside of the neighborhood. To invest in bonds, attend the opera or visit the museum, perhaps even to buy a piano, they have to resort to the ‘downtown’ district” (Perry, 1924:34).

Estas unidades de vizinhança encontravam o seu lugar de expressão nos centros comunitários. Estes eram um lugar de discussão, debate e acção cooperativa em todas as questões de foro público. Tentavam tomar o lugar onde existiam lacunas que não eram preenchidas pelos poderes públicos e defendiam um rumo de actuação para a comunidade. No fundo, ocuparam também o lugar que a Igreja até aí ocupava, sobretudo no incentivo à prática de teatro amador, artes e ofícios, o centro da vida cultural da comunidade. Depois de 1920 estes centros entraram em decadência, sobretudo nos EUA onde tinham maior expressão, pois foram sendo substituídos pelas escolas e equipamentos que assumiam por inteiro algumas funções que estavam alocadas a estes centros.

O princípio de organização de vizinhança partiu da nova escala criada pela unidade de vizinhança, e tinha como fundamento a capacidade que um individuo tinha de percorrer uma distância a pé, e a organização do conjunto e actividades urbanas com base nessa distância. Nessa área de actuação existiam os lares, as escolas, comércio e local de trabalho. Fora dessa escala estão as vias de comunicação que não têm a ver com a vizinhança. A partir da distância máxima a percorrer a pé atribuíam-se as outras. Assim, segundo Mumford (1961:541) nenhum espaço verde devia ficar a mais de 500 metros das casas que serve, assim como à escola e ao mercado local. O crescimento urbano era mantido através da construção de vias e de cinturas verdes. Segundo Clarence Perry, citado por Mumford (1961:541) a população destas unidades

não deveria ser superior a 5000, a necessária para assegurar as actividades comerciais, serviços, e para manter um fluxo constante de dentro e fora desta unidade. No fundo, Perry estabelece de novo o quarteirão como unidade fundamental da cidade, unidade essa que já existia desde a antiga Mesopotâmia, mas que até à data tinha desaparecido como forma e conceito. O templo passou para igreja, introduziu-se o centro comunitário e a escola, parques e lugares de desporto foram ideias retiradas do mundo rural e adoptadas às cidades e seus subúrbios.

FIGURA 2 PROPOSTA DE UNIDADE DE VIZINHANÇA FEITA POR CLARENCE PERRY

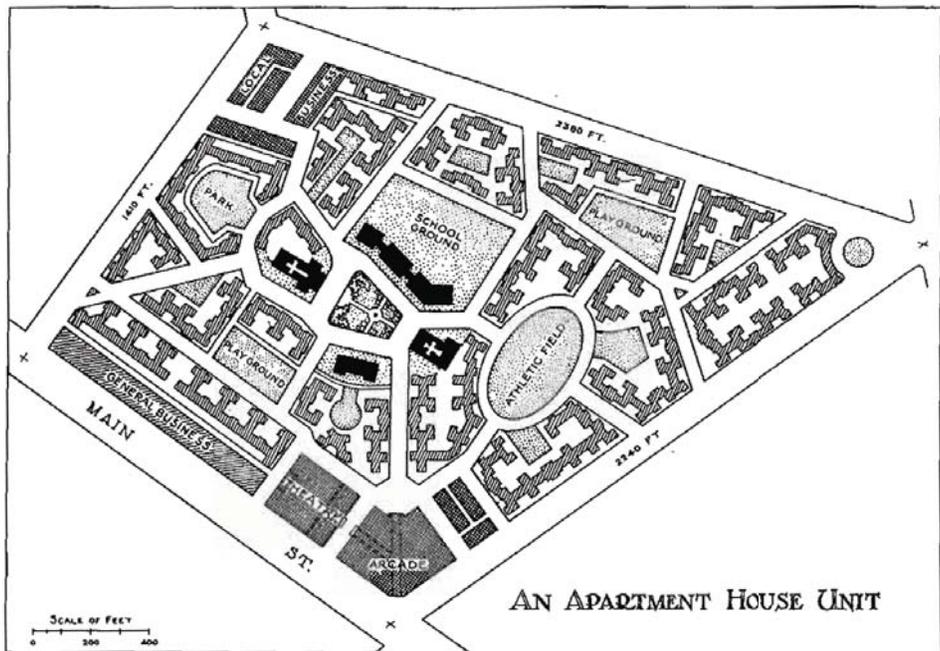


FIG. 12

A METHOD OF ENDOWING A MULTIPLE-FAMILY DISTRICT WITH INTERESTING WINDOW VISTAS, GREATER STREET SAFETY, MORE LIBERAL OPEN SPACES AND A NEIGHBORHOOD CHARACTER

Fonte: Perry, 1924:40

Outro importante modelo de desenvolvimento urbano, que contribuiu fortemente para a forma dos subúrbios, sobretudo no Reino Unido, foram as 'cidade-jardim' idealizadas por Ebenezer Howard. Estas cidades eram caracterizadas por um zonamento bastante rígido de actividades, as quais estavam separadas de acordo com a sua função, e pela sua forma de desenvolvimento exógena, portanto do centro para fora, formando uma circunferência de 2500 hectares, e com uma população de 32000 habitantes. Assim, no centro situavam-se os edifícios governamentais e variados equipamentos, e em volta destes desenvolviam-se os edifícios de comércio

e depois os vários bairros residenciais. Na periferia ficavam as zonas industriais, servidas através do comboio, que as ligava às zonas agrícolas e separadas das zonas habitacionais por um corredor verde. Os jardins não se limitavam a esta função, sendo presença dominante ao longo de toda a cidade, tentando recriar ao máximo um espaço natural. Assim, este modelo foi bastante importante para os subúrbios, sobretudo pela introdução do conceito de zonamento, de separação de actividades, que foi aplicado e desenvolvido pelos subúrbios nas décadas que se seguiram até aos dias de hoje.

• Os subúrbios e a ascensão da corrente modernista

Se numa primeira instância a baixa densidade contribuiu decisivamente para a melhoria da qualidade de vida, o isolamento dos subúrbios cedo fomentou o uso do transporte individual. Há medida que estes foram aumentando de tamanho, também aumentavam as dificuldades de deslocação, e quando os transportes públicos chegaram a estes, os subúrbios encontraram uma maior procura, que levou a uma maior densidade e aumento dos problemas de deslocação.

Começando por ser a classe rica a que ocupou e deu forma aos primeiros subúrbios, foi o alastramento do transporte público, o comboio e o eléctrico, que introduziram uma nova escala e o acesso a estas zonas por parte da classe média. Esta, em maior número, deu aos subúrbios também uma nova dimensão, uma maior densidade, exponenciando os seus impactos. A solução era assim, segundo a lógica da época, não conter a expansão da cidade mas sim alargá-la, desdensificá-la de forma a que o centro se assemelhasse cada vez mais ao subúrbio, era o diluir dos problemas do centro. Assim, o subúrbio não só afastou as actividades produtivas, que eram poluidoras, ruidosas, como também afastou as actividades criadoras, ligadas à produção de conhecimento ou arte, de modo a que a vida neste lugar deixasse de ser dramática, com desafios, tensões sociais, problemas, era a construção de um lugar idílico, de consumo constante e padronizado. Segundo Mumford (1961:534), citando Rudyard Kipling em 1896 “[...] é a maldição da América – o tédio puro, desesperado, bem ordenado; e esse tédio vai ser, um dia, a maldição do mundo”. O subúrbio era visto como o escape à cidade, aos seus problemas, no fundo era uma cidade imaginada, uma realidade individual projectada num espaço, que mais que uma estrutura coerente, funcional e planeada, se tornou o reflexo de desejos e aspirações de cada um.

O subúrbio, que no princípio da sua criação era a expressão da perfeita integração do conjunto urbano com a natureza, revelou a sua fraqueza: a desconexão do mundo real, a criação de um lugar idílico, não funcional e desligado dos graves problemas que atingiam a cidade, uma forma centrada no indivíduo. Havia assim a concentração e a valorização da família acima da sociedade, passando a realidade para outra escala, e também no indivíduo que passou a ter mais tempo para si. O subúrbio era assim um lugar criado à medida do ego de cada um, e não uma expressão societal de desenvolvimento.

Havia uma expressão curiosa que, segundo Mumford (1961:534) era muito usada entre as classes mais ricas que viviam em Boston, e que espelha bem a mentalidade

da época “Boston nada lhe pode oferecer além de impostos elevados e má orientação política. Quando se casar, procure um subúrbio para nele construir uma casa, entre para o Clube Campestre e faça o centro de sua vida em redor do clube, do lar e dos filhos”. Portanto identifica-se aqui um estilo de vida e elementos essenciais. O Clube Campestre, como expressão de comunidade, pólo aglutinador do conjunto de pessoas que viviam nos subúrbios, o garante da defesa do modo de vida destas classes, e a casa, símbolo da família, como o reduto privado. A cidade, o lugar de “impostos elevados” e “má orientação política” foi assim sendo esvaziada desta classe de possíveis governantes, o que levou a uma ainda maior deterioração da sua importância.

O lazer era o principal objectivo de quem vivia nos subúrbios e as comunidades que aqui viviam tornaram-se especialistas nesta actividade que cada vez mais ocupava uma quantidade maior de tempo na vida dos seus habitantes e, em alguns casos, começava a substituir o trabalho como actividade principal. O problema do subúrbio, tornou-se assim a sua mono função, a sua ambição em torno de algo que de valor é pequeno, e que para o atingir são necessários custos colaterais não sustentáveis.

No século XX, uma nova corrente começa a substituir o Romantismo, e esta é o Modernismo. Esta corrente, aliada à introdução do automóvel na sociedade, trouxe importantes mudanças na forma dos subúrbios, mudanças que ainda hoje se podem presenciar. Kunstler (1993:59) afirma que o Modernismo provocou importantes mudanças: divorciou a prática do edifício da sua história e significado; promoveu um tipo de urbanismo que destruiu fabricos sociais construídos ao longo da história, e com eles a vida urbana; e possibilitou uma maior expansão das zonas urbanas, criando um local que não respeita os limites da escala, crescimento, e consumo dos recursos naturais e que respeite e vida de outros seres vivos. O resultado do Modernismo, continua o autor, são cidades arruinadas pelo gigantismo corporativista, planos de reabilitação abstractos, espaços e edifícios públicos deslocados da escala humana, vastos subúrbios sem sentido de comunidade, habitação só para um tipo de classe, dependência quase total do automóvel à custa de fortes implicações no ser humano, e um impacto ambiental extremamente pesado.

No princípio do século XX os Estados Unidos começam a ultrapassar a Europa em termos de crescimento económico, e este começa a ser um país onde os europeus vão buscar novas ideias. Foi aqui que se deu a fusão entre a arquitectura que se vinha a fazer nos Estados Unidos e os ideais racionais e funcionais que tiveram uma expressão inicial com Walter Gropius e a Escola Bauhaus. As formas aqui defendidas eram do mais simples possível, sem os adornos do período do romantismo, tirando o máximo proveito da funcionalidade da forma. A ideia inicial era que todas as pessoas que trabalhavam nestes edifícios, que inicialmente eram fábricas, eram todos iguais, ou seja, o edifício era o mais neutral possível não empolando nenhuma ideologia ou estratificação de classes. Como disse Kunstler (1993:71) “In the Bauhaus scheme of things a worker was someone with no aspirations, who had no dream of rising to a ‘better’ position, because in the coming democratic-socialist utopia there would be *no such thing as a better position*”. Cedo este tipo de projectos começou a ser alargado a habitação social, o objectivo era que o único interveniente neste tipo de

construções fosse o estado, numa lógica que na altura seguia a tendência ideológica em certos países da Europa. Em 1925, com a Exposição Internacional das Artes Decorativas e Industriais de Paris, Le Corbusier começa a ganhar notoriedade com os seus modelos de casas inspirados na Escola Bauhaus e no movimento da Art Deco, e dá a conhecer ao público o seu *Plan Voison* para a remodelação de um bairro de Marais em Paris. Esta exposição deu um grande destaque à corrente modernista que começava a ganhar forma, e com a Grande Depressão dos anos 30, as formas funcionais, pouco dispendiosas e racionais deste movimento vieram a ganhar um impacto nunca antes visto. O Modernismo rapidamente ficou visto como a única corrente capaz de responder às necessidades de progresso, ordem e crescimento alastrando-se pelos Estados Unidos nomeadamente através de equipamentos públicos, fábricas e arranha-céus. Foi também nesta altura que nasceu o modelo de cidade radiante de Le Courbusier, que contemplava os edifícios de alta densidade, grandes auto-estradas, o fim das ruas e os grandes espaços verdes. Numa lógica de Grande Depressão, onde os grandes projectos como as auto-estradas estavam a dar emprego às pessoas, este foi entendido como o grande plano para o futuro das cidades e que viria a trazer o verdadeiro desenvolvimento. Depois da 2ª Guerra Mundial esta lógica foi aplicada bastantes vezes sob várias formas numa América confiante em si e no progresso económico. Eram os designados “projectos” de grandes edifícios que extremaram a lógica de Le Courbusier, subvertendo-a em muitos casos, e criaram o mínimo possível de infra-estruturas de apoio às grandes áreas de habitação que vinham a ser criadas. Na Europa, esta tendência registou-se uns anos depois. Era uma arquitectura relativamente barata, atraente para os investidores mas também para o estado, e cedo começou a ser reproduzida de forma padronizada nos subúrbios. A lógica de crescimento e consumo logo se aliou a este tipo de desenvolvimento e os subúrbios passaram a ser reproduções de estilos de vida padronizados onde o que mais interessava era a imagem, o consumo da última novidade de carro, a ida ao supermercado e a casa de grandes dimensões. Kunstler (1993:84), citando Robert Venturi, um arquitecto americano que se insurgiu contra este tipo de planeamento, identifica bem o estado a que chegou o planeamento e arquitectura em alguns locais dos Estados Unidos: “American space had ceased to be about forms, they said. It was now about symbols-communication, advertising and all wonderfully fascinating. Parking lots were fascinating, the vast spaces between the buildings were fascinating [...]”.

No seu esforço de promover uma sociedade livre e sem classes, alguns modernistas e seus sucessores tentaram obliterar o passado histórico intrínseco dos locais. O resultado foi um falhanço da sua utopia, que foi desvirtuada ao longo do século XX e conduziu a forma urbanas impessoais que destruíram muitas das vezes os passados dos locais, a relação entre as pessoas e os locais, e a graves problemas sociais de integração e coesão, em suma, contribuíram para a insustentabilidade da forma urbana.

• **Suburbanização em massa e o uso do automóvel**

Sem dúvida que, desde meados do século XX, os subúrbios assumiram-se como a maior expressão da forma urbana um pouco por todo o mundo. Apesar de esta tendência já existir até no século XIX, teve um aumento bastante significativo nos anos

40 e 50 sobretudo nos EUA onde era seguida uma política de uso do automóvel em detrimento dos transportes públicos, sendo que na Europa só mais tarde isto veio a acontecer. Além disso, os incentivos para comprar casa foram também aumentando progressivamente levando a que cada vez mais existisse a “necessidade” de comprar casa. Tudo isto traduziu-se segundo Badcock (*in* Herbert and Thomas, 1990:43) em menos dinheiro para o transporte público, menos compensações para as famílias que vivem no centro da cidade e que foram deslocadas por programas de construção viária, e menos financiamento para aquisição de casas no centro. Vários factores, de acordo com (Herbert and Thomas, 1990:43) podem explicar o desenvolvimento dos subúrbios neste período:

- Mudanças no sector privado de habitação que levaram as pessoas a optarem por viver na periferia. Esta opção devia-se ao congestionamento das cidades, problemas sociais, o status social a que muitas pessoas aspiravam mas também à necessidade de mais espaço e de maior autonomia;
- Uma visão mais estruturalista que defende que o seu crescimento foi uma forma de estimular o consumo de bens relativos à habitação e uso doméstico, automóvel como estratégia do mercado de capitais para mudar o investimento para o sector do consumo, assim, foi uma forma de permitir um maior consumo por parte das pessoas do que se vivessem no centro da cidade e de assegurar estabilidade social ao “dar” propriedade privada para cada pessoa ou família;
- Visão que entende o subúrbio como um processo social, económico e político que cria municipalidades independentes da cidade central.

Nunca antes na história uma invenção possibilitou uma tão grande liberdade ao ser humano como é o caso do automóvel. Juntando a este factor um país como os EUA, com direito total de mobilidade, um vasto território geográfico, tradição de não enraizamento aos locais onde se reside, temos vários factores que contribuem para uma sociedade fortemente dependente do automóvel. A Europa demorou mais tempo a abraçar o automóvel, devido à maior dificuldade em aceder ao petróleo que provinha da América a preços elevados devido à importação e taxas respectivas. Outro factor deve-se às distâncias que eram muito maiores nos Estados Unidos do que em qualquer país na Europa. Cedo o automóvel conheceu um rápido progresso e nada mais adequado do que um planeamento urbano que apoiasse este uso. O alvo era a classe média americana que começava a ganhar expressão e aspirava ter o seu próprio “pedaço de terra” longe da cidade. Em contraste com o investimento público que se ia fazendo em auto-estradas, vias de acesso e afins, os transportes públicos foram vendo o seu investimento reduzir drasticamente. Com o fim da Segunda Guerra Mundial existiram vários fluxos não só de soldados americanos de volta ao seu país, mas também internos de populações de poucas posses do sul para as cidades sobretudo do norte do país, e externas dos vários países da Europa, destruídos pela guerra para os Estados Unidos. Estes fluxos conduziram a duas tendências: a primeira a da criação de projectos sociais nas grandes cidades onde se realojavam as grandes quantidades de pessoas que vinham das partes mais pobres do país, e a saída da população com mais posses para a periferia, muitas vezes apoiadas por incentivos do estado de compra de habitação. Os impostos nos subúrbios eram mais

baixos que na cidade o que encorajou bastante a saída da população. As casas dos subúrbios eram mais espaçosas, tinham um espaço verde, mas o contexto em que se inseriam era desprovido de algum sentido de lugar e comunidade. O carro, que durante a Grande Depressão era visto como um luxo, era agora um produto essencial e com uma duração bastante menor. O problema com o apoio deste tipo de política é que lentamente a economia dos Estados Unidos foi-se transformando na economia do automóvel e da estrada, e agora se não se apoiasse este tipo de crescimento a economia iria ruir.

Segundo Mumford (1961:545) os factores positivos trazidos pelo subúrbio foram-se diluindo dando lugar ao snobismo, segregação, irresponsabilidade política e fraca participação na vida local, em alguns casos. A introdução do automóvel, e a sua propagação em larga escala a partir do pós-segunda guerra mundial, veio acabar com a unidade de vizinhança e com a relação com o centro, a dispersão dos locais de trabalho, lazer e de serviços levam a uma desfragmentação dos núcleos destas unidades. A potencialidade de serem criados vários núcleos urbanos com esta dispersão de actividades foi também em muitos casos pouco aproveitada, e assim a metrópole encontra-se na grande maioria das vezes desequilibrada. Esta dispersão vai esgotando lentamente o poder de atracção do centro e quando este se esgotar corre-se o risco de termos um território completamente fragmentado, sem conexão e insustentável.

Este movimento em massa para a periferia destruiu as características primordiais dos subúrbios e padronizou-os devido ao rápido crescimento para dar seguimento à procura. Um paradoxo é aqui chegado: “[...] a nova forma suburbana produziu agora um modelo anti-urbano. Com a destruição das distâncias que se podiam cobrir a pé, verificou-se a destruição do caminhar como um meio normal de circulação humana: o automóvel tornou-o inseguro e a extensão do subúrbio tornou-o impossível” Mumford (1961:547).

Nos anos 50 foi posto em prática um plano de construção de 64000 km de auto-estradas que durante décadas alimentou e suportou a economia dos Estados Unidos, juntamente com a construção de várias estradas de acesso. Esta construção em massa deu azo a um cem número de oportunidades de desenvolvimento nas saídas destas auto-estradas, daí que começaram a crescer os centros comerciais, bombas de gasolina e lojas de conveniência junto a estes locais. Este tipo de desenvolvimento levou à saída progressiva dos vários estabelecimentos de comércio em muitas partes da cidade.

A estrada, outrora de pequena dimensão, exige agora uma ocupação de espaço extraordinária, na construção de trevos de ligação em zonas rurais e urbanas, acessos, e ampliação de vias. A dispersão do tráfego automóvel, ao contrário do comboio, exige que exista uma dispersão de todas as infra-estruturas a que a este estão associadas, nomeadamente do estacionamento, que ocupa também uma superfície estrondosa. Sendo que a distância percorrida a pé é por vezes maior quando se vai de automóvel e se deixa o carro no parque e tem que se andar até ao sítio onde queremos, do que quando vamos de transportes públicos.

O final dos anos 60 reflectiu na América e também na Europa, o desgaste por parte das populações com a guerra, o modo como a economia estava a ser gerida e também o desgaste com o local e o modo de vida que as pessoas levavam. O “apetite” pelos recursos naturais era voraz e pela primeira vez se começou a sentir o impacto global de tantos anos de desgaste contínuo dos ecossistemas. Os centros urbanos nos EUA e mais tarde na Europa, fruto do crescimento dos subúrbios, começam a dar mostras graves de falta de vitalidade como sublinhou John Fernandez : “The USA needed to build housing and office spaces very quickly, and that led to lots of projects that were kind of iconic projects in the 60’s and in the 70’s, that eventually took the center of cities and erased huge portions of the city and rebuilt it. This happened in New York City, Boston [...]” (Fernandez, Anexos, tabela 73). Para piorar este cenário deram-se os choques petrolíferos dos anos 70 que vieram pôr em causa o funcionamento das economias dos países desenvolvidos.

A resposta a esta situação deu-se através de uma maior afirmação das preocupações sociais, com a qualidade de vida das pessoas que viviam nas cidades, e menos com a funcionalidade e racionalidade do planeamento urbano, como explicita John Fernandez “What happened in the late 60’s and in the 70’s, is that was a lot of [...] sociological work that shown that the new urban renewal, for sociological reasons, not for architectural, planning or resource efficiency [...], was often a very inequable way of developing cities [...] it was a brutal way, in which to housing parts of society” (Fernandez, Anexos, tabela 73).

Contudo, esta tendência sofreu um abrandamento devido a mudanças políticas importantes tanto na Europa como nos EUA no final dos anos 70 e durante os anos 80, como sublinha Fernandez (Anexos, tabela 73): “What happened was that the urban essence in the 60’s and 70’s was a little bit discredited, and the roles, the quite powerful roles that some urbanists had, were really not continued”, sendo que a discussão em torno das condições de habitabilidade, qualidade ambiental, só viriam a ganhar novo peso nos anos 90, com a afirmação do conceito de desenvolvimento sustentável e o crescimento de movimentos associados.

Assim, a crença na rapidez de deslocação e num espaço amplo para todos os indivíduos tem sido um dos principais motores dos defensores do subúrbio do século XX. A construção de baixa densidade, herdada do movimento Romântico constitui agora um dos principais obstáculos ao crescimento da cidade ordenado e ao reajustamento das partes desta em algo mais coeso. O subúrbio passou de uma realidade comunitária, de participação e conhecimento mútuo, para uma realidade impessoal, com a falta de contacto humano e conhecimento da realidade social em que o indivíduo se insere. Este é de facto, um dos maiores problemas da cidade contemporânea. Mumford (1961:552) descreve este facto de uma forma bastante interessante “A dona-de-casa citadina, que há meio século [por volta de 1910] conhecia pessoalmente o açougueiro, o merceiro, o leiteiro, seus vários outros fornecedores locais, como pessoas individuais, com histórias e biografias que a impressionavam, num intercâmbio diário, goza agora do benefício de uma única expedição semanal ao supermercado impessoal, onde só por acaso tem probabilidades de encontrar uma vizinha. [...]

seus verdadeiros companheiros, seus amigos, seus mentores, seus amantes, os que preenchem sua vida não vivida, são sombras na tela do televisor ou vozes ainda menos personificadas”.

O produto deste subúrbio que começou a tomar forma no pós-guerra é uma vida cada vez mais enclausurada em casa e em torno do núcleo familiar. O casulo é a casa, o carro, o aparelho de televisão, que conduzem a um alheamento da sociedade em última análise. As opiniões, os problemas, em vez de serem discutidos com a vizinha do lado, ou com a comunidade, são esbatidos na própria pessoa e assimilados nesta. O problema não reside nestas inovações, mas sim no contexto em que estas existem. Numa comunidade bem organizada “[...] poderiam alargar admiravelmente o âmbito da vida social: nas desorganizadas comunidades de hoje[1961], o que fazem é estreitar o âmbito efectivo da pessoa” (Mumford, 1961:554).

• A cidade pós-industrial

Na cidade pós-industrial, com a importância que têm os subúrbios, começa-se a formar uma hierarquia que parte dos mais densos, perto do centro, até aos mais distantes que subsequentemente são menos densos. Assim, assiste-se a uma relativamente maior densidade perto do centro (resultante da forte pressão demográfica), contudo, mantendo todo os problemas atrás mencionados. Como já dito anteriormente este foi um fenómeno que teve um crescimento inicial bastante significativo nos EUA, hoje em dia sobretudo na América Latina e Ásia. É um pouco menos significativo em termos de extensão na Europa, pois aqui existem contextos culturais bastante diferentes e a problemática urbana tem outra génese. Aqui o centro histórico continua a ser um lugar bastante caro para se viver, e ao contrário dos EUA é onde ainda vive o grupo de pessoas com mais posses sendo os mais pobres relegados para os subúrbios. Assim, segundo Herbert and Thomas (1990:44), existem vários tipos de subúrbios na Europa: **industriais**, que têm indústrias que fixaram núcleos de habitação à sua volta; **classe trabalhadora**, compostos por pessoas de classe média-alta, contudo são de diferente componente dos americanos pois possuem uma densidade muito mais elevada; **classe média**, são mais limitados pois esta é uma classe que se divide mais pelo território devido à contínua preferência pelo centro, falta de financiamento adequado, número significativo de segundas habitações que permite que este grupo faça escapadas para as zonas mais rurais.

Bell (*in* Herbert and Thomas 1986:41) identifica cinco factores que conduziram à cidade pós-industrial:

- Mudanças na economia que levaram a uma maior importância dos serviços relativamente à indústria transformadora;
- Mudanças na estrutura social que conduziram a maior relevo das classes profissionais e tecnológicas;
- Mudanças do campo prático para o teórico como fonte de ideias, e um maior ênfase no campo da investigação e desenvolvimento e a sua relação com a política;
- Mudanças no controlo tecnológico, seguidas de uma maior preocupação relativamente aos futuros impactos do desenvolvimento tecnológico;

- Uma forma de tecnologia intelectual aplicada aos sistemas avançados de informação.

Levando mais longe as mudanças que estavam a ocorrer na sociedade Johnston (*in* Herbert and Thomas, 1990:41), identifica cinco factores que tiveram um forte impacto no sistema urbano: concentração, que corresponde ao domínio de um grupo de empresas de grande dimensão e que levaram ao fecho de pequenas empresas ou estas passaram para segundo plano; centralização/nucleação, controlo central das finanças e políticas destas empresas, resultante da automação do trabalho que conduziu a uma menor necessidade de trabalhadores na componente da manufactura, mas que levou a um aumento dos trabalhadores nos sectores terciário e quaternário (finanças, controlo), o que conduziu a uma forte expansão do sector dos serviços; numa fase mais avançada do capitalismo, os bens materiais começam a ganhar uma grande importância e fazem disparar a produção, ou seja, não se trata apenas de bens de subsistência mas sim de lazer; o governo teve que assumir funções de regulação de forma a proteger flutuações de mercados mais fortes mas, também, as suas instituições.

Duas mudanças são aqui importantes de referir: a crescente automação que conduz a um menor número de trabalhadores na manufactura e por outro lado o crescimento do sector dos serviços e da alta tecnologia e informação que conduziu a um maior número de trabalhadores neste campo, trabalhadores esses que se viriam a tornar os colarinho branco. Esta transição funcional e de força de trabalhos conduziu a alterações profundas na forma urbana, pois as empresas passaram a ter necessidade diferentes de localização e o seu impacto ambiental é necessariamente diferente. Segundo Herbert and Thomas (1990:42), podem-se daqui retirar algumas linhas de evolução:

- Os grandes centros urbanos vêm a sua importância aumentar ainda mais pois são estes que possuem as melhores infra-estruturas e maior densidade de empresas sendo que os pequenos centros urbanos ficam ainda mais esvaziados;
- Fenómenos de contra urbanização, em que pequenas cidades ou áreas semi-rurais conseguem afirmar-se e tornam-se num centro de emprego de importância atraindo pessoas das zonas mais densamente urbanizadas;
- Nova localização de clusters de empresas do mesmo sector fora da cidade e perto de vias de comunicação como é o caso de Silicon Valey;
- Com o desenvolvimento da economia do conhecimento e informação o espaço tende a perder importância pois muitas vezes o contacto pessoal já não é obrigatório, enfraquecendo a ligação de muitas actividades com o território;

Contudo, a manifestação mais óbvia da cidade pós-industrial é a sua dispersão, sendo o contraste mais óbvio o da cidade industrial compacta do principio do século XX com a dispersão dos sistemas urbanos dos anos 80 até ao presente.

Capítulo 3

Sustentabilidade urbana

3.1. A PROBLEMÁTICA DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Como atrás foi descrito, as cidades foram ao longo da história lugares com problemas semelhantes relacionados com sobrepopulação, saúde, poluição. Contudo, é a escala destes problemas que se começou a fazer sentir na qualidade de vida e no ambiente, que nunca antes tinha sido sentida. Haughton e Hunter (1996:2-3) identificaram cinco fases de crescimento urbano: fase primária, agricultura recente, primeiros aglomerados urbanos, industrialização e interdependência global. De sublinhar a importância da quarta fase como ignição de um ciclo de consumo e produção nunca antes vistos, e como período fulcral de caracterização da situação presente. No século XX o desenvolvimento do automóvel associado a um planeamento urbano extremamente dependente deste meio de transporte e de uma sociedade com necessidades de reconstrução (Europa) e de aumento exponencial de consumo (EUA) conduziram ao alastramento da forma urbana e da sua ineficiência. É neste contexto que se dá lugar a última fase, interdependência global, onde através do desenvolvimento das tecnologias de comunicação, e crescimento de uma economia à escala global, se registou uma mudança de escala dos problemas das cidades e do ambiente.

John Fernandez (Fernandez, Anexos, tabela 73) sublinha duas razões que contribuíram para a afirmação do conceito de desenvolvimento sustentável: “[...] populations are migrating in different ways than they used to and must faster than they used to” e uma segunda razão “[...] global population shifts, so shifts that are international shifts, but then also shifts because of extreme events. Even in the USA, we saw a huge population exodus from New Orleans unprecedented”. Sendo que o ponto nuclear da questão prende-se sobretudo com os problemas ao nível dos recursos do planeta e alterações climáticas: “So, I think there is no question that the IPCC scientists, other climate scientists, resource scientists, are absolutely decided to have great consensus in the facts about the resources constrains”.

Foi com esta sensação de urgência mundial que foi pela primeira vez usado o conceito de desenvolvimento sustentável em 1987, pela World Commission on Environment and Development (WCED), no relatório “Our Common Future”. Este relatório popularizou o conceito e deu lugar a um debate muito mais amplo sobre outras formas de crescimento económico que respeitassem o ambiente e contribuíssem para a coesão social. As cidades foram abordadas neste relatório através da necessidade de articular as estratégias regionais e urbanas de desenvolvimento, e a necessidade de desenvolvimento de centros secundários de forma a conter o *sprawl* e criar um sistema urbana equilibrado.

Outro ponto crucial na afirmação deste conceito foi a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, que teve lugar no Rio de Janeiro em 1992. Foi aqui que pela primeira vez os líderes mundiais discutiram o problema, o que deu um enorme impacto na opinião e conhecimento desta problemática por parte da população mundial. Uma das medidas mais importantes que resultaram desta cimeira foi a criação da Agenda 21 Local. Através da Agenda 21 Local os problemas regionais e urbanos são abordados, e os governos são aconselhados a descentralizar as tomadas de decisão relacionadas com certos assuntos, para o nível local mais condizente com a abordagem e acção requerida. A participação da comunidade é um facto extremamente importante à luz da Agenda 21, e é apoiada em todas as fases, assim como é também indispensável uma abordagem multidisciplinar enquadrada com a temática da sustentabilidade.

3.2. CARACTERIZAÇÃO E EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE SUSTENTABILIDADE URBANA

Houve um documento de importância vital para a afirmação do conceito de sustentabilidade urbana na Europa, e este foi a Carta de Aalborg. Esta foi criada numa conferência europeia com o mesmo nome em 1994, e serviu de documento orientador para a campanha que aí foi lançada: “Campanha Europeia das Cidades e Vilas Sustentáveis (CECVS)”. Esta campanha e respectivo documento revestiram-se de importância fulcral devido ao pioneirismo que apresentaram ao introduzir temas como a sustentabilidade urbana, intercâmbio de experiências, a integração do nível local como fulcral no planeamento, e sua orientação para a divulgação de boas práticas e recomendações que orientassem as políticas ao nível local mas também da União Europeia. Os principais objectivos desta carta estão estritamente relacionados com o conceito de desenvolvimento sustentável (www.futurosustentavel.org, Agosto de 2009): participação da comunidade local e obtenção de consensos; economia urbana (conservação do capital natural); equidade social; correcto ordenamento do território; mobilidade urbana; clima mundial; conservação da natureza. Foi também acordado nesta carta a aplicação dos planos de acção locais para a sustentabilidade definidos aquando da Agenda 21 (Carta das Cidades Europeias para a Sustentabilidade, 1994).

Em 1996 realizou-se uma segunda conferência europeia em Lisboa, com vista a operacionalizar este conceito, tendo sido aprovado o documento “Plano de Acção de Lisboa: da Carta à Acção”. Em 2000 foi aprovada em Hanôver a Declaração de Hanôver,

cujo objectivo era o de reforçar a importância das autoridades locais na promoção do desenvolvimento sustentável (www.futurosustentavel.org, Agosto de 2009).

A substanciar esta evolução está a afirmação de Fernandez, que demonstra uma nova perspectiva de pensar as cidades através do conceito de sustentabilidade urbana “cities are seen in a larger scale has playing a role of adapting and mitigating the greenhouse and global climate change, by the way of reducing greenhouse gases emissions, and on the other (end), there is a huge interest in looking in what are the actual effects that urbanization has on the environment, and articulating the positive and negative aspects of urbanization around the world” (Fernandez, Anexos, tabela 73).

Nos EUA o conceito de sustentabilidade urbana é ainda muito visto pelo lado do espaço construído - o urbanismo sustentável. Assim, Farr (2008:42) definiu urbanismo sustentável afirmando que é um “[...] urbanismo apoiado no peão e transporte público integrado com edifícios e infra-estruturas de elevada performance. Compacção (densidade) e *biophilia* (acesso humano à natureza) são valores centrais da Sustentabilidade Urbana”. A sua escala é definida pela Carta do Novo Urbanismo (CNU, 2000:10): região, zonas, e bairros. Destas três escalas a que tem sido mais analisada, e dada maior importância por parte dos peritos e público é o bairro. É neste contexto que a importância das Comunidades Sustentáveis é definida nos dias de hoje. Há aspectos chave que são essenciais para a sustentabilidade urbana, nomeadamente para a criação de um sentido de comunidade e afirmação de um bairro: definição, compacção, integração, ligação e *biophilia* (Farr, 2008:42)

No que respeita à definição, esta está relacionada com o centro e os limites. Para este conceito é importante definir a unidade especial que melhor o caracteriza que é o bairro, bairro que está bastante associado ao termo comunidade. Aliás desde que existe o conceito de bairro que existe o conceito de comunidade pois ambos são dissociáveis um do outro segundo Farr (2008, citando Oxford English Dictionary). A definição clássica de bairro foi elaborada por Clarence Perry em 1924, mais tarde publicada no livro “Regional Plan of New York and Its Environments” como atrás foi já descrito. Este tipo de bairro idealizado por Perry foi fortemente influenciador para o conceito de bairro que depois foi usado pelo movimento do Novo Urbanismo. Do ponto de vista do Novo Urbanismo é também essencial na caracterização de um bairro um centro e limites bem definidos, sendo um local facilmente atravessado a pé, e diverso tanto ao nível do edificado como ao nível das pessoas, usos etc.

As grandes vantagens que se obtém de bairros bem definidos nos seus limites são várias sendo importante sublinhar a rede social finita. Num local de dimensões não muito grandes as probabilidades das pessoas se conhecerem e interagirem é bastante maior do que num local indefinido sem limites e sem um espaço próprio. Havendo maior coesão social existe também capital social mais forte. Existindo um lote variado de tipos de habitações disponíveis nestes bairros cria por sua vez oportunidades para os vários estratos da população de fixarem e não mudarem de residência várias vezes ao longo da sua vida. Através da sustentabilidade urbana o que se pretende é estender ainda mais o papel do bairro no desenvolvimento das cidades, através da

criação de um maior sentido de comunidade que leve as pessoas a identificarem-se mais com os locais onde habitam e a responsabilizarem-se pelos problemas que aí acontecem, evitando fenómenos como o NIMBY (Not In My Backyard). Assim, segundo Farr (2008:43) o verdadeiro bairro sustentável é a manifestação física da frase popularizada pelo ambientalista David Brower: “Pense globalmente, aja localmente”.

Relativamente à compactação, é um conceito que está directamente relacionado com a eficiência da cidade. Afirma Farr (2008:44) que a sustentabilidade urbana não consegue ser atingida em densidades baixas sendo que estas correspondem a 8 habitações por 4km². O autor afirma ainda que segundo Christopher Leinberger rácios de área por pisos típicos de áreas suburbanas não permitem o desenvolvimento de transporte público de forma adequada, e muito dificilmente podem ser atravessados a pé. A densidade deve estar concentrada no centro de um bairro, permitindo edifícios com alguns andares, sendo que os pisos térreos deveriam destinar-se ao comércio para manter uma certa vitalidade nas ruas. Um aumento da densidade da população também corresponde até um certo ponto à maior eficiência do transporte público, e também à maior variedade da oferta deste que é despoletada por uma crescente procura. As zonas mais densas devem ser assim concentradas junto das entradas e saídas destes tipos de transportes para maximizar o tempo que se gasta em transportes. Uma maior densidade significa também menor uso do carro para deslocações de curta duração e maior frequência de deslocações a pé. Do ponto de vista comercial significa também um valor acrescentado visto permitir a existência de um grande mercado de consumo a uma distância menor, o que possibilita a maior frequência destes estabelecimentos. Maior número de pessoas a andar a pé significa também maior número de potenciais consumidores que encontram um produto interessante enquanto iam a passar pelo estabelecimento. Ao nível energético, a concentração de infra-estruturas e o desenvolvimento misto permitem poupar cerca de 30% da produção de carbono, assim como reduzir o consumo energético por 50%. Relativamente aos edifícios, se estes forem multifamiliares e não mono familiares pode existir uma poupança de cerca de 30-35% da energia gasta em aquecimento e arrefecimento (Farr, 2008:44). Uma maior densidade é também uma forma de poupar solos que ainda não estavam urbanizados assegurando assim a continuação dos ecossistemas que aí poderão existir, o que contribui de uma forma bastante significativa para a manutenção da estrutura ecológica que existe à volta da cidade.

O conceito da integração está relacionado com a utilização diária e futura dos bairros, nomeadamente a capacidade que estes têm que ter para assegurar a continuação das qualidades que possuem. A ideia por detrás deste conceito é a de que a pessoa para todas as actividades que precisa de realizar durante todo o dia, poderia unicamente deslocar-se a pé se fosse essa a sua intenção. Os factores que a poderiam fazer dirigir-se ao centro do bairro seriam a presença de lojas de esquina, centro de dia, quiosques, cafés, mercearias, mercado, paragem de autocarro ou metro, escritórios e oficinas. Se a estes factores juntarmos uma praça, posto de correios, escola, igreja, maior aderência terá ainda. Esta facilidade em ir a pé para quase todo o lado cria independência sobretudo nas pontas das faixas etárias: os jovens e idosos.

O conceito de ligação está sobretudo relacionado com os transportes, nomeadamente na articulação entre infra-estruturas de transporte e uso dos solos. Relativamente à circulação interna é essencial que no bairro não existam barreiras às pessoas com maiores dificuldades de locomoção. São necessários passeios em ambos os lados da rua e a distancia entre intersecções deverá ser de preferência pequena (90 a 120 metros). A maior parte das ruas internas do bairro deverão ser desenhadas para velocidades de automóvel na ordem dos 40-50 km/h e as ruas não devem ter mais do que duas vias. Este aspecto possibilita a melhor utilização da bicicleta, cria melhores condições para andar a pé, e encoraja as crianças mais novas a irem a pé para a escola. No nível externo do bairro ganha dimensão o conceito de corredores sustentáveis, que irão fazer a ligação entre o bairro e a freguesia e entre a freguesia e o concelho. Aqui o grande desafio é a integração das diferentes densidades urbanas com os vários tipos de transporte para tirar o máximo proveito dos factores população e tipo de transporte. Existindo corredores de tráfego de transporte público dá-se a certeza às pessoas que até aí utilizavam o carro, que a sua viagem não irá ter os condicionaismos dos engarrafamentos. A existência de vários corredores fixos de fluxos, podem-se desenvolver em conjunto com estes outros tipos de corredores, estes ecológicos, que terão a missão de unir os vários ecossistemas que são atravessados pela cidade.

FIGURA 3

AS RUAS DE DUAS FAIXAS E LIMITE DE VELOCIDADE TÊM MELHOR CAPACIDADE PARA ESCOAR PESSOAS E VIATURAS, SEGUNDO FARR



Fonte: Farr, 2008:46

Por fim o último conceito estruturante do urbanismo sustentável é *biophilia*, portanto a interdependência entre o meio natural e o ser humano. Tendências errantes na for-

ma com o urbanismo foi aplicado têm conduzido a uma quase obliteração da natureza nestes meios, o que conduz a uma notória perda de qualidade de vida por parte dos seus habitantes. É fundamental para o ser humano o contacto com a natureza, a prática de exercício físico. O objectivo é o de reintroduzir a natureza na cidade promovendo a criação de mais locais de sombra, de forma a reduzir a temperatura da ilha de calor urbano, e promover os passeios e prática de desporto. O maior número de espécies vegetais permite também a introdução de espécies animais que contribuem para o equilíbrio dos ecossistemas. Uma paisagem com espaços verdes aumenta consideravelmente a qualidade de vida das pessoas não só pelos motivos atrás enunciados mas também para o conforto da mente humana. Assim um aspecto muito importante do urbanismo sustentável neste campo, é o desenho da cidade de acordo com os fluxos de recursos naturais de forma a propiciar uma maior interacção entre o ser humano e a natureza. Em conjugação com estas medidas é também necessário criar corredores ecológicos que assegurem a ligação entre as zonas naturais ou rurais em redor da cidade com os ecossistemas urbanos, tendo o cuidado de isolar as vias de comunicação destes importantes eixos naturais.

Os autores Haughton e Hunter (1994:200) identificam também princípios de desenvolvimento urbano sustentável. Estes dividiram os princípios em três grandes tipos: ecológicos, socioeconómicos e de gestão. Relativamente aos princípios ecológicos estes são: aplicação de estudos de impacto ambiental em todos os projectos de grande importância; ter em conta os impactos em todas as escalas, local, regional e nacional; minimizar os resíduos, maximizando a reciclagem dos materiais, construindo de forma mais duradoura; maximizar o uso de materiais recicláveis e renováveis: manter e melhorar o requisito para a variedade seja ela ao nível natural, cultural e económico; identificar e respeitar as tolerâncias ambientais a todos os níveis; melhorar o entendimento do ambiente através da investigação.

No que respeita aos princípios socioeconómicos estes são: uso apropriado de tecnologias, materiais e desenho onde se recomenda o uso de tecnologias endógenas, adaptadas à realidade em vez de tecnologias exógenas; criação de novos indicadores para a riqueza económica e ambiental, que descredibiliza o PIB como o indicador primário de riqueza, uma vez que ignora os stocks de capital ambiental; estabelecer standards mínimos através de maior regulação, que pode ser possível através da criação de legislação que crie mínimos ambientais que acompanhem as novas iniciativas de mercado; acção contínua para internalizar os custos ambientais no mercado; assegurar a aceitação social das políticas ambientais; participação pública alargada assente em formulação estratégica, implementação de políticas e gestão de projectos.

Por fim, os princípios de gestão para o desenvolvimento urbano sustentável enunciados por Haughton et Hunter (1994:225) são: subsidiariedade, no qual os governos locais devem ver a sua capacidade de acção reforçada; flexibilidade na implementação de regimes de políticas ambientais, usando uma variedade de instrumentos que permitem maior flexibilidade para atingir as necessidades locais; estratégias de longo prazo são necessárias para a gestão ambiental, numa visão assente na melhoria da qualidade de vida; melhoria da coordenação entre as políticas ambientais;

não discriminação, assegurando que toda a população tem as mesmas hipótese de ser ouvida aquando projectos fracturantes; necessidade para melhor informação e maior disponibilidade dos elementos.

Além dos factores identificados atrás, Farr (2008:49) identifica mais dois que estão subjacentes aos já descritos: infra-estruturas de alta performance e desenho urbano integrado.

Relativamente às infra-estruturas de alta performance é um campo que combina várias características entre as quais: preocupações do movimento 'smarth growth' no que respeita ao encargo financeiro resultante de novas infra-estruturas; as intenções do movimento do novo urbanismo para um desenho das infra-estruturas mais humano, virado para as necessidades do peão, e o movimento dos edifícios verdes ('green buildings') que foca sobretudo na alocação de eficiências "verdes" de consumo. As infra-estruturas que aqui são tidas em conta estão na sua maioria das vezes sobre alçada do poder municipal, e em muitas situações não possuem quaisquer regras de construção sustentável sendo elas por exemplo: escolas, parques, esgotos, autocarros etc. O objectivo é tornar estas infra-estruturas mais sustentáveis ao nível do seu desenho e manutenção numa perspectiva de análise de ciclo de vida. Neste aspecto têm sido bastante importantes as iniciativas do movimento 'Green Buildings' que tem conduzido a alguns *flagship projects* que têm dado uma nova notoriedade à construção sustentável, e têm levado inclusive a que alguns governos integrem esta componente na sua legislação, tornando-a obrigatória em novos edifícios, ou então dando incentivos financeiros às pessoas que querem remodelar as suas casas energeticamente. Exemplos são os certificados e auditorias energéticas. As principais preocupações deste movimento, e que originaram estas mudanças, são a ilha de calor urbano, infiltração das águas pluviais, reciclagem e o custo de ciclo de vida de um produto. Acontece que a maioria das infra-estruturas que existem são ainda insustentáveis na sua construção apresentando superfícies impermeáveis, causando alterações importantes no ciclo hidrológico, provocam erosão, concentram a poluição proveniente dos rios e materiais e são grandes consumidores de energia.

Relativamente ao design integrado, este significa sobretudo o contributo que cada disciplina pode dar para o design de um edifício de forma a que este tenha o menor impacto possível no meio envolvente. Através da integração do sistema do edifício com os sistemas da rua ou do bairro, irá existir uma maior eficácia no consumo dos recursos. Assim, a diferença entre otimizar o sistema de um edifício ou de um bairro é o número, complexidade e normalmente falta de conhecimento da forma como funcionam estes sistemas. É este o grande desafio, portanto o da integração das várias escalas de análise. Um dos pré requisitos para a integração destes sistemas é existir um conjunto de pessoas, portanto massa crítica, que habitem na área de análise, assim como um *mix* de usos e existência de transporte públicos. Alguns exemplos de uma melhor integração dos vários sistemas podem ser: maior eficácia dos sistemas de aquecimento e arrefecimento do bairro; maior eficiência resultante de edifícios multifamiliares, maior eficiência dos transportes públicos, entre outros.

Em Portugal, o conceito de Sustentabilidade Urbana começa a dar os primeiros passos. Para Farias, “[...] a sustentabilidade urbana passa por voltar à vivência urbana que desapareceu em Portugal [...] houve uma dispersão urbana para as zonas envolventes o que conduziu ao núcleo urbano despovoado, morreu o conceito de bairro, morreu o conceito de vivência da rua e portanto destruiu-se a sustentabilidade” (Farias, Anexos, tabela 73). Para Marques, existe um esforço e consciencialização em Portugal, para a promoção da sustentabilidade nas cidades “[...] com a UE temos directrizes que temos que cumprir e temos metas a atingir [...] há essa consciência política, há a consciência individual, consciência colectiva e consciência de todos os organismos que, não trabalhando na área do ambiente, têm um papel importante na comunidade como por exemplo na área da educação” (Marques, Anexos, tabela 73).

3.3. SUSTENTABILIDADE URBANA – MOVIMENTOS ASSOCIADOS

Segundo Farr (2008:28) um dos livros pioneiros para o movimento do urbanismo sustentável foi o livro de Ian Mcharg (1969) “Design with nature”, o qual foi o primeiro a dar conhecimento a uma audiência relativamente extensa os SIG, transecto natural, e outros princípios ecológicos. Contém também a reacção à falta de integração da natureza e poluição a que se assistia à época. É neste contexto que começam a surgir, sobretudo a partir dos anos 60, três movimentos que constituem os pilares filosóficos e empíricos do conceito de Sustentabilidade Urbana: ‘Novo Urbanismo’, ‘Green Buildings’ e ‘Smarth Growth’ (Farr, 2008:28). Apesar de partilharem a mesma abordagem nas reformas económicas, sociais e ambientais, eles diferem bastante na sua história, elementos constituintes, abordagem, focos e políticas relacionadas com o conceito de sustentabilidade. De entre estes sem dúvida que o mais importante foi o do ‘Novo Urbanismo’, não só por ter sido o primeiro a aparecer mas também porque os princípios que estão subjacentes a este influenciaram todos os movimentos que a seguir foram criados.

3.3.1. ‘SMARTH GROWTH’

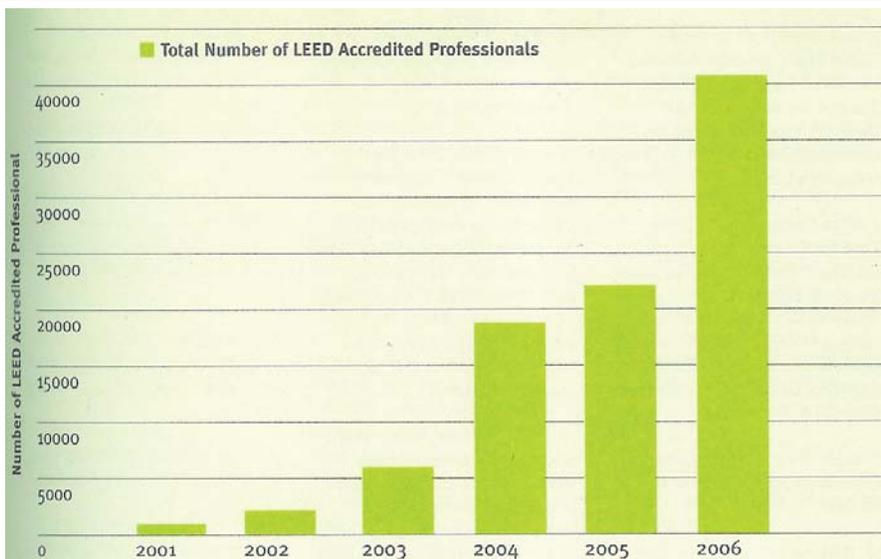
O movimento ‘Smarth Growth’ teve a sua origem na agenda ambiental levada a cabo pelo presidente dos EUA na altura (1970) Richard Nixon. Nesse período e depois de acordo por ambos os partidos, foi criada a política ambiental que ainda hoje é seguida nos EUA, na qual foram criados também vários organismos e leis que têm como função proteger o ambiente. Aqui, foi dado maior poder aos estados para intervirem no planeamento e daqui nasceram importantes iniciativas. Foi através de um governador em 1995, Roy Romer, do Colorado, que pela primeira vez o termo ‘Smarth Growth’ foi usado. Foi depois criado um programa no estado de Maryland em 1997 chamado “Smarth Growth and Neighborhood Conservation Program”, que fez uma análise e designou as áreas urbanas que melhor se adequavam aos equipamentos públicos. Foram sobretudo nos critérios usados para a alocação destes equipamentos que este programa foi inovador. Foram também criados em 1996 dez princípios do ‘Smarth Growth’ para sintetizar a acção deste movimento, que foram bastante úteis para unir os cidadãos e os órgãos de gestão. Contudo, a política adoptada de apoiar pequenos projectos com pouca divulgação conduziu a uma relativa

pouca afirmação deste conceito fora dos EUA e a um entendimento vago dos seus princípios por parte da população em geral.

3.3.2. 'USGBC: UNITED STATES GREEN BUILDING COUNCIL'

Os choques petrolíferos dos anos 70 traduziram-se num movimento para maior eficiência energética dos edifícios, que apesar dos seus esforços, pouca atenção conseguiram chamar dos governos. Contudo, em 1992 foi criado o guia "The Environmental Resource Guide" que no fundo compilava os conhecimentos teóricos, práticos e tecnológicos nesta área. Inspirou fortemente a criação do 'USGBC- United States Green Building Council' que, juntamente com a conferência do Rio de 1992, constituem dois importantes passos para a implementação e divulgação do seu movimento: expandiu a audiência para além dos arquitectos, e tentou mobilizar o sector privado. Foram também criados standards por este movimento em 1995 com o nome de "Leadership in Energy and Environmental Design (LEED)". O sistema LEED combina pré-requisitos com créditos opcionais, no fundo um sistema de acreditação. Este movimento estabeleceu uma meta de certificação de 5% dos novos edifícios a serem construídos nos EUA, que depois foi expandida através da incorporação do governo desta acreditação. O sucesso desta medida deveu-se em parte à capacidade por parte do U.S. Green Building Council em aumentar o seu *staff* e operações de certificação consoante o crescimento dos edifícios no país. Incorporou também o trabalho em equipa e multidisciplinar que é indispensável para cumprir os standards desta certificação. Dois dos maiores obstáculos a este movimento são a capacidade de expansão deste tipo de certificação, e também a influência que esta tem, que não tem passado da escala do edifício, não influenciando significativamente o local onde se encontra.

FIGURA 4 CRESCIMENTO DO NÚMERO DE EDIFÍCIOS COM A CERTIFICAÇÃO LEED



Fonte: Farr, 2008:37

3.3.3. 'NOVO URBANISMO'

O movimento do 'Novo Urbanismo' reporta-se ao início dos anos 80. Em 1991, a 'Local Government Commission' um grupo privado sem fins lucrativos de Sacramento, Florida, convida um conjunto de arquitectos a desenvolver uma série de princípios de carácter comunitário a serem usados no planeamento urbano. Assim nascem os 'Ahwahnee Principles' devido ao hotel com o mesmo nome, sendo que constituem a base fundadora do movimento do 'Novo Urbanismo'. Em 1993 é criado o 'Congresso para o Novo Urbanismo', por parte de muitos dos arquitectos que estiveram por detrás dos 'Ahwahnee Principles', e em 1999 é editada a 'Carta para o Novo Urbanismo', documento que veio ilustrar os princípios atrás mencionados entretanto revistos.

Este movimento pode caracterizar-se como a resposta a políticas de planeamento antiquadas e desajustadas à realidade, que, segundo os seus defensores, são as responsáveis para a situação actual que as cidades vivem. Segundo os autores da Carta do Novo Urbanismo (CNU, 2000:5), nas áreas suburbanas de rápido crescimento "[...] as comunidades tentam controlar novos projectos de dimensões consideráveis através do zonamento e de códigos de escalonamento que provavelmente foram postos em prática nos anos 50 de forma a moldar projectos de muito menor dimensão, estando agora a lutar para financiar novas escolas, estradas e serviços". Além disso, apontam o facto das cidades mais velhas estarem a constatar que a renovação dos centros históricos não é suficiente para recuperar ou atrasar a perda de empregos, a crescente necessidade de serviços sociais, problemas no sistema de educação e projectos sociais disfuncionais. Acrescido deste factor enunciam que os subúrbios mais antigos, que até ao presente se tinham desenvolvido com alguns resultados positivos, começam a ser confrontados com os mesmos problemas sociais encontrados na cidade principal, sendo que agravando este sinal, estes não possuem a centralidade e equipamentos já existentes no centro.

A afirmação introdutória desta carta destaca como aspectos caracterizadores da problemática urbana presentes importantes aspectos como: desinvestimento no centro das cidades; crescimento da estrutura urbana dispersa (*sprawl*), separação crescente de indivíduos pela raça e rendimento, deterioração ambiental, perda de solos agrícolas e selvagens, desgaste da herança construída como um desafio inter-relacionado de construção comunitária. Para este movimento o cerne da questão centra-se nos subúrbios. Afirmam que estes não têm a coerência dos centros históricos, a cultura e sentido de cidade que proporcionam, assim como não têm o charme e a autenticidade das zonas rurais. O desapontamento com estas áreas, leva a que pessoas e negócios estejam constantemente a mudar de localização o que origina um ciclo insustentável. A solução passa por saber lidar e readaptar esta realidade descentralizada. Neste aspecto a inovação e concertação de estratégias é essencial. São necessárias novas leis e políticas que impeçam que os erros cometidos anteriormente sejam repetidos, apostar na recuperação das áreas antigas das cidades na sua competitividade, planos que limitem a extensão das regiões metropolitanas, e implementação de novas formas de transporte. Assim afirmam na Carta que "Defendemos a reabilitação dos centros urbanos existentes e cidades de acordo com uma área metropolitana coerente".

te, reconfiguração da dispersão suburbana em comunidades de verdadeiros bairros e áreas diversificadas, conservação do ambiente natural e preservação da herança construída.” (adaptado de CNU, 2000:7) Importante destacar a importância da comunidade como aspecto central de um bairro, que por sua vez é essencial na estrutura urbana intrincada que forma a região. A resposta para problemas como o crime, a educação e o emprego, três dos aspectos mais importantes da vida urbana pode ser dada, segundo este movimento, através da potencialização e recuperação do sentido de comunidade. Uma das autoras que mais contribuiu para o estabelecimento de alguns princípios associados com este movimento, Jane Jacobs, defende de resto no seu livro “The Death and life of Greath American Cities” (1961) a comunidade como elemento dissuasor de extrema importância no que concerne à prevenção do crime. Bairros como uma forte presença de pessoas na rua, com fortes laços entre os indivíduos, é um bairro mais seguro pela vigilância constante que advém do facto das pessoas passarem mais tempo na rua e se conhecerem. O mesmo se passa com a educação. Defende este movimento que algumas das mais promissoras inovações neste campo estão relacionadas com as formas de envolvimento dos pais na vida da escola, programas escolares para ajudar os pais em zonas de concentração de problemas familiares, e redes comunitárias de tutores e actividades extra-curriculares. Relativamente aos empregos algumas medidas podem ser tomadas como zonas da cidade com incentivos fiscais especiais para encorajar as empresas a situarem-se perto de zonas habitacionais, subsídios para a compra de habitações em áreas em regressão habitacional, sistema de transporte metropolitano integrado com as zonas de emprego e habitação. O movimento do ‘Novo Urbanismo’ afirma na carta que “[...] as soluções físicas (que se prendem com a construção) não resolvem por si os problemas sociais e económicos, assim como a vitalidade económica, estabilidade comunitária, e saúde ambiental não podem ser sustentados sem um enquadramento físico coerente.” (adaptado CNU, 2000:8) Assim, o Novo Urbanismo reconhece que o design e a concepção dos planos não podem estar separados da sua implementação. A situação actual de políticas públicas baseadas em pressupostos arcaicos e com práticas de investimento pobres deve ser repensada. Os novos princípios de design requerem novas políticas públicas e novas práticas imobiliárias de investimento. Os novos princípios de design assentam na diversidade dos bairros em termos de população e usos; as comunidades devem ser desenhadas para o peão, transporte público e automóvel; as cidades devem ser moldadas por espaços públicos e instituições comunitárias fisicamente bem definidos e universalmente acessíveis; os espaços urbanos devem ser enquadrados por arquitectura e desenho paisagístico que celebrem a história local, clima, ecologia e prática de construção (CNU, 2000:10).

A implementação destes princípios deve ter a sua base numa equipa multidisciplinar composta por todas as profissões que intervêm na cidade mas também das pessoas que aí vivem. A carta do Novo Urbanismo estabelece 27 princípios que estruturam a sua acção. A sua escala de actuação divide-se em três: Regiões, Bairros, Ruas. Devido à maior relevância que tem para o tema das comunidades sustentáveis a escala do bairro, ir-se-á focar mais esta escala de análise, contudo, não se deixará de abordar as outras duas, pois estas condicionam e são condicionadas pela escala do bairro.

• A escala regional

A escala regional é definida pela carta como sendo composta pela área metropolitana, a cidade e a vila. A aposta nesta escala é a da integração das várias políticas, entidades e agentes económicos, culturais, ambientais e cívicos que caracterizam os vários conjuntos urbanos de uma área metropolitana, numa política coerente, à escala regional de desenvolvimento urbano. Nesta realidade estratégias regionais e coordenação devem orientar as políticas para o desenvolvimento económico, controlo de poluição, preservação dos solos sem uso urbano, habitação e transporte. Alguns aspectos abordados são o da cooperação metropolitana, entre áreas metropolitanas, a importância das zonas rurais para o equilíbrio das áreas metropolitanas, a importância de parcerias não governamentais ao nível regional, a importância do TOD à escala regional, entre outros.

• A escala do bairro

À escala do bairro o 'Novo Urbanismo' propõe a devolução do "urbanismo aos súrbios", ou seja, depois da construção de zonas habitacionais, dotar essas mesmas zonas de equipamentos, serviços, espaços públicos que são fundamentais para qualquer área urbana. Pretende também abordar os desafios que advêm do choque entre zonas tradicionais de elevado valor histórico e a implementação de realidades de grande escala contemporâneas de certas instituições e tecnologias. Segundo os autores é aqui que reside o cerne do Novo Urbanismo: "a readaptação de princípios de design urbano fundamentais à escala urbana e a sua acomodação única ao mundo contemporâneo" (adaptado CNU, 2000:71). Pretende-se a esta escala definir uma estrutura ideal para as cidades oposta à estratégia de zonamento de um só tipo, levada a cabo nos últimos anos, o 'Novo Urbanismo' propõe uma estrutura com três elementos fundamentais: bairros, zonas e corredores. Parte do pressuposto da comunidade como a integração de lugares de usos mistos em vez de usos do solo isolados. Propõe uma estrutura de planeamento que respeita a escala humana e a comunidade enquanto cria também a oportunidade para grandes instituições e infra-estruturas.

São nove os princípios definidos nesta carta. O primeiro enuncia que o bairro, a zona e o corredor são os elementos essenciais para o desenvolvimento da área metropolitana, formando área identificáveis que encorajam os cidadãos para a responsabilização da sua manutenção e evolução. A maioria dos bairros planeados a seguir à segunda guerra mundial nos EUA, e o crescimento suburbano registado na Europa e América do Sul a partir dos anos 70, como também o crescimento mais recente para a periferia de algumas cidades Africanas e de muitas cidades asiáticas durante os anos 80, 90 e actualidade, têm conduzido, cada vez mais à perda da identidade histórico-cultural que compunha os bairros destes diferentes contextos. Os mais recentes empreendimentos são compostos por habitações em tudo iguais, onde o carro é um elemento necessário para todo o tipo de transporte devido à falta de transporte público e equipamentos e serviços à distância pedonal. Como atrás foi descrito, já em 1924, Clarence Perry tinha estabelecido a dimensão ideal de um bairro de acordo com as capacidades de deslocação pedonal do indivíduo. O 'Novo Urbanismo' volta a repensar este conceito reafirmando-o como essencial. Numa distância de 10 minutos

a pé o bairro deve proporcionar um misto de tipos de habitação, suportado por uma artéria de ruas que facilitam vários tipos de circulação e acesso aos equipamentos e serviços necessários. As diferentes zonas da cidade, que historicamente podiam ser caracterizadas como habitacionais, comerciais, entre outras, devem poder incluir outros tipos de usos. Assim, a actividade primária é mantida e reforçada com o complemento de outras actividades. Dando um exemplo conhecido, a Baixa em Lisboa, manter-se-ia como um lugar por excelência comercial, contudo, seriam criadas habitações, serviços que revitalizassem a área e “puxassem” pelas actividades comerciais.

FIGURA 5 CONCEITO DE UNIDADE DE VIZINHANÇA REVISITADO PELO CNU



Fonte: CNU, 2000:76

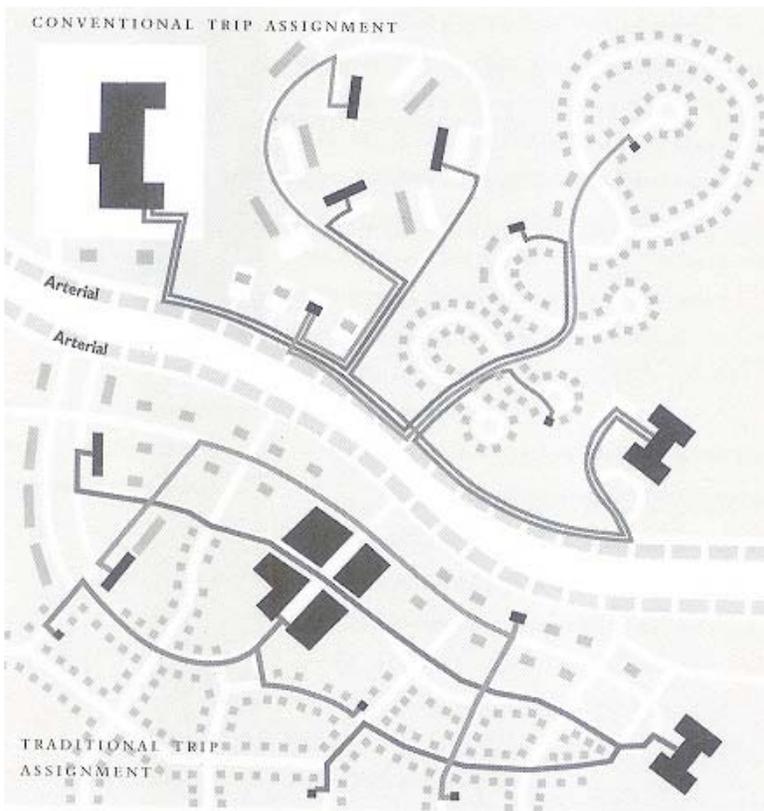
À escala do corredor deve-se prevenir o crescimento associado a linhas viárias que se provou extremamente dispendioso e com impactos no meio natural muito fortes. O segundo princípio vem definir um centro e limites identificáveis para o bairro como uma contribuição importante para a identidade social de uma comunidade. Apesar de ambos serem importantes, o centro reveste-se como o mais importante, normalmente composto por um jardim, intersecção, praça, encontra-se muitas vezes no centro geográfico do bairro, mas devido a constrangimentos físicos, funcionais ou históricos pode deferir desta localização. É aqui que se localizam os edifícios cívicos, comerciais, e empregos. Nos limites, encontram-se sobretudo importantes áreas comerciais que se aproveitam da interligação entre bairros, geradora de maiores fluxos. Nas zonas urbanas estas zonas limite são também caracterizadas por grandes

avenidas, parques, ou edifícios de alta densidade. O bairro deve manter e reforçar o seu carácter heterogéneo no tipo de habitações. Apoiada na distancia de 10 minutos a pé a ser percorrida dentro de um bairro, esta deve ser completada com paragens de autocarro ou eléctrico para apoiar o peão nas deslocações de maior distancia. A ideia é criar uma rede de TOD (*Transit Oriented Development*) que una os bairros e cidades de forma a que as pessoas não dependam exclusivamente do automóvel como meio de deslocação. As ruas do bairro devem proporcionar passeios largos, espaços sombra, e acomodar alternativas de transporte como a bicicleta. Assim, existe um encorajamento a conduzir mais devagar e a interação entre pessoas é maior criando laços sociais mais significativos. Os espaços públicos constituem lugares essenciais para o encontro e recreação e devem ser fomentados, pois potencializam o espírito comunitário e criam lugares onde as pessoas podem praticar as mais variadas actividades. O terceiro princípio está relacionado com a forma das vias de comunicação e soluções de transportes que podem ser implementadas para melhorar a circulação das pessoas. A forma das ruas é desde logo um aspecto bastante importante no que respeita à circulação e transporte. Segundo o Novo Urbanismo, o aspecto mais importante da forma das ruas é a sua conectividade e não a forma geométrica, assim, apontam que uma rua de sucesso tanto pode ser rectilínea como irregular. As vias de comunicação conectadas são aquelas que são intersectadas por uma multiplicidade de outras vias, oferecendo assim mais alternativas de percurso para as pessoas que as utilizam. Até aos anos 30 nos EUA eram estes os tipos de rua desenhados nas grandes cidades, contudo, com a expansão do automóvel, criaram-se várias hierarquias de ruas específicas para cada função e com destinos limitados. Isto conduz a formas de aglomeração intensas junto das saídas destas vias e entre as saídas, a formas urbanas mais dispersas, pontuais, muitas vezes sem ligação ou com ligação difícil com o conjunto que se situa do outro lado da via. Esta realidade apareceu sobretudo depois da 2ª Guerra Mundial com a expansão das cidades fruto do *baby boom* e das práticas de planeamento aplicadas ao automóvel. Algumas características podem definir a rede viária conectada em oposição à rede viária dentrítica:

- O tráfego local, que compõe a maioria do tráfego, continua local através de uma boa rede de estradas locais que impede a circulação nas vias principais de viaturas cujas viagens sejam de curta duração. É uma oposição ao sistema praticado na maioria das cidades de alimentação exclusiva de uma via principal que acaba por sobrecarregar todas as vias locais de acesso a esta;
- A viagem é mais directa, pois como existem várias vias locais interligadas, a possibilidade de percurso menor é maior quando comparado com vias circulares que distendem a distancia percorrida significativamente;
- As vias circulares ficam deste modo menos sobrecarregadas para este tipo de viagens e com maior disponibilidade de recepção de tráfego proveniente de longas distâncias, que é a verdadeira razão para que foram criadas;
- Por sua vez a maior descentralização do tráfego por vias locais, ajuda ao crescimento de um centro urbano de uma forma mais articulada e coerente visto o tráfego provir não de duas ou três direcções mas de uma multiplicidade destas e impede o crescimento ao longo das vias, que por sua vez conduz a situações de dispersão da malha ao longo de km pondo em causa a sustentabilidade desta;

- Por existir uma maior rede de ruas interligadas, existe também maior tendência para usá-las de outras formas que não através do automóvel, como por exemplo de bicicleta ou a pé. O tipo de acesso predominante que existe é o pior possível para estas actividades pois as ruas de menor tráfego em vez de estarem interligadas entre si, estão interligadas directamente com ruas de tráfego superior impedindo a circulação deste tipo de meios de transporte. A escala local das ruas conduz também a menores velocidades de tráfego, e estas, quando acompanhadas por passeios largos convidam ao passeio.

FIGURA 6 DIFERENÇA ENTRE TRÁFEGO NOS SUBÚRBIOS (CONVENTIONAL TRIP ASSIGNMENT) E NUMA ÁREA COM UM SISTEMA VIÁRIO TRADICIONAL (TRADITIONAL TRIP ASSIGNMENT)



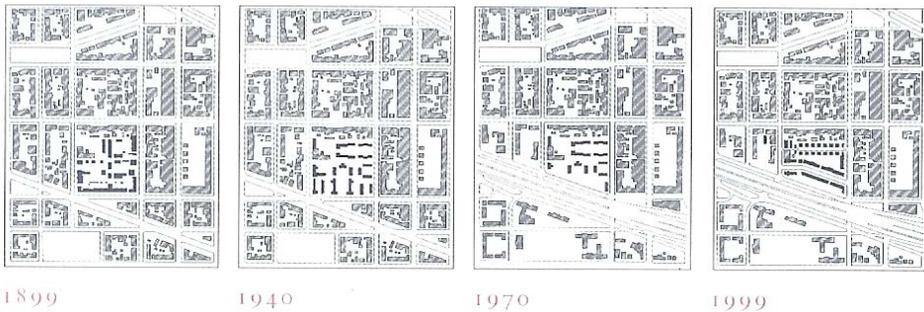
Fonte: CNU, 2000:84

O quarto princípio diz respeito à habitação, nomeadamente à necessidade de existirem os mais variados tipos de habitação no que respeita ao tipo e preços, de forma a atrair a diversidade sociocultural e de rendimento, por forma a propiciar maior

interacção diária e reforçar os laços pessoais e cívicos de uma comunidade. Um pouco por todo o mundo vem-se assistindo nas cidades a uma segregação crescente das comunidades urbanas, conduzindo a deterioração crescente das camadas da população com menos posses. O objectivo com esta medida é retomar o espírito de bairro, onde as pessoas têm à sua disposição uma multiplicidade de contactos sociais, empregos, serviços, comércio e equipamentos à sua disposição. Para atingir este objectivo é essencial existir a maior variedade de pessoas possível. Várias experiências e exemplos podem ser descritos acerca do falhanço das iniciativas de realojamento social. Estas proporcionam edifícios de qualidade arquitectónica duvidosa, alojamento para um só tipo de classe social, muitas vezes más condições de transporte, maus espaços públicos e equipamentos deficientes. Se juntarmos a estes factores uma população com graves problemas de integração, habilitações literárias, desemprego e outros problemas sociais, temos uma zona urbana deprimida. A solução, segundo este movimento, passa por integrar as pessoas na cidade, de uma forma coesa dando-lhes a oportunidade de construir a sua vida através de acesso a empregos, meios de transporte, equipamentos e serviços.

FIGURA 7

EXEMPLO DA INFLUÊNCIA DA EXPANSÃO DA REDE VIÁRIA NA HABITAÇÃO (WASHINGTON D.C.). EM 1999, DEPOIS DE INTERVENCIÓNADA A ÁREA, TENTOU-SE RETOMAR DE NOVO A ESCALA DE PEQUENOS EDIFÍCIOS QUE EXISTIA



Fonte: CNU, 2000:90

O quinto princípio está relacionado com os corredores de tráfego. Assim, segundo a CNU (adaptado, 2000:97), estes “[...] quando planeados e coordenados correctamente podem ajudar a organizar a estrutura metropolitana e revitalizar os centros urbanos.” Um exemplo é dado acerca da integração do metro ou eléctrico em cidades americanas como Boston, San Diego e em Dallas onde o sistema está a ser ampliado devido à enorme procura que tem. De facto as estações destes tipos de transporte em massa são cada vez mais um bem essencial de valorização de uma zona de uma cidade, e tendências de crescimento em várias cidades do mundo têm sido registadas. As pessoas preferem estes transportes devido à sua rapidez e acesso directo que são

essenciais e preciosos em cidades cada vez mais congestionadas. Além do mais, a própria presença de novas estações pode ajudar na modelação e disposição de novos bairros ou bairros a ser intervencionados, promovendo soluções mais compactas e menos dispendiosas. Afirma John Norquist, Mayor de Milwaukee em 2000 na CNU que “Estudos levados a cabo em Chicago, Los Angeles e San Francisco demonstraram que as milhas conduzidas por veículo [...] declinaram entre 14 e 30 por cento de cada vez que a densidade residencial duplicava “. Acrescenta também que, “Pessoas que vivem em comunidades razoavelmente densas servidas por transportes públicos poupam muitas vezes dinheiro porque conduzem menos ou têm menos carros por família”. A alternativa às auto-estradas no centro das cidades pode-se constituir por outro tipo de vias que além de escoarem eficazmente o tráfego através da sua articulação com outras acrescentam mais valias para o espaço público da cidade. São vias que não são recente na sua concepção como as *boulevards*, por exemplo, que podem conciliar uma multiplicidade de usos desde públicos a privados, integrando melhor as necessidades de circulação com as necessidades da cidade como espaço de vivências, actividades e cultura.

O sexto princípio reporta-se às densidades do edificado e usos do solo. Segundo a CNU (2000:101) estes devem ser programados de acordo com a distancia pedonal às paragens de autocarro ou estações de metro permitindo a que estes meios de transporte constituam uma alternativa viável ao automóvel. Neste aspecto, importantes dados são enunciados relativamente às distancias que cada um de nós está disposto a percorrer a pé para utilizar certo tipo de transporte. No caso da paragem de autocarro os residentes estão dispostos a andar cerca de 400 metros, já relativamente ao eléctrico ou metro as distâncias são um pouco maiores: 500 a 800 metros. Contudo, é importante ter em conta que estas distâncias variam de comunidade e cultura. Em cidades com um bom sistema de transportes, bons circuitos pedestres, assim como uma topografia e climas menos agrestes podem ter maiores índices de utilização deste tipo de transportes. Outro aspecto importante a ter em conta é o de que as pessoas provavelmente aceitam melhor maiores distâncias entre a sua habitação e o transporte do que entre o emprego, lojas, e o transporte. Segundo os autores, é mais fácil identificar usos do solo apropriados que densidades, quando estamos a planear a zona envolvente a uma estação de transporte público. Assim, é preferível habitações multifamiliares do que unifamiliares perto destes locais. Na maioria das comunidades, pelo menos 36 casas por hectare com uma distância de 800 metros de uma estação, sendo que 24 por hectare seria a densidade mínima desejável. Para locais mais suburbanos, de habitações unifamiliares, o ideal seria 10 a 14 unidades por hectare de forma a ser viável uma paragem de autocarro. No que respeita ao uso do solo, edifícios de escritórios devem ser localizados ao lado das paragens, por forma a os empregados poderem tirar máximo partido destes transportes. No que concerne ao comércio, o comércio de bairro é essencial no suporte às paragens de transporte público, pois fornecem serviços para as pessoas que ali entram ou saem. Já as grandes superfícies comerciais podem servir como pontos nodais de confluência de linhas de transporte. Escolas de qualquer formato devem estar sempre perto destas estações, enquanto que relativamente à indústria, só as de mão de obra mais intensiva devem estar perto de uma paragem. Assim, é bastante importante redefi-

nir as políticas de planeamento de acordo com a integração dos meios de transporte com o desenvolvimento urbano. Só através desta conjugação se podem planear as zonas urbanas de uma forma sustentável.

O sétimo princípio diz respeito à liberdade de acesso aos equipamentos, serviços, espaços públicos por parte de todos os grupo de população. O tipo de crescimento urbano a que se tem assistido, além de privilegiar um tipo de transporte, privilegia, por exclusão de partes, todas as pessoas que não têm acesso, dinheiro, ou capacidade de conduzir um automóvel. São grupo como as crianças, os jovens, os idosos, as pessoas portadoras de deficiência que mais sofrem com este tipo de desenvolvimento. Quando as pessoas mais idosas ou com mobilidade reduzida se deslocam a pé, encontram um sem número de obstáculos que os impedem de circular adequadamente ou de todo. Isto deve-se a políticas sucessivas de planeamento que não estão focadas no peão, no uso do espaço do passeio como um espaço verdadeiramente útil de transporte pedonal ou ciclável. Pessoas sem acesso a uma viatura, muitas vezes perdem horas em transportes públicos devido a uma rede de transportes com poucos recursos e mal articulada com a tendência de desenvolvimento urbano. Já no que respeita às crianças, cada vez mais estas passam maior tempo sozinhas, não só devido à mudança na estrutura do trabalho, nomeadamente na entrada da mulher no mercado do trabalho e alteração dos horários de trabalho, mas também devido ao crescente tempo de deslocação dos seus pais na multiplicidade de tarefas que estes exercem durante o dia. De realçar no aspecto das crianças, a importância que a escola tem para moldar toda a sua envolvente. O enquadramento da escola no bairro ajuda ao reforço da estrutura de bairro e a participação da comunidade e pais na vida da escola, pois é um símbolo com o qual se identificam. Estas podem representar o centro de um bairro com usos complementares à volta como centros de dia, parques, mercearias, etc. Assim há que privilegiar o acesso a estes equipamentos de acordo com os seus utilizadores.

O oitavo princípio está relacionado com os códigos de design urbanos, que podem melhorar a capacidade económica, e desenvolvimentos harmonioso de um bairro. Códigos ou regulamentos de edificação e planeamento urbano não são instrumentos recentes. Já no século XIX em Paris estes eram aplicados para controlar a expansão das avenidas de Paris. Existem uma série de regulamentos hoje em dia que controlam e normalizam uma série de procedimentos na cidade, contudo, é importante à luz da proposta da CNU, repensar que tipo de itens devem ser de facto controlados e com que fins. Segundo esta proposta, deve existir uma compatibilidade entre o edificado, nomeadamente, edifícios com a mesma dimensão assim como estilo arquitectónico, independentemente dos seus usos que poderão variar com o tempo. Os tipos de edifícios são considerados compatíveis quando asseguram privacidade, segurança, e uma qualidade consistente da frente de rua. Assim, a regulamentação deve ter um balanço entre compatibilidade (listagem de tipos de edifícios permitidos e codificação de como estes se relacionam entre eles e a rua) sem inibir a criatividade e efeito visual (edifícios devem ser vistos como distintos e com identidade própria). Algumas recomendações são feitas pela CNU no que respeita à implementação futura de regulamentos deste tipo:

- Aplicação de um plano regulador ilustrando as diferenças entre as várias zonas (zonas rurais, corredores, bairros, e zonas), lotes públicos e lotes privados. Os *layouts* já existentes de edificado e ruas, quando adequados, podem ser usados como os standards para o plano específico de determinada zona;
- Definir os vários tipos de usos de edificado criando um standard;
- Regular os aspectos dos edifícios privados que interferem com o espaço público como são o caso das entradas, parques de estacionamento, altura, etc...
- Normas de arquitectura que asseguram a compatibilidade visual entre edifícios distintos através do material, e outros itens;
- Controlo da dimensão das vias para automóveis e peões, sendo que para as ruas existentes que não cumprem os requisitos, criar possibilidade de readaptação;
- Existir um controlo coerente da paisagem urbana tanto ao nível dos edifícios públicos como privados.

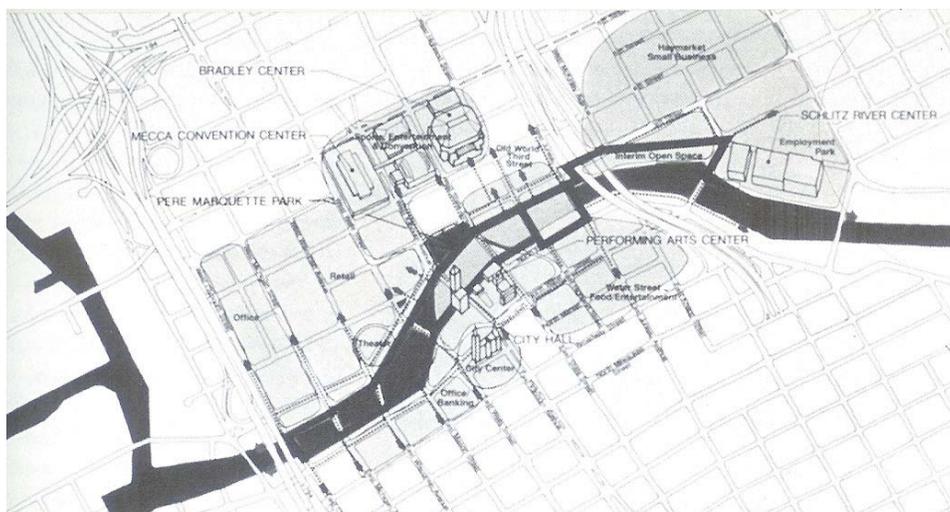
Finalmente, o nono princípio enunciado por esta carta relativamente aos bairros diz respeito aos espaços verdes, os quais devem incluir um variado lote de parques e usos similares, e entre bairros ou zonas a gestão das zonas de conservação e solos expectantes, que servirá para ligar estas diferentes formas urbanas. Os espaços verde são essenciais para qualquer comunidade pois criam um balanço e harmonia essenciais para o bem-estar dos habitantes da cidade. Fazem-no em consonância com outros espaços como o são as praças, largos e outros. O contraste entre estrutura construída, rígida, com algo natural e orgânico, é importante pois alivia a carga impessoal da construção.

Este tipo de espaços são também fulcrais pois ajudam a dar forma ao bairro e a estabelecer os seus limites. Num bairro comum é normal estes estarem directamente relacionados com a rede de ruas e travessas, assim como espaços de maior dimensão estão relacionados com o desenho do bairro como um todo. Espaços de menor dimensão como o parque infantil estão, por sua vez, mais relacionados com o lote. São assim diferentes escalas de verde que têm que ser tidas em conta. Já em 1909, Raimond Unwin no seu livro "Town Planning in Practice" descreve o papel dos espaços verdes a par dos cívicos como os elementos que verdadeiramente dão forma a um bairro (CNU,2000:116). As recomendações deste autor dirigiam-se no sentido de planear um bairro que não fosse exclusivamente de edifícios mas que tivesse também espaços comuns de partilha. Ele encorajou a criação de espaços cuidadosamente planeados de diversão para as crianças e de estar para os adultos e idosos, para que a população obtivesse ar fresco e descontraísse, isto numa época de condições deteriorantes nas cidades. De grande impacto para a importância dos espaços verdes no contexto urbano foi o livro de Ebenezer Howard em 1898 "Garden Cities of To-morrow". Os espaços verdes são também bastantes importantes no que respeita a motivos de celebração, quer seja pela existência de monumentos ou de eventos. São muitas vezes estes que dão significado ou originam este tipo de espaços. Assim revestem-se de uma importância fulcral para a identidade de uma bairro e como lugar de excelência de encontro da comunidade. Além do mais com as crescentes preocupações com o aquecimento global e "falta de saúde" das cidades, ganham uma dimensão importante no que respeita à saúde das pessoas e contacto

com a natureza, pois fornecem oxigénio, quebram barreiras sonoras, diminuem a temperatura das cidades, fornecem contacto com alguns animais e com o ciclo de vida biológico. Além do mais, nas periferias das cidades ou dos bairros ajudam a impedir o alastramento das cidades para zonas mais sensíveis em termos ambientais regulando o crescimento urbano.

Como propostas do movimento, os parques devem ser disseminados pelos bairros criando uma estrutura verde que defina e conecte estes elementos. Os parques e espaços ao ar livre podem ser planeados e organizados de acordo com os seus atributos espaciais e funções. Como parte de uma rede de espaços verdes e ao ar livre, a função do sistema de parques deverá incluir o verde das ruas envolventes, os pequenos espaços verdes, o parque infantil, lugares de desporto, parque central partilhado por um conjunto de bairros com um pavilhão, anfiteatro, jardins comunitários, corredores verdes.

FIGURA 8 EXEMPLO DE INTERVENÇÃO NA ZONA RIBEIRINHA DE MILWAUKEE, USA



Fonte: CNU, 2000:115

• A escala da rua

A última escala de análise da CNU é o lote, rua e edifício. É dada especial atenção às estratégias de desenho urbano que reforçam a escala humana tendo em conta as novas realidades contemporâneas. Os usos relacionados com o comércio e aspectos cívicos precisam de ser reconduzidos para o nível do bloco para que exista uma ligação com a comunidade. Alguns aspectos abordados na CNU são as características arquitectónicas do edificado, segurança, problemas dos espaços exclusivos para pedestres, características padrão para aferir as boas vivências resultantes de ruas e

praças, problemática do espaço público, relação entre edificado e envolvente, centros históricos entre outros.

Assim, o CNU é o culminar de uma evolução que teve a sua origem nas críticas então feitas nos anos 50 e 60 por Jane Jacobs, Wilima Whyte entre outros à então conhecida como “arquitectura moderna”. É assim entendido por estes autores que o movimento do Modernismo é um movimento anti-cidade. No presente, cada vez mais se tem vindo a afirmar a ideia que uma cidade é um local de diversidade, escala humana e qualidade do espaço público, o que tem contribuído para uma maior afirmação do movimento do Novo Urbanismo. É uma nova tendência resultante da falência apoiada em muitos dos princípios do Modernismo (muitas vezes desvirtuados) e também do novo contexto urbano, social, económico e climático. A noção que o subúrbio orientado para o automóvel era sustentável é hoje algo por muito poucos defendido. Grupos ambientais têm defendido os ecossistemas e terras agrícolas que começavam a ser seriamente ameaçados, activistas dos centros históricos começaram a revitalizar os centros históricos, grupos de preservação de herança cultural e histórica expandiram a sua área de actuação, entre outros. Destas iniciativas nasce o Congresso para o Novo Urbanismo que tem como função unir estas perspectivas em torno de um grupo. À semelhança de outros movimentos, o “Novo Urbanismo” procura dar resposta aos grandes problemas atrás descritos como o crescimento disperso, decadência urbana, desinvestimento no centro das cidades, zonamento entre outros, mas a diferença observada é a aplicação de três escalas de análise, que permitem melhor implementar os princípios propostos. E neste ponto podemos observar uma importante mudança visto que já há algum tempo não se assistia a uma tentativa bem sucedida de fazer vingar uma nova teoria sobre o crescimento das cidades desde a Cidade Jardim ou o Congresso Internacional de Arquitectura Moderna (CIAM) nos anos 20. A partir desta visão integrada pode-se melhor propor soluções de qualidade e efeitos significativos na cidade, visto cada vez mais estas escalas estarem interligadas, no fundo é a noção de globalização, emergência das áreas metropolitanas, maturação dos subúrbios, revitalização dos centros históricos que influem na necessidade de nova visão.

Para alguns autores este movimento é entendido não como um complexo sistema de políticas e princípios de desenho urbano mas como um movimento conservador para recuperar o passado ignorando a contemporaneidade. Os seus defensores argumentam que os seus objectivos são muito maiores do que a simples conservação das cidades e o desenho urbano. Passam sobretudo por dois pontos estruturais que estão bastante relacionados com a capacidade de aquisição e localização: diversidade económica e regionalismo. A diversidade económica está estritamente relacionada com um leque variado de tipos de habitações assim como usos funcionais dentro de cada bairro, o que conduz para a existência de várias classes sociais num mesmo bairro. É um aspecto bastante importante pois visa o equilíbrio da estrutura social das cidades que se encontra cada vez mais fragmentada, e que em casos extremos, resulta numa cidade de guetos que inevitavelmente conduz ao enfraquecimento da coesão social, capacidade económica e desenvolvimento de uma cidade. O outro aspecto é a importância da região como escala essencial de planeamento urbano. É

necessária a existência de planos regionais que suportem as decisões que se tomam relativamente aos limites da cidade, solos envolventes, contenção da dispersão urbana, preservação dos ecossistemas, planeamento do transporte. A acompanhar estes planos regionais, várias políticas que devem ser implementadas tanto a nível fiscal como a nível da habitação.

3.4. DESAFIOS A SUSTENTABILIDADE NAS CIDADES

Existem, apesar das vantagens delineadas relativamente ao urbanismo sustentável, desafios e barreiras que impedem a melhor aplicação deste conceito numa escala mais lata daquela que tem vindo a ser implementada. A tendência que se tem observado de fluxos em direcção aos subúrbios tem propensão para deixar de se sentir com tanta veemência, não só porque estes começam a não ter muito espaço por onde se expandir, mas também porque as pessoas, sobretudo as mais jovens, procuram cada vez mais estilos de vida mais urbanos, relacionados com a cultura ou desporto e que não têm resposta nos subúrbios. É também devido a este facto que o urbanismo sustentável tem tido uma projecção maior não só nos estudos que têm sido feitos mas também na sociedade de uma forma geral. Contudo, é ainda com lentidão que este conceito se afirma, sobretudo porque é difícil mudar as mentalidades, o que de resto prova a longa caminhada que o conceito de desenvolvimento sustentável teve para se conseguir finalmente afirmar como um ponto-chave das políticas dos governos.

Assim, Farr (2008:53) identificou três grandes desafios para a implementação do urbanismo sustentável.

O primeiro é o da criação de um mercado para o urbanismo sustentável. Este mercado para ser criado precisa não só de uma ideia coerente relativamente ao produto que é oferecido, às soluções que poderá implementar, como também de um público-alvo que tenha as necessidades ou que reconheça as suas necessidades. Neste último ponto, e como atrás foi descrito, têm sido feitos progressos, pois devido à nova dimensão que tem tido o problema das alterações climáticas, associada à escassez dos recursos energéticos não renováveis, tem conduzido a uma importante mudança de mentalidades e à procura por parte dos governos, mas também de poderes locais, de soluções de integração do urbanismo com o ambiente. Por um lado existe a indústria que cada vez está mais interessada em produzir soluções únicas pois sente que é um mercado que ainda dá os primeiros passos e onde “tudo é possível”, por outro assistimos à importante “propaganda” que tem sido levada a cabo por agentes locais relativamente à sustentabilidade. Aqui, existe também um desafio aos investigadores e movimentos que existem nesta área, o de clarificar as posições e *outcomes* e o de desenvolver tecnologias e políticas que tenham realmente uma dimensão empírica e competitiva quando comparadas com as existentes.

O segundo desafio é o de dismantelar uma série de dogmas que têm vindo a serem postos em prática assentes em princípios que hoje em dia se encontram desajustados da realidade. Estes princípios tomam a forma de uma série de regulamentos, subsí-

dios e standards, que têm mantido a lógica suburbana e de consumo insustentável. Soluções para mudar esta tendência podem ter como exemplo o caso da parceria entre o Congresso do Novo Urbanismo e o Instituto dos Engenheiros de Tráfego dos Estados Unidos, no qual produziram um manual com standards de desenho de infra-estruturas de transporte, apoiado na ideia da via desenhada para o peão e que é adoptado aquando da construção de algumas vias, estando já em acção à dez anos. Muitas das barreiras para a implementação do urbanismo sustentável resultam da falta de integração das diferentes legislações que existem, e é através deste campo que novas iniciativas podem vingar.

O terceiro desafio é o da implementação de uma política a nível nacional de urbanismo sustentável. Têm existido iniciativas mas a título pontual, como por exemplo, melhor iluminação, reciclagem, mas não são suficientes. A realidade das alterações climáticas, diferindo um pouco no nível de aumento da temperatura, é um facto que a maioria dos cientistas não nega, e têm que ser tomadas acções estruturais. Sendo importantes os avanços tecnológicos não só ao nível de produção de energia, como também de mobilidade (carros eléctricos), é no ambiente construído que se têm que processar as principais alterações.

Para Isabel Marques (CCDR-LVT) o desafio consiste nas “[...] acções de sensibilização, e cada vez mais com envolver as pessoas nos processos, quero dizer, [...] não é só criar os processos, é envolver as pessoas na criação, elaboração e gestão dos processos, é quase como vestir a camisola, as pessoas sentirem que aquele projecto, aquela acção também é delas é algo que lhes pertence”. Na sua opinião a governância é essencial: “Tem que haver esta governância no sentido de articular, de criar uma consciencialização comum, de pensar no colectivo, de todos trabalharem para o mesmo e não desperdiçar esforços” (Marques, Anexos, tabela 73). Por sua vez Tiago Farias também partilha da mesma opinião “É um problema de governância, não é um problema tecnológico. (A tecnologia) é um complemento, eu não quero edifícios com painéis fotovoltaicos se as pessoas viverem num bairro denso, em que os prédios têm cinco andares, o telhado não dá para fazer nada mas é melhor do que viverem todos dispersos [...] cheios de painéis fotovoltaicos” (Farias, Anexos, tabela 73).

Para John Fernandez o desafio para a melhor análise do problema da sustentabilidade urbana passa por: “[...] a focus on cities with the majority of population, and with the majority of economic activity, income, concentration and consumption, [...] (and above all in the) high wealth households. So, targeting (those) households around the world, not necessary country by country, but really just in terms of income levels that relate to consumption levels, a lot of those high wealth income households are either in cities or orbiting around those cities, but basically in cities, because they are agents of economic activity and innovation and are also of interest for people who study climate change and greenhouse gases” (Fernandez, Anexos, tabela 73).

Capítulo 4

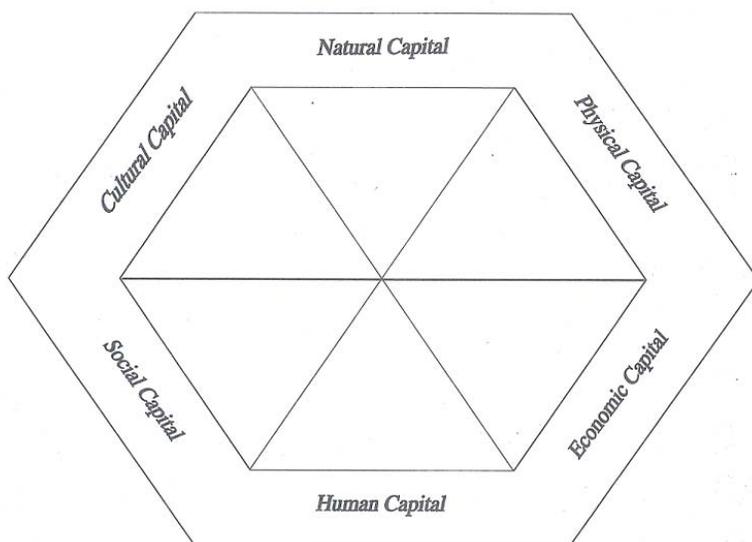
Comunidades Sustentáveis e Capital Social

4.1. CARACTERIZAÇÃO DO CONCEITO DE COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS

Como referido anteriormente, o conceito de sustentabilidade ganhou importância num contexto de insustentabilidade urbana e de um forte sentido de entendimento global do problema. Com a popularização do conceito, e com a ênfase de instituições como a ONU e vários governos neste tema, alguns movimentos associados à sustentabilidade urbana ganharam importância. De entre estes o movimento que irá ser analisado e que representa o cerne desta tese é o das Comunidades Sustentáveis. Este foi escolhido pela importância que concede à componente social e comunitária da sustentabilidade que muitas vezes é relegada para segundo plano, como elemento essencial para uma cidade. Algumas definições são apontadas para este conceito. Assim, a Geographical Association and Academy for Sustainable Communities (GAASC, Junho 2009) define-o como “[...] the places where people want to live and work, now and in the future. They meet the diverse needs of existing and future residents, are sensitive to their environment, and contribute to a high quality of life. They are safe and inclusive, well planned, built and run, and offer equality of opportunity and good services for all.” Já Egan (2004:18) no relatório “Skills for sustainable communities” apresenta a seguinte definição: “Sustainable communities meet the diverse needs of existing and future residents, their children and other users, contribute to a high quality of life and provide opportunity and choice. They achieve this in ways that make effective use of natural resources, enhance the environment, promote social cohesion and inclusion and strengthen economic prosperity.” Roseland (2005 *in* Minnesota SEDEPTF, 1996) no seu livro “Towards Sustainable Communities” define comunidades sustentáveis como aquelas que promovem “[...] a better quality of life for all its residents while maintaining nature’s ability to function over time by minimizing waste, preventing pollution, promoting efficiency and developing local resources to revitalize the local economy”. É crucial para o entendimento do conceito de comunidade sustentável, o conceito de capital comunitário. Assim, capital comunitário em termos de desenvolvimento sustentável pode ser vis-

to como um bem ou capital, que é criado dependendo tempo e esforço em actividades de transformação ou transacção segundo Ostrom (citado por Roseland, 2004:4). Na perspectiva das comunidades sustentáveis, o capital comunitário divide-se em capital natural, físico, económico, humano, social e cultural. Capital natural pode ser entendido como o stock de bens naturais que transmitem um fluxo de bens e serviços valiosos no futuro, e que podem ser divididos em: recursos não renováveis, capacidade finita dos sistemas naturais de produzir (recursos renováveis), e a capacidade dos sistemas naturais em absorver as emissões e poluentes sem efeitos secundários. O capital físico é o *stock* de recursos materiais como equipamentos, edifícios, maquinaria, e outras infra-estruturas que podem ser usadas para produzir um fluxo de rendimento. Capital económico está relacionado com a forma como os recursos são alocados e como as pessoas tomam decisões acerca da sua vida material. É importante fortalecer o capital económico para dar melhor uso a menores quantidades, maximizando os recursos. O capital humano compreende saúde, educação, competências, saber, liderança e acesso a serviços, sendo que necessita de uma manutenção constante através de investimentos que são caracterizados por tempo dispendido ao longo da vida (Ostrom citado por Roseland, 2004:8). Capital cultural é o produto da experiência partilhada através de tradições, costumes, valores, herança, identidade e história e está estritamente relacionado com o capital social. O último tipo de capital, o capital social será analisado no capítulo a seguir, devido à sua importância no contexto do conceito de comunidades sustentáveis e sobretudo no contexto desta tese, onde se pretende aferir a relação entre estes dois conceitos tão importantes.

FIGURA 9 VÁRIOS TIPOS DE CAPITAIS RELATIVOS AO CONCEITO DE COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS



Fonte: Roseland, 2004:13

4.1.1. A COMUNIDADE SUSTENTÁVEL

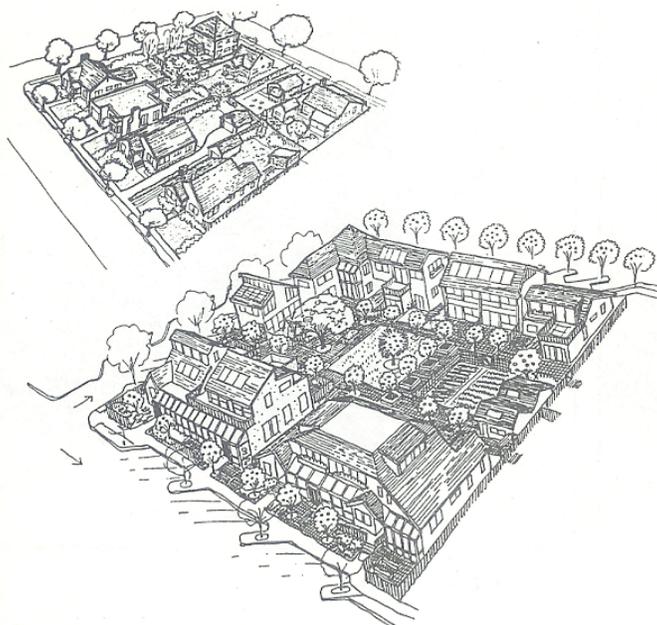
O movimento das comunidades sustentáveis apresenta uma forma de pensar os aglomerados urbanos como ecossistemas. Segundo alguns autores (entre os quais alguns ligados ao campo do metabolismo urbano como Kennedy (2007), Fernandez (Anexos, tabela 73), a cidade pode ser pensada como um ecossistema. Por detrás deste conceito está a ferramenta que permite analisar as relações complexas entre o homem e o ambiente, e como comunidades podem organizar as suas actividades para atingir as necessidades humanas e do ambiente. Assim como um sistema natural, um ecossistema urbano transforma a energia e os materiais em produtos que depois são consumidos ou exportados. Num ecossistema natural estes produtos são reciclados, enquanto que no sistema urbano actual, a maioria dos produtos não é desenhada com vista a esse fim. Assim, o impacto da actividade humana no ambiente pode ser ilustrada pelos movimentos de pessoas e materiais, fluxos de energia e capital, localização onde a energia é armazenada ou gasta, taxas de uso de resíduos gerados e reciclados. É assim necessária uma nova forma de organização social que possibilite uma melhor integração destes sistemas naturais. O desafio que se apresenta é o de consolidar a malha urbana, portanto, preservar as áreas rurais e impedir a expansão da malha urbana, urbanizando as áreas vazias ou pouco consolidadas que esta apresenta. Tal pode ser feito através da re-urbanização dos centros urbanos, reorientação da infra-estrutura de transporte para longe do automóvel, diminuir os subsídios ao automóvel, e garantindo uma cultura urbana mais orientada para o espaço público, com design atractivo, e suportado por medidas de tráfego que encorajem o uso da bicicleta, e a deslocação pedonal.

A forma urbana ideal vai depender da natureza das opções de oferta de energia e da forma como se conseguem adaptar estas cidades a novas realidades. Segundo Fernandez "There have been basically two distinct groups of socio-metabolic regimes: the pre-fossil fuels and the fossil fuels, and now there is the idea that we are entering a third (group), the post-fossil fuels [...]. It is very clear that lots of cities, maybe most of the cities of any size were developed, were located, grew, and matured, especially in Europe, during the pre-fossil fuels socio-metabolic regime. During that socio-metabolic regime the least expensive [...] transportation mode was by water, so you had lots of cities located on coasts, rivers, and bodies of water, and they were dense they don't needed to accommodate cars. Those kind of cities now are very difficult to deal". A solução passa por saber adaptar cada contexto com as políticas e tecnologias mais adequadas. Assim, altas densidade fazem um uso mais eficiente do aquecimento de bairro e das redes de transporte públicas, enquanto que baixas densidades podem tornar a energia solar mais viável. A localização, densidade e forma do novo empreendimento, devem assim ser determinados em conjunção com programas de tecnologia de distribuição e eficiência energética (Owens, 1990; Cities-Plus, 2003 *in* Roseland, 2007:21). Fernandez (Anexos, tabela 73) alinha também por esta afirmação "If in the 50 next years fossil fuels become extraordinarily expensive, and there is interest and economic benefits of less energy intensive modes of transportation, water will become much more important than those cities that developed under the previous socio-metabolic regime and we will have a new revival of their rationality that contributed to the location were they are. So my basic point is that

even thou we suggest that will be zero carbon cities, actually, what we were left with, is we are left with the legacy of cities that were designed with a rationale of a completely different socio-metabolic regime, and we have to contend with them". Assim, o que é demonstrado é que o 'padrão' de crescimento é mais importante que a 'quantidade' de crescimento para a determinação do nível e eficiência do uso dos recursos e do congestionamento de tráfego. Mostram também que um objectivo crítico para as comunidades sustentáveis é o uso mais eficiente do espaço urbano, bastante compatível com os objectivos do capital comunitário, em particular com os de minimizar o consumo do capital natural e o de multiplicar o capital social.

A solução é adoptar um tipo de planeamento mais criativo, que aproveite ao máximo o espaço existente, e que opte pela concentração dos vários tipos de actividades. Pode ser visto na figura 10 o exemplo para um conjunto suburbano. Neste caso, um conjunto de habitações unifamiliares caracterizadas por quintais e garagens pouco utilizados, foi transformado naquilo que o autor apelida de "conjunto urbano cooperativo". Este conceito gira à volta de algumas pequenas actividades, podendo mesmo ser familiares, pode ser redesenhado para locais de antigos parques industriais, centros comerciais, complexos de escritórios, ou, como pode ser observado na figura abaixo, ser o centro de uma vila dinamarquesa, com uma casa comunitária, traseiras

FIGURA 10 CONJUNTO URBANO COOPERATIVO

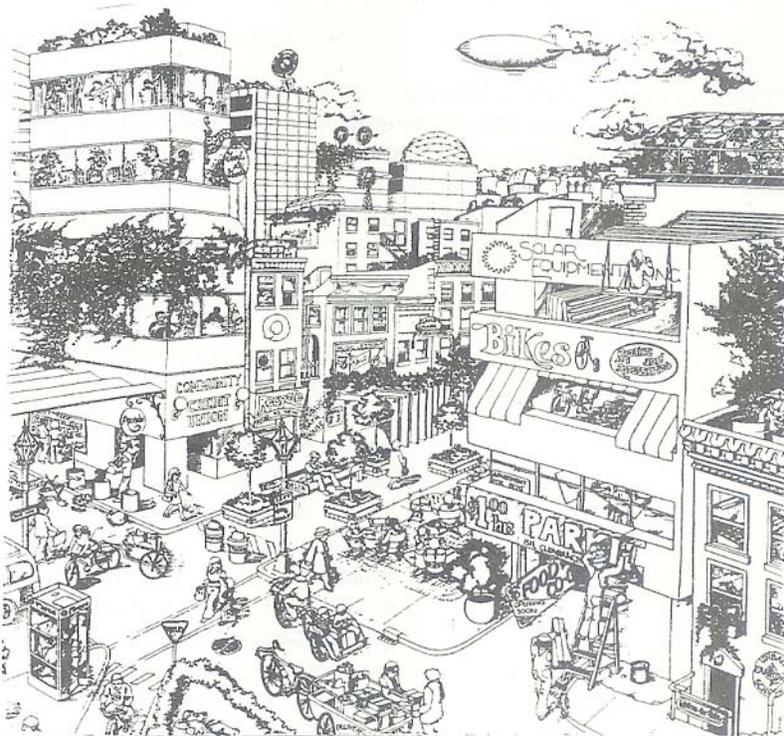


Fonte: Roseland, 2004:23

comuns, parque comum, e recursos comuns. Várias formas de propriedade são possíveis e as potenciais vantagens económicas incluem a redução dos custos de habitação ao criar mais unidades, alugando unidades, e permitindo pequenas indústrias ou comércio. Ao permitir um preço mais baixo permite também que o público-alvo seja maior. É um repensar de certas características de modelos de habitação já usados como as cooperativas de habitação, ou dos bairros operários, contudo o que se pretende é uma visão mais pluralista, de concentração de várias classes de pessoas, de partilha do espaço que é público, de fácil adaptação física e funcional do espaço a várias características, no fundo, um uso mais eficiente e partilhado do espaço.

Outro exemplo, agora aplicado ao centro da cidade é o presente na figura 11. No fundo esta figura representa um cenário idílico de síntese da várias ideia de sustentabilidade urbana, como usos mistos; ruas desenhadas para o peão, bicicleta, e transporte público; forte dependência de recursos renováveis, jardins nos telhados; tratamento separado do lixo. De notar também a integração do trabalho e da casa, que necessariamente reduz o tempo de deslocação.

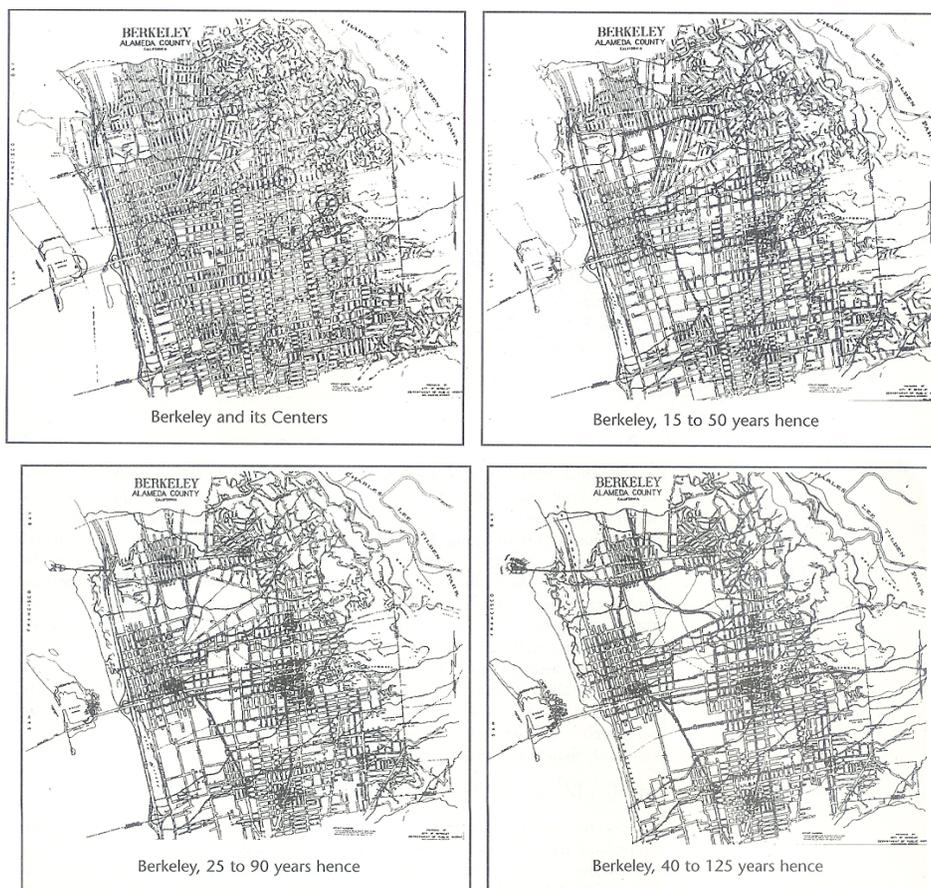
FIGURA 11 UMA VISÃO DE UMA CIDADE SUSTENTÁVEL



Fonte: Roseland, 2004:23

A uma escala regional o que se pretende é o desenvolvimento nodal, portanto, cada núcleo urbano desenvolver-se de dentro para fora e não de uma forma irregular criando depois assimetrias regionais. Ao atingirem um determinado tamanho, estes núcleos devem crescer em direcção à sua união e não em direcção às zonas rurais.

FIGURA 12 CRESCIMENTO DE BERKELEY, USA, COMO EXEMPLO DE CRESCIMENTO À VOLTA DE NÚCLEOS URBANOS



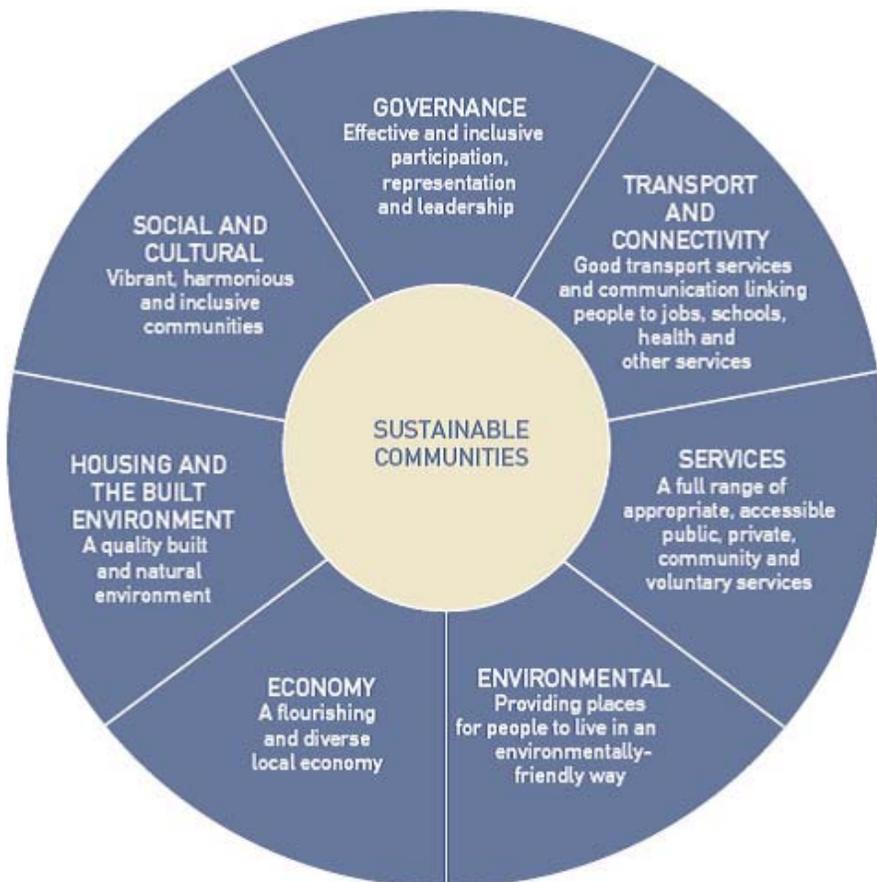
Fonte: Roseland, 2004:24,25

4.1.2. COMPONENTES DAS COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS

Como foi atrás descrito, o conceito de comunidades sustentáveis intervém numa série de áreas que estão relacionadas com os vários aspectos que caracterizam a vida numa cidade. Egan no relatório *"The Egan Review: Skills for Sustainable Communities"* (2004), identificou sete componentes que caracterizam e aplicam o conceito de Co-

munidades Sustentáveis. Elas estão todas interrelacionadas, e têm como objectivo focar cada elemento constituinte de uma comunidade. Uma sub-componente está por sua vez presente entre todas sendo esta a seguinte: “todas as comunidades têm que ser de alta qualidade, bem desenhadas, mantidas, seguras, acessíveis, adaptáveis, e ambientalmente e economicamente providas” (adaptado Egan, 2004:20). As componentes definidas são assim a governança, transportes e conectividade, serviços, ambiente, economia, habitação e ambiente construído e sociedade e cultura, sendo que para cada componente é definido um princípio que a caracteriza (ver figura 13).

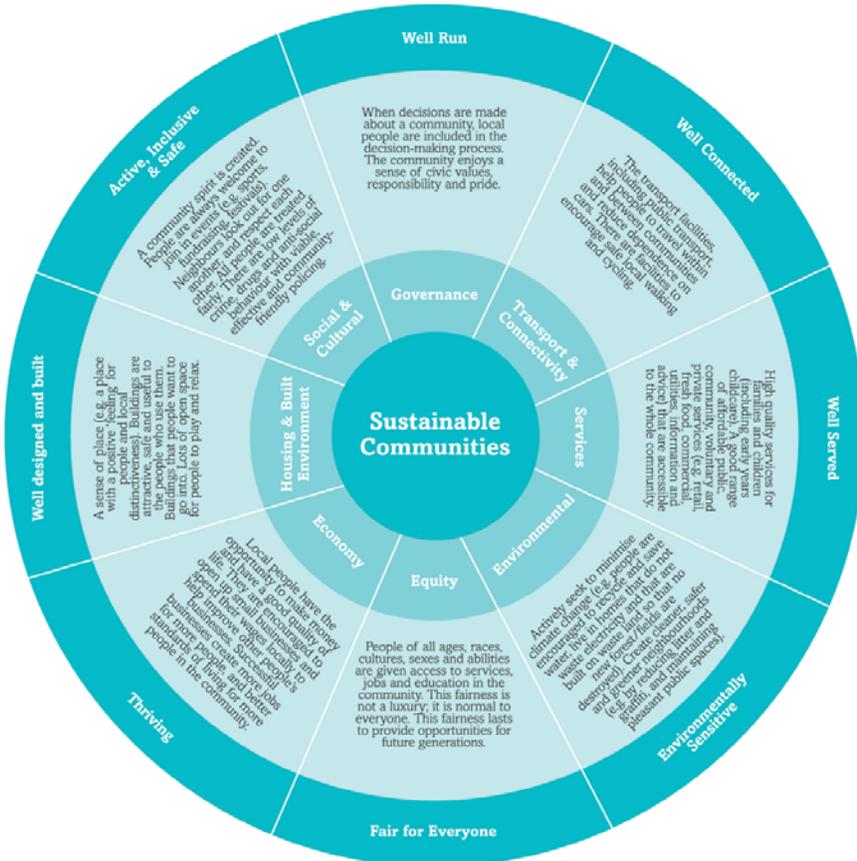
FIGURA 13 COMPONENTES DAS COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS SEGUNDO EGAN



Fonte: Egan, 2004:19

Já a 'Homes and Communities Academy', na sua publicação "*Making Places: creating sustainable communities. A teachers guide to sustainable communities*" (GAASC, Julho 2009), desenvolve a noção das componentes de Egan, acrescentando mais uma, a da equidade, e desenvolvendo os atributos de cada uma das componentes.

FIGURA 14 COMPONENTES DAS COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS REVISITADAS



Fonte: GAASC, Julho 2009

Para responder a estas componentes, Egan (Anexos, Fig.1) definiu também um conjunto de competências que têm que ser tidas em conta e potencializadas para a melhor aplicação do conceito. Cada uma das competências tem públicos alvos distintos e podem ser usadas em três tipos de situações: nas ocupações centrais ('*core occupations*'), as ocupações associadas ('*associated occupations*') e por fim no envolvimento da comunidade ('*community engagement*'). As ocupações centrais reportam-se às pes-

soas que intervêm directamente na comunidade e são imprescindíveis para o funcionamento desta, já ocupações associadas reportam-se à pessoas que nem sempre estão a dar apoio à comunidade, não mantendo muitas vezes uma ligação directa com esta, e por fim, envolvimento da comunidade reporta-se ao conjunto de pessoas que não está envolvido na comunidade, na sua sustentabilidade e que precisa de ser informado para se manter a par desta (ver figura 15).

FIGURA 15

COMPETÊNCIAS TIDAS EM CONTA NO CONCEITO DE COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS



Fonte: GAASC, Julho 2009

Relativamente às competências elas são:

- **Visão inclusiva**, reporta-se às formas inovadoras de pensar tendo em conta a comunidade, ganhar a aderência das pessoas e estabelecer um futuro para esta mesma comunidade;
- **Gestão de projectos**, através da definição clara de objectivos e do fim condutor de forma a atingir resultados mensuráveis, através da construção de uma equipa e usando os planos e uma análise crítica para definir tarefas, calendários, monitorizar o progresso e a qualidade dos resultados;
- **Liderança nas comunidades sustentáveis**, através da inspiração de outros a todos os níveis, sejam eles na formação de pessoas, reflexão sobre a visão do bairro, análise de más *performances*, levando as pessoas a contribuir para as suas comunidades, através de investimento interno para as tornar sustentáveis no futuro;

- **Pensamento inovador**, fomentar a criatividade, criação de redes, relacionar pessoas, técnicas e planos de backgrounds diferentes como suporte de cada componente e como potencializador de mais do que a soma das partes;
- **Parceria entre equipas**, a habilidade de criar um ambiente em rede, onde a discussão de opiniões é constante, os conselhos são recompensados, e as equipas são criadas com as qualificações certas;
- **'Fazer acontecer coisas'** apesar das contrariedades, dando o ênfase necessário de recursos para assegurar que os objectivos são cumpridos, centrar as atenções nos aspectos práticos e exequíveis e não desperdiçar as capacidades em projectos megalómanos; gestão de processos, ter em atenção que os processos são geridos e continuamente melhorados, percebendo-os e descobrindo como melhorá-los, não ter medo da mudança e destituir processos que não são necessários;
- **Gestão financeira**, assegurando que os custos económicos, sociais e ambientais são percebidos, assim como a habilidade de criar e gerir um plano de negócios e contractos associados, percebendo risco/recompensa para todos os *stakeholders*, ter conhecimento de onde o financiamento para a comunidade provém, como se atrai e como construir o caso de negócio para a sustentabilidade e prosperidade a longo prazo de uma comunidade;
- **Gestão dos stakeholders**, que se traduz na comunicação e construção de relações com e entre os *stakeholders*, percebendo o seu impacto relativo e importância, aplica-se especialmente a políticos e inclui o entendimento em como os motivos políticos conduzem as pessoas em tempos e razões diferentes;
- **Análise, processo de decisão, aprendizagem com os erros e avaliação**, que estão relacionados com o assegurar que as decisões são tomadas com base em facto disponíveis e com base em experiências passadas, sendo necessário identificar tendências e tomar decisões baseadas nelas, encorajar a tomada de riscos informados não penalizando o falhanço quando as pessoas genuinamente tentavam fazer o acertado, partilhar exemplos de projectos que não funcionaram e aprender porquê; comunicação, no sentido de ser capaz de comunicar em diversas formas e para um grande conjunto de profissionais, o público em geral, os media, escolas locais, políticos, e pessoas de negócios;
- **Resolução de conflitos**, através do entendimento das dinâmicas de conflito e como atingir o acordo mútuo, demonstrando a ética das boas práticas, incluindo o respeito por todos os partidos, tolerância com diferentes tipos de pessoas e a importância da honestidade;
- **Opinião e feedback da população**, no sentido de ser capaz de identificar os cidadãos, construir relações e criar diálogo.

Neste estudos por motivos de exequibilidade, não foram analisadas todas as componentes definidas por Egan, mas antes três, que de acordo com as características do caso de estudo, foram entendidas como as mais relevantes na aplicação do conceito de comunidades sustentáveis: componente sociocultural, serviços e equipamentos e transportes e conectividade.

• Componente Sociocultural

A componente sociocultural, de acordo com Egan (GAASC, Julho 2009) tem como atributo o facto de ser activa, inclusiva e segura. Tem como objectivo ser justa, tolerante e coesa com uma cultura local forte e outras actividades comunitárias partilhadas. Há luz das comunidades sustentáveis esta componente deve oferecer um sentido de identidade e pertença à comunidade; respeito por pessoas de diferentes culturas e credos; cooperação e espírito de abertura com os bairros vizinhos; oportunidades para o lazer, cultura, desporto e outras actividades que sejam acessíveis para idosos e crianças; baixos níveis de crime, drogas e comportamento anti-social suportados por vigilância comunitária e inclusão social.

Farr (2008:146) dá como exemplo os ‘terceiros lugares’ (*Third Places*) um termo criado por Robert Oldenburg no seu livro “The Great Good Place”, e que são bastante importantes na afirmação desta componente. Assim, os ‘terceiros lugares’ não correspondem nem há habitação nem ao local de trabalho sendo abertos ao público e sendo locais onde as pessoas se reúnem informalmente de uma forma regular. Normalmente tornam-se locais de encontro regular porque assim as pessoas os designam, sendo facilmente acessíveis para a maioria da população, confortáveis, e abertos num mínimo de 16 horas por dia, 5 a 6 dias por semana. Muitos, mas não todos servem comida, bebidas, o que encoraja as pessoas a ficarem mais tempo nestes locais. Alguns exemplos destes locais são os cafés, parques, livrarias, igrejas, estações. Oldenburg (*in* Farr, 2008:146), descreve sucintamente o tipo de interacções que aqui são estabelecidas, baseadas na confiança, encontro, e criação de laços, portanto locais extremamente importantes na construção de capital social. Estes locais ajudam as pessoas a expandir as suas redes de contactos, facilitando o encontro imediato ou espontâneo com pessoas que normalmente não iriam encontrar no trabalho ou em casa. Neste aspecto, de realçar a importância que estes locais podem ter para a multiculturalidade, o encontro de culturas díspares e de pessoas de várias condições, que em outros casos, como no trabalho, seria bastante difícil de se originar, visto serem normalmente locais compostos por estratos mais homogéneos da população. São assim cruciais estes locais para o inter-conhecimento entre as várias pessoas que compõem uma comunidade, que propicia por sua vez o respeito mútuo, a possibilidade de se estabelecerem relações de confiança, e o reforço dos laços de comunidade. Estes locais também têm uma importância económica, pois servem de mercados informais para os serviços, emprego, e empreendedorismo. Não é por acaso que em alguns cafés existem ofertas de emprego, e muitas vezes é aqui que nascem negócios ou ideias interessantes. Neste aspecto de sublinhar a importância do comércio tradicional, gerido pela família, e como uma personagem chave, ou como definida por Jane Jacobs (1961) um personagem social (*social character*), no fundo o dono do café, da mercearia, da loja, que conhece todos no bairro e serve de elo de ligação entre as pessoas. A relação que estas têm com ele é de confiança e o limite da privacidade é informalmente mantido. A diferença entre as lojas tradicionais e as restantes é que estas preocupam-se com o bairro porque são originárias deste, enquanto que as outras não.

FIGURA 16**'TERCEIROS LUGARES' SEGUNDO FREQUENTADORES, CATEGORIAS E CAPITAL SOCIAL GERADO**

Third Place Criteria—Outdoor		Time of Day			
Target Audience	Needed Facilities	7	12 pm	6	11
Dog owners	Dog park	■		■	■
Preschool children	Tot lot		■	■	
Students	Play lawns, hangout space		■	■	
Nonworking adults	Lawns, benches, and sitting areas		■	■	
Working professionals	Lawns, benches, and sitting areas	■	■	■	■
Working parents	All of the above			■	■

Third Place Criteria—Indoor		
Categories	Urban	Sprawl
Method of arrival	Walk/bike	Car
Parking	Bike	Free parking lot
Operating hours	16/day	16/day
Opening time	6 A.M.	6 A.M.
Days per week	6-7	5-6
Adjacent uses	Bookstore, laundry	Church, library
Siting	Main Street, preferably a corner	Strip mall
Range	Coffee shop/diner/pub	Coffee shop/diner/pub
Information	Kiosks	Kiosks

The Relative Social Capital of Coffee Shops		
Categories	High Social Capital	Low Social Capital
Ownership	Locally owned	Chain
Staff profile	A neighborhood character	Barista
Kiosks	Encouraged	Prohibited
Location	Walk-to	Drive-to

Fonte: Farr, 2008:147

• Componente serviços e equipamentos

A componente dos serviços e equipamentos, de acordo com Egan (GAASC, Julho 2009), diz respeito a uma comunidade bem servida, com serviços de carácter público, privado, comunitário e voluntário que são apropriados às necessidades das pessoas e acessíveis a toda a população. Uma comunidade sustentável, na óptica desta componente deverá ter escolas locais, instituições de ensino superior e outras oportunidades de ensino para idosos de alta qualidade; serviços de saúde e sociais de elevada performance associados com outros serviços; serviços de apoio às famílias e às crianças; um bom leque de serviços acessíveis a toda a comunidade monetariamente, como por exemplo, comida fresca, comércio, utilidades, informação, etc.; prestadores de serviços que actuem a longo prazo e além das suas barreiras geográficas e de interesse mais próximas, em concertação com a população.

Farr (2008:139), na lógica de bairro e da sustentabilidade, propõe a criação de um centro de comércio e serviços com uma interligação bastante forte entre áreas residenciais e comerciais. Diz ele, que muitas vezes os lucros deste tipo de comércio são inferiores aos do comércio efectuado em centros comerciais, mas isto devido

ao mau planeamento. O comércio local, pela proximidade que tem com o edificado pode atingir núcleos significativos, quando existe qualidade no espaço público e boas acessibilidades, e sobretudo quando existe uma boa oferta de serviços que atraíam população para este local. Assim, a vitalidade económica de um bairro vive bastante da presença dos serviços e da relação que estes estabelecem de apoio ao comércio de bairro, e a função importante que têm não só de atracção e manutenção de população mas também de aumento da qualidade de vida da comunidade e do bairro de uma forma geral.

Farr (2008:141) definiu três conjuntos urbanos de congregação de comércio e serviços: as lojas de esquina, os centros de conveniência e os centros de bairro. As lojas de esquina são a forma mais pequena de comércio, sendo que normalmente estão localizadas em sítios de maior afluência como ruas principais, confluência de ruas ou na entrada do bairro. Este tipo de lojas beneficia bastante se colocada ao pé de equipamentos e serviços, como edifícios estatais, parques, escolas. Aproximadamente, segundo Farr (2008:140) cerca de 1000 habitações são necessárias para suportar uma loja de esquina, contudo, tudo depende da localização da loja, se esta se situar perto de uma artéria ou meios de transporte importantes este número reduz-se consideravelmente. É importante também relativizar os número para a realidade portuguesa, sendo que o que mais interessa neste caso é a variação da proporção de habitações por tipo de conjunto urbano. Os centros de conveniência oferecem uma multiplicidade de bens e serviços, que se destinam sobretudo a cobrir as necessidades diárias de uma população. Normalmente estes centros têm sempre no mínimo uma farmácia e um mercado acompanhados de algumas lojas de pequeno comércio. Estas lojas raramente conseguiriam sobreviver sozinhas não fosse a presença deste tipo de equipamentos e serviços. Cerca de 2000 habitações são necessárias para suportar este tipo de organização urbana, portanto, o dobro do que as lojas de rua. Os centros de bairro são o conjunto urbano mais representativo do bairro, o 'coração' deste. Estes apresentam um supermercado, farmácia (pelo menos uma), clube de vídeo (ou outros dependendo da realidade, no caso de português existem por exemplo as lojas de telemóveis, bancos, correios, entre outros). Este tipo de conjunto necessita de 6000 a 8000 habitações para poder funcionar correctamente (dando como exemplo a realidade da freguesia onde se situa a área de análise, existem 9941 alojamentos [INE, 2001], portanto um bom indicador face ao número indicado). Este tipo de conjunto urbano é bastante atractivo para instituições e venda de habitações devido à variedade de oferta que possui.

Na figura 17 podem ser observadas e comparadas as diferentes características por tipo de conjunto urbano.

FIGURA 17 TIPOS DE SERVIÇOS E EQUIPAMENTOS E RESPECTIVAS CARACTERÍSTICAS SEGUNDO FARR

Actividade /Forma urbana	Área de retalho (pés)	Residências necessárias	Área de comércio	Estacionamento	Forma Urbana	Lojas âncora
Loja esquina	1500-3000	1000	Bairro com distancias de 5 min. a pé	Rua	Edifício de esquina de uso misto	Qualquer comércio a retalho de pequena escala
Lojas de conveniência	10000-30000	2000	Raio de 1 milha	4 carros por cada 1000 pés de área construída	Rua principal	Mercado ou farmácia
Centro de bairro	60000-80000	6000-8000	Raio de 1 a 2 milhas	4 carros por cada 1000 pés de área construída	Rua principal de uso misto	Supermercado, farmácia, loja de vídeos, música, similar

Fonte: Adaptado de Farr, 2008:141

• Componente transportes e conectividade

O objectivo desta componente, segundo Egan (GAASC, Julho 2009) é assegurar a boa ligação dos bairros entre si e entre as estruturas urbanas inferiores (corredor, rua) e superiores a estes (cidade, região). Para isso têm que existir bons serviços de transportes e comunicação, ligando pessoas, empregos, escolas, saúde e outros serviços. Na lógica das comunidades sustentáveis devem existir infra-estruturas de transporte adequadas, incluindo transporte público que ajude as pessoas a viajar na comunidade e entre comunidades, reduzindo a dependência do automóvel; condições para a promoção da deslocação a pé e do uso da bicicleta; nível apropriado de oferta de estacionamento assim como planos adequados de gestão de tráfego; serviço constante e de qualidade de telecomunicações e acesso à internet; e bom acesso à redes de comunicação regionais, nacionais e internacionais.

Assim, pretende-se com a sustentabilidade no transporte “o uso de cada modo de transporte pelas suas potencialidades, o que significa maior uso de transportes não motorizados para deslocações de curta distância, aumento do uso de transporte público em áreas urbanas, e uma redução (mas não eliminação) do uso pessoal de automóvel.” (Litman 2003:3). O planeamento sustentável relacionado com os transportes e com a comunidade, foca mais a qualidade do acesso (a capacidade de obter bens, serviços e actividades) do que a quantidade associada à mobilidade (como distância percorrida ou velocidade). Maiores distâncias percorridas não significam maior mobilidade, podem sim dizer que cada vez mais tem que se percorrer maiores distâncias para chegar ao mesmo sítio. Através desta perspectiva de pensamento do transporte através do acesso se pode depois partir para outras realidades como

uso mais eficiente do espaço, ou outras alternativas ao transporte como o teletrabalho, por exemplo. Possivelmente, segundo Roseland (adaptado 2007:117), “[...] a próxima tendência nos transportes não é um novo tipo de transporte ou serviço mas sim uma mudança paradigmática na maneira de pensar o transporte, seus problemas e soluções. [...] consiste em inovações na gestão que resultam num uso mais eficiente dos sistemas de transporte já existentes”. Para Roseland (2007), uma série de objectivos têm que ser atingidos para reduzir o uso do automóvel, estando estes relacionados com o uso do solo, transporte privado, transporte público e transporte não motorizado. Litman (2008:4) defende uma mudança nas instituições que gerem os vários sistemas de transportes e uma maior influência na participação pública. Deverá existir uma análise mais compreensiva dos impactos, e serem tidas em conta um maior leque de soluções. O planeamento sustentável requer a participação pública no planeamento do transporte pois muitas vezes são as pessoas que saem lesadas pela construção das infra-estruturas que apoiam os meios de transporte, sendo essencial que estas tenham direito a pronunciarem-se. Têm que ser tidas em conta as consequências do impacto a longo prazo que as decisões de planeamento relacionadas com os transportes têm, pois a aposta num determinado uso gera normalmente a existência de cada vez maior procura desse uso. Assim, se existir um problema com o tráfego automóvel, possivelmente a solução mais adequada não será abrir mais uma faixa na auto-estrada mas sim criar alternativas de transporte que substituam essa necessidade. Através de um planeamento mais sustentável pretende-se reduzir as ineficiências de um mercado que é desequilibrado mas que encontrou uma maneira de subsistência neste desequilíbrio. Torna-se fulcral reduzir os subsídios que existem para a construção de infra-estruturas relacionadas com o automóvel e provocar uma mudança deste tipo de subsídios para usos que são inclusive mais eficientes. Roseland (2007:119) identifica como solução para o problema automóvel estratégias de gestão de transportes associadas à sustentabilidade como é o caso do *TSM (Transportation system management)*, na qual se pretende aumentar a capacidade do sistema viário sem construir infra-estruturas adicionais. Outra estratégia de gestão é a *TDM (Transportation Demand Management)*, que tem em conta todos os custos e benefícios, e que se for posta em prática com outras estratégias complementares pode ter resultados bastante positivos. Trata-se portanto de resolver os problemas na fonte, ou seja na procura e nas necessidades que são criadas por esta. Dados os incentivos certos, e existindo uma informação clara das vantagens, as pessoas estão dispostas a mudar os seus hábitos.

A nova tendência no que respeita à sustentabilidade urbana associada aos transportes e à escala do bairro e da comunidade é o *TOD (Transit Oriented Development)*. Este tipo de desenvolvimento vai buscar a sua ideia génese aos *streetcar suburbs* típicos dos EUA no final do século XIX e princípio do século XX, nos quais o planeamento de novas zonas das cidades era feito em articulação próxima com o dos transportes públicos, neste caso o eléctrico, que veio a dar o nome a este tipo de desenvolvimento. Através do *TOD* o que se pretende é fomentar o maior uso do transporte público, criando, à distância pedonal das estações de transporte público, bairros que oferecem um desenvolvimento compacto e diversidade de usos. Pessoas que têm na sua área de residência um estação usam cinco vezes mais os transportes que

peças que têm que guiar até um transporte, segundo Farr (2008:114). Através do *TOD* pretende-se a revitalização da escala do bairro, dando uma maior atenção às condições de acesso a outros sítios através de transporte público o que poderá atrair não só pessoas como actividades. Um dos desafios a este tipo de desenvolvimento é assegurar que todos os níveis de rendimento têm as mesmas oportunidades para que possa existir uma variedade de tipos de habitação e transporte. É também um tipo de desenvolvimento menos dispendioso, pois é planeado em conjugação com o desenvolvimento económico e social de forma a minimizar os custos e maximizar a eficiência expandindo o acesso a empregos, escolas e serviços. Assim o elemento principal do *TOD* é o bairro. Aqui os elementos que compõem este desenvolvimento são uma estação, que à volta tem vários projectos de usos mistos, rede de ruas pedonais e desenho urbano que permitam a vivência do local e a escolha de várias alternativas de transporte. Um dos objectivos é aumentar a conveniência aos seus utilizadores, o que significa que cada estação deverá ser planeada de acordo com as necessidades específicas das pessoas que vivem, trabalham ou estudam na área. Assim, não existe só uma forma de aplicação do *TOD* pelas diferenças que separam as várias áreas da cidade. Contudo, podem-se estabelecer alguns padrões de acordo com o tipo de zona da cidade, actividades, tipos de habitação, emprego e qual o tipo de transporte mais adequado em função destas características como propôs Farr (2008:118) na figura 18.

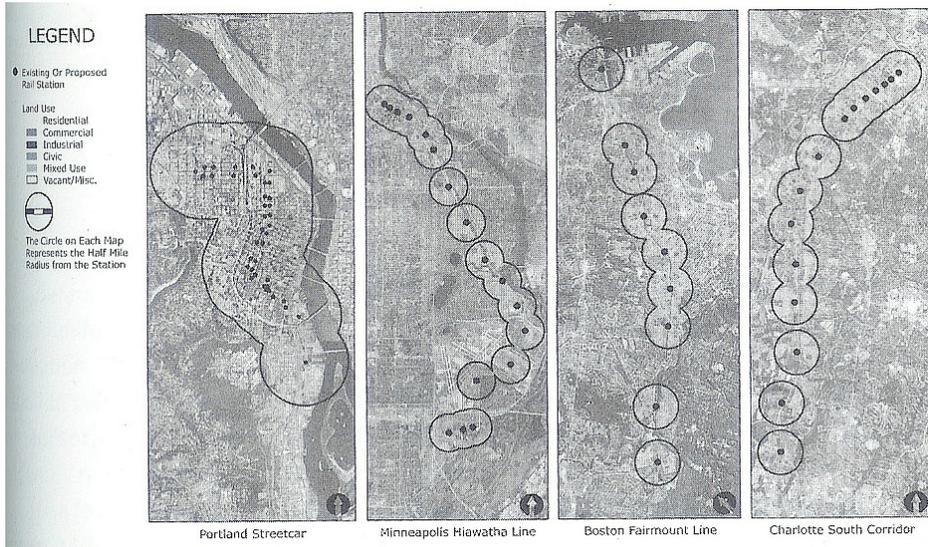
FIGURA 18 INTEGRAÇÃO DOS VÁRIOS TIPOS DE TRANSPORTE DE ACORDO COM AS FORMAS URBANAS

Places	Activity Mix	Housing Types	Commercial Employment Types	Proposed Scale	Connectivity	Local Examples	Color Code	Examples
Major Urban Center	Office Residential Retail Entertainment Civic Uses	Multi-Family/Loft	Employment Emphasis, with more than 250,000 sf office and 50,000 sf retail	5 Stories and above	Intermodal Facility/ Transit Hub. Major Regional Destination with quality feeder and circulator connections	Downtown Galleria District Medical Center		
Urban Center	Residential Retail Office	Multi-Family/ Townhome	Limited Office. Less than 250,000 sf office. More than 50,000 sf retail	3 Stories and above	Sub-Regional Destination. Some Park n Ride. Linked district circulator and feeder transit service	Areas of Montrose/ Museum District Allen Parkway		
Neighborhood	Residential/ Neighborhood Retail	Multi-Family/ Townhome/ Small Lot Single Family	Local-Serving Retail. No more than 50,000 sf	1-5 Stories	Walk up station. Very Small Park and Ride, if any. Local and express bus service.	Mid-Town West University Magnolia Park Montrose		
Retail Street	Residential/ Neighborhood Retail	Small Lot Single Family	Main Street Retail Infill	1-4 Stories	Bus or streetcar corridors. Feeder transit service. Walk up stops. No parking.	Rice Village 19th Street (Heights) Highland Village		
Campus/ Special Events Center	University/ Campus Sports Facilities	Limited Multi-Family	Limited Office/Retail	Varies	Large Commuter Destination	Rice University U of H TSU Reliant Park		

Fonte:Farr (2008:118)

Se o objectivo na primeira fase passa pelo desenvolvimento do bairro em que se insere, a longo prazo o objectivo é o de criar uma rede intrincada de relações com base nos sistemas de transporte construídos. Estas redes servirão para a integração dos vários bairros na malha urbana promovendo uma maior coesão desta. Na figura 19 podemos observar a criação de corredores de tráfego e o seu contributo para a forma urbana.

FIGURA 19 IMPORTÂNCIA DO TOD PARA CRIAR UMA REDE INTER-RELACIONADA DE BAIROS



Fonte:Farr (2008)

4.1.3. EXEMPLOS DE APLICAÇÃO DO CONCEITO DE COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS

• A nível governamental – o exemplo inglês

O governo inglês lançou em 5 de Fevereiro de 2003, através do vice-primeiro ministro, um plano para as comunidades sustentáveis. O objectivo deste plano era estabelecer um programa de longo prazo, com vista à implementação das comunidades sustentáveis tanto em áreas urbanas como áreas rurais. Propunha-se encarar problemas como o da habitação e qualidade do espaço público. O documento que uniu esta visão foi o 'Plano para as Comunidades Sustentáveis' ("Sustainable Communities: Building for the Future") e respectivos planos regionais. No seguimento desta iniciativa foi convidado Sir John Egan para elaborar um relatório o qual repensasse as competências e formação necessárias aos profissionais que intervêm no ambiente construído, de forma a implementar o conceito de comunidades sustentáveis. O que resultou deste convite foi a publicação "The Egan Review: Skills for Sustainable

Communities” e respectiva resposta do governo inglês através da publicação “Government Response to the Egan Review: Skills for Sustainable Communities”. Foi também criado, em 2003, um prémio das comunidades sustentáveis, com vista a recompensar projectos e iniciativas, que através da implementação deste conceito conseguiram resultados positivos de desenvolvimento para a sua localidade. Este prémio ainda hoje é atribuído com o nome de “Homes and Communities Academy Awards”. Foi também criada pelo governo a Academia para as Comunidades Sustentáveis em 2005, hoje conhecida como a ‘Academia das Comunidades e Habitação’ (“Homes and Communities Academy”), no seguimento do Relatório Egan, que incluía numa das suas recomendações a criação de um centro de investigação nesta temática. De sublinhar também a importância da plataforma *web* que existe a www.communities.gov.uk onde estão armazenadas bastantes publicações, casos de estudo, e informações sobre o que é que está a ser feito na temática das comunidades no Reino Unido.

O “Sustainable Communities Act 2007”, é dos primeiros exemplos de legislação aplicada por um governo que se reporta directamente ao conceito de comunidades sustentáveis. A sua data de promulgação é a de 23 de Outubro de 2007. O seu principal objectivo é o da promoção da sustentabilidade das comunidades locais. É essencial para o cumprimento deste objectivo o suporte das autoridades locais. Assim, será o secretário de estado a convidar as autoridades locais a fazer propostas que considerem que vão contribuir para a promoção da sustentabilidade das comunidades locais. A transferência de tarefas de certas pessoas está contemplada, para melhor adaptar os recursos técnicos que cada autoridade local tem, e o secretário de estado tem um ano (a partir da promulgação do decreto) para convidar todas as autoridades locais a participar. De seguida é nomeado um conselheiro que junto com o secretário de estado irão analisar todas as propostas recebidas. Depois de determinadas as propostas com melhores condições é elaborado um relatório que é apresentado e discutido no parlamento. Relativamente aos relatórios de gastos, serão elaborados pelo Secretário de Estado relatórios de gastos para cada caso que seja abrangido por este decreto-lei que será, no fundo, uma análise dos gastos que cada autoridade local incorre na aplicação deste mesmo decreto. Alguns assuntos devem ser abordados pelas autoridades locais, aquando da elaboração da proposta, revestindo-se estes de aspectos caracterizadores do conceito de comunidades sustentáveis, de acordo com o governo inglês: provisão de serviços locais; o grau no qual o volume e valor de bens e serviços é oferecido para venda, ou obtido pelos órgãos públicos; a taxa de aumento do crescimento e comercialização das formas orgânicas de produção alimentar e a economia local de alimentação; medidas para promover acesso razoável por todas as pessoas a uma fonte local de comida e à economia alimentar local; medidas para promover o acesso a alimentação adequada em termos do valor nutricional; número de empregos locais; medidas de conservação da energia e aumento na quantidade de reserva de energia produzida através de fontes renováveis num raio de 30 milhas na região onde são consumidas; medidas realizadas para a redução do tráfego, incluindo a provisão do transporte público local, medidas de promoção de deslocação pedonal e ciclável; o aumento da inclusão social, incluindo um aumento na democracia local; medidas para aumentar parcerias e projectos comunitários; me-

didadas delineadas para diminuir as emissões de gases de estufa; medidas delineadas para aumentar a saúde comunitária e o bem-estar; políticas de planeamento que irão assistir os propósitos deste decreto, incluindo novas formas de provisão de habitação acessível e medidas para aumentar o uso de resíduos locais para o benefício da comunidade.

• **A nível local – Kronsberg, Alemanha**

O exemplo a nível local foca uma realidade suburbana, de periferia de cidade, e demonstra o que é possível aplicar a estes locais de forma a tornar mais coeso o tecido urbano, e orientar o crescimento de uma forma ordenada e sustentável. Kronsberg é uma área da cidade de Hannover na Alemanha. Aquando da Expo 2000 ali realizada, foi pensando um desenvolvimento da cidade, de forma a suportar esta exposição e também dar resposta à falta de habitação que existia na altura. A solução foi encontrada em Kronsberg, uma área de 1200 hectares situada a sudeste de Hannover. O tamanho total deste aglomerado a nível populacional será, quando acabado, de 15000 pessoas, com aproximadamente 6000 habitações, com densidades respectivas de 108 pessoas e 44 habitações por acre. É composto sobretudo por blocos de apartamentos sem nenhum tipo de habitação unifamiliar. Três estações servem este aglomerado, e cada uma não se situa a mais de 600 metros dos locais de residência, de forma a permitir às pessoas deslocarem-se a pé. De facto o transporte público é aqui apresentado com uma vantagem competitiva em relação ao carro, visto este transporte demorar cerca de 30 a 40 minutos a chegar ao centro da cidade de Hannover, e o comboio apenas 20 minutos. No que respeita à oferta de serviços, Kronsberg oferece uma multiplicidade de escolhas desde jardins de infância, escolas, centros de saúde, comércio, e várias oportunidades de emprego, de forma a reduzir a necessidade de deslocação. A nível ambiental a meta proposta é a da redução das emissões de CO₂ e consumo das habitações entre 60% a 80%, através do uso de turbinas eólicas, co-geração, incentivos para a eficiência energética, preocupações na construção e orientação do edificado, painéis solares, gestão do consumo de água, etc. A nível social os objectivos são a atracção de população jovem desenhando casas atractivas para estes e com preços máximos de compra, criação de um fórum público de lugar de encontro da comunidade através do “Kronsberg Arts and Community Centre”, biblioteca pública, agência para jovens, salas de reuniões e workshops; e da integração dos grupos minoritários na comunidade através da criação de habitações desenhadas para pessoas com dificuldades de locomoção e que são distribuídas pelos vários edifícios de Kronsberg, assim como a alocação de 1/3 do total de habitações para grupos minoritários que vivem na Alemanha. A nível económico, projectaram-se lojas e indústrias de serviços que dão o emprego local, juntamente com o sector bancário e os *data centers* que fornecem cerca de 3000 empregos. Alguns resultados podem já ser analisados, nomeadamente a redução em 73% das emissões de CO₂ por habitante, poupança de 4 milhões de euros devido à melhor gestão do consumo de água, e uma redução de 30% no lixo produzido. Contudo, outros resultados não foram tão positivos como a eficiência energética que se tentou criar através das campanhas de informação alertando as pessoas para poupar energia. Outro factor problemático é a dependência de subsídios para a implementação destas medidas, que a longo prazo conduzem a alguma incerteza relativamente à continuidade dos

bons resultados alcançados. Há assim que criar condições para a replicação dos bons resultados através de investimento local e da incorporação em cada indivíduo das acções que deve tomar para tornar a comunidade de Kronsberg um local cada vez mais sustentável.

FIGURA 20 BAIRRO DE KRONSBURG, ALEMANHA



Fonte: SECURE (2000)

• O caso português

Em Portugal o conceito de comunidades sustentáveis ainda não ganhou uma forte expressão. Contudo, existem alguns projectos que estão a ser desenvolvidos que aplicam muitos dos princípios que são aplicados por este conceito, e que ilustram bem a influência que a comunidade pode ter no planeamento urbano.

• Carta Estratégica de Lisboa 2010-2024

Um desses exemplos é a Carta Estratégica de Lisboa 2010-2024, que se reveste de seis objectivos formulados sob a forma de perguntas: . Como recuperar, rejuvenescer e equilibrar socialmente a população?; Como tornar Lisboa uma cidade amigável, segura e inclusiva para todos?; Como tornar Lisboa uma cidade ambientalmente sustentável e energeticamente eficiente?; Como transformar Lisboa numa cidade

inovadora, criativa e capaz de competir num contexto global, gerando riqueza e emprego?; Como afirmar a identidade de Lisboa, num Mundo globalizado?; Como criar um modelo de governo eficiente, participado e financeiramente sustentado?.

Segundo Tiago Farias, comissário para a Sustentabilidade Ambiental e Eficiência Energética, aponta como solução “[...] a resposta está se resolvermos as outras perguntas, se voltarmos a ser uma cidade repovoada [...] e se rejuvenescermos o centro urbano vamos consumir muito menos energia, muito menos transportes, muito menos automóveis, muito menos petróleo. Se conseguirmos voltar a dar identidade à cidade as pessoas vão querer estar aqui, portanto, é aqui que vão querer fazer a sua vida vão para a rua, andar a pé porque se revêem na imagem da cidade na cultura, no seu edificado. Se respondermos a essa segunda pergunta, depois temos uma pergunta fundamental que tem feito com que as cidades não sejam sustentáveis que é a governância. É difícil implementar medidas que levem as pessoa a ser sustentáveis porque o modelo de governo local é [...] ainda muito global” (Farias, Anexos, tabela 73). Alguns problemas são apontados por Farias para o problema da sustentabilidade em Lisboa “- O primeiro (contribuidor) está relacionado com as barreiras físicas da cidade de Lisboa [...] (o segundo) os transportes, está muito ligado a decisões estratégicas de onde é que eu vou viver, onde é que eu vou trabalhar, onde é que os meus filhos vão andar, e isso não foi considerado prioritário nas décadas de 80 e 90. Uma casa maior mais barata e com mais espaço perto de uma auto-estrada, era mais interessante do que um apartamento pequeno ao pé de uma estação de comboios” (Farias, Anexos, tabela 73). Assim, o objectivo da Carta Estratégica, relativamente à sustentabilidade ambiental e eficiência energética passa pelo modo como “[...] a cidade vai ser repensada como cidade de bairros. A cidade de bairros é aquilo que Lisboa tem que voltar a ser como se vê nas outras grandes capitais. E como é que eu me cruzo entre bairros, bem, a ligação entre bairros é fácil - ou transportes colectivos ou através da rede verde. Se repararem, as cidades cada vez mais têm ligações verdes entre bairros. As ligações verdes permitem introduzir lá dentro os ‘modos suaves’”. O que se pretende atingir com esta Carta Estratégica, está bastante relacionado com o conceito de comunidades sustentáveis, portanto introduzir de novo a vivência, a identificação com o local, o andar a pé, como forma de promover uma cidade mais humana: “a estratégia da cidade, é voltar a ter pessoas na rua. Não há crianças em Lisboa [...] não há idosos na rua, e onde é que eles estão? Estão fechados. E enquanto não houver esta ligação entre bairros as pessoas não vão andar na rua a pé. Quanto mais pessoas na rua menos crime, menos desordem, menos insegurança. A visão da carta estratégica é muito menos ‘vamos encher isto de veículos eléctricos’ [...] e muito mais ‘vamos mudar a forma de usar a cidade’” (Farias, Anexos, tabela 73).

• Projecto eco-bairros

O projecto eco-bairros foi lançado pela CCDR-LVT e tem um valor total de 12 milhões de euros que irão estar disponível para os 18 municípios da região poderem candidatar-se à criação de eco-bairros. Pretende-se com este concurso lançado pela CCDR-LVT apoiar acções-piloto que promovam a sustentabilidade no domínio da gestão da energia, água, resíduos, transportes e espaço público. Os eco-bairros poderão ser nascer em áreas consolidadas ou ser criados de raiz. Segundo Isabel Marques

“Tivemos que criar um conceito que fosse alargado o suficiente mas não demasiado alargado nem o restringir demasiado [...] nós esperamos que as Câmaras digam: ‘atenção nós temos esta área que é importante’” sendo que a CCDR-LVT define também quais devem ser as *guidelines* desta proposta “Nós queremos intervenção em termos de governância, portanto tem que ser um projecto que tenha governância, a tal gestão logo desde o início, tem que ser um projecto que obrigatoriamente integre as populações, portanto que as chamem ao projecto para participar [...]. Tem a ver com as acções de sensibilização ambiental [...] No domínio da reciclagem, em que a reciclagem tinha que estar acessível em termos de distancia, [...] tinha que ter uma recolha com uma periodicidade adequada ao volume de resíduos produzidos, tinha também que ter uma intervenção ao nível da água, portanto toda a rega pública não podia ser água potável [...] toda a iluminação pública tinha que ter origem em painéis fotovoltaicos, ou uma iluminação que não fosse da rede de energia eléctrica [...]” (Marques, Anexos, tabela 73).

• **Projecto REMAP (Resource Management and Planning)**

O projecto REMAP está a ser desenvolvido em Portugal através de uma parceria entre o MIT (Massachusetts Institute of Technology) e o Instituto Superior Técnico sob o enquadramento do Programa MIT Portugal. O objectivo deste projecto é criar um modelo que ilustre o consumo de uma cidade com os seguintes propósitos: ter um registo detalhado dos fluxos de materiais e energia; descrição do comportamento da cidade; entendimento da evolução do consumo energético da cidade; caracterização e análise do consumo de recursos ao nível do bairro; análise e projecção de possíveis cenários de forma a testar recomendações ao nível das políticas e projectos que se possam vir a implementar.

Para esta análise John Fernandez afirma que o bairro é o elemento fundamental “So I think the district has a fundamental role. The district in cities around the world is almost always a sub-unit of the city that people define either formally or informally, could be a neighborhood or actually a district boroughs of New York City [...] and people consider those as being something distinct of the rest of the city. And one of the reasons is that there is a critical set of elements that people would consider to be necessary as part of a district like access to a food market [...]” (Fernandez, Anexos, tabela 73). Além da escala do bairro, este projecto também tem como elemento essencial a qualidade de vida, para além dos fluxos de materiais e recursos. A importância da qualidade de vida para este projecto está estritamente relacionada com os padrões de consumo que por sua vez podem demonstrar o tipo de materiais que são consumidos e respectivas quantidades. Assim, são definidos um conjunto de indicadores como a densidade, diversidade de comércio, transportes, espaços verdes, e analisado de que forma estes influenciam um fluxo real, portanto um conjunto de *proxies*: “The next level for proxy is the district and the neighborhood. So the idea of a sustainable city as so much more to do with the equity and the quality of life [...] just beside resource flows. But if one are to develop a district model, an idea of within a district say, you have those households and you have a mix of households and then you have some density of those households, and you have other indicators like diversity or transportation, density of green [...] and you have ways to measure

all of those things, so instead of the consumption of the individual or the household that are related to the product basket, where I am interested in doing this is eventually for urban activities. If an urban activity serves as the proxy for the real flow. So the urban activities can be transportation, so, for the urban activity of transportation what are the different types of transportation and how can I then assign those activities to resource flows?" (Fernandez, Anexos, tabela 73).

4.2. RELAÇÃO ENTRE COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS E CAPITAL SOCIAL

Como foi atrás descrito, não existe uma só definição do conceito de comunidades sustentáveis. O próprio conceito é um pouco maleável a interpretações, e é um pouco o que se pretende pelas pessoas que investigam nesta área. O essencial é existirem noções sobre o que deve ser uma comunidade sustentável, e depois cada população pegar nessas noções e transformá-las no seu próprio conceito de comunidade sustentável a uma escala local. Assim o dilema prende-se em como se deve encorajar a democracia, portanto, os processos de participação ao nível local na óptica da sustentabilidade. Como foi discutido anteriormente, elementos deste enquadramento prendem-se com minimizar o consumo do capital natural e maximizar o capital físico, que por sua vez requer um uso mais eficiente do espaço urbano. Contudo, para atingir este objectivo é necessário acima de tudo, um reforço e promoção do capital social. Através dos processos participatórios, é possível encontrar equidade no desenvolvimento e melhor aplicar o conceito de sustentabilidade sem grandes fracturas com o território. Em geral, estratégias na óptica do desenvolvimento sustentável, como são o caso das comunidades sustentáveis, devem favorecer a abordagem *bottom-up* em relação à abordagem *top-down*, redistribuição, autosuficiência, *focus* local, projectos de pequena escala, assim como incluir uma participação pública extensa, melhorar a sociedade e o ambiente assim como a economia, que resulta em equidade, igualdade e *empowerment*. (Brohman, 1996 in Roseland, 2007:26)

Assim, o pilar central da comunidade é a sua participação, mobilização no processo de construção do seu bairro e identidade. Quanto mais participação existir, e quanto mais se investir na qualidade desta e na transmissão de certas responsabilidades para as pessoas, melhor uma comunidade poderá progredir. Assim, através do reforço das dimensões do capital social, nomeadamente das redes sociais, civismo e confiança, é possível criar, nalguns casos, e noutros potencializar, a comunidade de determinado local, tornando-a mais activa e interveniente na vida do seu bairro. Contudo, tal só é possível também se existirem as condições adequadas no bairro, nomeadamente se este for bem servido no que respeita às várias componentes das comunidades sustentáveis. A existência de escolas, locais de encontro, oportunidade de deslocação a pé que propiciem o encontro fortuito, comércio de bairro, entre outros, irão contribuir positivamente para a afirmação e potencialização das dimensões atrás descritas do capital social. A deterioração de um conceito irá enfraquecer o outro, criando-se assim um ciclo relacional de importância vital, no fundo, de um lado o ambiente construído, o suporte físico vital para o bem estar e desenvolvimento harmonioso de uma comunidade, e do outro a estrutura social que dá identidade ao bairro e que suporta a sua existência como comunidade.

4.3. CARACTERIZAÇÃO DO CONCEITO DE CAPITAL SOCIAL

Desde as primeiras décadas do século XX que o conceito de capital social tem sido usado por vários autores. Apesar de existirem vários pontos de vista sobre este conceito, existem algumas dimensões que geram alguns consensos e que se dividem essencialmente em dois tipos. O primeiro compreende as relações familiares, comunidades, redes de amigos, associações voluntárias; o segundo compreende a moral cívica, valores, normas e hábitos e confiança nas pessoas e nas instituições em geral (Van Oorschot et al, 2006:150). O capital social refere-se aos recursos que os indivíduos podem adquirir através de relações mais ou menos institucionais de conhecimento mútuo, mas também se refere a algo produtivo, ou seja, este pode ser reproduzido e potencializado de forma a assim, estender a sua influência e com isso atingir um fim específico. Se para autores como Bordieu ou Coleman o capital social era usado como uma construção central de uma teoria micro-sociológica das relações sociais e da acção humana, já Putman mas também autores como Fukuyama, trouxeram este conceito para uma escala macro-sociológica de estrutura social e cultural, e também de acção colectiva (Van Oorschot et al, 2006:150). No fundo estes autores argumentam que o conceito de capital social não só tem uma esfera individual como também uma esfera pública, partilhada entre todos. Outras definições de capital social pode também ser “as relações, redes e normas que facilitam a acção colectiva” ou o “saber, conhecimentos, e padrões de interacções partilhados que um grupo de pessoas trás para qualquer actividade produtiva” (OECD, 2001; Coleman, 1988 e Putman, 1993 *in* Roseland, 2007:9). O capital social refere-se também às organizações, estruturas e relações sociais que as pessoas constroem por si, independentemente do estado ou das empresas. Contribui assim para um tecido comunitário mais forte, e muitas vezes, como produto de outras actividades, constrói laços de informação, confiança e solidariedade pessoais (Jacobs, 1961). Segundo Roseland (2007:9) o capital social é constituído por uma série de atributos como a coesão, ligação, reciprocidade, tolerância, compaixão, paciência, amizade, amor, honestidade, disciplina, ética, e regras, leis e informação aceites por todos. Quando o capital social perde importância é descapitalizado, e o resultado são elevados níveis de violência e desconfiança. Apesar de ser muitas vezes ignorado nas discussões sobre as políticas públicas, este tipo de capital é bastante influente nos capitais físico e humano (Putnam, 1993 *in* Roseland, 2007:9).

Os aspectos cognitivos partilhados do capital social ajudam a distinguir duas características que diferem do capital físico. Primeiro o capital social não se gasta depois de se usar, contudo, se este não é usado vai-se deteriorando com o tempo a uma taxa relativamente rápida (Ostrom, 1993 *in* Roseland, 2007:10). Além das enunciadas, o capital social distingue-se dos restantes de várias outras formas. Não é limitado pela escassez de matéria, significando que a sua limitação criativa é limitada apenas pela imaginação. Assim, é altamente sugestivo quando enquadrado com o conceito de sustentabilidade através da substituição do modelo ilógico de crescimento ilimitado baseado em recursos finitos, por outro baseado em recursos virtualmente infinitos. Contudo, o capital social também apresenta as suas limitações, entre as quais o facto de não poder ser criado instantaneamente, e também o facto de não poder ser criado artificialmente, ou seja, são necessários vários eventos que caracterizem a forma

como a população se irá relacionar. O conceito moderno de capital social é caracterizado como as relações entre indivíduos e grupos. Pode tomar várias formas, que podem ter o significado de laços, canais de informação, normas e sanções.

Na figura 21, presente no paper “*Social capital as health determinant: how is it defined?*” (Health Canada, 2002), podem ser observadas algumas das definições mais importantes de capital social.

FIGURA 21 VÁRIAS DEFINIÇÕES PARA O CONCEITO DE CAPITAL SOCIAL

Synthesis Table 1. Social Capital Definitions

Authors	Definition
World Bank (2001)	Social capital refers to the institutions, relationships and norms that shape the quality and quantity of a society's social interactions.
Isuma (2001)	Social capital is generally defined as the series of relationships, networks and norms that facilitate collective action. The approach is heuristic rather than definitive. In other words, it encourages questions and reflection rather than providing answers. It is this heuristic quality that is the primary, very powerful advantage of the concept of social capital.
Coleman (1990)	Social capital is therefore made up of relationships of authority, relationships of trust and norms. [...] Like other forms of capital, social capital is productive, making possible the achievement of certain ends that would be unattainable in its absence. [...] Unlike other forms of capital, social capital inheres in relationships among persons. It is lodged neither in individuals nor in physical instruments of production.
Putnam (1995)	The features of social organization such as social networks, norms and social trust that facilitate coordination and cooperation for mutual benefit.
Fukuyama (1997)	Social capital is a capability that arises from the prevalence of trust in a society or in certain parts of it. It can be embodied in the smallest and most basic social group, the family, as well as the largest of all groups, the nation, and in all other groups in between.
Landry, Amara and Lamari (2001)	Social capital refers to the resources gained from participating in relationship networks that are relatively institutionalized.

Fonte: Health Canada, 2002:7

Assim, o capital social não deverá ser tratado somente como as características de um grupo de indivíduos e suas relações mas também como uma propriedade de países e regiões. Diferentes níveis de participação em associações voluntárias podem caracterizar diferentes contextos territoriais. O mesmo se aplica a maiores ou menores redes de associativismo cívico e níveis de confiança. Quanto maior forem os níveis destes factores maior será a acção e cooperação com vista a objectivos e bens comuns. Assim, ambos os autores (Putman e Fukuyama) defendem que altos níveis de capital social estão directamente relacionados com maiores performances político-económicas dos países ou comunidades.

Alguns autores como Putman e Coleman, identificaram como dimensões importantes para a construção e estruturação do conceito de capital social a confiança, redes

sociais e civismo, que foram em investigações mais recentes tidos também em conta por van Oorschot et al (2006). Assim, torna-se importante definir mais concretamente cada uma destas dimensões.

• **Confiança**

A confiança pode ser vista, de acordo com van Oorschot et al (2006:154), através de dois tipos: a confiança inter-pessoal, portanto entre indivíduos, e a confiança nas instituições. Apesar de ser vista como um dos principais elementos do capital social, existe muito pouco consenso à cerca desta ser a melhor dimensão para o medir quando tida em conta de uma forma isolada, sem outras dimensões que a suportem (Adam, 2008:163). Outro factor importante, é o contexto cultural, político, social, económico que difere de caso para caso e que condiciona fortemente os níveis e tipos de confiança.

A confiança entre indivíduos é caracterizada pelos actores individuais que fazem algo para o bem comum, não porque conhecem os outros intervenientes, mas porque confiam que irão ser recompensados através do desenvolvimento positivo de relações com outros. Siisiäinen (2000:4) identifica quando é necessário o uso da confiança: “Trust is needed when role expectations and familiar relationships no longer help us to anticipate the reactions of our individual or collective interaction partners. In situations of this kind, people gather the harvest whose seeds have been sown in the micro interactions of the past”. A importância da confiança a este nível micro é essencial, pois à medida que as pessoas vão confiando umas nas outras, através de relações de reciprocidade, vão criando um sentimento de grupo que pode ser passado para uma instituição representativa deste. É assim fundamental para uma sociedade a predisposição individual do cidadão em aceitar e confiar à partida num conjunto de valores, e em confiar não só na sociedade como nas instituições do estado. Assim, e de acordo com Siisiäinen (2000:5), é criado um círculo de interacções em que a confiança cria fenómenos de reciprocidade e associações voluntárias que por sua vez fortificam e reproduzem a própria confiança. As várias formas de capital social, e a confiança não se exclui destas, são essencialmente formas reprodutivas, ou seja, têm que ser constantemente mantidas ou então perdem a sua força. Se não for mantida correctamente, a confiança pode degenerar em fenómenos como desconfiança, quebra da reciprocidade, falta aos deveres individuais, isolamento, estagnação, desordem. Pelo contrário se esta for potencializada, pode resultar em equilíbrio social, nomeadamente em elevados níveis de cooperação, reciprocidade, participação cívica e bem-estar colectivo.

• **Redes sociais**

Numa perspectiva macro-sociológica, o conceito de capital social é visto como o “cimento” que une uma sociedade e que torna possível a cooperação com vista a um interesse colectivo. A acção colectiva requer em geral confiança mútua e regras bastante informais, que transcendem a reciprocidade meramente instrumental e legal, assim, as associações e redes sociais têm frequentemente uma relação de confiança e de mútuo conhecimento bastante característicos que se traduz num sentimento geral de reciprocidade informal. Numa perspectiva de coesão social existem duas formas diferenciadoras de capital social: *bridging* e *bonding*. *Bridging* refere-se ao capital so-

cial inclusivo e aberto caracterizado por laços fracos, enquanto que *bonding* refere-se ao capital social exclusivo e fechado caracterizado por laços fortes. O capital social do tipo *bonding* é virado para o interior, e gera confiança do ponto de vista individual, limitada à família de alguém ou às relações mais próximas, o que conduz ao reforço das suas identidades exclusivas relativamente a qualquer outro tipo de grupo social. *Bridging* é virado para o exterior e inclui pessoas de outros contextos sociais. Ambos podem ter uma influência positiva: o capital social de tipo *bonding* é muitas vezes protector e de participação fechada, podendo cimentar grupos homogêneos com algum tipo de desvantagem, protegendo-os assim da influência de outros que poderiam ameaçar a sua existência. O capital social de tipo *bridging* é muitas vezes caracterizado por uma componente cívica muito forte, diminui a diferença entre comunidades distintas através da sua participação livre, sendo crucial para criar um espírito de solidariedade. Contudo, o tipo de capital social que poderá trazer efeitos mais negativos é o *bonding* devido à sua forte componente de antagonismo face a outros grupos (Van Oorschot et al, 2006:152).

Conceitos similares foram introduzidos por Coleman (1988, in Roseland, 2007:10), que enuncia que as redes sociais podem-se dividir nas fechadas e não fechadas, sendo que as primeiras são redes onde todos se conhecem e as segundas redes onde só alguns se conhecem. Na segunda, existe a necessidade de formalizar as relações sociais através de grupos como são as associações étnicas, sindicatos, associações recreativas, entre outros, de forma a criar unanimidade nos valores que unem as diferentes pessoas. São assim compostos por grupos informais, que podem ser caracterizados por clientes de uma loja, café ou outros. Muitas vezes não se conhecem uns aos outros, mas o facto de se identificarem com uma pessoa ou ideia contribui para a coesão e entajuda do grupo. Contudo, algumas organizações podem tomar a forma de redes fechadas, em casos limite em que estas se tiveram que unir para subsistir a perigos externos à sua existência.

O capital social assume tanto um aspecto informal relacionado com as redes sociais como um aspecto mais formal relacionado com os programas de desenvolvimento social. A referência ao nível nacional das comunidades locais é a sociedade civil que por sua vez é produtora de capital social. Não só existem normas de reciprocidade, cidadania e confiança relacionadas com as redes de associações cívicas como estas são positivamente influenciadas pelas normas referidas. Uma forte sociedade civil, caracterizada por uma estrutura de redes sociais de relações tipo “cara-a-cara”, que ultrapassam as diferenças sociais, pode constituir um forte elemento para uma melhor governação, economia e um governo mais sustentável. Contudo, uma sociedade civil demasiado forte pode, por sua vez, minar a função do estado, e para isso Woolcock introduziu o conceito de capital social de ligação, “*linking social capital*” van Oorschot et al, (2006:152). Este refere-se a partes que sabem que têm características diferentes, como acontece com o *bridging*, como também têm diferenças ao nível do acesso aos recursos e poder. Aqui, a solução passa por um agente democrático e “*empoderado*” e pelo estabelecimento de objectivos comuns, que são atingidos com base no respeito mútuo, confiança, igualdade. É caracterizado por relações que são estabelecidas fora da comunidade, pelo que alargam a área de actuação desta e dos seus membros.

- **Civismo**

O espírito cívico é essencial como o garante da manutenção do capital social e por conseguinte da sustentabilidade de uma comunidade, pois irá potencializar a vida social da comunidade, promover a produtividade e facilitar a acção, será também uma utilidade no caso de políticas públicas a implementar. É também essencial para o sentido de lugar, a identificação do sujeito com o espaço onde habita. Para multiplicar o capital social é necessária atenção para a governância local efectiva e representativa, organizações fortes, participação pública, acesso a informação e parcerias. Civismo não se reporta ao grau de confiança das pessoas entre si, mas de características de comportamentos e atitudes particulares de cada cidadão. van Oorschot et al (2006:154) define duas formas de civismo: a relação das pessoas com as instituições e seus padrões morais e a relação das pessoas com os aspectos políticos da sociedade. Um autor que conferiu particular importância a esta dimensão foi Putman na sua obra "Bowling Alone: America's Declining Social Capital" (1995), no qual reforça a importância que o capital social, e em particular a sua dimensão cívica tem na vitalidade de uma comunidade. Para Putman (2000:19) "[...] social capital is closely related to what some have called "civic virtue." The difference is that "social capital" calls attention to the fact that civic virtue is most powerful when embedded in a sense network of reciprocal social relations. A society of many virtuous but isolated individuals is not necessarily rich in social capital". Assim, a expressão ao nível da comunidade do capital social é a sua dimensão cívica, a forma como os indivíduos se juntam em grupos e a sua relação com as instituições, sendo que são as redes sociais e confiança que caracterizam e ajudam a dar forma a estes grupos, no sentido em que ligam os indivíduos e potencializam as suas virtudes.

Parte II

Capítulo 5

O bairro de Campo de Ourique

5.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO BAIRRO DE CAMPO DE OURIQUE

Campo de Ourique é um dos vários bairros de Lisboa, sendo composto pelas freguesias de Santo Condestável e Santa Isabel, situa-se entre o núcleo histórico de Lisboa a Sul e Leste, e a periferia a Norte (delimitado pela freguesia de Campolide) e Oeste por pelo parque florestal de Monsanto.

O Bairro de Campo de Ourique começou por ser uma zona de terrenos de cultivo, e à medida que a cidade se foi expandindo tornou-se local de dormitório para os operários que trabalhavam nas fábricas em Alcântara. A freguesia de Santa Isabel foi a primeira a ser criada, datando de 14 de Maio de 1741. O cemitério dos Prazeres, um dos locais mais conhecidos deste bairro, foi criado depois de um surto de cólera que atingiu Lisboa em 1833. Uma das ruas mais antigas deste bairro é a rua Ferreira Borges, composta por árvores de um lado e do outro, a fazer lembrar uma avenida, tem também um dos elementos mais históricos do bairro o Quartel, hoje denominado como Escola do Serviço de Saúde Militar. O edifício foi construído logo a seguir ao terramoto com a função de quartel militar mas também de estaleiro de obras para a reconstrução de Lisboa, tendo sido mandado construir pelo Conde de Lippe. Na época situava-se nos limites do bairro, e foi um forte condicionador do crescimento urbano, nomeadamente a malha ortogonal que tanto caracteriza o bairro foi daí que nasceu, resultado da construção de outros edifícios de suporte e do campo da parada, na altura lugar de treino e demonstração das tropas, hoje o Jardim Teófilo Braga (*in* sítio da Junta de Freguesia de Santo Condestável). Pode-se também argumentar que o seu desenho foi fortemente inspirado no que se estava a fazer na baixa pomalina na altura, portanto o desenho funcional, geométrico.

Interessante também é o relacionamento que este bairro faz da sua história com a toponímia, sendo que duas das ruas, a rua Infantaria de 16 e rua 4 de Infantaria, têm como razão dois importantes regimentos que ocuparam o quartel, o primeiro ligado ao movimento absolutista e o segundo ao movimento liberal no século XIX.

No século XIX e sobretudo durante o século XX foi ocupado por artistas e também revolucionários de ideais republicanos que aqui se fixaram, e foi inclusive o sítio de onde partiu a revolta republicana de 5 de Outubro de 1910 (*in* sítio da Junta de Freguesia de Santo Condestável). Durante a 2ª Guerra Mundial aqui se concentravam os Judeus, e durante os anos do regime de Marcelo Caetano aqui se sediava a Comissão Democrática Eleitoral, principal opositora do regime. É assim um local de fortes ideais, decorrentes sobretudo da grande densidade de artistas (um deles Fernando Pessoa que chegou a viver aqui) e políticos que ajudavam à criação de massa crítica e inventiva contra as opressões que existiam à época. Assim, esta conjugação de políticos e artistas levou ao aparecimento de cafés de eleição, pontos de encontros fulcrais para a troca de ideais, sendo que alguns destes cafés ainda hoje existem como são o caso do café “A Tentadora”.

Nos anos 30, foi aqui construído o cinema Europa, tendo sido redesenhado pelo arquitecto Antero Ferreira em 1953, permaneceu como cinema até 1981, tendo a partir daqui sido utilizado para várias funções entre elas estúdio de televisão, ou sala de ensaios para peças. Outros cinemas caracterizavam o bairro, como o Jardim Cinema ou o Cinema Paris, já no bairro da Estrela mas que influenciou fortemente a vida cultural de Campo de Ourique.

Nos anos 20 a população do bairro fez um abaixo assinado no qual pedia um mercado e, em 1934, era construído o mercado de Campo de Ourique, hoje um dos principais elementos deste bairro, reconhecido pela sua variedade (só na parte exterior tem cerca de 30 lojas). Em 1951 é inaugurada a Igreja de Santo Condestável que vem buscar o seu nome à paróquia de Santo Condestável que foi estabelecida em 1934 e veio dar o nome também à freguesia de Santo Condestável, criada em 7 de Fevereiro de 1959, através do desmembramento da freguesia de Santa Isabel. São os cafés, assim como a exigência de produtos diferentes fomentados por estes grupos de pessoas, e uma classe operária estável com uma grande apropriação ao local onde habita, que estimularam o comércio local, que ainda hoje é conhecido pela sua variedade e qualidade, mas também o aparecimento de outras actividades, como sendo o Cinema Europa, hoje demolido, os ateliês, galerias de arte, entre outros.

5.2. METODOLOGIA

Para esta tese foram usados como instrumentos de análise as entrevistas, produção de cartografia, inquéritos à população de Campo de Ourique e recolha de dados estatísticos sobre a área de estudo.

A área de análise escolhida situa-se na freguesia de Santo Condestável, que, a par da freguesia de Santa Isabel, constituem as duas freguesias do bairro de Campo de

FIGURA 22 PERSPECTIVA DO BAIRRO DE CAMPO DE OURIQUE (GOOGLE EARTH)

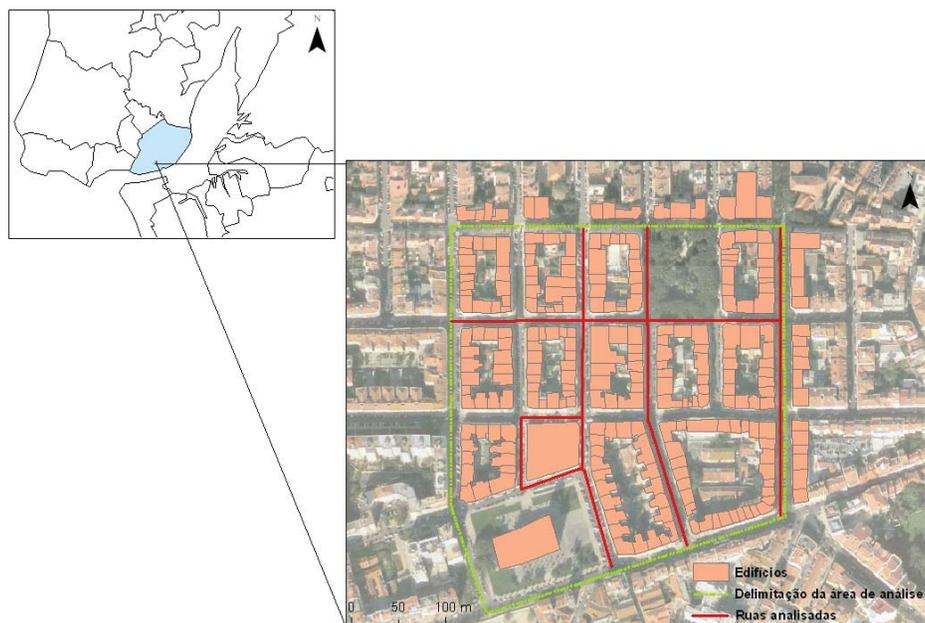
Fonte: Google Earth, 2009

Ourique. A escolha desta área prendeu-se com o seu desenho urbano e diversidade funcional, que vai muito de encontro ao que foi definido aquando da análise teórica sobre a unidade de vizinhança, mas também vai de encontro a várias características que são definidas aquando do conceito de comunidades sustentáveis. Esta área compreende o mercado de Campo de Ourique, a Igreja de Sto. Condestável, o antigo Cinema Europa (na presente data de publicação já demolido), a Junta de Freguesia, o Jardim da Teófilo Braga (conhecido como o Jardim da Parada), além de uma forte diversidade de serviços, comércio e presença de transporte público. A escolha foi assim feita, com base em várias idas ao bairro e observação das suas características, e também, como atrás foi mencionado, na validação daquilo que foi observado com aquilo que foi investigado.

A análise estatística centrou-se na informação disponível nos censos de 1981, 1991 e 2001 para as freguesias que compõem o bairro de Campo de Ourique - Santo Condestável e Santa Isabel - com vista a assim melhor entender a evolução dos vários indicadores sócio-urbanísticos, ou seja, a população residente, as famílias e os edifícios ao longo dos anos, bem como dar resposta a indicadores que foram definidos por Egan (Anexos, fig.2-4) para cada componente a analisar. Foram também analisados indicadores respeitantes ao nº de licenciamentos, nomeadamente o indicador “Fogos licenciados (N.º) em construções novas para habitação familiar por Localização geográfica e Entidade promotora” desde 1995-2008, e também o indicador “Fogos licenciados (N.º) em construções novas para habitação familiar por Localização geográfica e Tipologia do fogo” desde 1995-2008, que fazem parte do “Inquérito aos

FIGURA 23 ENQUADRAMENTO DO BAIRRO DE CAMPO DE OURIQUE

Enquadramento do Bairro de Campo de Ourique



Fonte: Elaboração própria

Projectos de Obras de Edificação e de Demolição de Edifícios”, estudo conduzido pelo INE. Pretende-se com esta análise perceber a evolução da construção de novo edificado no bairro através da entidade promotora e tipologia de fogo. Foi também analisado um estudo bastante importante para a compreensão das dinâmicas do bairro de Campo de Ourique, retirado da análise estatística realizada pela Câmara Municipal de Lisboa intitulado “Diagnóstico Sócio-urbanístico da Cidade de Lisboa - Uma perspectiva censitária” (2001).

A análise do bairro é complementada com a realização de inquéritos à população, inquéritos que foram realizados no dia 9 de Maio de 2009 na freguesia de Santo Condestável, onde se situa a área de análise. A amostra consiste em 100 pessoas sendo que 26 destas são não moradoras, e 74 são moradoras na área de análise. O agregado familiar dos moradores e não moradores também é elemento presente nalgumas questões da caracterização da amostra, pelo que, contando com estes, o inquérito tem uma abrangência máxima de 206 pessoas, sendo que o número de participantes de agregado familiar varia de questão para questão consoante os dados que estão disponíveis, resultantes das respostas que foram dadas. O inquérito estava

estruturado em três pontos: caracterização geral, à qual corresponde a caracterização do indivíduo e do respectivo agregado familiar, inclui também uma secção de três perguntas destinadas aos não moradores; dimensão comunidades sustentáveis, que é composta pelas três componentes que são analisadas neste estudo e que são componentes sociocultural, equipamentos e serviços e transportes e conectividade; e finalmente uma terceira dimensão, que é a do capital social, dividida nas dimensões redes sociais, confiança e civismo, também já abordadas no enquadramento teórico. No caso das comunidades sustentáveis as perguntas tiveram como fonte o relatório Egan (2004), nomeadamente através das fichas de indicadores por componente (Egan, Anexos, fig.2-4). No caso do capital social as perguntas tiveram como fonte o estudo intitulado “*European Values Study*”, que tem sido aplicado desde 1981, numa iniciativa conjunta de vários países europeus, sendo que o inquérito modelo que foi utilizado foi o que foi aplicado em 2008. Fundamental na escolha das dimensões de capital social a serem analisadas foi também o trabalho de van Oorschot et al (2006), no qual foram delineadas as dimensões do capital social mais indicadas para a sua medição e respectivos indicadores (fig. 24).

FIGURA 24 DIMENSÕES E INDICADORES DO CAPITAL SOCIAL

Table 1 Social capital: dimensions and indicators

Dimensions	Indicators
Networks	
Participation in voluntary organizations	Passive participation (sum scale) Active participation (sum scale)
Sociability	Socializing with friends (3-point scale) Socializing with family (3-point scale)
Trust	
Generalized trust	Trust in others in general (single item)
Trust in institutions	Trust in (welfare) state institutions (Likert scale)
Civism	
Trustworthiness	Civic commitment and morality (Likert scale)
Political engagement	Discussing and following politics (sum scale)

Fonte: van Oorschot et al, 2006:153

Relativamente á área analisada do bairro de Campo de Ourique, e de forma a melhor compreender a relação entre a organização do bairro e os seus residentes e não residentes, consideraram-se 3 áreas com diferentes níveis de dotação de comércio, serviços e equipamentos, que ilustram 3 núcleos essenciais para o funcionamento do bairro (fig.25).

FIGURA 25 TRÊS NÚCLEOS DE ANÁLISE



Fonte: Elaboração própria

Assim, o **núcleo A1** é composto pela igreja de Santo Condestável e pelo mercado de Campo de Ourique. Regista-se aqui, por um lado, um importante equipamento religioso e por outro, um importante equipamento comercial. São dois edifícios que, quer pela sua simbologia, quer pela sua função, caracterizam fortemente não só a freguesia, mas também o bairro. Além do mais são dois elementos que se complementam, visto muitas pessoas aproveitarem a ida à igreja para passarem pelo mercado e vice-versa. Aqui “são postas as conversas em dia” dos moradores, que entre si, e entre os agentes (padre, comerciantes, funcionários da Junta de Freguesia, entre outros) constroem todos os dias uma teia complexa de relações sociais que tanto contribuem para a matriz sociocultural deste bairro. Importante também assinalar o poder de atracção do mercado de pessoas que não residem nesta área e que aqui vêm pela variedade, qualidade, e natureza orgânica dos produtos vendidos no mercado. É uma área também caracterizada pela forte predominância de comércio a retalho associado aos têxteis.

Identificou-se como **núcleo A2** a Rua Ferreira Borges. Esta tem uma importante função como via de passagem e ligação do bairro com o Rato, Estrela e Amoreiras. Além disso, pela largura dos seus passeios, é preferida de muitas pessoas para se deslocarem mais rapidamente para o seu destino. É uma rua de importância histórica como atesta a presença do edifício “A concorrente” e do outro lado “A Tentadora”, que constituem um património histórico e arquitectónico de elevado valor, visto serem dos mais antigos exemplares em Lisboa do movimento da Arte Nova do início do século XX. Importante também referir a presença do antigo quartel de Campo de

Ourique, agora Escola do Serviço de Saúde Militar, que foi dos primeiros edifícios a aqui se implantarem, e inclusive ajudou a moldar a famosa malha ortogonal deste bairro. É uma rua com uma forte componente comercial, sobretudo até ao quartel (de quem vem da Estrela). As principais actividades que aqui se registam são a bancária, restauração, mercearias e lojas de artigos para a casa.

O **núcleo A3** corresponde ao Jardim Teófilo Braga, que era outrora o jardim da parada pois eram aqui que se realizavam as paradas militares. De resto, cruzam este jardim ruas cuja toponímia faz alusão a esta temática como são o caso da Rua 4 de Infantaria e da Rua de Infantaria 16. Este núcleo também compreende o Cinema Europa. O Jardim Teófilo Braga é um importante ponto de encontro da população deste bairro. Aqui podemos observar sobretudo dois tipos de população: crianças acompanhadas pelos pais no parque de diversões e idosos que jogam às cartas e convivem entre si. O Jardim serve também de espaço de passagem de pessoas que vêm do mercado ou Igreja em direcção às suas casas. Constitui um espaço de lazer único e muito utilizado pois está perto das casas das pessoas e tem uma importante área de sombra.

Relativamente à cartografia produzida, esta concerne a área analisada, sendo que foram delimitadas as vias que detinham maiores fluxos de pessoas e transportes, bem como maior diversidade funcional de acordo com o observado no local, mas também através da análise da cartografia produzida pela Câmara Municipal de Lisboa, em particular no mapa intitulado “Densidade de estabelecimentos a retalho por via” (CML, Maio 2009), como pode ser observado na figura 26.

FIGURA 26 VIAS ANALISADAS



Fonte: Elaboração própria

As ruas analisadas no percurso assinalado foram a Avenida Ferreira Borges, Rua Tomás da Anunciação, Rua Francisco Metrass, Rua Padre Francisco, Rua Tenente Ferreira Durão, Rua Coelho da Rocha e Rua Almeida e Sousa. Foi feita cartografia para três tipos de análise: levantamento funcional, com vista a aferir a multiplicidade de funções e serviços que existem; levantamento da época de construção, com o objectivo de identificar espacialmente a distribuição do edificado por idade; e levantamento do estado de conservação do edificado, para perceber as características do edificado a este nível no bairro.

Toda a informação anterior foi complementada com a realização de entrevistas. Estas foram realizadas durante o mês de Junho, e tiveram como objectivo perceber as políticas que estavam a ser desenvolvidas no bairro, como estas são pensadas ao nível do poder local, caso da Câmara de Lisboa, e ao nível regional como é o caso da CCDR-LVT. Por fim, mas não menos importante, foram utilizadas para ter uma ideia do pensamento científico que está a ser desenvolvido no presente sobre esta temática. Assim, foram feitas entrevistas ao Sr. Presidente da Junta de Freguesia de Santo Condestável Luís Graça Gonçalves (ver Anexo, tabela 73), para perceber que medidas estavam a ser tomadas pela junta de freguesia no bairro; foi feita outra entrevista ao Professor Tiago Farias (ver Anexo, tabela 73), comissário para a Sustentabilidade Ambiental e Energética da Carta Estratégica de Lisboa, para aferir o que está a ser feito ao nível da Carta Estratégica de Lisboa, mais particularmente na área da sustentabilidade, mas também para ter a visão de alguém com bastante experiência na área dos transportes e mobilidade; foi também entrevistada a Dra. Isabel Marques (ver Anexo, tabela 73), técnica da CCDR-LVT e coordenadora do projecto Eco-Bairros, com o objectivo de exemplificar medidas que estão a ser aplicadas em Portugal; e finalmente, foi entrevistado o Professor do MIT (Massachusetts Institute of Technology) John Fernandez (ver Anexo, tabela 73), especialista em sustentabilidade urbana, mais particularmente metabolismo urbano, a qual tinha o objectivo de ter o depoimento de alguém que investiga a sustentabilidade urbana nas suas formas mais inovadoras e também com o objectivo de saber a opinião sobre a emergência de conceitos e movimentos associados à sustentabilidade dos últimos anos.

5.3. INDICADORES DEMOGRÁFICOS E DE EDIFICAÇÃO DO BAIRRO DE CAMPO DE OURIQUE

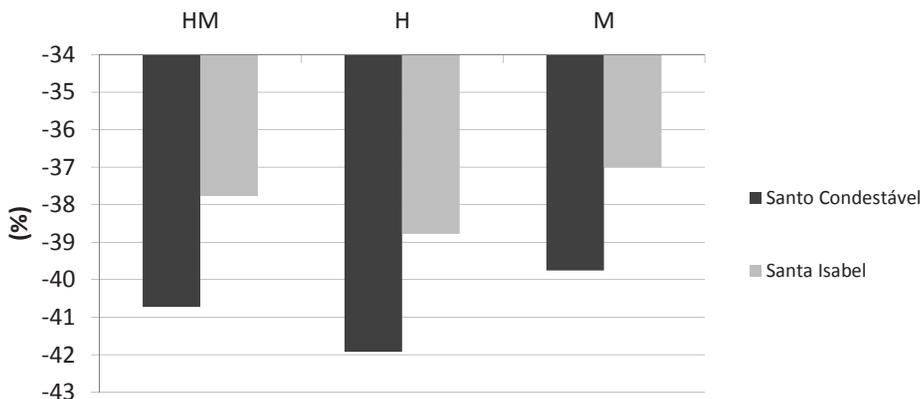
No que respeita à evolução da população no bairro de Campo de Ourique, esta foi negativa tanto para a freguesia de Santo Condestável como para a freguesia de Santa Isabel entre 1981 e 2001, registando valores semelhantes (cerca de 40% para a primeira e 38% para a segunda). Mesmo entre sexos a variação negativa foi bastante parecida. Tendência semelhante pode ser observada no número de famílias clássicas residentes.

TABELA 1 POPULAÇÃO RESIDENTE, FAMÍLIAS E VARIAÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE ENTRE 1981-2001

Freguesia	Ano	População Residente			Famílias		Variação da população residente por género entre 1981-2001 (%)		
		HM	H	M	Clássicas Residentes	Institucionais	HM	H	M
Santo Condestável	1981	29612	13232	16380	11373	-	-40,72	-41,92	-39,76
	1991	22186	9812	12374	9086	8			
	2001	17553	7685	9868	8084	12			
Santa Isabel	1981	11683	5065	6618	4471	-	-37,77	-38,78	-37,01
	1991	9249	4002	5247	3819	9			
	2001	7270	3101	4169	3229	8			

Fonte: Censos 1981, 1991 e 2001, INE/Elaboração Própria

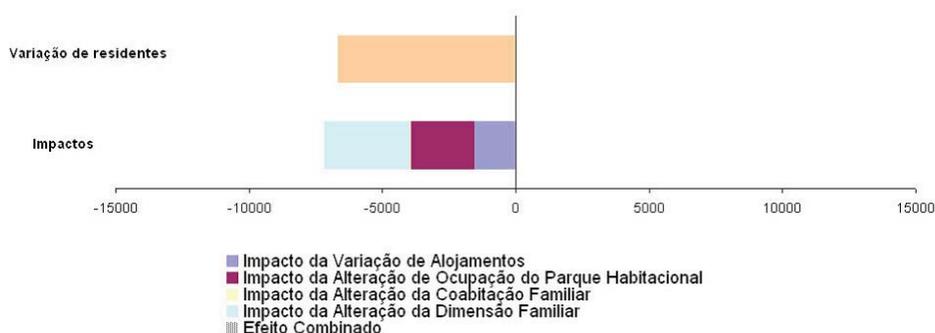
GRÁFICO 1 VARIAÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE ENTRE 1981-2001 POR GÉNERO EM CAMPO DE OURIQUE



Fonte: Censos 1981, 1991 e 2001, INE/Elaboração Própria (Anexos, Tabela 1)

Estabelecendo a evolução geral do bairro de Campo de Ourique entre 1991-2001 podemos denotar importantes resultados. A taxa de variação de residentes foi negativa, traduzindo-se em -20,7%, -12% na taxa de variação das famílias, em grande parte devido às elevadas rendas que aqui se registam mas também ao estado de degradação da habitação. Espelho desta afirmação é a taxa de alojamentos vagos que aumentou 38,5%. Esta evolução negativa demonstra acima de tudo uma tendência generalizada de êxodo de população do concelho de Lisboa, que começou a fazer-se sentir precisamente no final dos anos 80.

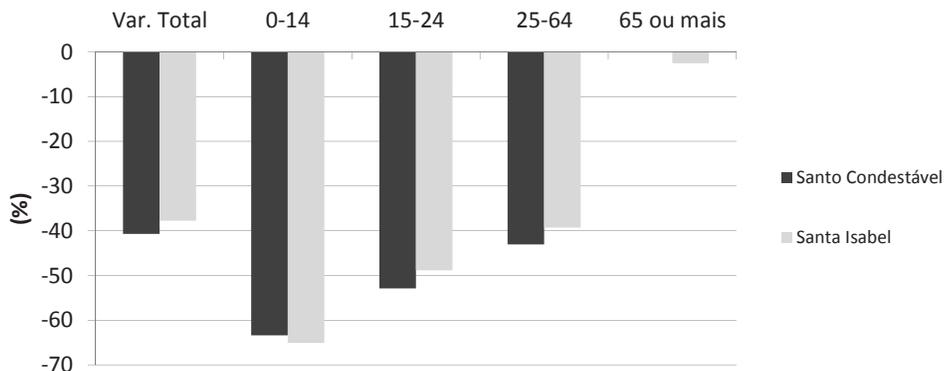
GRÁFICO 2 MODELO DE VARIAÇÃO DE RESIDENTES EM CAMPO DE OURIQUE NA DÉCADA DE 90



Fonte: CML, 2001

Analisando a variação da população entre 1981-2001 por grupo etário, pode-se concluir que quem mais contribuiu para a variação negativa da população nas duas freguesias de Campo de Ourique foram as classes mais jovens, nomeadamente dos 0-14 anos com cerca de -60% e dos 15-24 com cerca de -50% para as duas freguesias. Demonstra assim que quem saiu destas freguesias foi a população em idade activa, que juntamente com os seus filhos procurou outras freguesias ou concelhos para viver. Demonstra também, sobretudo no grupo dos 0-14 o consecutivo abrandamento da taxa de natalidade, uma tendência que se registou de resto um pouco por todo o país.

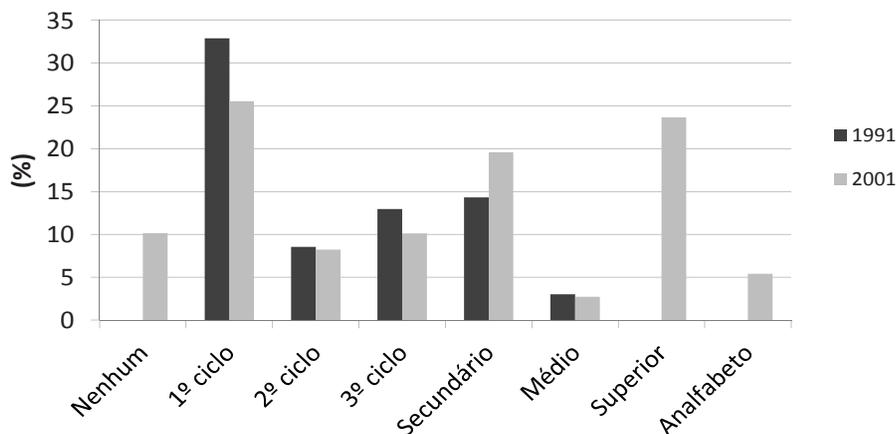
GRÁFICO 3 VARIACÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE ENTRE 1981-2001 POR GRUPO ETÁRIO EM CAMPO DE OURIQUE



Fonte: Censos 1981, 1991 e 2001, INE/Elaboração Própria (Anexos, Tabela 1)

No que respeita ao grau de escolaridade por freguesia, de realçar em primeiro lugar a falta de dados em 1991 para o grau superior assim como analfabeto, que não permite à partida fazer uma comparação destes graus entre 1991 e 2001. De realçar também que não existiam dados para o ano de 1981, pelo que se apresenta dados para os anos de 1991 e 2001. De sublinhar a maior preponderância dos graus de escolaridade de menor qualificação em 1991, como são o caso do 1º ciclo, 2º ciclo e 3º ciclo, enquanto que em 2001 existe uma preponderância de graus de escolaridade de maior nível como são o secundário e sobretudo o superior. Contudo, desta análise resulta um facto preocupante, mesmo juntando o grau de escolaridade secundário com o superior estes somam cerca de 45%, o que se depreende que cerca de 55% da população em 2001 tem um grau de escolaridade inferior ao secundário.

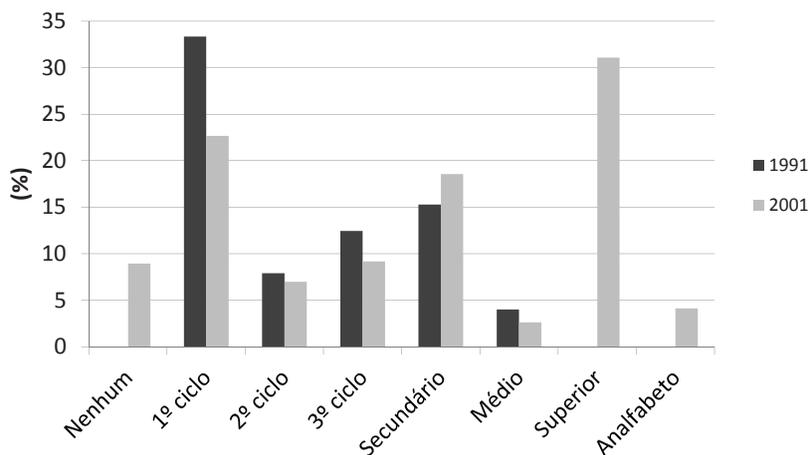
GRÁFICO 4 POPULAÇÃO DA FREGUESIA DE SANTO CONDESTÁVEL SEGUNDO GRAU DE ESCOLARIDADE EM 1991 E 2001



Fonte: Censos 1991 e 2001, INE/Elaboração Própria (Anexos, Tabela 2)

No que respeita à freguesia de Santa Isabel repete-se o mesmo padrão atrás descrito, contudo, com valores diferentes para o grau de ensino superior, que representa uma maior parte da população com cerca de 30%. Assim, cerca de 50% da população tem um grau de escolaridade secundário ou superior, o que não deixa também de representar valores ainda baixos para uma freguesia de Lisboa.

GRÁFICO 5 POPULAÇÃO DA FREGUESIA DE SANTA ISABEL SEGUNDO GRAU DE ESCOLARIDADE EM 1991 E 2001

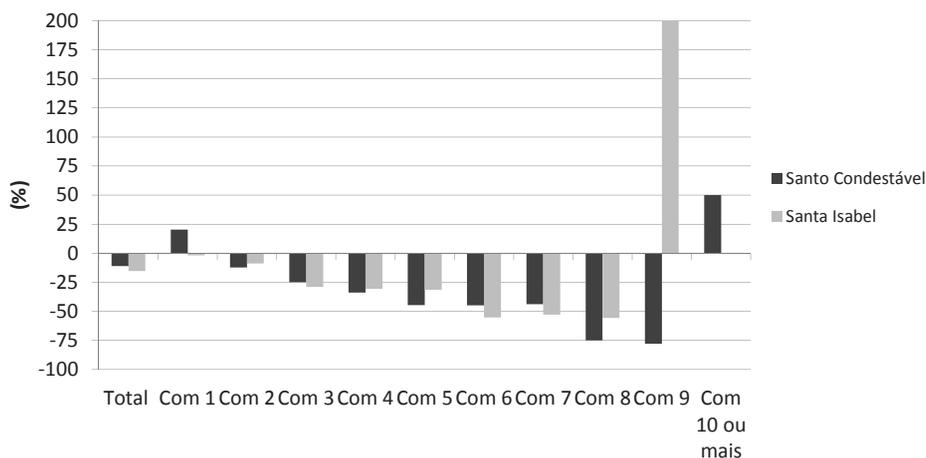


Fonte: Censos 1991 e 2001, INE/Elaboração Própria (Anexos, Tabela 2)

Relativamente à variação do número e dimensão das famílias clássicas entre 1991-2001 em Campo de Ourique, pode-se observar um decréscimo do número total de famílias de cerca de 11% para Santo Condestável e 15% para Santa Isabel, que constata em parte o decréscimo de população atrás observado. Interessante observar a evolução negativa do número de elementos por família e como esta se torna menos expressiva à medida que o agregado familiar vai diminuindo de tamanho. Aqui, convém primeiro explicar as evoluções positivas tanto para Santa Isabel relativamente a agregados de 9 pessoas (cerca de 200%) e para Santo Condestável para agregados com 10 ou mais pessoas (com cerca de 50%). Assim, estas evoluções bruscas são relativizadas pelos dados absolutos, sendo que no caso de Santa Isabel, existia em 1991 1 família com 9 pessoas e em 2001 passaram para 3, dando-se assim o aumento exponencial de 200%. No caso de Santo Condestável, o aumento foi de 2 para 3, registando o valor de 50%. Os restantes valores espelham as mudanças socioeconómicas e demográficas a que se tem assistido em Portugal, sobretudo nos centros urbanos, que se traduzem numa menor dimensão do agregado familiar. De notar que houve uma evolução positiva de agregados com 1 pessoa, o que aponta em primeiro lugar para um maior número de idosos que vivem sozinhos, e também situações em que adultos vivem sozinhos, o que pode estar relacionado com o aumento do número de divórcios nos últimos anos em Portugal. De facto, nos inquéritos foram vários os casos em que pessoas apontaram que eram divorciadas. De resto, as diferenças entre as duas freguesias não são muito assinaláveis, sendo que esta só se torna mais visível a partir dos agregados com 5 ou mais pessoas.

GRÁFICO 6

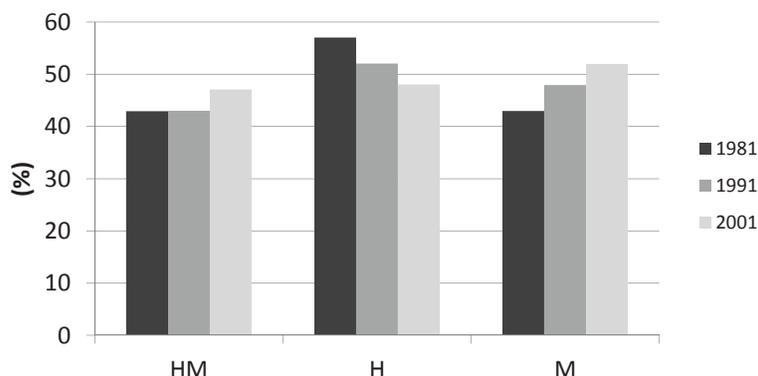
VARIAÇÃO DO NÚMERO E DIMENSÃO DAS FAMÍLIAS CLÁSSICAS ENTRE 1991-2001 EM CAMPO DE OURIQUE



Fonte: Censos 1991 e 2001, INE/Elaboração Própria (Anexos, Tabela 4)

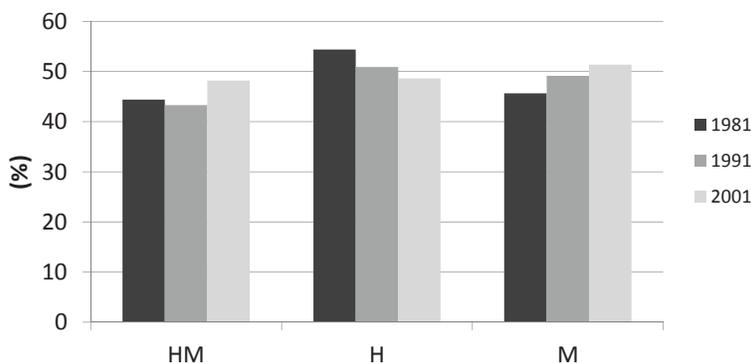
Os dois gráficos seguintes ilustram de uma forma bastante interessante a evolução da taxa de actividade nas duas freguesias entre os anos de 1991-2001. Assim, a um progressivo aumento da taxa de actividade junto das mulheres, assistiu-se a um decréscimo na taxa de actividade dos homens, registando em 2001 um equilíbrio entre estes dois géneros mas com a tendência para crescer ainda mais junto das mulheres. De facto, elas são em tudo semelhantes nas duas freguesias, tendo sido feito um percurso mais assinalável na freguesia de Santo Condestável. Analisando a taxa de actividade de uma forma geral esta situa-se à volta dos 50% nas duas freguesias com uma tendência crescente, o que indica que cerca de metade da população destas freguesias é não activa economicamente.

GRÁFICO 7 EVOLUÇÃO DA TAXA DE ACTIVIDADE NA FREGUESIA DE SANTO CONDESTÁVEL ENTRE 1981-2001



Fonte: Censos 1981, 1991 e 2001, INE/Elaboração Própria (Anexos, Tabela 3)

GRÁFICO 8 EVOLUÇÃO DA TAXA DE ACTIVIDADE NA FREGUESIA DE SANTA ISABEL ENTRE 1981-2001

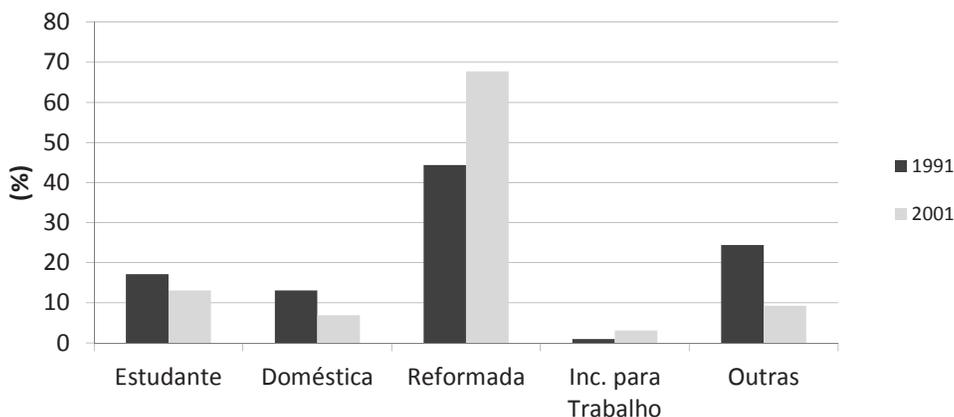


Fonte: Censos 1981, 1991 e 2001, INE/Elaboração própria (Anexos, Tabela 3)

No que concerne à população por condição perante a actividade económica na freguesia de Santo Condestável, analisando a população activa, esta reparte-se por empregada correspondendo a 92,12% em 1991 e 91,25% em 2001, e desempregada, com 7,88% em 1991 e 8,75% em 2001, portanto uma variação de -0,95% na proporção da população empregada face ao total da população activa e um aumento de 11,10% na proporção da população desempregada face ao total da população activa. Já a freguesia de Santa Isabel apresentava 93,26% da população activa empregada em 1991 e 94,09% em 2001, e relativamente à população em idade activa desempregada 6,74% em 1991 e 5,91% em 2001, o que corresponde a um aumento de 0,89% na proporção da população empregada face ao total de população activa e um decréscimo de 12,32% da população desempregada face ao total da população activa (Anexos, Tabela 5).

Analisando a população não activa na freguesia de Santo Condestável entre 1991-2001, pode-se denotar um decréscimo acentuado da população estudante, doméstica e de outras actividades, e um aumento da população reformada que passou de cerca de 44% para cerca de 68%, assim como de um aumento ligeiro na população com incapacidade para o trabalho.

GRÁFICO 9 POPULAÇÃO NÃO ACTIVA NA FREGUESIA DE SANTO CONDESTÁVEL ENTRE 1991 E 2001

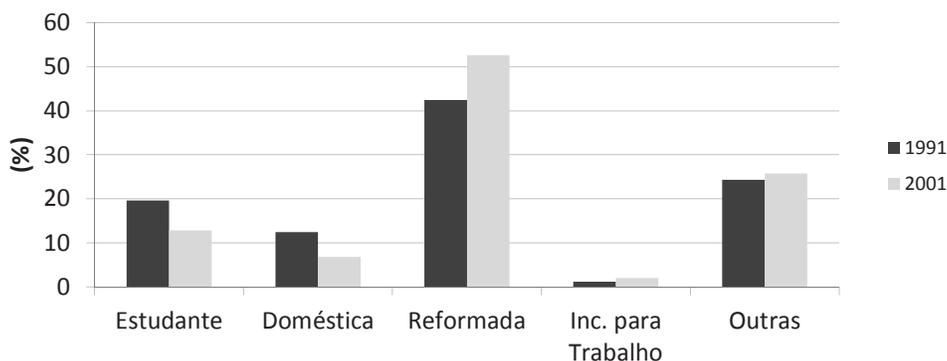


Fonte: Censos 1991 e 2001, INE/Elaboração própria (Anexos, Tabela 5)

O gráfico ilustrativo da freguesia de Santa Isabel apresenta resultados semelhantes no que diz respeito às tendências, com excepção do aumento entre o grupo de outras actividades. Os valores são ligeiramente diferentes sendo que relativamente à população idosa, Santa Isabel conheceu um aumento menor, registando os valores de 42%

para 1991 e 53% para 2001, um aumento de 11% quando comparado com o aumento exponencial de Santo Condestável que foi de 24%. A população doméstica teve uma evolução negativa semelhante, sendo que na população estudante, a freguesia de Santa Isabel registou um decréscimo mais acentuado.

GRÁFICO 10 POPULAÇÃO NÃO ACTIVA NA FREGUESIA DE SANTA ISABEL EM 1991 E 2001



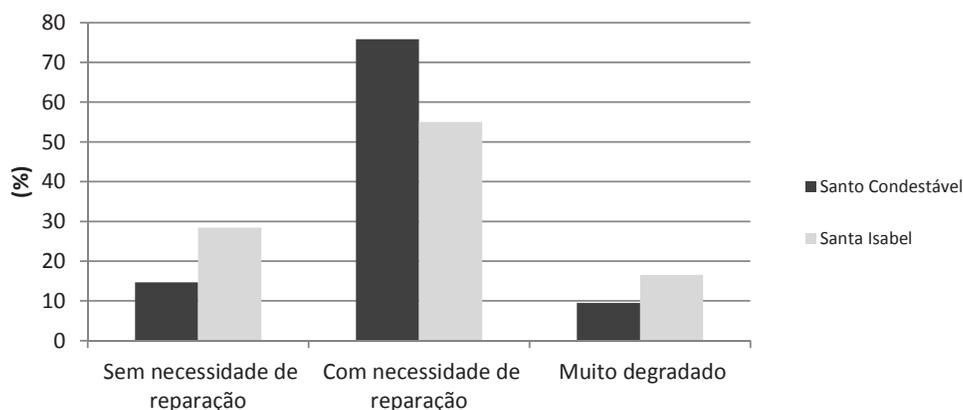
Fonte: Censos 199 e 2001, INE/Elaboração própria (Anexos, Tabela 5)

Relativamente ao número total de edifícios e respectiva evolução, foi possível obter valores para os três censos. Assim de 1981-2001 a freguesia de Santo Condestável apresenta uma evolução positiva passando de 2312 edifícios para 2554, enquanto que a freguesia de Santa Isabel apresentou uma evolução negativa, sendo que em 1981 possuía 961 edifícios e passou para 833 em 2001 (Anexos, Tabela 6 e 7). Analisando a figura 27, que resulta do levantamento efectuado na área de análise situada na freguesia de Santo Condestável, pode-se constatar que o número de edifícios identificados segundo a sua época de construção coincide com os dados dos censos do INE para 2001 (Anexos, tabela 6 e 7). Assim, o maior número de edifícios nesta freguesia, são os anteriores a 1919 (849) e desta data até 1945 (992) segundo os dados do INE, e de resto, o mesmo se pode observar na figura abaixo presente. Assim, nas vias e áreas analisadas, pode-se constatar a presença de edificado mais homogéneo relativamente à sua idade na parte Oeste (sendo aqui o edificado anterior aos anos 50), e uma maior heterogeneidade de edificado na parte Leste, conciliando edificado do século XIX e do princípio do século XX, com edificado recente. Este facto pode ser explicado pelo próprio crescimento do bairro que se deu de Leste para Oeste, o que propicia uma malha urbana mas intacta em termos de idade a Oeste e mais fragmentada a Leste, pois edifícios mais antigos entretanto deram lugar a outros mais recentes.

FIGURA 27**CARTA DA ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO DO EDIFICADO NA ÁREA DE ANÁLISE, CAMPO DE OURIQUE**

Fonte: Elaboração própria

No que respeita ao estado de conservação do edificado, não existiam dados anteriores a 2001, pelo que se apresentam exclusivamente dados relativos aos censos deste mesmo ano. Assim, pode-se denotar que a freguesia de Santa Isabel apresenta o conjunto de edificado em melhores condições visto cerca de 30% dos edifícios não necessitarem de reparações e cerca de 50% a necessitarem de reparações. Apresenta contudo, o valor mais alto de edificado 'muito degradado'. Já a freguesia de Santo Condestável possui apenas 15% dos edifícios sem necessidade de reparação, e um grupo de cerca de 75% dos edifícios a necessitar de reparação. Apenas 10% dos edifícios desta freguesia não necessitam de reparação.

GRÁFICO 11 EDIFÍCIOS SEGUNDO ESTADO DE CONSERVAÇÃO EM 2001 NO BAIRRO DE CAMPO DE OURIQUE

Fonte: Censos 2001, INE/Elaboração própria (Anexos, Tabela 6 e 7)

Ao analisar o estado de conservação na área de análise presente na figura 28, pode-se constatar que existe um maior número de edifícios em bom estado de conservação, portanto sem necessidades de reparação que em 2001, o que demonstra que tem existido uma intervenção no edificado nesta freguesia. Já os edifícios em estado razoável, portanto a necessitarem de reparações, assumem agora uma proporção semelhante aos edifícios quem em 2001 não necessitavam de reparações. Por fim, o edificado em mau estado de conservação assume uma proporção semelhante ao edificado muito degradado. Relativamente à sua distribuição esta obedece ao mesmo padrão Leste-Oeste que foi observado na idade do edificado.

FIGURA 28

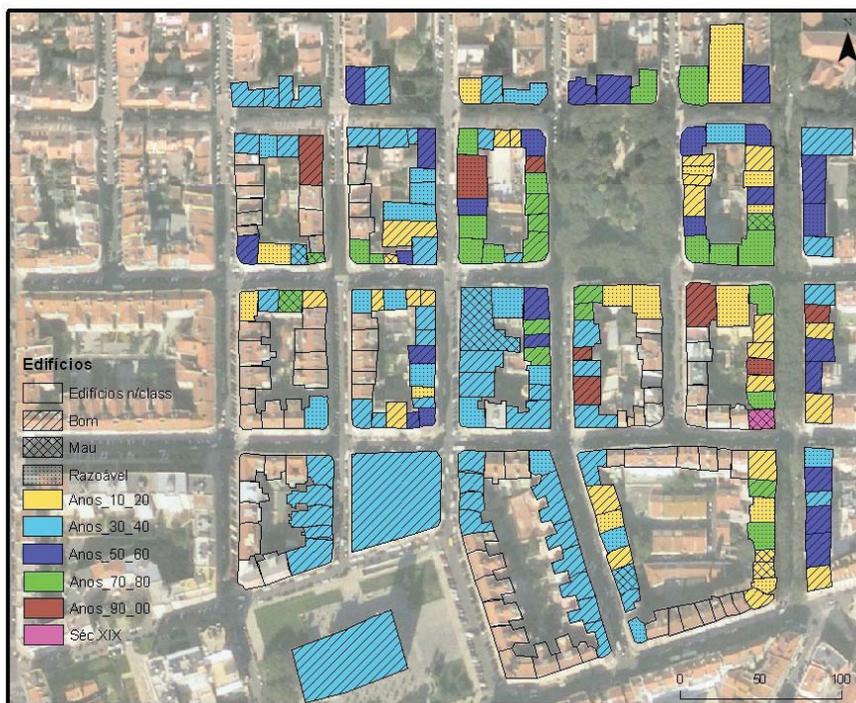
CARTA DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO DO EDIFICADO NA ÁREA DE ANÁLISE, CAMPO DE OURIQUE



Fonte: Elaboração própria

Ao cruzar a idade do edificado com o estado de conservação do edificado pode-se observar que edifícios do século XIX e princípio do século XX (anos 1910-1920) são os que apresentam pior estado de conservação (na maioria dos casos mau ou razoável), sendo que este estado de conservação só se volta a repetir em edifícios dos anos 1970 e 1980. Portanto dá a ideia que edifícios mais antigos não foram intervencionados nos últimos anos e que os de origem relativamente recente (com 30 ou menos anos) estão a atingir o limiar de vida útil sem sofrer intervenção. Os edifícios dos anos 1930 a 1960 apresentam em geral um bom estado de conservação indicado por isso que já sofreram intervenções de melhoria.

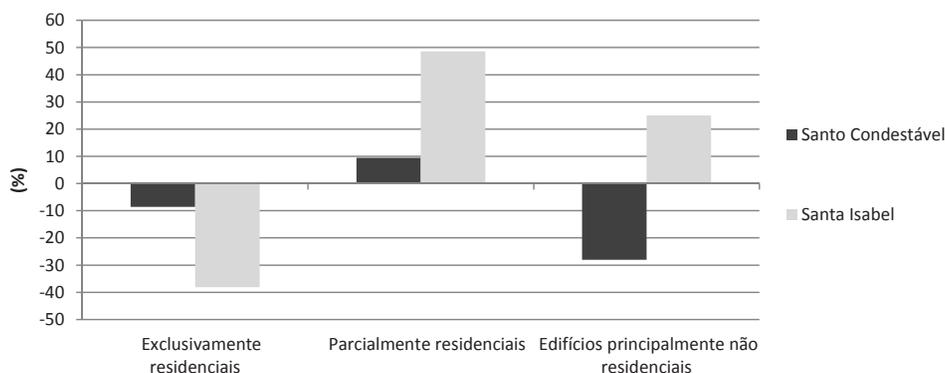
FIGURA 29 CARTA DA IDADE E ESTADO DE CONSERVAÇÃO DO EDIFICADO NA ÁREA DE ANÁLISE, CAMPO DE OURIQUE



Fonte: Elaboração própria

Fazendo uma análise ao tipo de edificado e sua variação entre 1991-2001 nas duas freguesias, pode-se constatar a interessante evolução negativa nos edifícios exclusivamente residenciais e evolução positiva nos edifícios parcialmente residenciais. Já no que respeita aos edifícios principalmente não residenciais registaram-se tendências contrárias numa freguesia e noutra. Assim, a freguesia de Santa Isabel demonstra uma profunda reestruturação do tipo de edificado para um tipo de edificado misto ou principalmente não residencial, o que pode estar relacionado com a maior presença de comércio e serviços nesta freguesia. Já Santo Condestável apresenta uma evolução negativa muito menos acentuada nos edifícios exclusivamente residenciais e bastante negativa nos edifícios principalmente não residenciais, o que pode demonstrar uma quebra da actividade económica nesta freguesia.

GRÁFICO 12 VARIÇÃO DO Nº DE EDIFÍCIOS SEGUNDO O TIPO ENTRE 1991 E 2001 NO BAIRRO DE CAMPO DE OURIQUE



Fonte: Censos 1991 e Censos de 2001, INE/Elaboração própria (Anexos, Tabela 8 e 9)

No que concerne ao licenciamento de novos fogos por entidade promotora, a freguesia de Santa Isabel apresenta dois anos de maior quantidade de novas habitações (1996 com 87 novas habitações e 2001 com 33 novas habitações), sendo que os restantes anos tiveram ou nenhuma habitação nova ou então valores bastantes baixos. Na maioria das vezes a entidade promotora são empresas privadas, sendo que existem alguns casos em que são também pessoas singulares. De notar, o factor importante de, em cerca de 7 anos, apenas 3 novos edifícios terem sido construídos nesta freguesia, o que denota a importância de edificado com mais idade.

Relativamente à freguesia de Santo Condestável, esta apresenta maior número de novos fogos, quando comparada com a de Santa Isabel, o que demonstra um maior dinamismo neste sector, mas também um tipo de edificado que mais facilmente pode ser substituído devido ao seu menor valor histórico do que o presente na freguesia de Santa Isabel. Os anos de maior actividade foram os de 1998 e 2000 com 41 e 49 novas habitações construídas, sendo que o período de menor actividade foi o compreendido entre os anos de 2002 e 2005. De sublinhar a homogeneidade no que respeita ao tipo de entidade promotora que são na maioria das vezes as empresas privadas. De registar também a tendência de nos últimos anos este facto ter vindo a sofrer alterações, como constata os anos de 2006 e 2007 em que foram as pessoas singulares as principais promotoras de habitação. Tendência que não pode ser comprovada se continua devido aos dados apresentados para 2008 (nulos em todos os tipos) e devido também ao facto de não existirem ainda os dados para o ano de 2009. Relativamente à propriedade no bairro de Campo de Ourique, 39,1% da população tem casa própria e 55,9% tem casa arrendada, sendo que 28,5% com renda inferior a 60 euros e 25,7% de alojamentos sem encargos, o que deixa transparecer uma po-

TABELA 2

FREGUESIA DE SANTA ISABEL: FOGOS LICENCIADOS (N.º) EM
CONSTRUÇÕES NOVAS PARA HABITAÇÃO FAMILIAR POR LOCALIZAÇÃO
GEOGRÁFICA E ENTIDADE PROMOTORA

Período de referência	Entidade promotora				
	Total	Pessoa Singular	Organismo público	Empresa privada	Outros
	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º
2008	0	0	0	0	0
2007	3	1	0	2	0
2006	0	0	0	0	0
2005	0	0	0	0	0
2004	0	0	0	0	0
2003	0	0	0	0	0
2002	0	0	0	0	0
2001	33	1	0	32	0
2000	0	0	0	0	0
1999	0	0	0	0	0
1998	7	7	0	0	0
1997	0	0	0	0	0
1996	87	1	0	86	0
1995	6	0	0	6	0

Fonte: INE, anual/Elaboração própria

pulação idosa numerosa. Relativamente a padrões de deslocação, os indivíduos que gastam menos de 30 minutos na deslocação casa-trabalho/estudo correspondem a uma percentagem de 80,1%, sendo que 31,3% o fazem a pé, 32,8% de transporte colectivo e 34,5% de automóvel privado. Se se somar os dois primeiros resultados, resulta em 64,1% de pessoas que vão a pé ou de transporte público para o seu local de estudo ou trabalho, um valor de extrema importância.

Na análise levada a cabo pela CML (2001), foi proposto um índice de vitalidade residencial sendo este composto pelos seguintes indicadores: ocupação, infra-estruturação, rejuvenescimento, densidade, atracção, qualificação, renda e conservação. Foi estabelecido um *score* máximo (100) que corresponde ao bairro com melhor resultado, e traduzidos os valores registados para Campo de Ourique em *score*, de forma a comparar estes em relação ao máximo. Nos indicadores respeitantes ao edificado, e tendo em conta os 35 bairros analisados no estudo da CML, Campo de Ourique tem um *score* de 54,9% o que lhe dá um ranking de 28/35, uma posição insatisfatória. Deve-se sobretudo este *score* ao fraco estado de conservação e às elevadas rendas, o que leva a concluir que existem rendas bastante elevadas para um número de edifícios

TABELA 3

FREGUESIA DE SANTO CONDESTÁVEL: FOGOS LICENCIADOS (N.º) EM CONSTRUÇÕES NOVAS PARA HABITAÇÃO FAMILIAR POR LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E ENTIDADE PROMOTORA

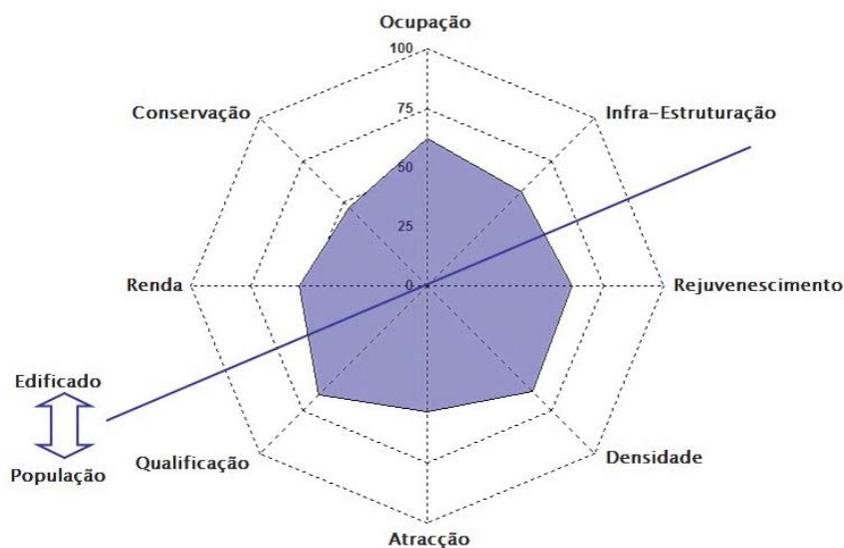
Período de referência	Entidade promotora				
	Total	Pessoa Singular	Organismo público	Empresa privada	Outros
	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º
2008	0	0	0	0	0
2007	6	6	0	0	0
2006	19	10	0	9	0
2005	0	0	0	0	0
2004	0	0	0	0	0
2003	0	0	0	0	0
2002	0	0	0	0	0
2001	11	4	0	7	0
2000	49	0	0	49	0
1999	22	0	0	22	0
1998	41	0	0	41	0
1997	33	0	0	33	0
1996	11	0	0	11	0
1995	18	0	0	18	0

Fonte: INE, anual

em bom estado de conservação reduzido. Já melhor *score* obteve Campo de Ourique nos indicadores relativos à população (60,7%) ficando em 9/35. No índice global este bairro registou 57,8% o que se traduz numa posição modesta de 20/35.

A esta análise falta a análise dos serviços e de caracterização funcional que este bairro apresenta, e que muito importante era para caracterizar este bairro, dada a função essencial que aqui desempenham. Através da análise factorial e da relação padrão levadas a cabo por este estudo, chegou-se ao seguinte resultado: “Cidade idosa/residencial a manter correlação positiva com cidade moderna, muito embora esta não apresente expressão significativa neste território. Cidade moderna a potenciar uma correlação negativa com a cidade degradada. A cidade dissociada, embora não tenha expressão significativa neste território, apresenta uma correlação positiva com a cidade degradada e mantém uma correlação negativa com cidade de solos públicos” (CML, 2001).

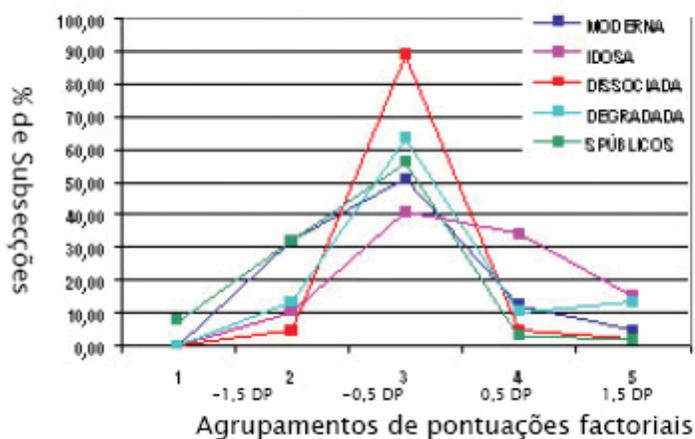
GRÁFICO 13 VITALIDADE RESIDENCIAL DE CAMPO DE OURIQUE POR FACTORES



Fonte: CML, 2001

GRÁFICO 14 DISTRIBUIÇÃO DOS 5 TIPOS DE CIDADE EM CAMPO DE OURIQUE

Distribuição dos 5 tipos de cidade em cada Unidade de Análise



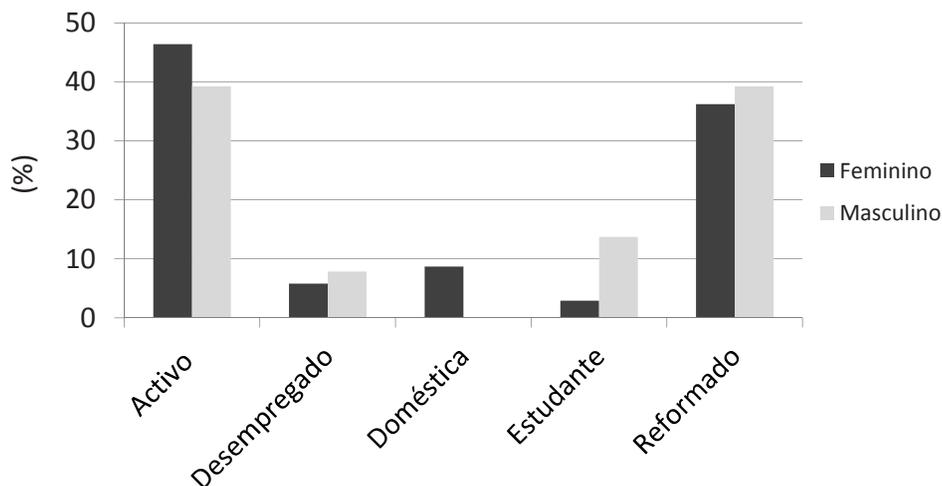
Fonte: CML, 2001

É um cenário preocupante, contudo, os dados apresentados são de 2001, não tendo assim em conta novas dinâmicas que possam ter acontecido no território. Assim, irá ser feita de seguida a análise aos inquéritos efectuados na freguesia de Santo Condestável, com vista a complementar a informação estatística e aprofundar o conhecimento sobre o bairro, tanto ao nível da caracterização dos agregados familiares, mas também ao nível das comunidades sustentáveis e capital social.

5.4. CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-DEMOGRÁFICA DAS FAMÍLIAS NA ÁREA DE ESTUDO

De forma a completar a informação estatística e o conhecimento sobre a população de Campo de Ourique de acordo com o tema desta dissertação, torna-se fulcral realizar uma análise mais direccionada para as comunidades sustentáveis e para o capital social. Assim, a caracterização sociodemográfica que se segue tem como objectivo aprofundar os conhecimentos que se tem sobre a população no que respeita à sua caracterização em termos gerais, para assim melhor enquadrar esta nos indicadores que serão utilizados mais à frente nesta dissertação.

Assim, relativamente ao género, a amostra que é considerada compreende também o agregado familiar. Pode-se constatar que 56% das pessoas inquiridas são do sexo feminino e 44% do sexo masculino relativamente aos moradores, sendo que nos não moradores os valores registados foram menos expressivos, sendo de 51% de sexo masculino e 49% de sexo feminino, (Anexos, tabela 10). Analisando o cruzamento das variáveis género e situação sócio profissional (que tem em conta moradores e respectivos agregados) podem-se constatar alguns valores importantes. O primeiro é o de que a população activa é composta por um maior número de mulheres (53%) do que homens (46%), o que comprova o maior número de mulheres na área de análise mas acentua ainda mais a proporção existente, significando que existe uma maior taxa de actividade nas mulheres do que nos homens. A comprovar este facto está a população desempregada que é composta por maior número de homens que mulheres. A população estudante é composta na sua maioria por homens, o que por sua vez substância em parte o menor número de população activa do género masculino. Relativamente à população reformada e doméstica não existem situações de sublinhar mantendo a tendência normal.

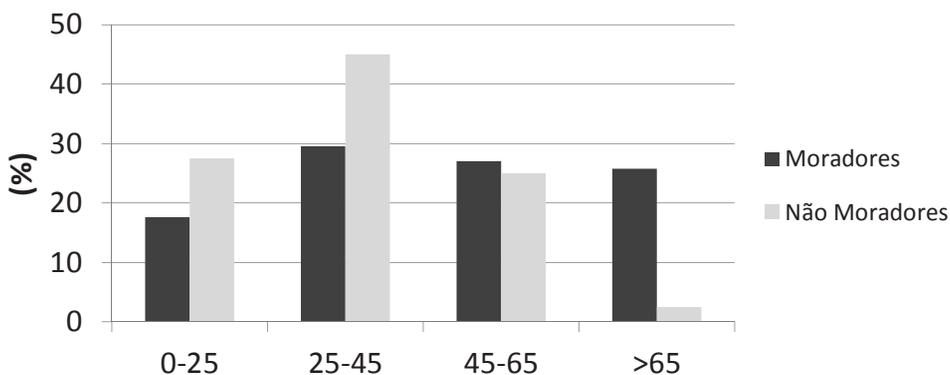
GRÁFICO 15 GÉNERO VS SITUAÇÃO SÓCIO PROFISSIONAL

Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 11)

A média de idades registada foi de 51 anos. Analisando o gráfico (que congrega os valores de moradores e não moradores e respectivos agregados) pode-se observar duas importantes tendências: a população mais jovem corresponde aos não moradores e a mais velha aos moradores. De facto, e como será ilustrado mais à frente, a população jovem não moradora deve a sua maior presença ao facto de utilizar o bairro como local de trabalho como se poderá observar mais à frente na análise dos inquéritos. Já a população constituída pelos moradores é caracterizada por uma população menos activa e mais envelhecida, de facto, um dos maiores problemas deste bairro.

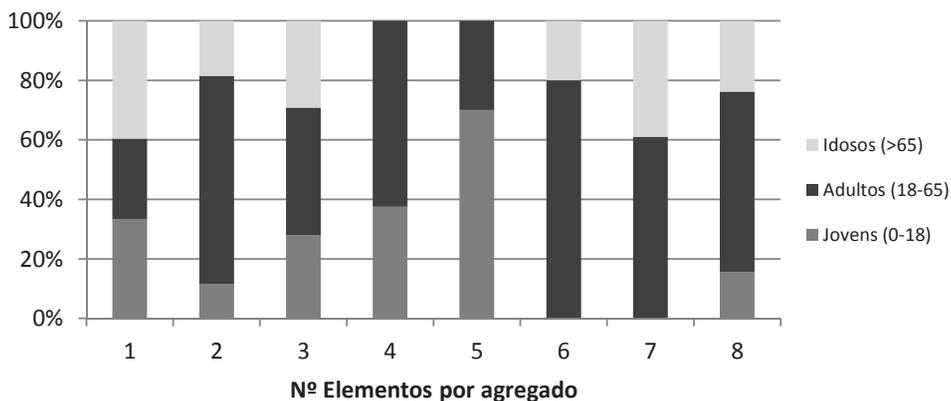
No que respeita à composição do agregado familiar, esta pergunta foi feita a moradores e não moradores, pelo que os resultados ilustram sobretudo as características de agregado do conjunto de pessoas que vivem ou utilizam este bairro para uma necessidade específica. De realçar em primeiro lugar uma tendência que se confirma não só a nível nacional como também em muitos países desenvolvidos, que é a pequena dimensão do agregado familiar, e também uma população idosa que cada vez vive mais sozinha. De resto, um indicador que vem já em linha com os dados anteriormente discutidos do INE. Importante também sublinhar que a maioria dos agregados familiares é composta apenas por um adulto (47%), o que significa uma maior preponderância das famílias mono parentais. Também o número de jovens por agregado é em 58% dos casos apenas 1 jovem. Outro elemento importante é o elevado número de agregados com apenas 1 idoso (69%) o que aponta para o facto de muitos idosos viverem sozinhos.

GRÁFICO 16 IDADE, MORADORES E NÃO MORADORES



Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 12)

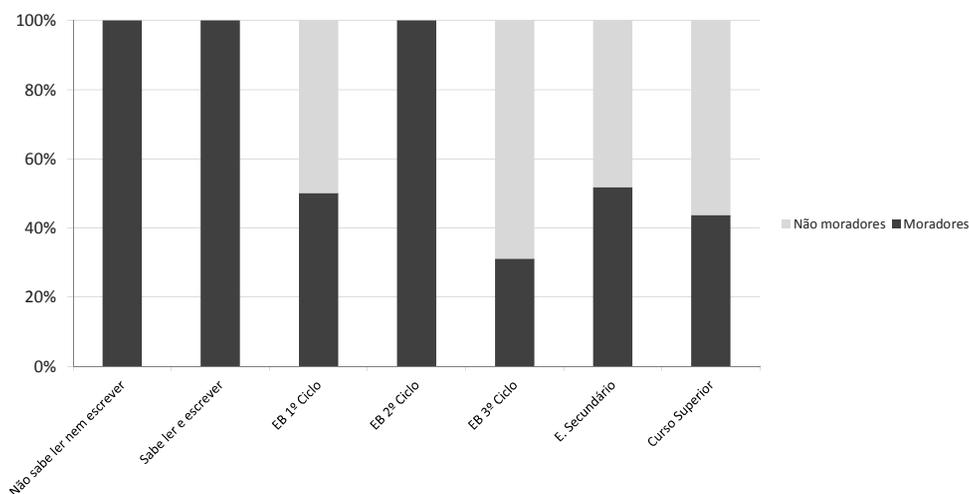
GRÁFICO 17 COMPOSIÇÃO DO AGREGADO FAMILIAR



Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 13)

No que respeita ao grau de instrução pode-se constatar que uma percentagem importante das pessoas moradoras inquiridas (34%) possui grau de ensino superior e que uma percentagem ainda maior (44%) corresponde aos não moradores. No ensino secundário existe uma tendência inversa mas com diferenças bastante menores. Relativamente à escolaridade básica de 1º ciclo o resultado é de 22%. Analisando a distribuição do grau de qualificação por idade, podemos observar que os graus de menor qualificação são atribuídos à população mais idosa e que esta vai tendo menor expressão à medida que o grau de qualificação se eleva. Nota-se também um decréscimo, mas menos acentuado e com excepções, da população entre os 45-65 anos em direcção a graus de maior qualificação. Tendência contrária têm as idades 25-45 e 0-25, que apresentam maiores graus de qualificação e comprovam de resto a tendência nacional de maior qualificação da população mais jovem.

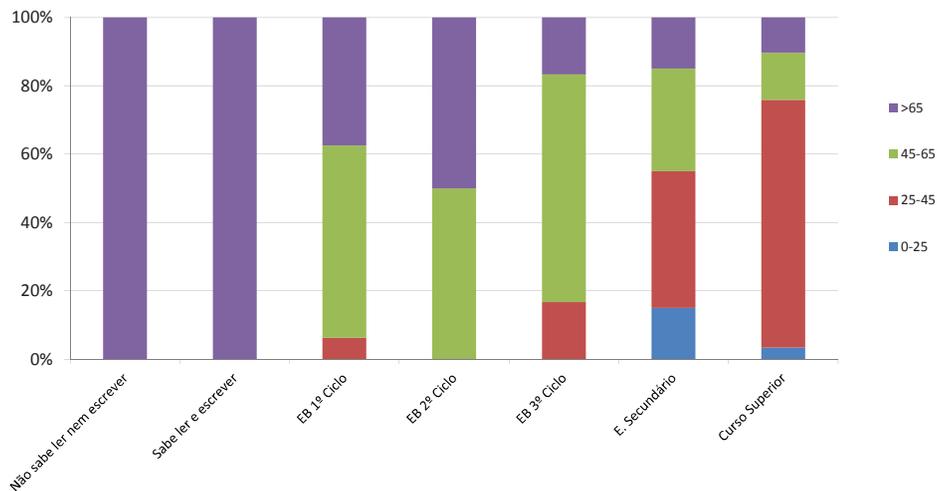
GRÁFICO 18 GRAU DE INSTRUÇÃO



Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 14)

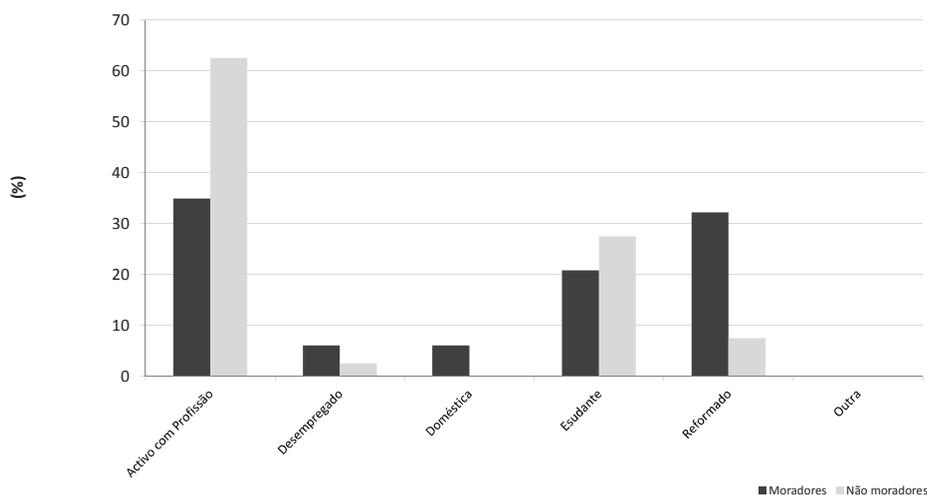
No que concerne à situação sócio profissional por morador e não morador (compreende também respectivos agregados), pode-se denotar que a população activa é bastante mais expressiva nos não moradores (quase o dobro do que entre os moradores). Mais uma vez também na população estudante a proporção é maior nos não moradores. Relativamente à população reformada esta é bastante maior nos moradores, estando mais uma vez este factor relacionado com a idade que é mais elevada neste grupo.

GRÁFICO 19 GRAU DE INSTRUÇÃO VS IDADE



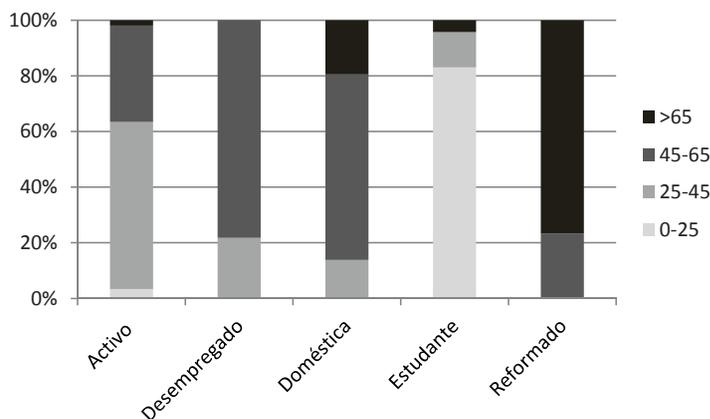
Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 15)

GRÁFICO 20 SITUAÇÃO SÓCIO-PROFISSIONAL



Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 16)

GRÁFICO 21 IDADE VS SITUAÇÃO SÓCIO-PROFISSIONAL



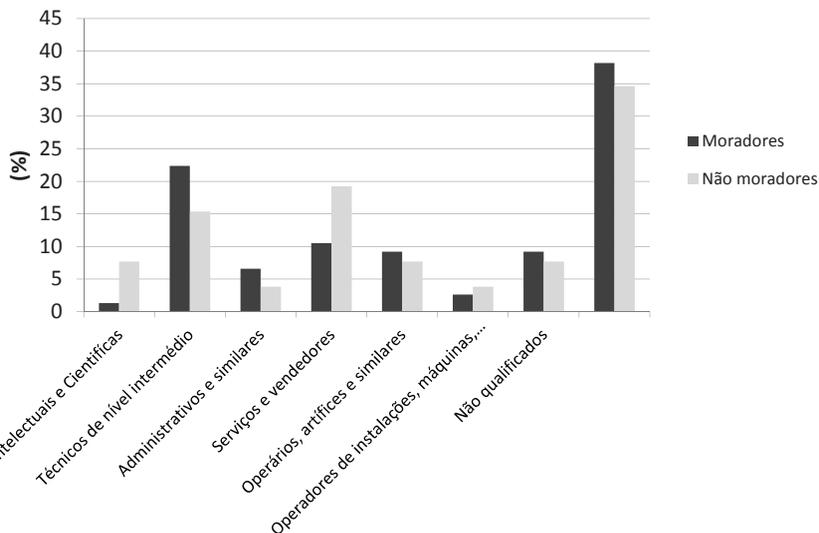
Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 17)

No que respeita à idade do agregado familiar segundo situação profissional (inclui amostra dos moradores e respectivos agregados) registam-se valores importantes que vêm confirmar a regra. Cerca de 90% da população estudante é composta por pessoas dos 0-25 assim como um valor semelhante indica o número de pessoas reformadas com mais de 65 anos. Importante sublinhar aqui a relativamente elevada taxa de desemprego no estrato de idade que compreende os 45-65 anos, assim como elevado número de pessoas reformadas neste estrato, que pode significar a desadequação das qualificações deste grupo que os força a se reformarem mais cedo.

No que respeita à profissão dos elementos activos (moradores, não moradores e respectivos agregados) estas foram retiradas das áreas de actividade da CNP (Classificação Nacional das Profissões). Podemos constatar que o grupo dos não moradores se evidencia essencialmente em dois campos: profissões intelectuais e científicas e serviços e vendedores, enquanto que os moradores se evidenciam nos técnicos de nível intermédio e administrativos e similares.

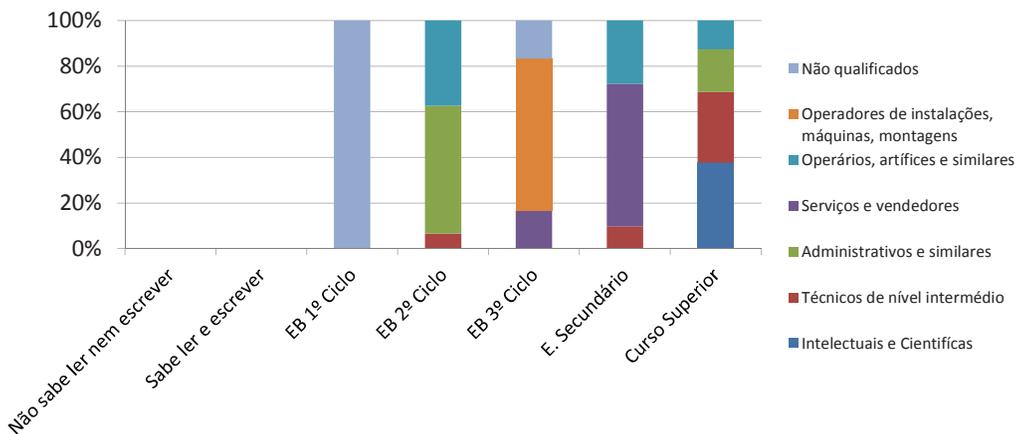
Se se fizer uma análise ao grau de qualificação por profissão (compreende a amostra dos moradores e respectivos agregados), conseguem-se extrapolar informações importantes. Assim, de notar que profissões mais exigentes no nível de conhecimentos, como são as intelectuais e científicas e os técnicos de nível intermédio, possuem elevada percentagem de pessoas com curso superior. Já no caso de profissões de administrativos e similares a distribuição é bastante mais equilibrada, distribuindo-se por entre 2º ciclo, ensino secundário e superior. Já no que respeita às actividades relacionadas com os serviços e vendedores existe uma forte percentagem de pessoas com o grau de ensino secundário, o que ilustra o estrato da população que não prosseguiu para o ensino superior ingressando no mercado de trabalho. Já na área de actividade relacionada com operadores de instalação, máquinas, montagens, existe uma forte

GRÁFICO 22 PROFISSÃO DOS ELEMENTOS



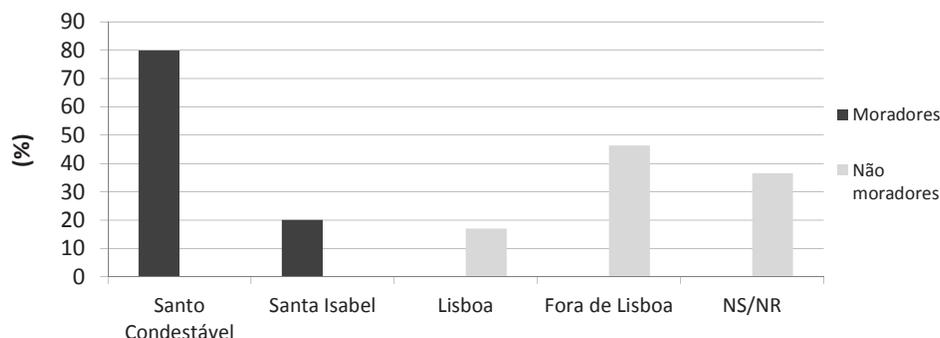
Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 18)

GRÁFICO 23 PROFISSÃO DOS ELEMENTOS VS GRAU DE QUALIFICAÇÃO



Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 19)

concentração no grau de 3º ciclo, que explica o extracto de população de maior idade que não teve acesso a outro tipo de educação. Finalmente, no que respeita ao estrato de pessoas com profissões não qualificadas distribuem-se maioritariamente pelo grau de 1º ciclo, o que já era uma correlação esperada.

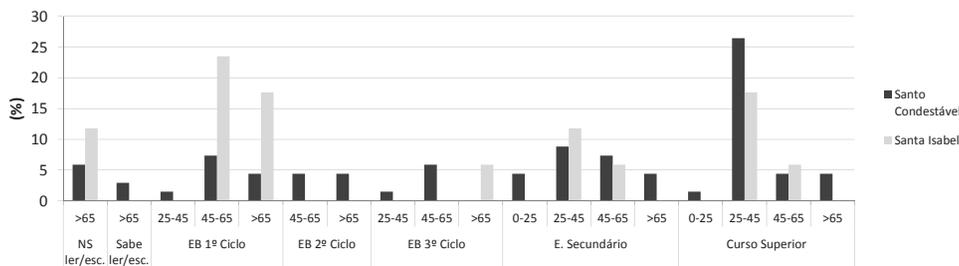
GRÁFICO 24 LOCAL DE RESIDÊNCIA

Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 20)

No que concerne ao local de residência da população inquirida (compreende a população moradora, não moradora e respectivos agregados) a maioria das pessoas moradoras provém da freguesia de Santo Condestável (80%) sendo que a restante população moradora em Campo de Ourique provém de Santa Isabel (20%), algo já esperado visto a área de análise ser a freguesia de Santo Condestável, mas também devido ao facto de esta ser a freguesia com maior população. Por sua vez os resultados relativamente à amostra não moradora reflectem a lógica de relações que existe entre o bairro e restantes lugares, e suporta de resto a ideia que o bairro é bastante frequentado por pessoas que não são de Lisboa. Infelizmente, uma grande parte da população não moradora não quis dizer o local onde reside, contudo, a julgar pela dicotomia que existe entre Lisboa e fora de Lisboa, e assumindo que a proporção se manteria, dá para entender a correlação existente.

Aprofundando a relação do local de residência com o grau de instrução e idade, é possível aferir o tipo de população que habita num local, e perceber algumas dinâmicas relacionadas com a escolha do local de residência, assim como perceber a relação entre o tipo de actividades e o local. Assim, pode-se observar que relativamente a Santo Condestável os valores com maior expressão dizem respeito ao curso superior, e que este é predominante na idade dos 25-45 anos. Deste modo corrobora os valores que foram atrás analisados referentes à grande quantidade de pessoas com actividade de técnico intermédio e elevado grau de qualificação. Por sua vez a freguesia de Santa Isabel apresenta uma população com menor qualificação (1º ciclo predominantemente) e mais envelhecida. A amostra não moradora proveniente de Lisboa apresenta grandes dicotomias na sua composição. Por um lado apresenta uma população idosa relacionada com baixos níveis de qualificação e por outro apresenta uma população jovem e adulta com níveis de qualificação mais elevados (ensino secundário e superior). Já a população que vem de fora de Lisboa é composta por população mais jovem e graus de qualificação mais elevados.

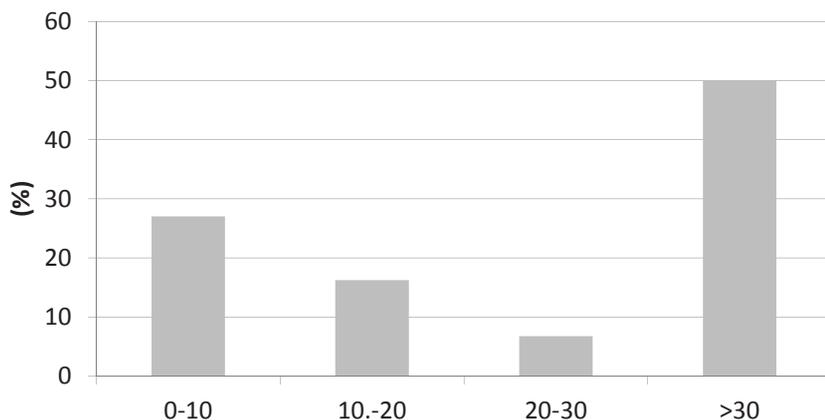
GRÁFICO 25 LOCAL DE RESIDÊNCIA VS GRAU DE INSTRUÇÃO E IDADE



Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 21)

Quando inquirida a população moradora do bairro sobre a mudança da área de residência, 77% da população diz que já teve outra habitação sendo que apenas 23% diz que só teve uma habitação (Anexos, tabela 22). Estes valores indicam uma tendência importante e polarizadora do bairro, contudo, quando comparado com outro indicador, o de tempo de residência no bairro, o qual registou o valor médio de 32 anos, pode-se extrapolar que é uma tendência que se tem vindo a atenuar e teve maior expressão há umas décadas atrás.

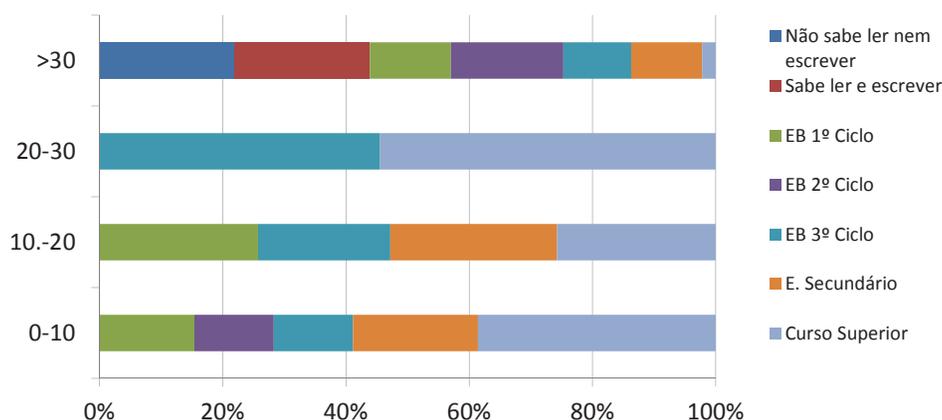
GRÁFICO 26 TEMPO DE RESIDÊNCIA EM CAMPO DE OURIQUE



Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 23)

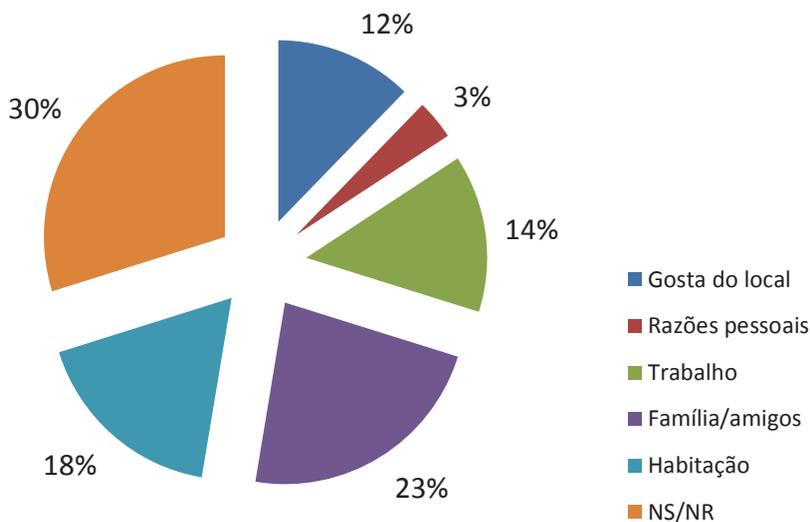
Fazendo uma análise da relação que existe entre grau de instrução e o tempo de residência em Campo de Ourique, podem-se verificar tendências interessantes. Assim, o grupo de pessoas que detém o grau superior vive, na sua maioria, há menos de 10 anos no bairro. Por sua vez, pessoas com o grau de ensino secundário denotam uma tendência antagónica, visto que cerca de 50% vivem há mais de 30 anos e os outros 50% vivem há menos de 20 anos. Nos graus de instrução mais baixos existe uma tendência crescente para o maior tempo de habitação no bairro.

GRÁFICO 27 GRAU DE INSTRUÇÃO VS TEMPO DE RESIDÊNCIA



Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 24)

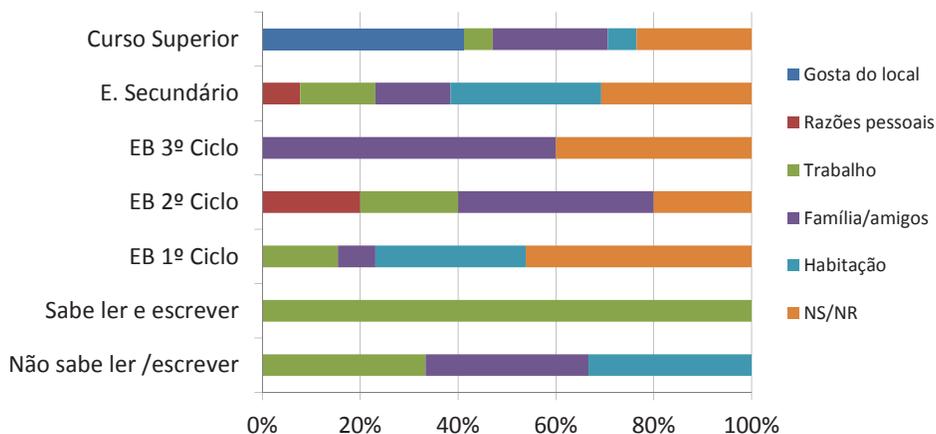
No que respeita às razões que estavam por detrás da mudança de habitação, e à parte do valor mais significativo que foi registado para as pessoas que ou não quiseram responder ou só tiveram uma habitação (46%), regista-se como principal razão a família ou amigos (23%) seguida com razões relacionadas com a habitação (18%). Assim, a maioria das pessoas que mudou-se para o bairro deve essa mudança a importantes acontecimentos familiares (casamento, herança de família, família que já vivia no bairro, amigos que viviam lá), ou então a razões relacionadas com o preço da habitação, ou melhores condições das habitações disponíveis às pessoas neste bairro.

GRÁFICO 28 PORQUE MUDOU PARA CAMPO DE OURIQUE?

Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 25)

Se se tentar aferir a relação que existe entre os tipos de escolhas que levaram as pessoas a viver neste bairro e respectivo grau de instrução, pode-se identificar uma relação entre escolhas relacionadas com o trabalho, que são mais comuns no caso dos graus de instrução menores e escolhas relacionadas com o gosto pelo local mais relacionadas com os moradores com grau de ensino superior. As razões relacionadas com família e amigos, assim como habitação estão distribuídas mais equitativamente.

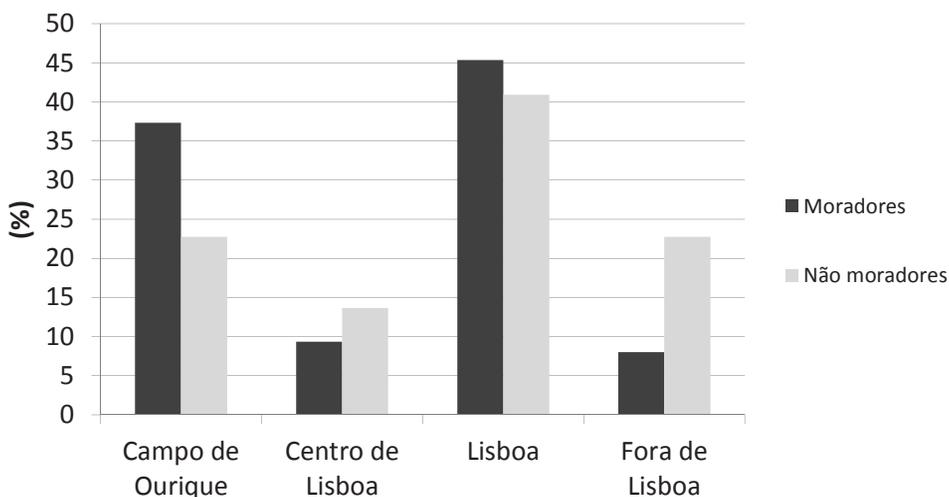
GRÁFICO 29 GRAU DE INSTRUÇÃO VS PORQUE MUDOU PARA CAMPO DE OURIQUE?



Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 26)

Na composição do agregado por local de trabalho/estudo foram definidas quatro áreas geográficas: Campo de Ourique, Centro de Lisboa, Lisboa e Fora de Lisboa. Por 'centro de Lisboa' entende-se o centro histórico da cidade, por 'Lisboa' entende-se toda a área de Lisboa que não aquela abrangida pelas duas freguesias de Campo de Ourique e a atrás explicada referente ao centro de Lisboa, e finalmente 'fora de Lisboa' é toda a área que não diz respeito ao concelho de Lisboa.

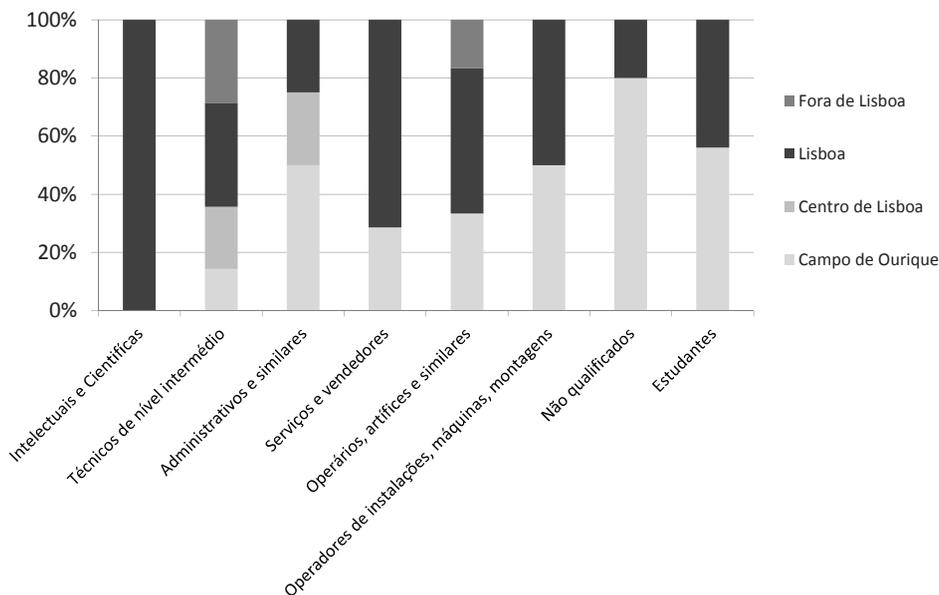
Analisando a distribuição da população moradora e não moradora (mais respectivos agregados) pelos locais de trabalho e estudo, constata-se que os locais com maior empregabilidade são todas as zonas de Lisboa que não compreendem o centro histórico. Uma tendência que de resto veio confirmar as expectativas que existiam. Já relativamente ao segundo lugar com maior valor este é Campo de Ourique, tanto para os moradores como para não moradores, o que representa a relativamente forte concentração de actividades neste bairro que gera uma força de atracção significativa, sobretudo em não moradores. No que respeita a não moradores igual valor refere-se também à população que trabalha fora de Lisboa. O centro histórico de Lisboa é o local com menor representatividade nesse tópico, e que confirma também a ideia da sua decadência como pólo de empregabilidade.

GRÁFICO 30 LOCAL DE TRABALHO/ESTUDO

Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 27)

No que respeita à caracterização dos locais de trabalho de acordo com as áreas de actividade, pode-se observar que em Campo de Ourique encontra-se a maior distribuição de trabalhadores não qualificados, sendo que a seguir encontra-se a de estudantes e depois técnicos administrativos e operadores em valores muito semelhantes. No centro histórico de Lisboa, encontram-se sobretudo as profissões mais relacionadas com a administração e similares. As actividades de índole intelectual e científica estão totalmente compreendidas em Lisboa, nos locais que não do centro histórico, o que demonstra a concentração de pólos de empregabilidade mais qualificados numa nova centralidade que não a do núcleo histórico. A outra área de actividade mais expressiva é a dos operadores de instalações e afins, bastante relacionada com a área da logística e transportes públicos. Fora de Lisboa, são os técnicos de nível intermédio que têm maior expressão.

GRÁFICO 31 PROFISSÃO VS LOCAL DE TRABALHO/ESTUDO

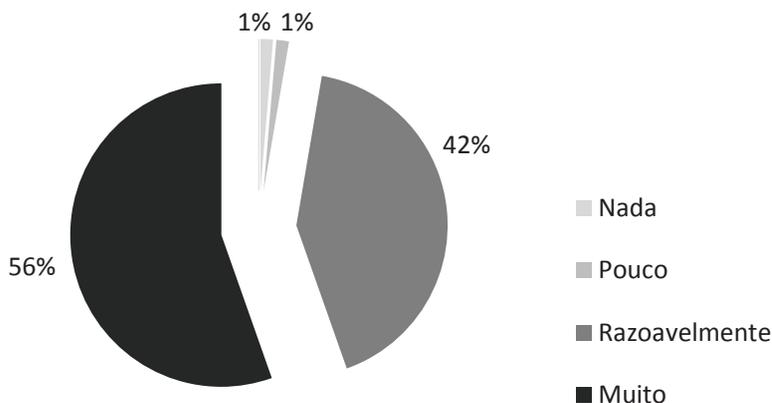


Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 28)

5.5. ANÁLISE DO BAIRRO E SUA APROXIMAÇÃO ÀS COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS

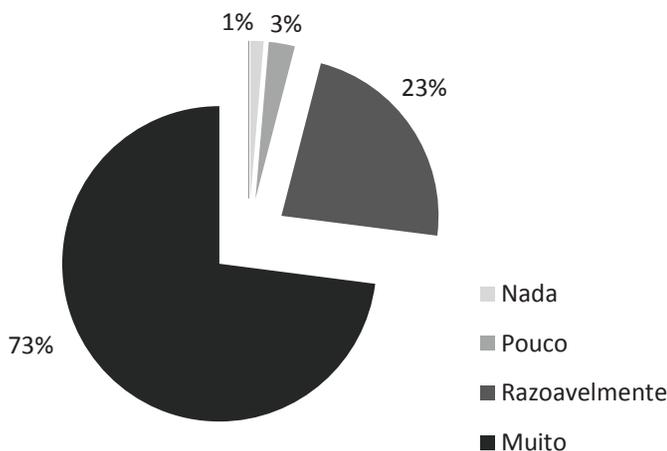
• Componente geral

Uma das componentes a valorizar junto da população moradora, consiste na felicidade da pessoa relativamente à sua vida e ao bairro. Sendo a felicidade um termo muito lato e difícil de caracterizar, o que aqui se pretende é mais obter um estado de espírito que permita tirar conclusões sobre a disposição relativamente a si e ao local onde habitam. Quando inquiridas acerca da sua percepção sobre a sua felicidade individual, a maioria das pessoas respondeu 'Muito' (56%) ou 'Razoavelmente' (42%). São várias as razões que podem contribuir para a felicidade pessoal de cada um, e embora não se possa desde já estabelecer exactamente quais são estas razões, partindo do pressuposto que uma das razões mais fortes para a felicidade individual é a qualidade do lugar onde habita, pode-se aferir através dos resultados obtidos que o bairro onde residem os inquiridos contribui positivamente para a felicidade de cada um.

GRÁFICO 32 SENTE-SE FELIZ DE UMA FORMA GERAL?

Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 29)

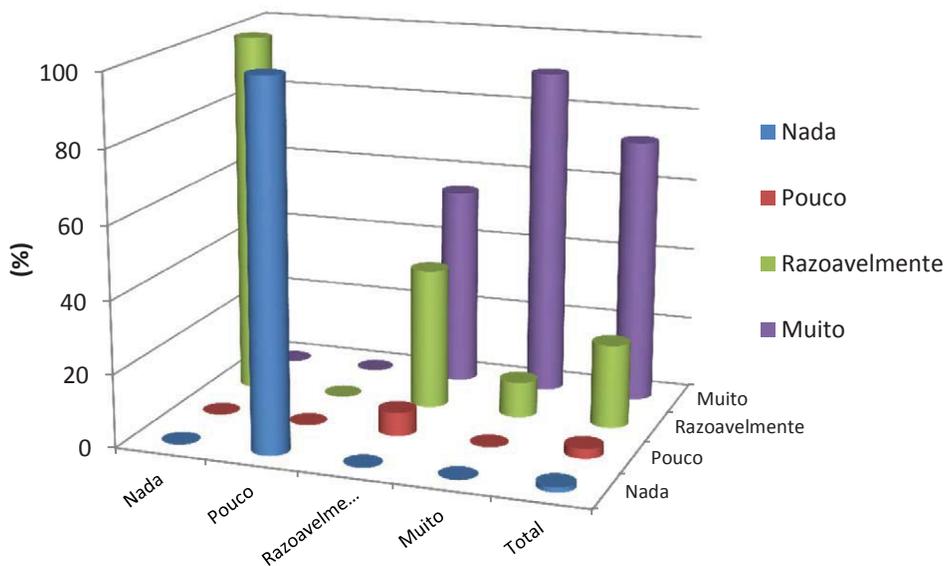
A suportar a afirmação atrás enunciada estão os resultados do seguinte gráfico, nos quais 73% das pessoas inquiridas dizem que estão 'muito' satisfeitas por viver em Campo de Ourique. O valor mais expressivo, a seguir ao enunciado, é o de 23% correspondendo a 'razoavelmente' sendo que apenas 3% das pessoas estão 'pouco' satisfeitas com o bairro e 1% 'nada' satisfeitas.

GRÁFICO 33 ESTÁ SATISFEITO COM O SEU BAIRRO COMO LOCAL PARA VIVER?

Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 30)

Para melhor aferir os pressupostos atrás enunciados efectuou-se o cruzamento entre as variáveis “Sente-se feliz de uma forma geral?” e “Está satisfeito com o seu bairro como local para viver?”. De facto, das pessoas que responderam que estavam ‘muito’ felizes com o bairro, a grande maioria disse que estava ‘muito’ feliz. As pessoas que responderam ‘razoavelmente’ relativamente à satisfação com o bairro responderam ‘nada’ ou ‘razoavelmente’ relativamente à felicidade pessoal. Já as pessoas que disseram que não estavam felizes com o bairro como local para viver, disseram igualmente que não estavam felizes pessoalmente. Querem estes resultados dizer que existe uma forte relação, como se previa, entre o grau de satisfação pessoal com o grau de satisfação com o local onde se habita, sendo que relativamente a Campo de Ourique, estes resultados são bastante positivos.

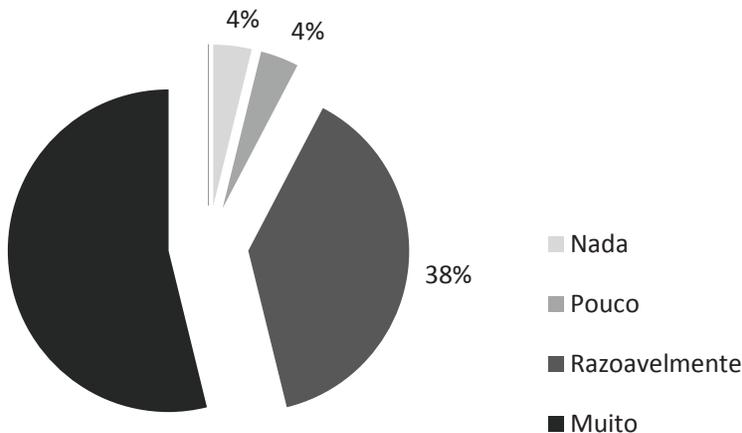
GRÁFICO 34 SENTE-SE FELIZ DE UMA FORMA GERAL VS ESTÁ SATISFEITO COM O SEU BAIRRO?



Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 31)

Quando inquiridos se gostam de vir a Campo de Ourique, os não moradores respondem bastante favoravelmente sendo que 54% respondeu ‘Muito’ e 38% ‘Razoavelmente’.

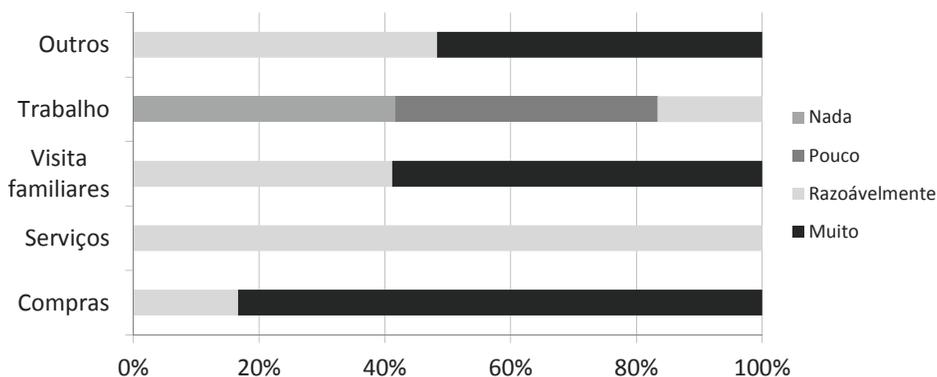
GRÁFICO 35 GOSTA DE VIR A CAMPO DE OURIQUE?



Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 32)

Para melhor aferir qual o motivo que faz com que as pessoas gostem ‘muito’ ou ‘razoavelmente’ de vir a Campo de Ourique, cruzou-se com esta variável a dos motivos que levam as pessoas a deslocarem-se a este bairro. Assim, e previsivelmente, as pessoas mais satisfeitas em vir ao bairro são aquelas que o fazem por motivos de compras ou visita de familiares e as menos satisfeitas aquelas que o fazem para vir trabalhar.

GRÁFICO 36 GOSTA DE VIR A CAMPO DE OURIQUE VS PORQUE MOTIVOS VEM A CAMPO DE OURIQUE?

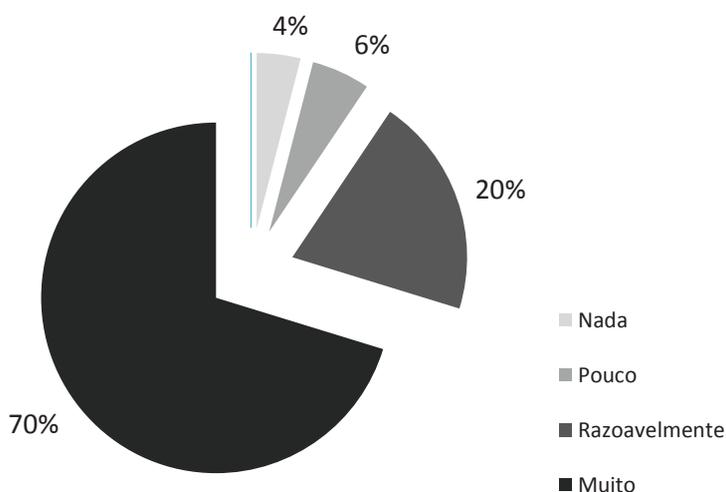


Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 33)

•A componente sociocultural

Na dimensão sociocultural será analisado o sentimento de pertença que a população moradora tem com o local, assim como com a comunidade, para tentar aferir se uma implica a outra ou, caso contrário, exista uma identificação com o lugar mas não com a comunidade, e provar esta hipótese. Outro aspecto que será analisado, é a relação que as pessoas têm com os seus vizinhos, que é de extrema importância quando se fala em construção de comunidade. Quando inquiridas sobre se se identificam com o bairro de Campo de Ourique, 70% da população inquirida respondeu 'Muito', o que transmite a forte relação que existe entre moradores e local, sendo que é um valor que pela sua expressão atravessa todo o tipo de moradores no que respeita à faixa etária como se pode observar no gráfico 37.

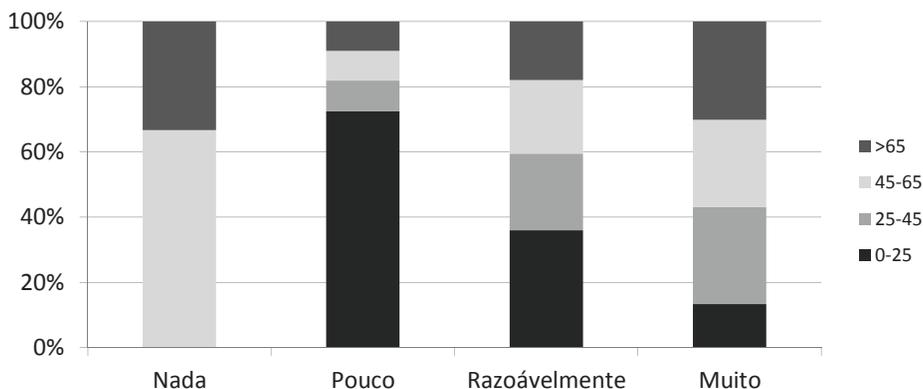
GRÁFICO 37 IDENTIFICA-SE COM O BAIRRO DE CAMPO DE OURIQUE?



Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 34)

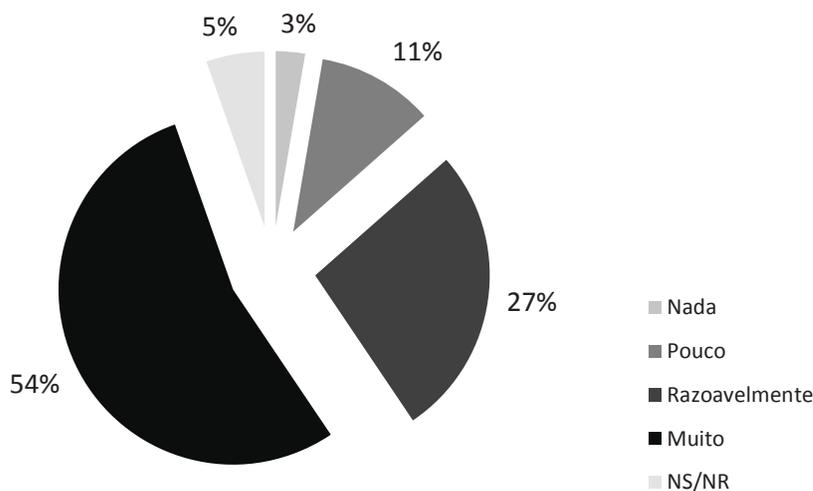
Ao analisar o gráfico 38 pode-se observar que a faixa etária em que existe uma menor identificação com o bairro é a dos 0-25, sendo até o segundo valor mais expressivo o que corresponde a 'pouco'. Várias razões podem ser apontadas para este facto, entre as quais este estrato corresponder a pessoas que têm menos anos de vivência no bairro, logo existe um grau de menor ligação com este, mas também devido ao facto do bairro em si não apresentar motivos que agradem a esta população mais jovem.

GRÁFICO 38 IDADE VS IDENTIFICA-SE COM O BAIRRO DE CAMPO DE OURIQUE?



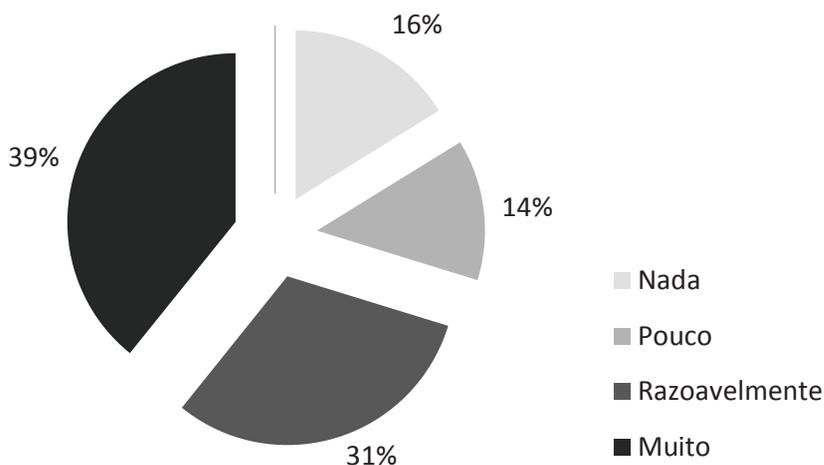
Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 35)

No que respeita à integração de pessoas de diferentes características sociais e culturais, uma maioria de 54% da população inquirida afirma que existem “muito” boas relações entre pessoas de diferentes características culturais e sociais. Durante o inquérito foi possível observar que havia uma tendência para responder mais favoravelmente a esta questão devido à sua natureza delicada, mesmo quando a opinião podia não ser tão favorável. Além deste facto, não existe uma taxa muito elevada de população de outras nacionalidades. Aparte destes comentários, é também verdade que não existem grandes problemas latentes entre a população de Campo de Ourique, mesmo tendo em consideração a proximidade do ainda não completamente desactivado Casal Ventoso.

GRÁFICO 39**ACHA QUE CAMPO DE OURIQUE É UM BAIRRO ONDE PESSOAS DE DIFERENTES CARACTERÍSTICAS SOCIAIS E CULTURAIS SE DÃO BEM?**

Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 36)

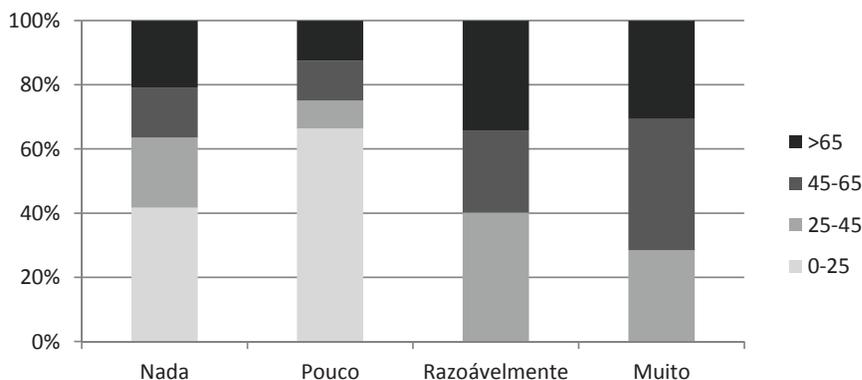
Quando inquiridos acerca do seu envolvimento na comunidade de Campo de Ourique, 39% das pessoas respondeu 'muito' e 31% respondeu 'razoavelmente'. São mais uma vez valores bastante positivos, de notar a percepção que advém da maioria da população do conceito de comunidade que variava de pessoa para pessoa, contudo, e dado o presente panorama da cidade de Lisboa, não deixam de ser valores expressivos. Comentários frequentes que suportavam esta afirmação eram que a pessoa inquirida conhecia toda a gente, ou eram vizinhos à muitos anos, ou as pessoas eram simpáticas e respeitadoras, entre outros.

GRÁFICO 40 SENTE-SE ENVOLVIDO NA COMUNIDADE DE CAMPO DE OURIQUE?

Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 37)

Se mais uma vez se comparar a variável idade com a de pertença à comunidade, pode-se observar uma distribuição mais equilibrada que a relacionada com a identificação com o bairro, contudo, ao observar o estrato de idade mais jovem a polarização de valores ainda é maior, sendo que das pessoas que responderam que se identificavam 'pouco' com a comunidade quase 70% eram entre os 0-25 anos e das que responderam 'nada' estes eram à volta de 35%. Já no estrato 25-45 anos os valores são mais positivos sendo que o valor com maior expressão é o das pessoas que se identificam 'razoavelmente' com a comunidade. De sublinhar no estrato entre os 45-65 anos que o valor mais elevado corresponde a 'muito' o que explica o forte envolvimento deste estrato etário na comunidade de Campo de Ourique, sendo estes os elementos mais activos. Se se observar o estrato acima de 65 anos já existe algum desligamento com a comunidade, apesar de manter valores elevados de identificação com esta.

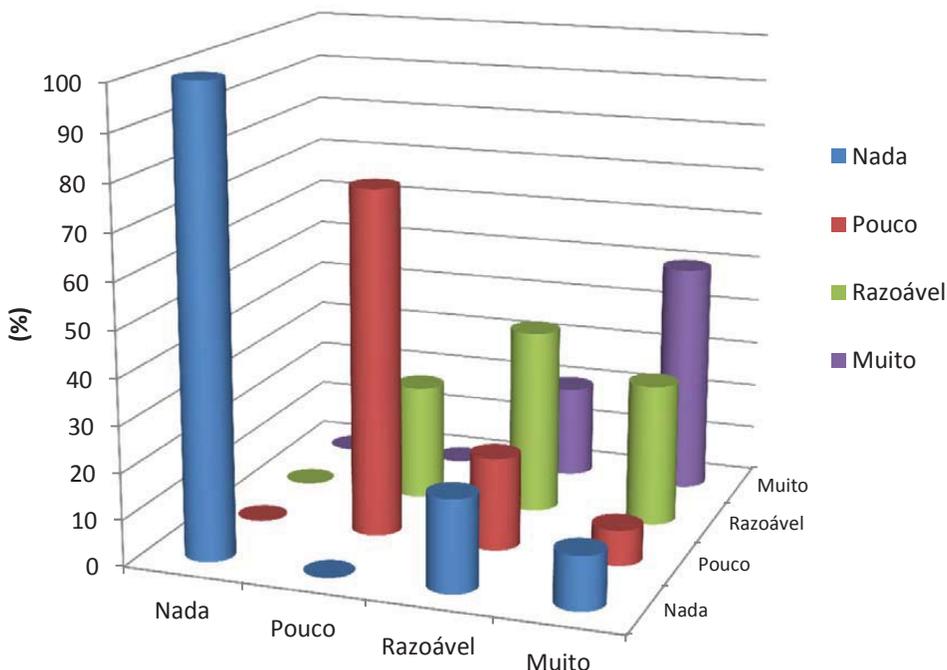
GRÁFICO 41 IDADE VS SENTE-SE ENVOLVIDO NA COMUNIDADE DE CAMPO DE OURIQUE?



Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 38)

Ao cruzar as variáveis “Sente-se envolvido na comunidade?” e “Identifica-se com o bairro?” regista-se uma correlação interessante entre as respostas nos valores mais elevados. A correlação mais alta está relacionada com a resposta ‘nada’ a que corresponde 100%. A resposta ‘pouco’ apresenta uma correlação de 60% e as respostas de ‘razoável’ e ‘muito’ apresentam correlações menores, mas mesmo assim significativas de 40% e 50% respectivamente. Assim, pode-se concluir que, para o processo de identificação com a comunidade é bastante importante existir uma relação, e também identificação com o local onde as pessoas habitam.

GRÁFICO 42 IDENTIFICA-SE COM CAMPO DE OURIQUE VS SENTE-SE ENVOLVIDO NA COMUNIDADE?



Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 39)

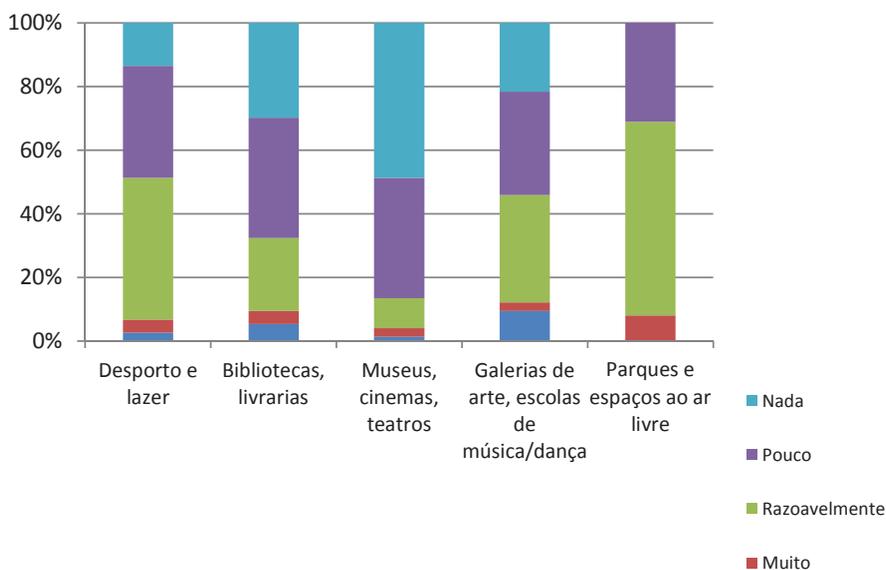
• Componente equipamentos e serviços

Ao nível dos equipamentos e serviços a análise irá incidir nos principais tipos de equipamentos ao nível cultural e social e também do comércio existente. De acordo com o conceito de comunidades sustentáveis, é essencial existir uma boa oferta de equipamentos assim como uma igualmente boa e diversificada oferta de comércio, para assegurar várias oportunidades de escolha e tipos de empregabilidade. Relativamente à satisfação com a oferta cultural do bairro os cenários são díspares e em geral mais críticos do que as percepções atrás analisadas. Quanto aos equipamentos de desporto e lazer a maioria da população está 'razoavelmente' satisfeita com os equipamentos existentes. Estes compreendem de facto um conjunto limitado de infra-estruturas, que não corresponde satisfatoriamente às necessidades da população, sendo um dos exemplos o caso dos ginásios que são bastante frequentados, mas fora do bairro, e sobretudo no centro comercial das Amoreiras. Quanto ao campo das bibliotecas e livrarias o grau de insatisfação ainda é maior, sendo que cerca de 38% dos moradores estão 'pouco' satisfeitos e 30% 'nada' satisfeitos. Existem de facto algumas livrarias no bairro, sendo o descontentamento mais latente relativamente às bibliotecas que não existem, com a excepção da Casa Fernando Pessoa que

possui uma pequena biblioteca. O valor mais negativo é relativo à variável ‘museus, cinemas e teatros’ apresentando um valor de quase 50% o ‘nada’ satisfeito. São de facto as infra-estruturas que menos existem no bairro, não existindo nenhum cinema (já existiram três em Campo de Ourique), teatro ou museu neste bairro, uma grave lacuna. No que respeita à variável ‘galerias de arte, escolas música/dança’ o grau de satisfação é maior mas não deixa de rondar o ‘razoavelmente’ com escassos 33% e ‘pouco’ com 32%. De sublinhar neste campo a existência da Escola dos Alunos de Apolo e outras escolas de menor dimensão, a existência de algumas galerias de arte, mas não de uma forma significativa. Por fim no que respeita aos ‘parques e espaços ao ar livre’ regista-se aqui o maior grau de satisfação (cerca de 60% dos moradores estão ‘razoavelmente’ satisfeitos), sobretudo devido ao Jardim Teófilo Braga. Assim, o cenário actual de Campo de Ourique relativamente aos equipamentos de cultura e lazer é de uma estagnação entre um passado rico culturalmente, com cinemas, teatro, galerias de arte, livrarias e uma decadência destes no presente.

GRÁFICO 43

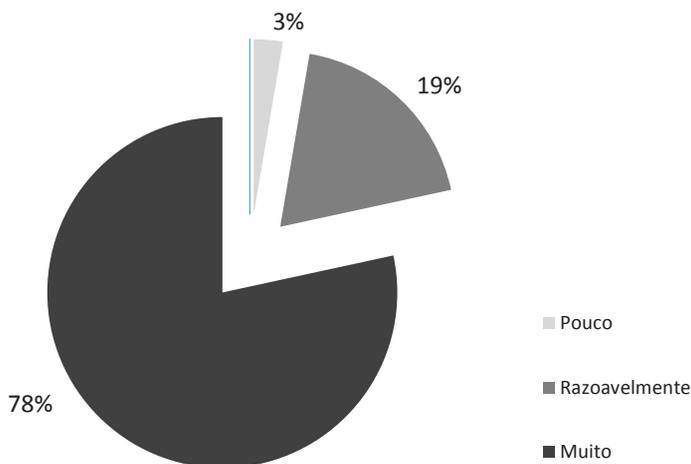
ESTÁ SATISFEITO COM O SEU BAIRRO NO QUE RESPEITA À OFERTA DE EQUIPAMENTOS?



Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 40)

Quando inquirida relativamente ao grau de satisfação com a oferta de comércio, a população moradora responde com resultados extremamente positivos, sendo que 78% das pessoas responderam que estavam ‘muito’ satisfeitas com o comércio existente, o que dá para ter a noção da importância que este ramo de actividade ainda tem para a identidade e vitalidade do bairro de Campo de Ourique.

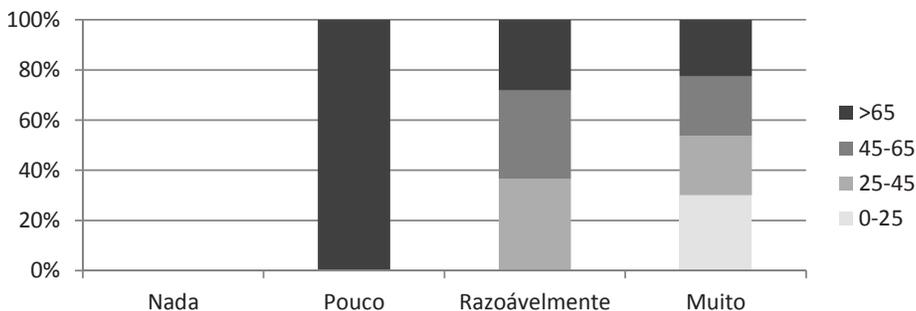
GRÁFICO 44 ESTÁ SATISFEITO COM O SEU BAIRRO NO QUE RESPEITA À OFERTA DE COMÉRCIO?



Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 41)

Fazendo uma análise da satisfação com o comércio por faixa etária regista-se uma satisfação na variável 'muito' de 100% na faixa mais jovem (0-25 anos), e valores à volta dos 80% nas restantes faixas com a exceção da faixa mais idosa (>65 anos) que regista cerca de 75%. Valor importante, é a pouca satisfação com a oferta de comércio por parte de 9% da população idosa. Não sendo um valor muito expressivo, pode indicar uma tendência de mudança do comércio existente para formatos mais modernos, não tanto apoiados no comércio tradicional.

GRÁFICO 45 IDADE VS ESTÁ SATISFEITO COM O SEU BAIRRO NO QUE RESPEITA À OFERTA DE COMÉRCIO?



Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 42)

• A componente dos transportes e conectividade

A componente dos transportes e conectividade foi analisada de acordo com quatro parâmetros: local, modo utilizado, frequência e tempo. Através destes quatro parâmetros pretende-se analisar os fluxos que existem na área de análise, nomeadamente a nível espacial, mas também a nível do tipo de transporte e respectiva frequência e tempo. O objectivo é encontrar um perfil de deslocações no bairro, e perceber até que ponto é que este em termos de mobilidade é sustentável para a comunidade. Torna-se assim essencial em primeiro lugar perceber a distribuição espacial das várias actividades na área de análise de forma a perceber o espaço e a forma como este está organizado (ver figura 30). A partir desta área de análise pode-se também aferir como se distribui o comércio num dos principais pontos desta actividade no bairro de Campo de Ourique, nas suas principais vias e áreas. Assim, de notar a grande quantidade de edifícios com mais de uma actividade para além da residencial, assim como edifícios com mais do que um tipo de actividade. Começando pelos edifícios com apenas uma actividade, de notar a escassez de equipamentos culturais e de saúde e a presença de várias actividades ligadas à restauração e sobretudo ao comércio. Nos edifícios com actividade de comércio e outra actividade, de sublinhar os edifícios com comércio e restauração e de comércio e serviços. Analisando rua a rua podem-se definir algumas constantes, sendo que a Rua Ferreira Borges é caracteriza-

FIGURA 30 CARTA DE LEVANTAMENTO FUNCIONAL

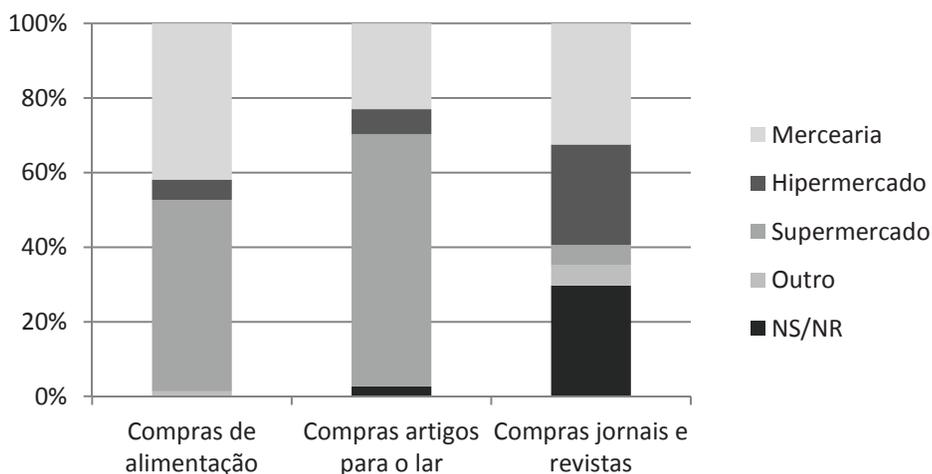


Fonte: Elaboração própria

da por uma forte diversidade de serviços e actividades de restauração; a rua Tomás de Anunciação é caracterizada pela presença de comércio e actividades de restauração; a rua Almeida e Sousa é caracterizada por edifícios exclusivamente residenciais, comércio e serviços sendo também de sublinhar a presença de dois equipamentos culturais; e a rua Francisco Metrass com comércio, habitação e restauração.

Relativamente à primeira variável a analisar, 'compras de alimentação, lar e artigos de papelaria' o centro comercial não é logo a primeira opção, o que contraria a tendência de desenvolvimento urbano a que se tem assistido em Portugal, e evidência as qualidades que este bairro possui ao nível do comércio à escala de bairro. Assim, relativamente às compras de alimentação, estas são feitas na sua maioria no supermercado (cerca de 50%), que correspondem a formatos de menor dimensão como são o Pingo Doce ou o Mini Preço. Cerca de 40% das pessoas efectuem as suas compras numa mercearia, sendo que se estes dois valores forem somados totalizam 90% de pessoas que fazem as suas compras de alimentação no bairro. Nos artigos para o lar a tendência repete-se mas com valores diferentes (68% para o supermercado e 23% para a mercearia). Nos 'jornais e revistas' o maior valor corresponde à mercearia (31%) sendo que o valor a seguir corresponde a 'NS/NR' com cerca de 30%, que se explica sobretudo pelo facto das pessoas partilharem jornais com amigos, ou recebem jornais grátis ou efectuarem a compra muito raramente e daí não quererem ou saberem especificar um local mais comum. Existe também um número importante de cerca de 28% de pessoas que compram os jornais e revistas no hipermercado, estando muitas vezes esta compra relacionada com o facto de se aproveitar a deslocação a este tipo de equipamento por outros motivos para comprar esses itens.

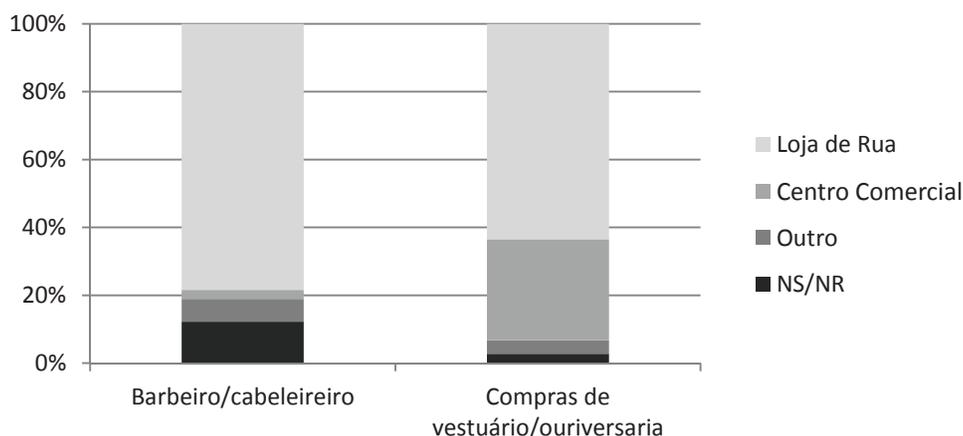
GRÁFICO 46 TRANSPORTES E CONECTIVIDADE – LOCAL (1)



Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 43)

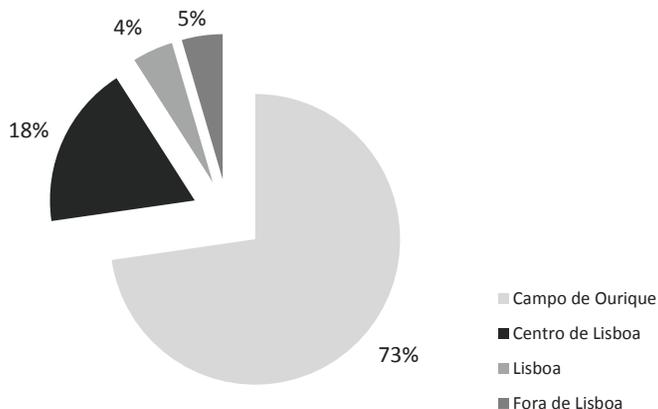
Relativamente a outras práticas dos habitantes de Campo de Ourique como ir ao 'barbeiro/cabeleireiro' e 'compras de vestuário/ourivesaria' a maioria realiza este tipo de actividades em lojas de rua (cerca de 79% para a primeira variável e 63% para a segunda), o que mais uma vez vem comprovar a vitalidade do comércio deste local. Importante também sublinhar que 30% das pessoas vão ao centro comercial (na maioria das vezes Amoreiras) para compras de vestuário/ourivesaria.

GRÁFICO 47 TRANSPORTES E CONECTIVIDADE – LOCAL (2)



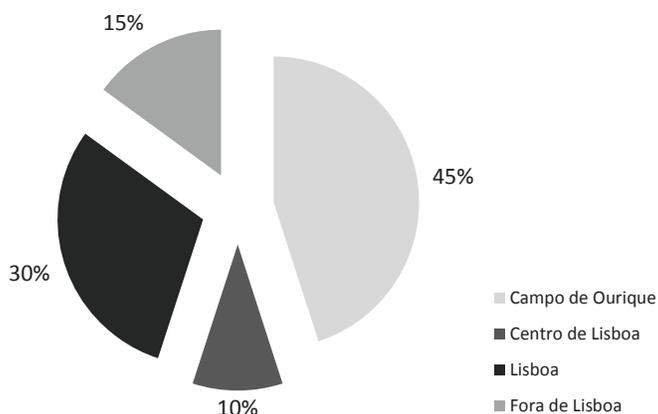
Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 44)

No que respeita ao tipo de equipamento de saúde que as pessoas utilizam para consultar o médico de clínica geral a maioria (cerca de 77%) consulta o médico no Centro de Saúde (ver Anexos, tabela 45), sendo que relativamente ao local, 73% da população moradora inquirida diz que se situa em Campo de Ourique (gráfico 48).

GRÁFICO 48 ONDE SE SITUA O SEU MÉDICO DE CLÍNICA GERAL?

Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 46)

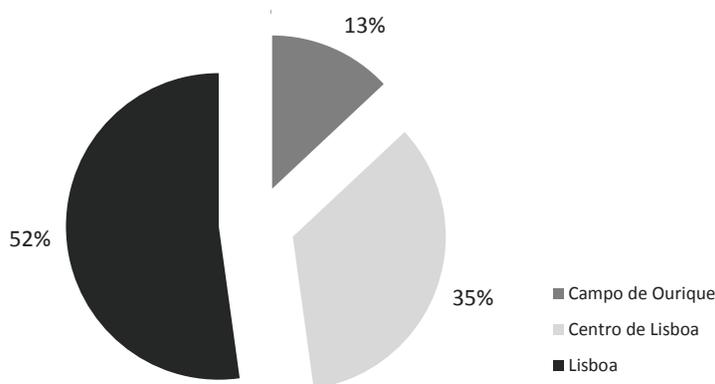
Relativamente ao uso de equipamentos de desporto/lazer a maioria das pessoas (62%) não usa este tipo de equipamentos (ver Anexos, Tabela 47). Razões para este facto prendem-se não só com a falta deste tipo de equipamentos, como atrás foi descrito, mas também o elevado número de idosos que existem no bairro. Das pessoas que frequentam este tipo de equipamentos 49% fazem-no em 'Campo de Ourique' sendo que 35% fazem-no em 'Lisboa' e apenas 16% fazem-no 'Fora de Lisboa'.

GRÁFICO 49 ONDE SE SITUA O EQUIPAMENTO DE DESPORTO/LAZER?

Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 48)

Relativamente aos equipamentos culturais os valores são igualmente negativos, sendo que 62% das pessoas afirma que não frequenta equipamentos culturais e 37% afirma que frequenta (ver Anexos, tabela 49). Mais uma vez associa-se estas escolhas à falta de oferta que existe no bairro e também ao elevado número de população inquirida que é reformada, e que por dificuldades de deslocação ou outro tipo de interesses não frequenta este tipo de equipamentos. Quando questionados acerca dos locais onde frequentam os equipamentos culturais a população inquirida respondeu na sua maioria (69%) que frequenta estes equipamentos em 'Lisboa', em áreas fora do seu centro histórico. Uma dicotomia ainda maior com a população que responde que frequenta estes equipamentos em 'Campo de Ourique' (apenas 17%) do que a registada para os equipamentos de lazer/desporto, o que indica graves lacunas nesta área de intervenção. Por fim, de sublinhar que apenas 14% das pessoas frequenta este tipo de equipamentos no centro histórico de Lisboa e 0% frequenta este tipo de equipamentos 'Fora de Lisboa'.

GRÁFICO 50 ONDE FREQUENTA EQUIPAMENTOS CULTURAIS?



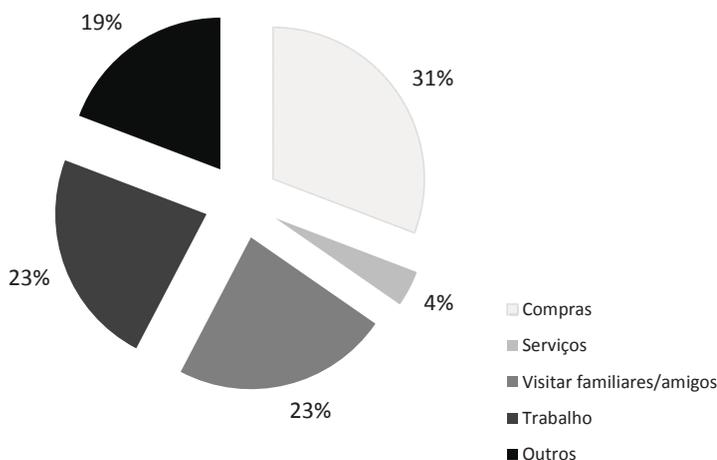
Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 50)

Por fim, relativamente ao local onde as pessoas utilizam serviços essenciais como os correios, bancos e farmácias, a esmagadora maioria da população inquirida respondeu que é em Campo de Ourique que utiliza esses serviços, reportando-se percentagens mínimas para o centro histórico de Lisboa e a freguesia adjacente de Santa Isabel, o que comprova a importância da Freguesia de Santo Condestável como um importante núcleo de serviços essenciais (ver Anexos, tabela 51).

Relativamente à população não moradora, e analisando o gráfico 51, pode-se denotar que 31% da população inquirida vem a Campo de Ourique sobretudo para

‘compras’ sendo que com o mesmo valor (23%) encontra-se a população que vem ao bairro com o motivo de ‘trabalho’ ou para ‘visita de familiares e amigos’. Apenas 4% da população inquirida vem ao bairro com o propósito de utilizar algum serviço em especial, o que ilustra a preponderância do sector do comércio e suporta, não tanto como o previsto, a ideia que Campo de Ourique atrai bastante gente de fora devido ao comércio. De facto, na entrevista que foi feita ao Presidente da Junta de Freguesia de Santo Condestável, o mesmo constatou que o comércio no bairro tem decrescido com o passar dos anos “[...] Campo de Ourique foi sempre um bairro que teve uma estrutura comercial local muito forte e permanente, e os estabelecimentos permaneciam muito anos, e por sua vez existia uma ligação entre a população e o próprio estabelecimento. Hoje em dia, devido à crise, isso não se sucede, não se sucede porque os estabelecimentos mudam [...] não digo quase de mês a mês, mas de seis em seis meses há muitos estabelecimentos que mudam, e portanto a ligação que há com o bairro (por parte) da estrutura de comércio está um pouco a desaparecer” (Gonçalves, Anexos, tabela 73).

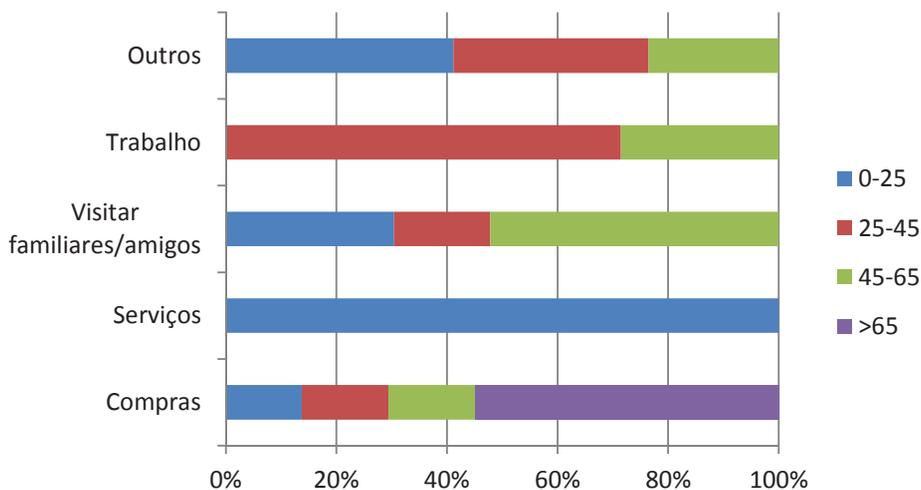
GRÁFICO 51 MOTIVOS PARA VIR A CAMPO DE OURIQUE



Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 54)

Fazendo uma análise mais fina relativamente aos motivos para vir a Campo de Ourique e relacionando com a idade, pode-se constatar no que respeita às compras que a maioria das pessoas que as faz tem mais de 65 anos. Relativamente aos serviços, estes são utilizados apenas pela população mais jovem. Já no que respeita ao grupo de pessoas que vem a Campo de Ourique para visitar amigos ou familiares este é composto sobretudo por população entre os 45-65 anos, sendo que relativamente ao trabalho o grupo preponderante é aquele composto por população em idade activa dos 25-45 anos.

GRÁFICO 52 IDADE VS MOTIVOS PARA VIR A CAMPO DE OURIQUE

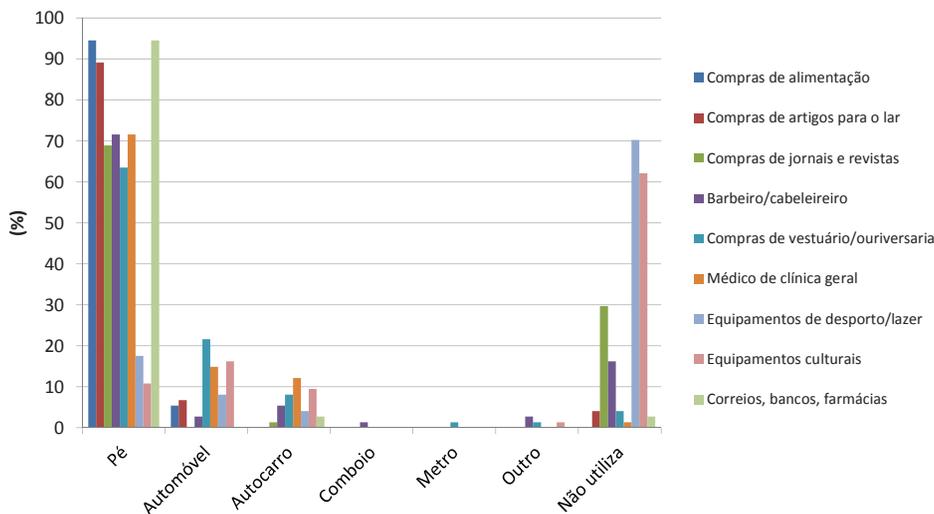


Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 55)

No que respeita ao modo de transporte utilizado para as várias deslocações pela população moradora no bairro, pode-se constatar através do gráfico 53 que o principal modo de deslocação é o pedonal, atingindo mesmo valores acima dos 90% relativamente às 'compras de alimentação' e 'serviços'. Mesmo em casos de 'compras de artigos para o lar' o valor registado fica muito próximo dos 90%. Deslocações por motivos de 'compras de jornais e revistas', 'barbeiro/cabeleireiro', ida ao médico apresentam igualmente valores bastante altos à volta dos 70%. Alguns valores que valem a pena analisar são os das 'compras de vestuário' que têm menor expressividade nas deslocações a pé, pois como visto anteriormente são efectuadas nos centros comerciais, explicando, daí a maior utilização do automóvel (21%) para este tipo de deslocação. Como visto também anteriormente os 'equipamentos culturais e de lazer' não têm muita utilização no bairro, daí os seus valores serem menores nos modos de transporte utilizado, de sublinhar contudo que nos caso dos 'equipamentos culturais' é o automóvel o meio mais utilizado (16%) e nos 'equipamentos de desporto/lazer' é a deslocação a pé (17%).

No que respeita à frequência das deslocações realizadas pela população inquirida relativamente às 'compras de alimentação' estas registam valores díspares. O valor mais importante é o das deslocações diárias e está bastante relacionado com a população mais idosa que tem por hábito fazer compras com maior frequência e menor quantidade. Os outros valores mais expressivos referem-se a deslocações de uma a duas vezes por semana, e relacionam-se mais com a população que trabalha e tem menor disponibilidade de tempo para ir fazer com maior frequência este tipo de

GRÁFICO 53 TRANSPORTES E CONECTIVIDADE – MODO UTILIZADO

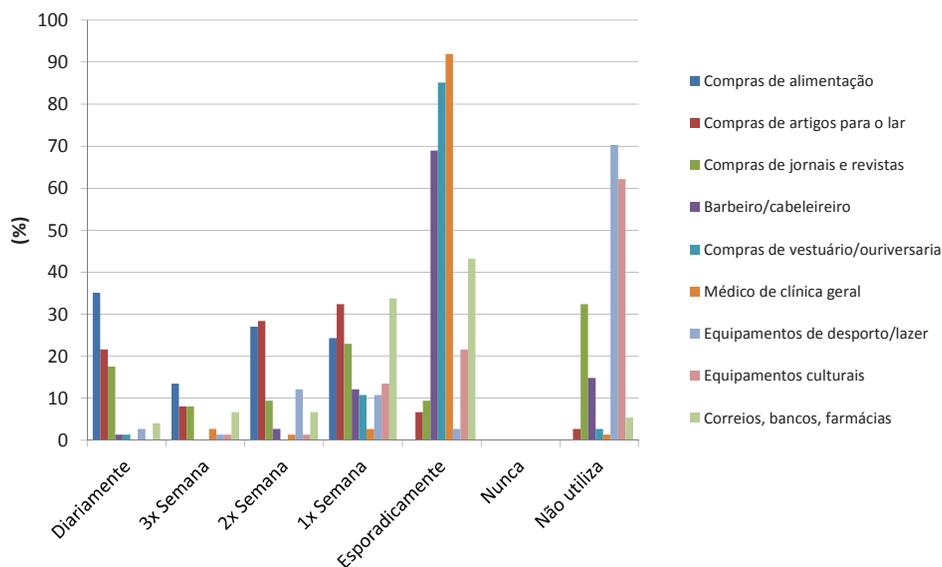


Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 51)

compras. Nas ‘compras para o lar’ regista-se a tendência exactamente inversa, pois pela natureza destes artigos não existe a necessidade de efectuar compras diárias, mesmo para estratos de população que têm mais tempo disponível, registando-se aqui o valor mais elevado nas deslocações de ‘uma vez por semana’. As compras de jornais e revistas registam tendências díspares. Se como já foi sublinhado uma parte importante da população não compra este tipo de artigos, a que compra, é constituída em primeiro lugar pelas pessoas que compram jornais semanais ou só ao fim de semana, e a seguir por população que compra jornais diariamente, vindo a seguir os restantes valores. Existem depois, outro tipo de deslocações, onde os maiores valores foram assinalados na reposta ‘esporadicamente’, pois não requerem na sua própria função, uma deslocação diária, sendo eles a ida ao ‘barbeiro/cabeleireiro’, ‘compras de vestuário/ourivesaria’, ida ao médico e serviços. De sublinhar, à parte do grande número de inquiridos que não utiliza, que nos equipamentos de desporto os valores mais altos correspondem a 2 vezes e uma vez por semana respectivamente, e que relativamente aos equipamentos culturais a frequência mais vezes mencionada é ‘esporadicamente’. Neste aspecto, é adiantado pelo Presidente da Junta de Freguesia de Santo Condestável, que um dos factores que contribui para o facto de tantas pessoas andarem a pé é o facto do bairro ser maioritariamente plano. Por sua vez, um factor que contribuiu negativamente para o uso do carro é o facto de existirem graves problemas de estacionamento, que na sua óptica devem-se ao facto dos novos residentes possuírem mais do que uma viatura “Aqui há muitos anos a maior parte das pessoas não tinha carro, neste momento [...] face aos custos dos impostos, essas casas estão a ser recuperadas e a ser postas no mercado imobiliário no

da venda e de alugar, principalmente da venda, e como o preço do m² da habitação em Campo de Ourique é muito caro, quem vem e compra casa são as pessoas [...] com capacidade económica e que por isso quando vêm pelo menos dois carros têm. (Além disso) os edifícios existentes não têm garagem, os novos edifícios, alguns, também não têm garagem, devido ao seu tamanho o regulamento não obriga a ter garagem” (Gonçalves, Anexos, tabela 73).

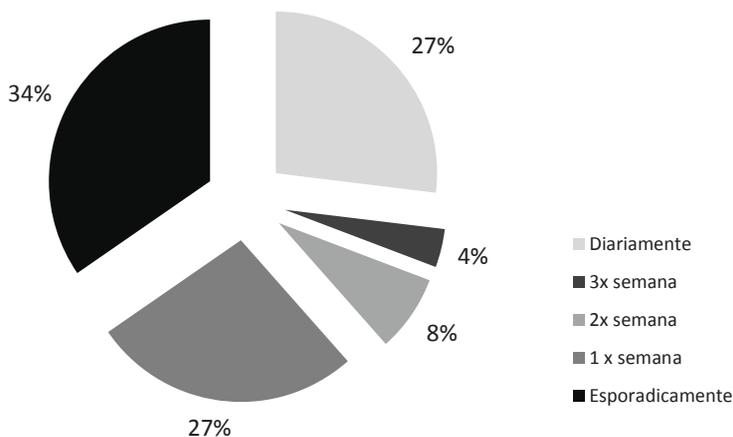
GRÁFICO 54 TRANSPORTES E CONECTIVIDADE – FREQUÊNCIA



Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 52)

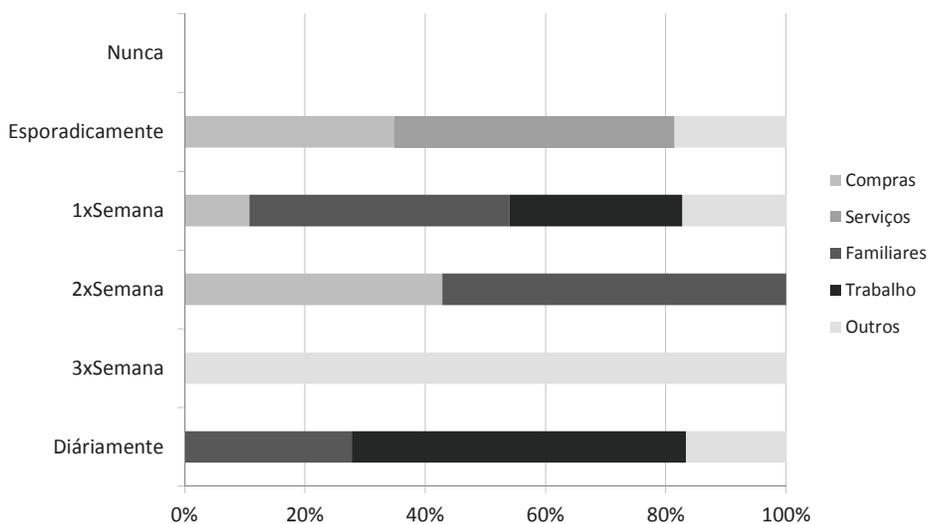
Quanto à frequência das deslocamentos para Campo de Ourique por parte da população não moradora, assiste-se a uma distribuição antagónica de valores. Por um lado, o valor mais representativo é o do número de pessoas que vem a Campo de Ourique ‘esporadicamente’, portanto menos do que uma vez por semana, e por outro existem dois valores iguais (27%) para as pessoas que aqui vêm ‘diariamente’ ou ‘uma vez por semana’. Através dos inquéritos realizados pode-se desde já estabelecer uma relação entre o motivo e a frequência das deslocamentos, pois na sua maioria as pessoas que vêm às compras tendem a vir esporadicamente, enquanto que as pessoas que vêm trabalhar ou visitar familiares e amigos tendem a vir diariamente (no caso dos que trabalham) ou 1 vez por semana (no caso dos que visitam familiares ou amigos). As pessoas que procuram o bairro pela oferta de serviços tendem a vir esporadicamente.

GRÁFICO 55 FREQUÊNCIA DAS DESLOCAÇÕES PARA CAMPO DE OURIQUE



Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 56)

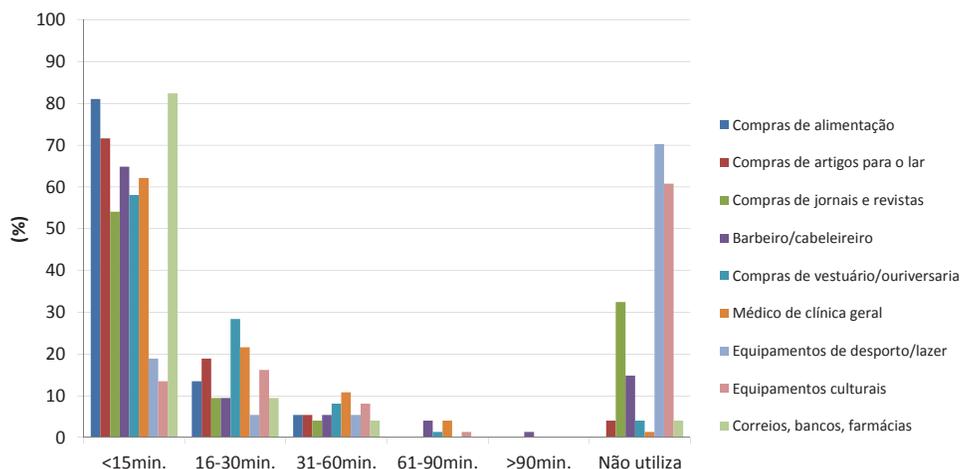
GRÁFICO 56 PORQUE MOTIVOS VEM A CAMPO DE OURIQUE VS FREQUÊNCIA



Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 57)

No que concerne ao tempo médio de deslocação para as várias actividades, de notar que em todas as deslocações (com excepção dos equipamentos culturais) o tempo médio é de 15 min. ou menos o que comprova a facilidade em chegar a vários tipos de locais, e como analisado anteriormente, a pé e dentro do próprio bairro. Revela-se assim, um tecido urbano coeso e variado que permite a deslocação a pé para a maior parte das actividades e num curto espaço de tempo, aspecto essencial numa comunidade sustentável. Interessante analisar neste aspecto que relativamente à compra de 'vestuário/ourivesaria', existe um valor expressivo para as deslocações de 30 min. ou menos, e que está bastante associado ao uso do automóvel, que apesar de ser um meio de maior rapidez, está associado a deslocações de maior distância e maior tempo necessário para a fazer. Também relativamente aos equipamentos de cultura, de realçar que o segundo valor mais alto (o primeiro diz respeito à não frequência destes equipamentos), tem um tempo médio de deslocação de 30 min. ou menos, sendo que o meio de transporte mais utilizado, como visto anteriormente, é o automóvel. Assim, mais uma vez se estabelece uma relação entre o uso do automóvel e o maior tempo de deslocação associado a distâncias maiores. Já nos equipamentos de desporto e lazer, sendo o principal meio de deslocação o pedonal, observa-se que o valor mais expressivo (à parte do referente à não utilização destes equipamentos), é o de tempo de deslocação de 15 min., portanto uma associação similar com as registadas atrás.

GRÁFICO 57 TRANSPORTES E CONECTIVIDADE - TEMPO



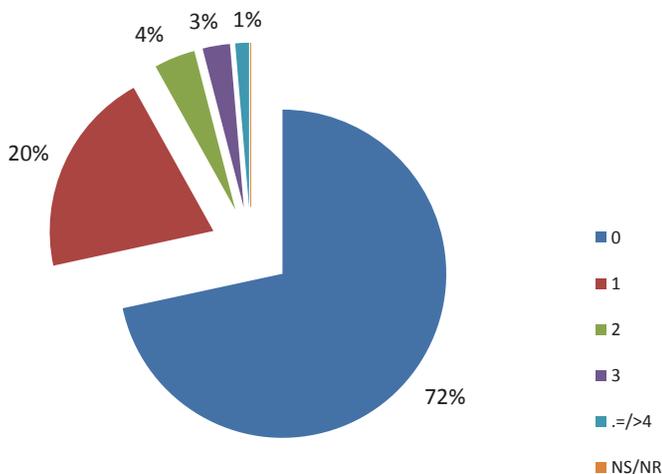
Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 53)

5.6. A DIMENSÃO DO CAPITAL SOCIAL EM CAMPO DE OURIQUE: CONTRIBUTO PARA O ESTABELECIMENTO DE UMA COMUNIDADE SUSTENTÁVEL

• Dimensão das “redes sociais”

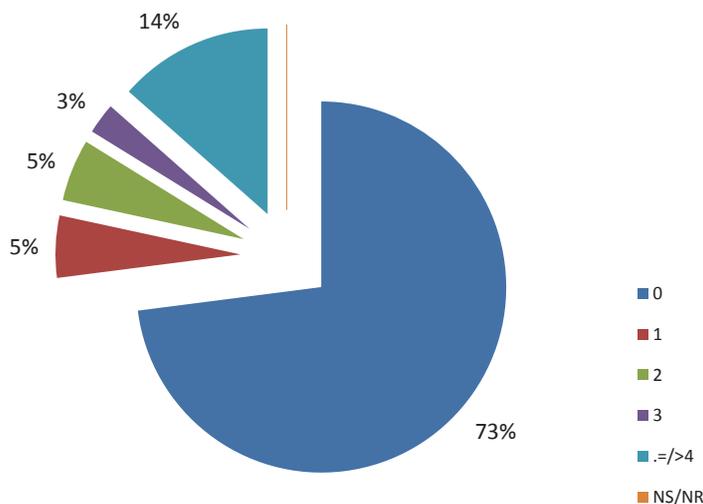
As redes sociais foram abordadas através de um conjunto de questões que visam aferir o tipo de relações que existe entre a população e associações, p.e. se esta faz voluntariado, e numa esfera mais pessoal, aferir as relações entre inquiridos e seus amigos e família. Quando questionada se pertence ou pertenceu a alguma associação a população moradora respondeu que nunca pertenceu a uma associação (72%), sendo que apenas 20% tinham pertencido ou pertencem a uma associação. Os restantes valores são bastantes baixos correspondendo a um total de 5%.

GRÁFICO 58 PERTENCE A ALGUMA ASSOCIAÇÃO? SE SIM A QUANTAS?



Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 58)

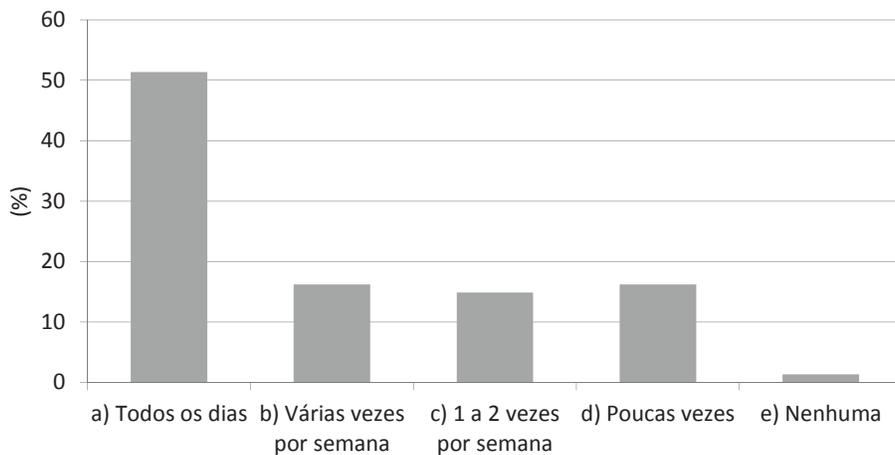
Quando perguntadas se já alguma vez fizeram trabalho voluntário, o número de respostas negativas é em tudo semelhante ao da pergunta anterior, sendo que 73% das pessoas não fez nunca trabalho voluntário. De notar, contudo, que o valor mais expressivo a seguir ao anterior é o de pessoas que fizeram quatro ou mais vezes trabalho voluntário (14%), o que indica uma forte polarização, e também que quem faz voluntariado tem tendência para repetir essa acção. Os restantes valores repartem-se entre 5% para quem fez trabalho voluntário uma e duas vezes, e 3% para quem fez trabalho voluntário três vezes.

GRÁFICO 59 JÁ ALGUMA VEZ FEZ TRABALHO VOLUNTÁRIO) SE SIM QUANTAS VEZES?

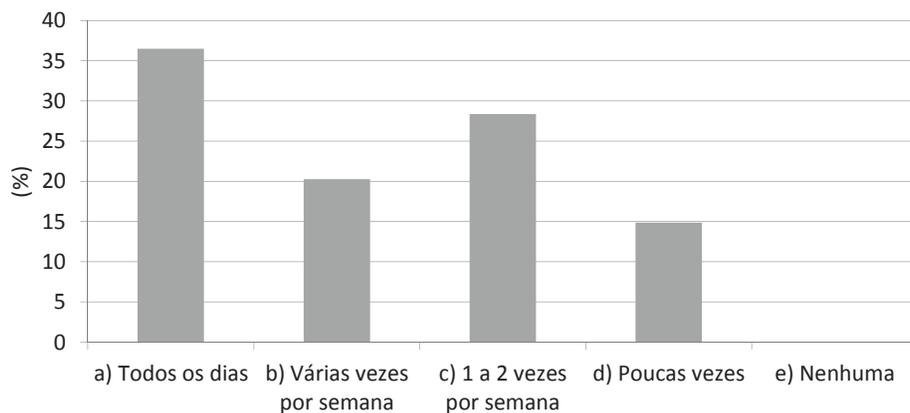
Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 59)

No que respeita à importância da família e dos amigos para a população inquirida os resultados foram bastante similares, sendo que 92% dos inquiridos responderam 'muito' relativamente à família, e 86% 'muito' relativamente aos amigos (ver Anexos, tabelas 60 e 62).

Os resultados diferem mais quando se compara a frequência com que a população inquirida está com a família e os amigos. A maior parte da população (cerca de 50%) está com a família todos os dias repartindo-se os outros valores pelas restantes hipóteses. Já no que respeita ao número de vezes que a população inquirida está com os amigos os resultados são mais dispersos, mantendo-se o valor mais alto o que se refere a 'todos os dias', os restantes valores reflectem uma maior periodicidade deste tipo de contacto.

GRÁFICO 60 QUANTAS VEZES ESTÁ COM A FAMÍLIA?

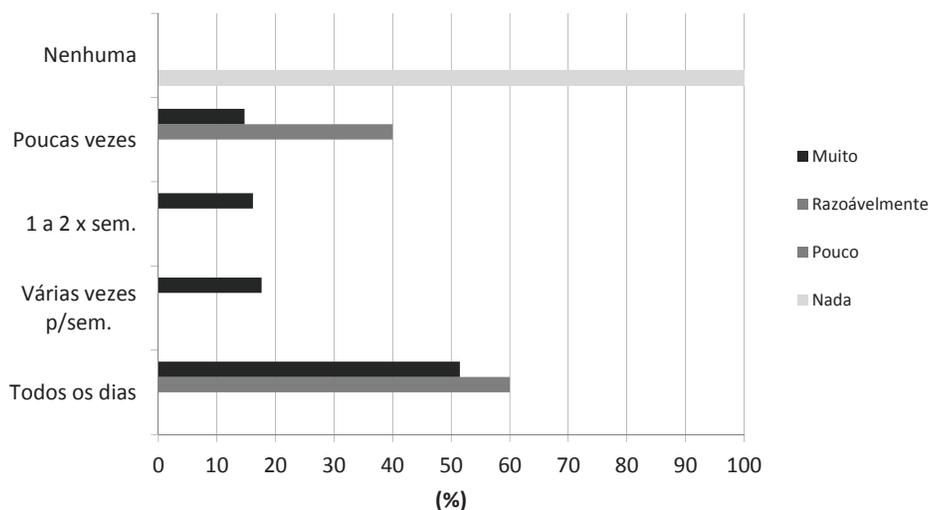
Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 61)

GRÁFICO 61 QUANTAS VEZES ESTÁ COM OS SEUS AMIGOS?

Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 63)

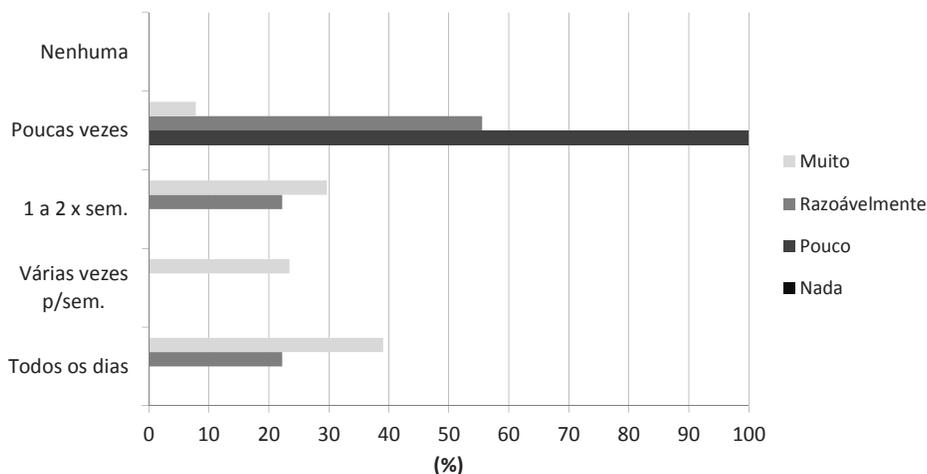
Cruzando as perguntas relacionadas com a importância da família e do número de vezes que se está com ela e com a importância dos amigos e do número de vezes que se está com eles, pode-se denotar uma maior correlação entre as perguntas relacionadas com a família do que com os amigos, o que significa que as pessoas optam por estar com a sua família a estar com os seus amigos. De qualquer forma, são bastante positivos os resultados no que se refere ao significado que cada um destes grupos tem para os habitantes de Campo de Ourique e indica uma forte coesão e estrutura familiar deste bairro.

GRÁFICO 62 A SUA FAMÍLIA É IMPORTANTE VS QUANTAS VEZES ESTÁ COM ELA?



Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 64)

GRÁFICO 63 PARA SI OS SEUS AMIGOS SÃO IMPORTANTES VS QUANTAS VEZES ESTÁ COM ELES?



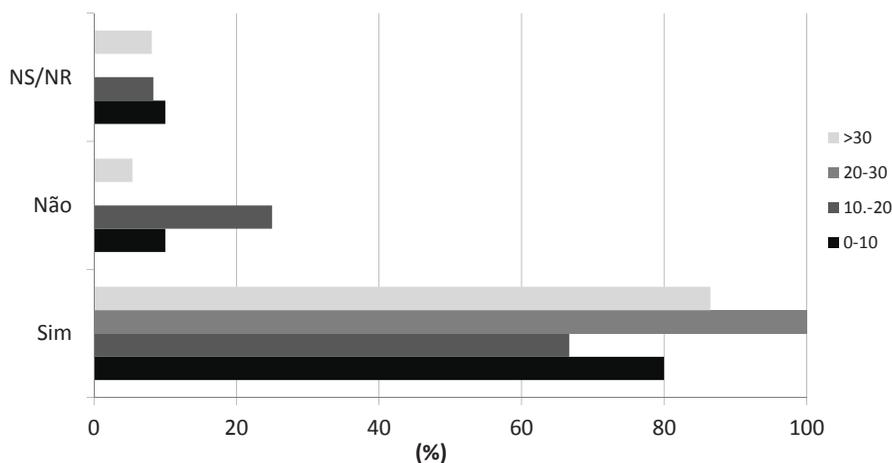
Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 65)

• Dimensão confiança

Foram apresentadas uma série de questões relacionadas com a confiança, pois é uma dimensão essencial para aferir o tipo de laços que existem entre a população, mas também entre esta e os órgãos de soberania que são essenciais para uma comunidade. Quando inquiridas acerca da confiança que têm nas pessoas de Campo de Ourique, a população inquirida responde maioritariamente que 'sim' com cerca de 82% (ver Anexos, tabela 66). De facto, muitas pessoas transmitiram ao longo do inquérito que confiavam bastante nos vizinhos e que se davam bastante bem com a maior parte da população. A confirmação destas afirmações traduz-se nos dados revelados.

Para tentar aferir se o tempo de residência no bairro inferia no grau de confiança nas pessoas de Campo de Ourique, cruzaram-se as duas variáveis. De notar que as pessoas que vivem há 10-20 anos no bairro apresentam os piores resultados.

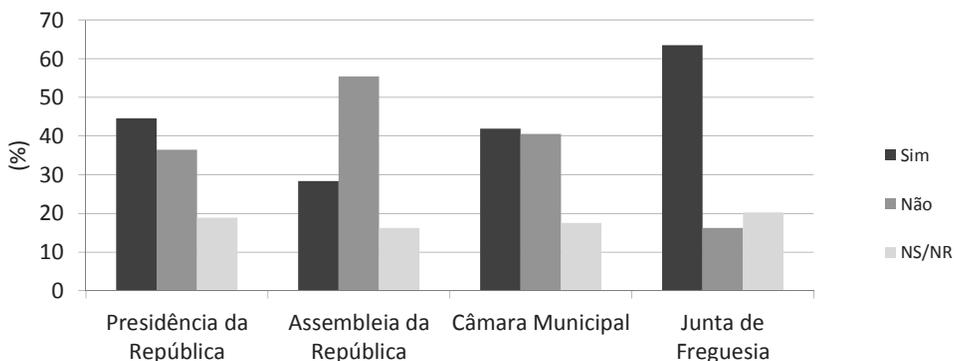
GRÁFICO 64 IDADE DE RESIDÊNCIA VS ACHA QUE AS PESSOAS DE CAMPO DE OURIQUE SÃO DE CONFIANÇA?



Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 67)

Quando inquirida a população acerca da confiança que tem nas várias instituições de governo, revelam-se resultados algo díspares. Contudo, em órgãos mais próximos da população denotam-se níveis mais altos de confiança. Assim, a junta de freguesia é o órgão que tem um maior valor sendo que cerca de 64% das pessoas confia neste. A seguir vem a presidência da república que é tipicamente um órgão com elevados níveis de confiança (neste caso 45%), e com uma diferença pequena a câmara municipal com cerca de 42%. O pior resultado é o da assembleia da república que é sempre dos órgãos mais frágeis na opinião pública, e aqui confirma-se a tendência revelando que 55% das pessoas não confia neste órgão e apenas 28% confia.

GRÁFICO 65 CONFIA NAS SEGUINTE INSTITUIÇÕES?

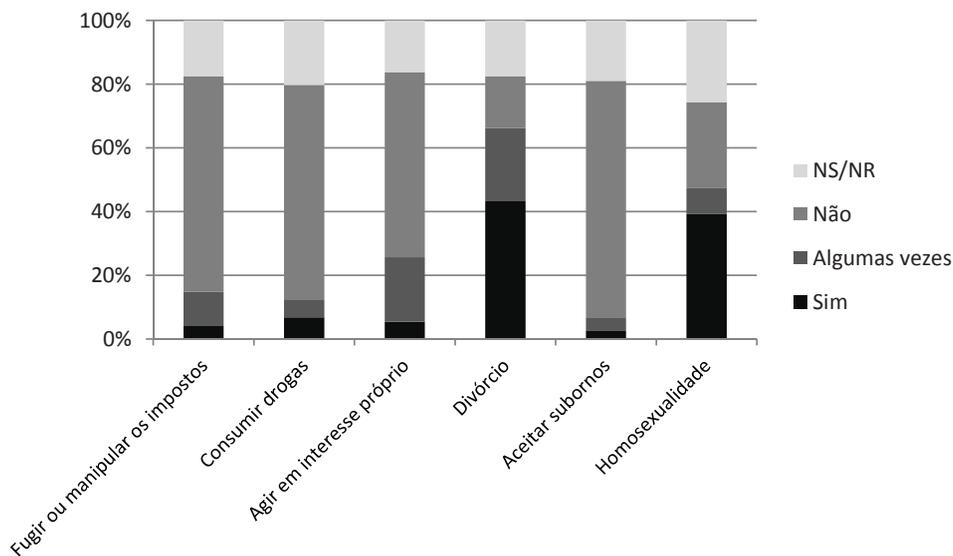


Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 68)

• Dimensão civismo

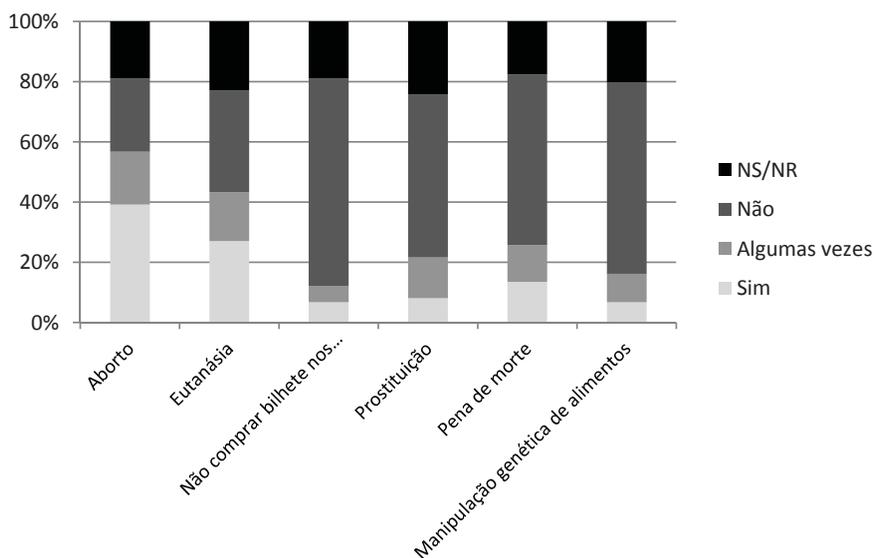
Na última dimensão do inquérito, o civismo, foram colocadas várias questões à população moradora, que visavam diagnosticar a escala de valores que estes têm e assim perceber fatores importantes para a construção do capital social. Em questões de atitudes pessoais como são o caso de fugir aos impostos, consumir drogas, agir em interesse próprio, aceitar subornos, não comprar bilhetes nos transportes a resposta 'não' apresentou sempre resultados bastante expressivos. Quando às questões que reportam opiniões sobre temas fracturantes da sociedade as respostas têm registos diferentes. Se relativamente à prostituição, pena de morte, ou manipulação genética de alimentos o 'não' foi expressivo, já relativamente ao divórcio e aborto o 'sim' apresentou melhores resultados apesar de não tão expressivos. De salientar as opiniões acerca da eutanásia (resposta mais expressiva foi 'não' com 34%), que revelam o quão sensível e fracturante é este tema pelo equilíbrio de resultados, mesmo das não respostas.

GRÁFICO 66 ACHA QUE AS SEGUINTE ACÇÕES SÃO JUSTIFICÁVEIS (1)?



Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 69)

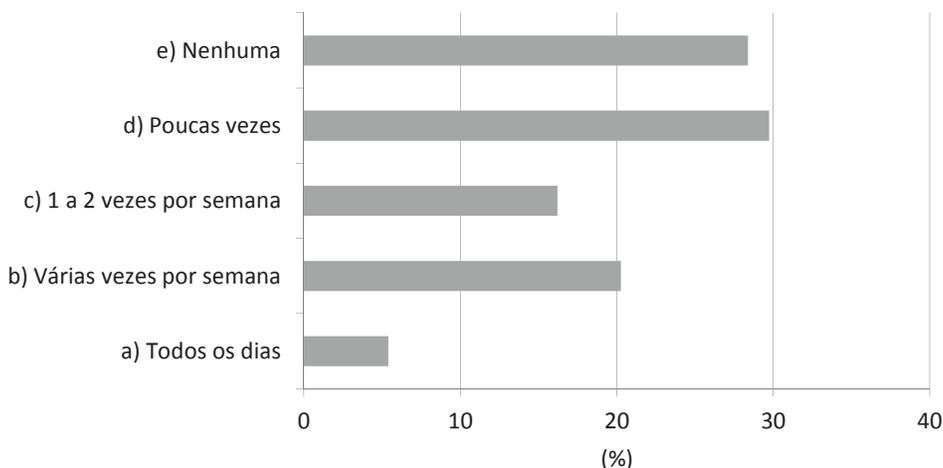
GRÁFICO 67 ACHA QUE AS SEGUINTE ACÇÕES SÃO JUSTIFICÁVEIS (2)?



Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 69)

Quando perguntada se se interessa pela política a população inquirida tem uma opinião dividida, entre os 49% do 'não' e os 47% do 'sim' (ver Anexos, tabela 70). Se perguntada pela frequência com que discute política, esta responde 'poucas vezes' (30%) ou 'nenhuma' (28%), o que pode espelhar um certo distanciamento da população em relação à política, e uma falta de identificação e descrença no sistema político português.

GRÁFICO 68 COM QUE FREQUÊNCIA DISCUTE POLÍTICA?



Fonte: Elaboração própria (Anexos, tabela 71)

Capítulo 6

Conclusões e propostas

O presente estudo teve como objectivo principal, identificar e compreender as várias dimensões das comunidades sustentáveis, dando particular destaque a três destas (a componente sociocultural, a componente funcional traduzida na presença de equipamentos e serviços, e a componente dos transportes e conectividade), bem como procurar verificar qual a relação entre estas componentes e a forma urbana. O segundo objectivo do estudo reforça o anterior, pois procura verificar em que medida é que a existência de um forte nível de capital social pode contribuir para o estabelecimento e valorização de comunidades sustentáveis. Para responder aos objectivos anteriores procurou-se analisar qual a relação entre a forma urbana e os padrões de aquisição de bens e serviços dos seus residentes, bem como as suas práticas sociais e culturais, consubstanciadas na existência de um forte capital social, que em conjunto, contribuem para o estabelecimento de comunidades sustentáveis. É neste sentido, que se procura entender a importância do capital social para a teia de relações de uma comunidade, como um elemento potenciador no estabelecimento de comunidades sustentáveis.

A expansão das cidades para as periferias e o envelhecimento e abandono dos centros, constituem indicadores da insustentabilidade das cidades, quer na sua dimensão ambiental (nomeadamente pelo maior consumo de espaço e o aumento das emissões de CO₂ potenciado pelas deslocações em transporte individual), quer nas suas dimensões económica (caso dos custos da urbanização em territórios de baixa densidade) e social (pelas implicações que tem na alteração dos quotidianos familiares, com custos na relação entre tempo de trabalho e não trabalho). Os movimentos 'Smarth Growth', 'Green Buildings' e 'Novo Urbanismo' apontam orientações de política para a melhoria da sustentabilidade das cidades, mas numa vertente fundamentalmente espacial,

ou seja, com implicações no ordenamento territorial. O movimento das comunidades sustentáveis, que se desenvolveu recentemente, constitui outro referencial de política de planeamento, apostado em dar maior ênfase à vertente social da sustentabilidade, nomeadamente através da revitalização do conceito de comunidade.

Segundo Egan (2004), a análise e implementação do conceito de comunidades sustentáveis tem por base um conjunto de indicadores associados a diferentes componentes, e que serviram de suporte ao desenvolvimento da segunda parte do trabalho. Assim, a partir análise do seu trabalho, seleccionaram-se as componentes com maior importância na comunidade: componente sociocultural, transportes e conectividade e equipamentos e serviços. O capital social foi outro conceito escolhido para aferir a aplicação do conceito de comunidades sustentáveis, e revelou-se essencial para analisar aspectos que são fulcrais para uma comunidade como são as dimensões das redes sociais, civismo e confiança.

A análise do caso de estudo, suportada em informação estatística, cartográfica e outra informação recolhida de forma directa (como o inquérito e o levantamento funcional) evidenciam um conjunto de aspectos característicos das áreas centrais das cidades, mas permitem também identificar um conjunto de sinais e de níveis relacionais que, potenciados, podem constituir orientações chave para a constituição de comunidades sustentáveis. Assim, Campo de Ourique tem revelado uma constante quebra de população, sendo que cada vez mais as suas famílias são menos numerosas. Uma parte importante da população (cerca de 55% da população) ainda tem um grau de escolaridade inferior ao secundário, registando-se também um aumento da presença de população reformada. A maioria da população activa, desenvolve profissões no grupo dos técnicos de nível intermédio, sendo que 37% trabalha em Campo de Ourique. No que respeita ao edificado, este é na sua maioria da 1ª metade do século XX, sendo que na sua maioria está num estado razoável/bom. A influência do comércio no bairro faz-se sentir no número crescente de edifícios com outra ocupação que não a residencial.

A análise dos inquéritos permitiu aprofundar estes dados e entender de uma forma mais completa a problemática/attractividade de Campo de Ourique. Os inquéritos realizados aos não moradores mostram uma população activa, mais jovem, com maior grau de instrução, ligada ao sector dos serviços, sendo que muitos destes vêm de fora de Lisboa e deslocam-se ao Bairro para efectuar compras ou usufruir de serviços.

No seguinte quadro são sumarizados os principais resultados obtidos através da análise dos inquéritos, tanto para as componentes das comunidades sustentáveis como para as dimensões do capital social.

Assim, a população demonstra elevados níveis de satisfação não só individual mas também com o bairro. Igualmente elevado é o nível de satisfação da população não moradora com o bairro. A componente relativa a aspectos socioculturais da população do bairro teve resultados bastantes positivos, o que demonstra que existe uma grande identificação entre o bairro e a sua comunidade de residentes.

Já no que respeita à componente dos equipamentos e serviços os resultados são bastante díspares. Por um lado, existe um desagrado relativamente à oferta de equipamentos que é oferecida à população, constituindo esta uma das principais lacunas deste bairro, por outro, a satisfação relativamente ao comércio é bastante expressiva o que vem comprovar a importância desta actividade para este local. Relativamente à componente dos transportes e conectividade, os resultados foram também bastante expressivos sendo que a maior parte da população desloca-se a pé para quase todas as actividades, demorando 15 minutos ou menos para o fazer.

Comunidades Sustentáveis		Capital Social	
Componentes	Resultados	Resultados	Dimensões
Geral	<ul style="list-style-type: none"> • 56% Das pessoas sente-se muito feliz. • 73% Sente-se muito feliz com o bairro. • Não moradores: 54% gosta muito de vir ao bairro. 		
Sociocultural	<ul style="list-style-type: none"> • 70% dos moradores identifica-se muito com o bairro. • 39% das pessoas sente-se muito envolvida na comunidade. 	<ul style="list-style-type: none"> • 72% Não pertence a nenhuma associação assim como não fez nenhum trabalho voluntário. • Maior parte das pessoas está todos os dias com família e amigos. 	Redes Sociais
Equipamentos e serviços	<ul style="list-style-type: none"> • A satisfação relativamente aos equipamentos é pouca ou razoável. • 78% das pessoas satisfeitas com o comércio 	<ul style="list-style-type: none"> • 82% Das pessoas diz que as pessoas de campo de Ourique são de confiança • Confiança nas instituições é positiva para a presidência e junta de freguesia e negativa para assembleia. Câmara Municipal com valor neutro. 	Confiança
Transportes e conectividade	<ul style="list-style-type: none"> • A maioria das pessoas faz as suas compras no bairro e desloca-se a pé para as fazer com um tempo de deslocação inferior a 15 min. Excepção para os equipamentos culturais que não se localizam no bairro • Não moradores: o principal motivo para vir a Campo de Ourique são as compras seguido de trabalho e visita de familiares amigos 	<ul style="list-style-type: none"> • Divórcio, aborto, homossexualidade são questões aceites • Poucas vezes ou nenhuma se discute política 	Civismo

Podem-se assim identificar através desta análise importantes elementos que contribuem para a verificação da sustentabilidade da comunidade de Campo de Ourique: a identificação dos habitantes com a comunidade de residência, a diversidade de actividades, a possibilidade de andar a pé, entre outros; aspectos a que não é alheia a morfologia/forma urbana do bairro.

No que respeita ao capital social, e concretamente à dimensão das redes sociais, encontra-se uma situação de contrastes: a maioria da população não faz trabalho voluntário nem pertence a uma associação, contudo, passa bastante tempo com os amigos e família. De facto, notou-se que a população mais idosa conservava um maior espírito de participação na comunidade, sendo que é um problema da sociedade contemporânea a constante quebra da participação na vida comunitária, não se reportando exclusivamente a este bairro. No que respeita à dimensão da confiança, existe bastante confiança entre a população de Campo de Ourique, sendo que, ao nível dos órgãos políticos, esta reparte-se entre a Junta de Freguesia e Presidência da República com valores positivos, Câmara Municipal com valores neutros, e por fim, a Assembleia da República com valores negativos de confiança, o que espelha também um pouco a realidade nacional. Portanto, os órgãos com maior proximidade das pessoas, e com maior tradição histórica de estabilidade, tendem a receber níveis de confiança maiores que os outros. Relativamente ao civismo, denota-se a abertura para alguns assuntos da actualidade, o que leva a concluir que esta é uma população bem informada.

Fazendo uma comparação dos resultados dos inquéritos com a caracterização funcional do bairro, pode-se denotar que existe uma correlação forte entre a existência de um equipamento ou actividade e o seu uso e a satisfação relativamente a estes. Mais, a estrutura ortogonal e plana do bairro, é em si mesma potenciadora de uma maior variedade e vitalidade das actividades existentes, pois é fácil de assimilar por parte de não moradores, possui uma melhor mobilidade para moradores e não moradores, e possui várias esquinas e pontos de contacto que são essenciais para uma maior visibilidade das actividades existentes e possibilita maiores oportunidades de encontro fortuito. Note-se o comércio, por exemplo, que obtém elevados indícios de satisfação, que são explicados através da carta de levantamento funcional onde se pode observar uma variedade considerável de comércio. O mesmo se pode dizer no sentido inverso, nomeadamente a falta de práticas desportivas e culturais, que estão muito associadas à falta de equipamentos culturais e desportivos. Note-se por exemplo que na dimensão das redes sociais cerca de 72% das pessoas inquiridas nunca fez nenhum trabalho voluntário nem pertenceu a uma associação, o que pode estar relacionado com a presença diminuta de equipamentos colectivos, onde as pessoas se encontrem todos os dias, criem laços e construam uma cultura de entajuda e associativismo. Neste sentido pode-se afirmar que a existência de equipamentos e diversidade de actividades é essencial para o bem estar de uma comunidade, contribuindo para a sua sustentabilidade, caso estes não tenham qualidade ou simplesmente não existam, a população tende a usá-los menos, enfraquecendo a sua qualidade de vida.

Contudo, igualmente importante é o bem-estar relativo às questões da identificação, apropriação do território, criação de laços, e neste aspecto encontra-se uma importante ligação entre as componentes das comunidades sustentáveis e as dimensões do capital social. Assim, uma percentagem elevada de pessoas afirma-se 'muito feliz' (56%) e ainda mais elevada afirma-se 'muito feliz' com o bairro de Campo de Ourique (73%). Como já foi enunciado, alguma desta percentagem pode ser explicada

pela presença de infra-estruturas adequadas, contudo, de elevada importância para este valor são certamente indicadores resultantes de dimensões de capital social como a confiança, na qual cerca de 82% das pessoas afirmaram que as pessoas de Campo de Ourique são de confiança, ou das redes sociais, na qual a maioria parte das pessoas afirma que está todos os dias com família e amigos.

Finalmente, importantes também foram os resultados relativos aos moradores mais recentes, pois constituem um grupo de pessoas que conhecem o território de uma forma menos profunda, induzem nele novas características, contribuindo de certa forma para perceber tendências futuras de transformação do espaço. Assim, apesar de uma predominância de 50% de moradores que vivem há mais de 30 anos no bairro, o segundo valor mais expressivo diz respeito aos moradores que vivem no bairro há 10 ou menos anos, e que corresponde quase a 30%, o que indica uma capacidade de atractividade bastante interessante deste bairro. Mais, os novos moradores possuem, na sua maioria (45%) grau de ensino superior, o que indica que é população qualificada aquela que tem vindo morar para Campo de Ourique. Quando inquirida a população que se mudou para Campo de Ourique acerca das razões por detrás desta escolha o principal factor é a 'família/amigos' (23%), o que comprova a forte coesão social que existe no bairro e os fortes laços familiares, 'habitação' (18%) explicada pela cartas de idade e estado de conservação do edificado, nas quais se conclui que o edificado está num estado razoável de conservação, 'trabalho' (14%) explicado pelas forte diversidade de actividades e 'gosta do local' (12%) que pode agrupar um pouco de todas as respostas anteriores mas que inclui também questões culturais e sociais específicas do bairro de Campo de Ourique. Assim, encontram-se sumariamente definidas as principais valências deste bairro: coesão social, habitação de uma forma geral em bom estado de conservação, diversidade de actividades, e um local com uma identidade cultural e social com relevância, todos eles aspectos com uma forte correlação com o conceito de comunidades sustentáveis.

Estes aspectos consubstanciam algumas conclusões, que devem constituir elementos de referência para a sugestão de recomendações que permitam reforçar o Bairro de Campo de Ourique como uma comunidade sustentável, ou de uma forma geral, que constituam orientações genéricas para outros bairros:

- a existência de uma população mais envelhecida com fortes ligações ao bairro, coexiste com a capacidade de atracção de novos residentes, sendo este mix social e geracional um dos pontos a salientar na dinâmica do bairro e que é indiciador da importância do capital social e relacional para a sustentabilidade urbana;
- a forma urbana das áreas centrais e consolidadas das cidades, coadjuvadas pela recuperação do comércio, serviços, equipamentos, infra-estruturas e edificado, podem contribuir para a revitalização das zonas centrais, quer do ponto de vista demográfico, quer do ponto de vista social e, assim, constituírem elementos chave para a definição de comunidades sustentáveis;
- a importância do estabelecimento ou potenciação de comunidades sustentáveis à escala do bairro, para a reabilitação das áreas centrais e envelhecidas das cidades, contribuindo para um modelo de desenvolvimento urbano mais sustentável.

No seguinte quadro são sintetizadas as propostas para o bairro de Campo de Ourique, de acordo com a análise de resultados realizada:

Componente na qual se intervém	Proposta	Agentes envolvidos	Dimensão do capital social influenciada	Resultado previsto da acção ao nível das dimensões do capital social
Transportes e conectividade	Criação de uma ciclovia	C.M.L	Redes sociais	Maior identificação da população com o bairro em que habita
	Expansão da largura dos passeios	Junta de Freguesia	Redes sociais	Maior e melhor fruição do espaço, que conduz a maior identificação com o território e com a sua população
	Criação de uma estação de metro no bairro	C.M.L. Ministério	Redes sociais	Melhor ligação do bairro com as restantes zonas de Lisboa e Área Metropolitana, criando uma maior coesão social e atracção de população para o bairro
Sociocultural	Criação de uma associação recreativa	Junta de Freguesia	Civismo Confiança	Potencializar a participação da população na vida do bairro e maior tolerância entre culturas
	Promoção de eventos culturais de rua	C.M.L. Junta de Freguesia	Redes Sociais	Maior número de pessoas que vivem no bairro e maior atracção de população de fora
	Promoção de eventos desportivos como provas de ciclismo, atletismo, entre outras	C.M.L. Junta de Freguesia	Civismo Confiança Redes Sociais	Maior qualidade de vida, promoção de inter conhecimento e entre ajuda entre a população do bairro e desta com a restante população não moradora
Equipamentos e serviços	Criação de um cineteatro no espaço do antigo cinema Europa	C.M.L. Junta de Freguesia Privados	Redes Sociais	Maior acesso à cultura por parte de uma população que não possui equipamentos culturais
	Criação de um polidesportivo	C.M.L. Junta de Freguesia	Redes Sociais	Incentivar a prática do desporto no bairro por parte de uma população que o pratica na sua maioria fora deste
	Maior difusão e promoção do comércio do bairro	Junta de Freguesia	Redes Sociais	Melhoramento da economia do bairro e maior atracção de população para o bairro

As propostas descritas devem assentar de uma forma basilar na participação pública e na governância. Deste modo, a população deve ser consultada em todas as acções que visam intervir no território, de forma a adequar as necessidades da população com o que é planeado, assim como deve existir uma clara informação por parte dos agentes que intervêm no território para a população que nele habita.

Os desafios que se colocam ao conceito de comunidades sustentáveis estão em parte relacionados com a sua abordagem integradora, que tem como vista o longo prazo, a sustentabilidade das acções que são aplicadas em determinado território. Portanto, o de tentar conciliar visões e ferramentas díspares mas que intervêm no mesmo território, e também o de tornar uma série de princípios teóricos numa série de práticas e ensinamentos. No caso do primeiro desafio a solução passa pelo conceito de governância, portanto fomentar a parceria entre os vários agentes, organismos, departamentos que intervêm no território e uma melhor organização e estruturação das responsabilidades, objectivos e modos de funcionamento de cada organismo. Relativamente ao segundo desafio, é interessante reflectir qual a direcção a tomar: será que deve existir uma série de *guidelines* que devem ser aplicadas a qualquer realidade? Ou por outro lado deve existir uma maleabilidade que se irá adaptar às diferentes especificidades do território? Segundo a literatura consultada e as entrevistas realizadas, a segunda possibilidade é a mais evidente. Contudo, torna-se essencial clarificar, sobretudo para a população, os objectivos do conceito de comunidades sustentáveis, as características que o distinguem dos restantes conceitos, e sobretudo, como se pode operacionalizar o conceito. A solução para esta questão passa por uma maior capacidade associativa, uma maior coesão por parte da comunidade científica que estuda e desenvolve este conceito, um pouco à semelhança do que foi feito com a Carta do Novo Urbanismo, e melhor divulgação de casos de estudo de exemplos de aplicação do conceito.

A comunidade é a forma elementar de organização de um grupo de pessoas que partilha um espaço, uma cultura e respectivos valores sociais. Sendo esta a forma básica de organização humana, torna-se lógica a construção a partir deste ponto da sustentabilidade urbana. Só tendo em atenção as necessidades das pessoas, as suas características como um grupo e respectivas potencialidades, se poderá promover uma melhor qualidade de vida de acordo com as necessidades de uma população, e de uma comunidade, que se organiza sucessivamente em várias escalas desde o bairro até à escala planetária.

Bibliografia

- Adam, F. (2008), "Mapping social capital across Europe: findings, trends and methodological shortcomings of cross-national surveys, social science information's, 47; 159.
- Amado, P. M. (2005), "Planeamento Urbano Sustentável", Ed. Caleidoscópio, Portugal.
- Brian, D. (2005), "From good neighborhoods to sustainable cities: Social science and the social agenda of the new urbanism", International Regional Science Review 28; 217
- Building Design & Construction (2003), "White paper on Sustainability: a report on the Green Building Movement", Building Design & Construction, Oak Brook.
- Câmara Municipal de Lisboa (2004), "Diagnóstico Sócio-urbanístico da Cidade de Lisboa - Uma perspectiva censitária" – Pelouro de Licenciamento Urbanístico e reabilitação Urbana, Coordenação de João Seixas, C.M.L, 2001.
- Conferencia Europeia sobre Cidades Sustentáveis (1994), "Carta de sustentabilidade das cidades europeias"(Carta de Aalborg), Aprovada pelos participantes na Conferência Europeia sobre cidades sustentáveis, realizada em Aalborg, Dinamarca, a 27 de Maio de 1994.
- Congress For The New Urbanism (1999), *Charter of The New Urbanism*, Ed. McGraw-Hill Professional.

- Costa, Nuno Marques da (2008), "Mobilidade e transporte em áreas urbanas : o caso da área metropolitana de Lisboa", Tese de doutoramento em Geografia (Geografia Humana), apresentada à Universidade de Lisboa através da Faculdade de Letras.
- Couto, D. (2000), "História de Lisboa", Ed. Gótica, 9ª edição, Lisboa.
- City of Hannover (2003), "Living in Kronsberg", City of Hannover, Hannover.
- Egan, J. (2004), "The Egan Review: Skills for sustainable communities", Office of the Deputy Prime Minister, Crown Copyright.
- European Union (2007), "Leipzig Charter on Sustainable European Cities, Ed. European Union.
- European Values Study (2008), "Final questionnaire for European value survey – Master Questionnaire", Ed. European Values Study.
- Eurostat (2007), "Measuring progress towards a more sustainable Europe" – 2007 monitoring report of the EU sustainable development strategy, Ed. European Commission.
- Farr, D. (2008), "Sustainable Urbanism: Urban Design With Nature", Ed. John Wiley & Sons, Inc., Hoboken, New Jersey.
- Gropius, W. (2001), "Bauhaus: NOVAARQUITECTURA", debates arquitectura, 6ª edição, Editora Perspectiva, Brasil.
- Health Canada (2003), "Social capital as a health determinant: how is it defined", Health Policy Research Working Paper Series, Canada.
- Haughton, G. and Hunter, C. (1996), "Sustainable Cities", Ed. Jessica Kingsley, London.
- Herbert, D. and Thomas, C. (1995), "Cities in Space: city as a place", Ed. David Fulton, London.
- Holtzclaw, J. et al (2002), "Location Efficiency: Neighborhood and Socio-Economic Characteristics Determine Auto Ownership and Use: Studies in Chicago, Los Angeles and San Francisco", Transportation Planning and Technology, 25:11 – 27.
- IEFP (2001), "Classificação Nacional de Profissões", versão 1994, Instituto de Emprego e Formação Profissional, Lisboa.
- INE (1981) – XII Recenseamento Geral da População, Censos 1981.

- INE (1991) – XIII Recenseamento Geral da População, Censos 1991.
- INE (2001) – XIV Recenseamento Geral da População, Censos 2001.
- INE (anual), “Inquérito aos Projectos de Obras de Edificação e de Demolição de Edifícios: Fogos licenciados (N.º) em construções novas para habitação familiar por Localização geográfica e Entidade promotora”, ed. INE
- Jacobs, J. (1961), “The Death and Life of Great American Cities”, Ed. Random House, New York.
- Kearns, Ade et Turok, Ivan (2004), “Sustainable Communities: Dimensions and Challenges”, ESRC/ODPM Postgraduate Research Programme, Office of the Deputy Prime Minister.
- Kennedy, C. et al (2007), “The Changing Metabolism of Cities”, *Journal of Industrial Ecology*, Massachusetts Institute of Technology and Yale University, Vol. 11, nº 2.
- Kunstler, J. (1993), “The geography of nowhere - The Rise and Decline of America’s Man-Made Landscape”, Ed. Simon & Schuster, New York.
- Litman, T. (2003), “Reinventing Transportation: Exploring the Paradigm Shift Needed to Reconcile Transportation and Sustainability Objectives”, Victoria Transport Policy Institute, Canada.
- Litman, T. (2008), “The Future Isn’t What It Used To Be: Changing Trends And Their Implications For Transport Planning”, Victoria Transport Policy Institute, Canada.
- Lynch, K. (1981), “The Good Urban Form”, MIT Press, Cambridge.
- Mumford, L. (1961), “The City in History”, Ed. Harcourt Inc, San Diego
- Office of the Deputy Prime Minister (2003), *Sustainable Communities: building for the future*, crown copyright, London.
- Office of the Deputy Prime Minister (2004), “Government response to the ‘Egan Review: Skills for Sustainable Communities’”, crown copyright, London.
- Perry, C. (1929), “The Neighborhood Unit”, Volume VII, *Regional New York and Its Environs*, Monograph I., New York.
- Putnam, R. D. (2000), “Bowling Alone: The collapse and revival of American community”, Ed. Simon & Schuster paperbacks, New York.

- Roseland, M. (2005), "Toward Sustainable Communities: revised edition", Ed. New Society Publishers, Canada.
- Scott, J. (2007), "Smart Growth as Urban Reform: A Pragmatic 'Recoding' of the New Regionalism", *Urban Studies*, 44:1, pp.15 – 35.
- Secure (2000), "Sustainable Energy Communities in Urban Areas in Europe, "European Sustainable Urban Development Projects", Benchmark Study-Kronsberg.
- Siisiainen, M. (2000), "Two concepts of social capital: Bordieu vs. Putnam", ISTR forth international conference "The third sector for what and for whom?", Trinity College, Dublin, Ireland, July 5-8, 2000.
- Tait, L. et al (2007), "Does walking in the neighborhood enhance local sociability?", *Urban Studies*, 44:9, 1677-1695.
- United Kingdom Government (2007), "Sustainable Communities Act 2007-chapter 23", United Kingdom Government, London.
- Unwin, R. (1912), "Nothing gained by overcrowding! - How the Garden City type of Development may benefit both owner and occupier", Ed. P.S. King and Son, Orchard House, Westminster, London.
- Van Oorschot et al (2006), "Social capital in Europe: measurement and social and regional distribution of a multifaceted phenomenon, *Acta Sociológica*, 49; 149.

WEBSITES CONSULTADOS:

CML (2009) - Câmara Municipal de Lisboa Cadernos Municipais:

<http://ulisses.cm-lisboa.pt>

Página com informação sobre Capital Social (2009):

www.inped.org/biblio/social-capital

Página com informação sobre Cinema Europa (2009):

www.dn.sapo.pt

Página do Governo Reino Unido sobre comunidades (2009):

www.communities.gov.uk/communities/

Congress for the New Urbanism (2009):

<http://www.cnu.org>

Página sobre Desenvolvimento Sustentável (2009):

www.desenvolvimentosustentavel.pt

GAASC - Geographical Association and Academy for Sustainable Communities (2009):

www.geography.org.uk/projects/buildingsustainablecommunities

Hannover: Kronsberg, a new sustainable development as part of EXPO 2000 (2009):

<http://www.eaue.de/winuwd/190.htm>

House and Communities Academy (2009):

www.hcaacademy.co.uk

Institute for Sustainable Communities (2009):

<http://www.iscvt.org>

Junta de Freguesia de Santo Condestável (2009):

<http://www.jf-santocondestavel.pt>

Mercado de Campo de Ourique (2009):

www.lifecooler.com

Planning Portal (2009):

<http://www.planningportal.gov.uk/england/genpub/en/1108751860488.html>

Sustainable Communities Network (2009):

www.sustainable.org

Anexos

FIGURA 2-3 INDICADORES RELATIVOS ÀS COMPONENTES DOS TRANSPORTES E CONECTIVIDADE E SOCIOCULTURAIS (EGAN, 2004)

Ref no.	Source	Indicator	Probable spatial level	subj/obj
SOCIAL AND CULTURAL				
5	BVPI QB Q11/CC02	% of respondents surveyed who feel they 'belong' to the neighbourhood (or community)	district	s
6	QoL 25	% of people surveyed who feel that their local areas are a place where people from different backgrounds get on well together	district	s
7	Newly recommended	% of people who feel a great deal involved in the local community.	district	s
NB: Based on an established questions from the MORI People's Panel 1999 questionnaire. "Overall, how involved do you feel in the local community?" Ranked from a great deal, a fair amount, not very much, not at all or don't know.				
8	BV 119/BVPI gen Q13	% of residents satisfied with LA cultural services (a) sports and leisure (b) libraries (c) museums (d) arts activities and venues (e) parks and open spaces	district	s
9	BVPI Gen Q25	Extent anti-social behaviour a problem in the area	district	s
10	BV 126/QoL 16/T&C V3.08/UK Sust Dev H8	Domestic burglaries per 1,000 households and % detected	district	o
11	QoL 15/BVPI QB Q36	% of residents surveyed who feel 'fairly safe' or 'very safe' after dark whilst outside in the local authority area	district	s
TRANSPORT AND CONNECTIVITY				
34	QoL 22/BVPI QB Q6	(a) % of residents surveyed finding it easy to access key local services. (b) % of residents within a distances of 500m (15 mins walk) of key local services	district	s
Key local services are local shop, supermarket, post office, GP, chemist/pharmacy, shop selling fresh produce, local hospital, green space, public transport stop, library, sports/leisure centre, cultural/recreational facility, bank/cashpoint, council/neighbourhood office				
35	QoL 36	% of residents surveyed using different modes of transport, their reasons for, and distance of, travel	district	o
36	BVPI Gen QB Q16	% of users satisfied with local authority provided district transport services	district	s
37	NEW	% of dwellings postcode areas with access to ADSL broadband	district	o
NB: The data for this indicator is available through a postcode search of the appropriate postcodes on the British Telecom web-site at www.bt.com/broadband/index.jsp . The indicator is constructed by identifying all the relevant postcodes that cover the district and the number of dwellings in each postcode. The count of all dwellings in postcodes where there is broadband access should be divided by the total number of dwellings in all the relevant postcodes.				

FIGURA 4 INDICADORES RELATIVOS À COMPONENTE DOS SERVIÇOS (EGAN, 2004)

SERVICES				
Ref no.	Source	Indicator	Probable spatial level	subj/obj
43	BV 194/T&C V5.02	% of children in schools maintained by the local education authority achieving level 5 or above in Key Stage 2 in English and Math (11 year olds)	district	o
44	BV 38/QoL 9/ UK Sus Dev H5	% of 15 year old pupils in schools maintained by the local education authority achieving five or more GCSEs at A*-C or equivalent	district	o
SERVICES				
45	UK Sus Dev H6	Average life expectancy	district	o
46	QoL 12	Conception rates among females aged less than 18 years	district	o
47	Health Inequality indicator 8.5 & 8.6	% of patients waiting more than 3 or 6 months for treatments	Primary CareTrust	o
48	Health Inequality indicator 8.1	Number of primary care professionals per 100,000 population	Primary Care Trust	o
49	BV 109	% of major planning applications determined in 13 weeks and minor & other applications determined in 8 weeks	district	o
50	ECR 13 (b)	% user satisfaction with town centre	district	s

TABELA 1 POPULAÇÃO RESIDENTE EM 1981, 1991 E 2001, SEGUNDO OS GRUPOS ETÁRIOS E SUA EVOLUÇÃO ENTRE 1981 E 2001 (ADAPTADO, INE 1981, 1991, 2001)

Freguesia		POPULAÇÃO RESIDENTE												Variação entre 1981 e 2001 (%)									
		Em 1981				Em 1991				Em 2001													
		Total	Grupos Etários			Total	Grupos Etários			Total	Grupos Etários									Variação Total	Grupos Etários		
Santo Condéstavel	HM	H	0-14	15-24	25-64	65 ou mais	HM	H	0-14	15-24	25-64	65 ou mais	HM	H	0-14	15-24	25-64	65 ou mais					
	29612	13232	5106	4158	15368	4980	22186	9812	2904	2844	11342	5096	17553	7685	1870	1958	8748	4977	-40,72	-63,38	-52,91	-43,08	-0,06
Santa Isabel	11683	5065	2129	1633	5990	2111	9249	4002	1101	1250	4751	2147	7270	3101	744	835	3635	2056	-37,77	-65,05	-48,87	-39,32	-2,61

TABELA 2 POPULAÇÃO RESIDENTE SEGUNDO O NÍVEL DE ENSINO ATINGIDO, SEXO E TAXA DE ANALFABETISMO (1981-2001) (ADAPTADO, INE 1981, 1991, 2001)

Freguesia	Ano	População total	Nível de Ensino Atingido												Analfabetos com 10 ou mais anos		Taxa de Analfabetismo							
			Nenhum			Básico			Secundário			Médio						Superior						
			1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo				1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo				
Santo Condéstavel	1981	29612	13232	-	-	-	7301	2934	1898	918	2875	1315	3178	1501	667	283	-	-	-	-	-	-	6,1	
	1991	22186	9812	-	-	-	4485	1814	1442	719	1776	788	3437	1609	475	213	4156	1926	946	211	-	-	5,8	
	2001	17553	7685	1782	616	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Santa Isabel	1981	11683	5065	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	1991	9249	4002	-	-	-	3083	1161	732	346	1152	518	1413	632	371	142	-	-	-	-	-	-	-	4,5
	2001	7270	3101	650	216	1648	624	507	210	667	296	1349	598	190	72	2259	1085	299	48	-	-	-	4,4	

TABELA 3 POPULAÇÃO RESIDENTE E ECONOMICAMENTE ACTIVA (SENTIDO LATO) E EMPREGADA, SEGUNDO O SEXO E O RAMO DE ACTIVIDADE E TAXAS DE ACTIVIDADE EM 1991 E 2001 (ADAPTADO, INE 1981, 1991, 2001)

Freguesia	Ano	POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ACTIVA								Taxa de Actividade (%)			
		Total		Empregada									
				Total		CAE 0	CAE 1-4	CAE 5-9					
		HM	H	HM	H			Total	Relacionados c/ a Act. Econ.	HM	H	M	
Santo Condestável	1981	12707	7249	-	-	-	-	-	-	-	42,91	24,48	32,61
	1991	9546	4971	8716	4604	-	-	-	-	-	43	50,7	37
	2001	8261	3968	7538	3610	52	1148	6338	3726	-	47,1	51,6	43,5
Santa Isabel	1981	5188	2821	-	-	-	-	-	-	-	44,41	24,15	31,45
	1991	4005	2038	3735	1918	-	-	-	-	-	43,3	50,9	37,5
	2001	3502	1703	3295	1614	24	441	2830	1606	-	48,2	54,9	43,2

TABELA 4 FAMÍLIAS CLÁSSICAS, SEGUNDO A DIMENSÃO (ADAPTADO, INE 1981, 1991, 2001)

Freguesia	Ano	FAMÍLIAS CLÁSSICAS SEGUNDO A DIMENSÃO (PESSOAS)											
		Total	Com 1	Com 2	Com 3	Com 4	Com 5	Com 6	Com 7	Com 8	Com 9	Com 10 ou mais	
Santo Condestável	1981	11373	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	1991	9086	2496	2946	1816	1213	416	127	41	20	9	2	
	2001	8084	3004	2584	1362	801	230	70	23	5	2	3	
	Var.1991-2001 (%)	-11,03	20,35	-12,29	-25,00	-33,97	-44,71	-44,88	-43,90	-75,00	-77,78	50,00	
Santa Isabel	1981	4471	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	1991	3828	1185	1147	730	477	185	67	17	9	1	1	
	2001	3237	1162	1045	518	331	127	30	8	4	3	1	
	Var.1991-2001 (%)	-15,4	-1,9	-8,9	-29,0	-30,6	-31,4	-55,2	-52,9	-55,6	200,0	0,0	

TABELA 5
POPULAÇÃO RESIDENTE, COM 15 OU MAIS ANOS, SEGUINDO A CONDIÇÃO PERANTE A ACTIVIDADE ECONÓMICA (SENTIDO LATO) E SEXO (ADAPTADO, INE 1981, 1991, 2001)

Freguesia	Ano	População com Actividade Económica										População sem Actividade Económica											
		População total		Total com act. Econ.		Empregada		Desempregada		Total sem act. Econ.		Estudante		Doméstica		Reformada		Inc. para Trabalho		Outras			
		HM	H	HM	H	HM	H	HM	H	HM	H	HM	H	HM	H	HM	H	HM	H	HM	H		
Santo Condestável	1981	29612	13232	12707	7249	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	1991	22186	9812	9546	4971	8794	4604	752	327	12640	-	2170	1037	1650	12	5604	2322	125	57	3091	-		
	2001	17553	7685	8261	3968	7538	3610	723	358	7422	2781	972	445	512	7	5023	1885	228	97	687	347		
	Variacão (%) 1991-2001	-	-	42,91	24,48	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Variacão (%) 1991-1991	-	-	43,03	52,07	92,12	52,35	7,88	43,48	56,97	-	17,17	47,79	13,05	0,73	44,34	41,43	0,99	45,60	24,45	-	-	
1981	11683	5065	5188	2821	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
1991	9249	4002	4005	2038	3735	1910	270	120	5244	-	1028	491	651	10	2227	824	62	20	1276	-	-		
2001	7270	3101	3502	1703	3295	1614	207	89	3768	1398	484	213	256	0	1983	701	75	30	970	79	-		
Variacão (%) 1981-1991	-	-	44,41	24,15	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Variacão (%) 1991-2001	-	-	48,17	48,63	94,09	48,98	5,91	43,00	51,83	37,10	12,85	44,01	6,79	0,00	52,63	35,35	1,99	40,00	25,74	8,14	-	-	
Variacão (%) 1991-2001	-	-	11,24	-4,44	0,89	-4,21	-12,32	-3,26	-8,59	-	-34,48	-7,86	-45,27	-100,00	23,92	-4,46	68,35	24,00	5,80	-	-	-	
Santa Isabel	2001 (%)	-	-	48,17	48,63	94,09	48,98	5,91	43,00	51,83	37,10	12,85	44,01	6,79	0,00	52,63	35,35	1,99	40,00	25,74	8,14	-	

TABELA 8-9 EDIFÍCIOS, SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS, POR TIPO DE EDIFÍCIO E NÚMERO DE ALOJAMENTOS (ADAPTADO, INE 1981, 1991, 2001)

SANTO CONDESTÁVEL		
Ano	Tipo de Edifícios	Total
2001	Total de edifícios	2554
	Edifícios principalmente residenciais	2536
	Exclusivamente residenciais	2087
	Parcialmente residenciais	449
	Edifícios principalmente não residenciais	18
1991	Total de edifícios	2719
	Principalmente residenciais	2694
	Exclusivamente residenciais	2284
	Parcialmente residenciais	410
	Principalmente não residenciais	25
1981	Total de edifícios	2312
	Principalmente residenciais	-
	Exclusivamente residenciais	-
	Parcialmente residenciais	-
	Principalmente não residenciais	-
SANTO ISABEL		
Ano	Tipo de Edifícios	833
2001	Total de edifícios	813
	Edifícios principalmente residenciais	553
	Exclusivamente residenciais	260
	Parcialmente residenciais	20
	Edifícios principalmente não residenciais	1085
1991	Total de edifícios	1069
	Principalmente residenciais	894
	Exclusivamente residenciais	175
	Parcialmente residenciais	16
	Principalmente não residenciais	961
1981	Total de edifícios	-
	Principalmente residenciais	-
	Exclusivamente residenciais	-
	Parcialmente residenciais	-
	Principalmente não residenciais	-

TABELA 10 POPULAÇÃO INQUIRIDA POR GÉNERO (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Género	Moradores		Não moradores	
	Total	%	Total	%
Feminino	71	55,91	18	51,43
Masculino	56	44,09	17	48,57
Total	127	100	35	100

TABELA 11 GÉNERO VS SITUAÇÃO SÓCIO PROFISSIONAL: MORADORES E RESPECTIVO AGREGADO (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Género	Situação Sócio Profissional											
	Activo		Desempregado		Doméstica		Estudante		Reformado		Total	
Feminino	32	46,38	4	5,80	6	8,70	2	2,90	25	36,23	69	100
Masculino	20	39,22	4	7,84		0,00	7	13,73	20	39,22	51	100
Total	52	43,33	8	6,67	6	5,00	9	7,50	45	37,50	120	100

TABELA 12 IDADE (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Idade	Moradores	%	Não Moradores	%
0-25	28	17,61	11	27,50
25-45	47	29,56	18	45,00
45-65	43	27,04	10	25,00
>65	41	25,79	1	2,50
Total	159	100	40	100

TABELA 13 COMPOSIÇÃO DO AGREGADO FAMILIAR (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Idade	Nº de elementos por agregado								Total	Total (%)
	N=1	%	N=2	%	N=3	%	N=4	%		
Jovens (0-18)	11	57,9	5	26,3	3	15,8	0	0,0	19	100
Adultos (18-65)	35	47,3	30	40,5	5	6,8	4	5,4	74	100
Idosos (>65)	20	69,0	8	27,6	0	0,0	1	3,4	29	100
Total	66	-	43	-	8	-	5	-	122	-

TABELA 14 GRAU DE INSTRUÇÃO (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Grau de instrução	Moradores	%	Não Moradores	%
Não sabe ler nem escrever	6	7,06	0	0
Sabe ler e escrever	2	2,35	0	0
EB 1º Ciclo	16	18,82	6	18,75
EB 2º Ciclo	6	7,06	0	0
EB 3º Ciclo	6	7,06	5	15,63
E. Secundário	20	23,53	7	21,88
Curso Superior	29	34,12	14	43,75
Total	85	100	32	100

TABELA 15 GRAU DE INSTRUÇÃO VS IDADE: MORADORES E AGREGADO (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Grau de instrução	Idade								Total	Total
	0-25	%	25-45	%	45-65	%	>65	%		
Não sabe ler nem escrever		0,00		0,00		0,00	6	100,00	6	100,00
Sabe ler e escrever		0,00		0,00		0,00	2	100,00	2	100,00
EB 1º Ciclo		0,00	1	6,25	9	56,25	6	37,50	16	100,00
EB 2º Ciclo		0,00		0,00	3	50,00	3	50,00	6	100,00
EB 3º Ciclo		0,00	1	16,67	4	66,67	1	16,67	6	100,00
E. Secundário	3	15,00	8	40,00	6	30,00	3	15,00	20	100,00
Curso Superior	1	3,45	21	72,41	4	13,79	3	10,34	29	100,00
Total	4	4,71	31	36,47	26	30,59	24	28,24	85	100,00

TABELA 16 SITUAÇÃO SÓCIO-PROFISSIONAL (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Situação Sócio-Profissional	Moradores	%	Não Moradores	%
Activo com Profissão	52	34,90	25	62,50
Desempregado	9	6,04	1	2,50
Doméstica	9	6,04	0	0,00
Estudante	31	20,81	11	27,50
Reformado	48	32,21	3	7,50
Outra	0	0	0	0,00
Total	149	100	40	100

TABELA 17 SITUAÇÃO SÓCIO-PROFISSIONAL VS IDADE: MORADORES E AGREGADO (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Idade	Situação Sócio Profissional											
	Activo	%	Desempregado	%	Doméstica	%	Estudante	%	Reformado	%	Total	%
0-25	1	4,35		0		0	22	95,65		0	23	100
25-45	32	78,05	2	4,88	1	1,69	6	14,63		0	41	100
45-65	18	45	7	17,5	4	8,16		0	11	27,5	40	100
>65	1	2,44		0	1	2,38	2	4,88	37	90,24	41	100
Total	52	35,86	9	6,21	6	3,24	30	20,69	48	33,10	145	100

TABELA 18 PROFISSÃO DE ACORDO COM A CNP (ELABORAÇÃO PRÓPRIA; ADAPTADO CAE, IEFP 2001)

Grupos de profissão segundo a CNP	Moradores	%	Não Moradores	%
Intelectuais e Científicas	1	1,32	2	7,69
Técnicos de nível intermédio	17	22,37	4	15,38
Administrativos e similares	5	6,58	1	3,85
Serviços e vendedores	8	10,53	5	19,23
Operários, artífices e similares	7	9,21	2	7,69
Operad. instalações, máquinas, montagens	2	2,63	1	3,85
Não qualificados	7	9,21	2	7,69
Estudantes	29	38,16	9	34,62
Total	76	100,00	26	100,00

TABELA 19 PROFISSÃO VS GRAU DE INSTRUÇÃO: MORADORES E AGREGADO (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Profissão dos elementos	Grau de instrução														
	Não sabe ler nem escrever	%	Sabe ler e escrever	%	EB 1º Ciclo	%	EB 2º Ciclo	%	EB 3º Ciclo	%	E. Sec.	%	Curso Superior	%	Total
Intelectuais e Científicas	0		0		0		0		0		0		1	100	1
Técnicos de nível intermédio	0		0		0	1	5,88		0	2	11,76		14	82,35	17
Administrativos e similares	0		0		0	1	50		0		0		1	50	2
Serviços e vendedores	0		0		0		0	1	25	3	75			0	4
Operários, artífices e similares	0		0		0	1	33,33		0	1	33,33		1	33,33	3
Operadores instalações, máquinas, montagens	0		0		0		0	1	100		0			0	1
Não qual.	0		0	3	75		0	1	25		0			0	4
Estudante	0		0				0			2			2	50	4
Total					3		3		3		8		19		36

TABELA 20 LOCAL DE RESIDÊNCIA (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Local de residência	Moradores	%	Não Moradores	%
Santo Condestável	131	79,88	0	0
Santa Isabel	33	20,12	0	0
Lisboa	0	0	7	17,07
Fora de Lisboa	0	0	19	46,34
NS/NR	0	0	15	36,59
Total	164	100	41	100

TABELA 21 LOCAL DE RESIDÊNCIA VS GRAU DE INSTRUÇÃO E IDADE: MORADORES E AGREGADO (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Local de resid./ idade	Grau de instrução																		Total
	NS ler/ Esc.	Sabe ler/ Esc.	EB 1º Ciclo			EB 2º Ciclo		EB 3º Ciclo			E. Secundário			Curso Superior					
	>65	>65	25-45	45-65	>65	45-65	>65	25-45	45-65	>65	0-25	25-45	45-65	>65	0-25	25-45	45-65	>65	
Santo Cond. (%)	5,88	2,94	1,47	7,35	4,41	4,41	4,41	1,47	5,88	0	4,41	8,82	7,35	4,41	1,47	26,47	4,41	4,41	100
Santa Isabel (%)	11,76	0	0	23,53	17,65	0	0	0	0	5,88	0	11,76	5,88	0	0	17,65	5,88	0	100
Total (%)	7,06	2,35	1,18	10,59	7,06	3,53	3,53	1,18	4,71	1,18	3,53	9,41	7,06	3,53	1,18	24,71	4,71	3,53	100
Santo Cond.	4	2	1	5	3	3	3	1	4		3	6	5	3	1	18	3	3	68
Santa Isabel	2			4	3					1		2	1			3	1		17
Total	6	2	1	9	6	3	3	1	4	1	3	8	6	3	1	21	4	3	85

TABELA 22 JÁ TEVE OUTRA HABITAÇÃO? (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Resposta	Total	%
Sim	57	77,03
Não	17	22,97
Total	74	100

TABELA 23 HÁ QUANTOS ANOS MORA EM CAMPO DE OURIQUE? (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Tempo de residência	Total	%
0-10	20	27,03
10.-20	12	16,22
20-30	5	6,76
>30	37	50
Total	74	100

TABELA 24 GRAU DE INSTRUÇÃO VS TEMPO DE RESIDÊNCIA: MORADORES E AGREGADO (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Grau de instrução	Idade de residência								Total	%
	0-10	%	10.-20	%	20-30	%	>30	%		
Não sabe ler nem escrever		0,00		0,00		0,00	6	100,00	6	8,11
Sabe ler e escrever		0,00		0,00		0,00	2	100,00	2	2,70
EB 1º Ciclo	3	20,00	3	20,00		0,00	9	60,00	15	20,27
EB 2º Ciclo	1	16,67		0,00		0,00	5	83,33	6	8,11
EB 3º Ciclo	1	16,67	1	16,67	1	16,67	3	50,00	6	8,11
E. Secundário	5	26,32	4	21,05		0,00	10	52,63	19	25,68
Curso Superior	10	50,00	4	20,00	4	20,00	2	10,00	20	27,03
Total	20	27,03	12	16,22	5	6,76	37	50,00	74	100

TABELA 25 PORQUE MUDOU PARA CAMPO DE OURIQUE? (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Razões para mudar para Campo de Ourique	Total	%
Gosta do local	7	12,28
Razões pessoais	2	3,51
Trabalho	8	14,04
Família/amigos	13	22,81
Habitação	10	17,54
NS/NR	17	29,82
Total	57	100

TABELA 26 GRAU DE INSTRUÇÃO VS PORQUE MUDOU PARA CAMPO DE OURIQUE? (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Grau de instrução	Porque mudou para Campo de Ourique?												Total	%
	Gosta do local	%	Razões pessoais	%	Trabalho	%	Família/amigos	%	Hab.	%	NS/NR	%		
Não sabe ler / escrever		0,00		0,00	1	33,33	1	33,33	1	33,33		0,00	3	5,26
Sabe ler e escrever		0,00		0,00	1	100		0,00		0,00		0,00	1	1,75
EB 1º Ciclo		0,00		0,00	2	15,38	1	7,69	4	30,77	6	46,15	13	22,81
EB 2º Ciclo		0,00	1	20,00	1	20,00	2	40,00		0,00	1	20,00	5	8,77
EB 3º Ciclo		0,00		0,00		0,00	3	60,00		0,00	2	40,00	5	8,77
E. Secund.		0,00	1	7,69	2	15,38	2	15,38	4	30,77	4	30,77	13	22,81
C. Superior	7	41,18		0,00	1	5,88	4	23,53	1	5,88	4	23,53	17	29,82
Total	7	12,28	2	3,51	8	14,04	13	22,81	10	17,54	17	29,82	57	100

TABELA 27 LOCAL DE TRABALHO/ESTUDO (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Local de trabalho/estudo	Moradores	%	Não Moradores	%
Campo de Ourique	28	37,33	5	22,73
Centro de Lisboa	7	9,33	3	13,64
Lisboa	34	45,33	9	40,91
Fora de Lisboa	6	8	5	22,73
Total	75	100	22	100

TABELA 28 PROFISSÃO VS LOCAL DE TRABALHO/ESTUDO: MORADORES E AGREGADO (ELABORAÇÃO PRÓPRIA; ADAPTADO CAE, IIEFP 2001)

Grupo de profissões segundo a CNP	Local de trabalho/estudo dos elementos									
	Campo de Ourique	%	Centro de Lisboa	%	Lisboa	%	Fora de Lisboa	%	Total	%
Intelectuais e Científicas		0,00		0,00	1	100,00		0,00	1	1,56
Técnicos de nível intermédio	2	14,29	3	21,43	5	35,71	4	28,57	14	21,88
Administrativos e similares	2	50,00	1	25,00	1	25,00		0,00	4	6,25
Serviços e vendedores	2	28,57		0,00	5	71,43		0,00	7	10,94
Operários, artífices e similares	2	33,33		0,00	3	50,00	1	16,67	6	9,38
Operadores de instalações, máquinas, montagens	1	50,00		0,00	1	50,00		0,00	2	3,13
Não qualificados	4	80,00		0,00	1	20,00		0,00	5	7,81
Estudantes	14	56,00		0,00	11	44,00		0,00	25	39,06
Total	27	42,19	4	6,25	28	43,75	5	7,81	64	100,00

TABELA 29 SENTE-SE FELIZ? (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

	Nada	Pouco	Razoavelmente	Muito	NS/NR	Total
Total	1	1	31	41	0	74
%	1,35	1,35	41,89	55,41	0,00	100

TABELA 30 ESTÁ SATISFEITO COM O SEU BAIRRO COMO LOCAL PARA VIVER? (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

	Nada	Pouco	Razoavelmente	Muito	NS/NR	Total
Total	1	2	17	54	0	74
%	1,35	2,70	22,97	72,97	0,00	100

TABELA 31 ESTÁ SATISFEITO COM O SEU BAIRRO COMO LOCAL PARA VIVER VS SENTE-SE FELIZ DE UMA FORMA GERAL? (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Sente-se feliz de uma forma geral?	Está satisfeito, de forma geral, com o seu bairro como local para viver?								Total	%
	Nada	%	Pouco	%	Razoavelmente	%	Muito	%		
Nada		0,00		0,00	1	100,00		0,00	1	1,35
Pouco	1	100,00		0,00		0,00		0,00	1	1,35
Razoavelmente		0,00	2	6,45	12	38,71	17	54,84	31	41,89
Muito		0,00		0,00	4	9,76	37	90,24	41	55,41
Total	1	1,35	2	2,70	17	22,97	54	72,97	74	100

TABELA 32 GOSTA DE VIR A CAMPO DE OURIQUE? [NÃO MORADORES] (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

	Nada	Pouco	Razoavelmente	Muito	NS/NR	Total
Total	1	1	10	14	0	26
%	3,85	3,85	38,46	53,85	0	100,00

TABELA 33 GOSTA DE VIR A CAMPO DE OURIQUE VS QUAIS SÃO OS MOTIVOS QUE LEVAM A VIR A CAMPO DE OURIQUE? [NÃO MORADORES] (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Gosta de vir a Campo de Ourique?	Porque motivos vem a Campo de Ourique?										Total	%
	Compras	%	Serviços	%	Visita familiares	%	Trabalho	%	Outros	%		
Nada	0	0	0	0	0	0	1	100	0	0	1	3,85
Pouco	0	0	0	0	0	0	1	100	0	0	1	3,85
Razoavelmente	1	10	1	10	2	20	4	40	2	20	10	38,46
Muito	7	50		0	4	28,57		0	3	21,43	14	53,85
Total	8	30,77	1	3,85	6	23,08	6	23,08	5	19,23	26	100

TABELA 34 IDENTIFICA-SE COM O BAIRRO DE CAMPO DE OURIQUE? (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

	Nada	Pouco	Razoavelmente	Muito	NS/NR	Total
Total	3	4	15	52	0	74
%	4,05	5,41	20,27	70,27	0,00	100

TABELA 35 IDADE VS IDENTIFICA-SE COM O BAIRRO DE CAMPO DE OURIQUE?
(ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Idade	Nada	%	Pouco	%	Razoavelmente	%	Muito	%	Total	%
0-25	0	0,00	1	33,33	1	33,33	1	33,33	3	4,05
25-45	0	0,00	1	4,35	5	21,74	17	73,91	23	31,08
45-65	2	8,33	1	4,17	5	20,83	16	66,67	24	32,43
>65	1	4,17	1	4,17	4	16,67	18	75,00	24	32,43
Total	3	4,05	4	5,41	15	20,27	52	70,27	74	100

TABELA 36 ACHA QUE CAMPO DE OURIQUE É UM BAIRRO ONDE PESSOAS DE DIFERENTES CARACTERÍSTICAS CULTURAIS E SOCIAIS SE DÃO BEM?
(ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

	Nada	Pouco	Razoavelmente	Muito	NS/NR	Total
Total	2	8	20	40	4	70
%	2,70	10,81	27,03	54,05	5,41	100,00

TABELA 37 SENTE-SE ENVOLVIDO NA COMUNIDADE DE CAMPO DE OURIQUE?
(ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

	Nada	Pouco	Razoavelmente	Muito	NS/NR	Total
Total	12	10	23	29	0	74
%	16,22	13,51	31,08	39,19	0,00	100

TABELA 38 IDADE VS SENTE-SE ENVOLVIDO NA COMUNIDADE?
(ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Idade	Nada	%	Pouco	%	Razoavelmente	%	Muito	%	Total	%
0-25	1	33,33	2	66,67		0		0	3	4,05
25-45	4	17,39	2	8,70	9	39,13	8	34,78	23	31,08
45-65	3	12,5	3	12,5	6	25	12	50	24	32,43
>65	4	16,67	3	12,5	8	33,33	9	37,5	24	32,43
Total	12	16,22	10	13,51	23	31,08	29	39,19	74	100

TABELA 39 IDENTIFICA-SE COM CAMPO DE OURIQUE VS SENTE-SE ENVOLVIDO NA COMUNIDADE? (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Identifica-se com o Bairro de Campo de Ourique?	Sente-se envolvido(a) na comunidade de Campo de Ourique?								Total	%
	Nada	%	Pouco	%	Razoável	%	Muito	%		
Nada	3	100	0	0	0	0	0	0	3	4,05
Pouco	0	0	3	75	1	25	0	0	4	5,41
Razoável	3	20	3	20	6	40	3	20	15	20,27
Muito	6	11,54	4	7,69	16	30,77	26	50	52	70,27
Total	12	16,22	10	13,51	23	31,08	29	39,19	74	100

TABELA 40 ESTÁ SATISFEITO COM A OFERTA CULTURAL DO BAIRRO? (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Tipo de equipamento	Nada	Pouco	Razoavelmente	Muito	NS/NR	Total
Desporto e lazer	10	26	33	3	2	74
	13,51	35,14	44,59	4,05	2,70	100,00
Bibliotecas, livrarias	22	28	17	3	4	74
	29,73	37,84	22,97	4,05	5,41	100,00
Museus, cinemas, teatros	36	28	7	2	1	74
	48,65	37,84	9,46	2,70	1,35	100,00
Galerias de arte, escolas de música/dança	16	24	25	2	7	74
	21,62	32,43	33,78	2,70	9,46	100,00
Parques e espaços ao ar livre	0	23	45	6	0	74
	0,00	31,08	60,81	8,11	0,00	100,00

TABELA 41 ESTÁ SATISFEITO COM CAMPO DE OURIQUE NO QUE RESPEITA À OFERTA DE COMÉRCIO? (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

	Nada	Pouco	Razoavelmente	Muito	NS/NR	Total
Total	0	2	14	58	0	74
%	00,00	2,70	18,92	78,38	0,00	100

TABELA 42 IDADE VS ESTÁ SATISFEITO COM A OFERTA DE COMÉRCIO? (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Idade	Está satisfeito com o bairro de Campo de Ourique no que respeita à oferta de comércio?								Total	%
	Nada	%	Pouco	%	Razoavelmente	%	Muito	%		
0-25	0	0		0		0	3	100	3	4,05
25-45	0	0		0	5	21,74	18	78,26	23	31,08
45-65	0	0		0	5	20,83	19	79,17	24	32,43
>65	0	0	2	8,33	4	16,67	18	75	24	32,43
Total	0	0	2	2,70	14	18,92	58	78,38	74	100

TABELA 43 TRANSPORTES E CONECTIVIDADE – LOCAL [1] (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Tipos de deslocação		Mercearia	Hipermercado	Supermercado	Outro	NS/NR	Total
Compras de alimentação	Total	31	4	38	1	0	74
	%	41,89	5,41	51,35	1,35	0,00	100,00
Compras artigos para o lar	Total	17	5	50	0	2	74
	%	22,97	6,76	67,57	0,00	2,70	100,00
Compras jornais e revistas	Total	24	20	4	4	22	74
	%	32,43	27,03	5,41	5,41	29,73	100,00

TABELA 44 TRANSPORTES E CONECTIVIDADE – LOCAL [2] (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Tipo de deslocação		Loja de Rua	C.C.	Outro	NS/NR	Total
Barbeiro/cabeleireiro	Total	58	2	5	9	74
	%	78,38	2,70	6,76	12,16	100,00
Compras de vestuário/ourivesaria	Total	47	22	3	2	74
	%	63,51	29,73	4,05	2,70	100,00

TABELA 45 ONDE CONSULTA O SEU MÉDICO DE CLÍNICA GERAL? (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

	Centro Saúde	Hospital	Consultório Privado	Clínica Privada	NS/NR	Total
Total	57	8	4	3	2	74
%	77,03	10,81	5,41	4,05	2,70	100,00

TABELA 46 ONDE SE SITUA O SEU MÉDICO DE CLÍNICA GERAL? (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

	Campo de Ourique	Centro de Lisboa	Lisboa	Fora de Lisboa	Total
Total	48	12	3	3	66
%	72,73	18,18	4,55	4,55	100,00

TABELA 47 FREQUENTA EQUIPAMENTOS DE DESPORTO/LAZER?
(ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

	Sim	Não	NS/NR	Total
Total	22	51	1	74
%	37,84	62,16	1,35	100

TABELA 48 ONDE SE SITUA O SEU EQUIPAMENTO DE DESPORTO/LAZER?
(ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

	Campo de Ourique	Centro de Lisboa	Lisboa	Fora de Lisboa	Total
Total	9	2	6	3	20
%	45,00	10,00	30,00	15,00	100,00

TABELA 49 FREQUENTA EQUIPAMENTOS CULTURAIS? (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

	Sim	Não	NS/NR	Total
Total	28	46	0	74
%	37,84	62,16	0,00	100,00

TABELA 50 ONDE SE SITUA O SEU EQUIPAMENTO CULTURAL?
(ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

	Campo de Ourique	Centro de Lisboa	Lisboa	Fora de Lisboa	Total
Total	3	8	12	0	23
%	13,04	34,78	52,17	0,00	100,00

TABELA 51 ONDE VAI AOS CORREIOS, BANCOS, FARMÁCIAS?
(ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Serviço		Campo de Ourique	Centro de Lisboa	Santa Isabel	NS/NR	Total
Correios	Total	72	0	1	1	74
	%	97,30	0,00	1,35	1,35	100,00
Bancos	Total	71	1	1	1	74
	%	95,95	1,35	1,35	1,35	100,00
Farmácias	Total	72	0	1	1	74
	%	97,30	0,00	1,35	1,35	100,00

TABELA 52 TRANSPORTES E CONECTIVIDADE – MODO UTILIZADO (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Tipo de deslocação		Modo utilizado							Total
		Pé	Automóvel	Autocarro	Comboio	Metro	Outro	Não utiliza	
Compras de alimentação	Total	70	4	0	0	0	0	0	74
	%	94,59	5,41	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00
Compras de artigos para o lar	Total	66	5	0	0	0	0	3	74
	%	89,19	6,76	0,00	0,00	0,00	0,00	4,05	100,00
Compras de jornais e revistas	Total	51	0	1	0	0	0	22	74
	%	68,92	0,00	1,35	0,00	0,00	0,00	29,73	100,00
Barbeiro/cabeleireiro	Total	53	2	4	1	0	2	12	74
	%	71,62	2,70	5,41	1,35	0,00	2,70	16,22	100,00
Compras de vestuário/ourivesaria	Total	47	16	6	0	1	1	3	74
	%	63,51	21,62	8,11	0,00	1,35	1,35	4,05	100,00
Médico de clínica geral	Total	53	11	9	0	0	0	1	74
	%	71,62	14,86	12,16	0,00	0,00	0,00	1,35	100,00
Equipamentos de desporto/lazer	Total	13	6	3	0	0	0	52	74
	%	17,57	8,11	4,05	0,00	0,00	0,00	70,27	100,00
Equipamentos culturais	Total	8	12	7	0	0	1	46	74
	%	10,81	16,22	9,46	0,00	0,00	1,35	62,16	100,00
Correios, bancos, farmácias	Total	70	0	2	0	0	0	2	74
	%	94,59	0,00	2,70	0,00	0,00	0,00	2,70	100,00

TABELA 53 TRANSPORTES E CONECTIVIDADE – MODO UTILIZADO (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Tipo de deslocação		Frequência							Total
		Diária	3x Sem.	2x Sem.	1x Sem.	Esporadicamente	Nunca	Não utiliza	
Compras de alimentação	Total	26	10	20	18	0	0	0	74
	%	35,14	13,51	27,03	24,32	0,00	0,00	0,00	100,00
Compras de artigos para o lar	Total	16	6	21	24	5	0	2	74
	%	21,62	8,11	28,38	32,43	6,76	0,00	2,70	100,00
Compras de jornais e revistas	Total	13	6	7	17	7	0	24	74
	%	17,57	8,11	9,46	22,97	9,46	0,00	32,43	100,00
Barbeiro/cabeleireiro	Total	1	0	2	9	51	0	11	74
	%	1,35	0,00	2,70	12,16	68,92	0,00	14,86	100,00
Compras de vestuário/ourivesaria	Total	1	0	0	8	63	0	2	74
	%	1,35	0,00	0,00	10,81	85,14	0,00	2,70	100,00
Médico de clínica geral	Total	0	2	1	2	68	0	1	74
	%	0,00	2,70	1,35	2,70	91,89	0,00	1,35	100,00
Equipamentos de desporto/lazer	Total	2	1	9	8	2	0	52	74
	%	2,70	1,35	12,16	10,81	2,70	0,00	70,27	100,00
Equipamentos culturais	Total	0	1	1	10	16	0	46	74
	%	0,00	1,35	1,35	13,51	21,62	0,00	62,16	100,00
Correios, bancos, farmácias	Total	3	5	5	25	32	0	4	74
	%	4,05	6,76	6,76	33,78	43,24	0,00	5,41	100,00

TABELA 54 TRANSPORTES E CONECTIVIDADE – TEMPO (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Tipo de deslocação		Tempo						Total
		<15min.	16-30min.	31-60min.	61-90min.	>90min.	Não utiliza	
Compras de alimentação	Total	60	10	4	0	0	0	74
	%	81,08	13,51	5,41	0,00	0,00	0,00	100,00
Compras de artigos para o lar	Total	53	14	4	0	0	3	74
	%	71,62	18,92	5,41	0,00	0,00	4,05	100,00
Compras de jornais e revistas	Total	40	7	3	0	0	24	74
	%	54,05	9,46	4,05	0,00	0,00	32,43	100,00
Barbeiro/cabeleireiro	Total	48	7	4	3	1	11	74
	%	64,86	9,46	5,41	4,05	1,35	14,86	100,00
Compras de vestuário/ourivesaria	Total	43	21	6	1	0	3	74
	%	58,11	28,38	8,11	1,35	0,00	4,05	100,00
Médico de clínica geral	Total	46	16	8	3	0	1	74
	%	62,16	21,62	10,81	4,05	0,00	1,35	100,00
Equipamentos de desporto/lazer	Total	14	4	4	0	0	52	74
	%	18,92	5,41	5,41	0,00	0,00	70,27	100,00
Equipamentos culturais	Total	10	12	6	1	0	45	74
	%	13,51	16,22	8,11	1,35	0,00	60,81	100,00
Correios, bancos, farmácias	Total	61	7	3	0	0	3	74
	%	82,43	9,46	4,05	0,00	0,00	4,05	100,00

TABELA 55 PORQUE MOTIVOS VEM A CAMPO DE OURIQUE? (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

	Compras	Serviços	Visitar familiares/amigos	Trabalho	Outros	Total
Total	8	1	6	6	5	26
%	30,77	3,85	23,08	23,08	19,23	100,00

TABELA 56 IDADE VS PORQUE MOTIVOS VEM A CAMPO DE OURIQUE? [NÃO MORADORES] (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Idade	Porque motivos vem a Campo de Ourique?											
	Compras	%	Serviços	%	Visitar familiares/ amigos	%	Trabalho	%	Outros	%	Total	%
0-25	1	25,00	1	25,00	1	25,00	0	0,00	1	25,00	4	15,38
25-45	4	28,57	0	0,00	2	14,29	5	35,71	3	21,43	14	53,85
45-65	2	28,57	0	0,00	3	42,86	1	14,29	1	14,29	7	26,92
>65	1	100,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	3,85
Total	8	30,77	1	3,85	6	23,08	10	38,46	5	19,23	26	100,00

TABELA 57 COM QUE FREQUÊNCIA VEM A CAMPO DE OURIQUE? [NÃO MORADORES] (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

	Diariamente	3x semana	2x semana	1 x semana	Esporadicamente	Nunca	Total
Total	7	1	2	7	9	0	26
%	26,92	3,85	7,69	26,92	34,62	0,00	100,00

TABELA 58 PORQUE MOTIVOS VEM A CAMPO DE OURIQUE VS COM QUE FREQUÊNCIA VEM A CAMPO DE OURIQUE? [NÃO MORADORES] (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Motivos	Com que frequência vem a Campo de Ourique?													
	Diária	%	3x Sem	%	2x Sem	%	1x Sem	%	Esporadicamente	%	Nunca	%	Total	%
Compras	0	0,00	0	0,00	1	12,50	1	12,50	6	75,00	0	0,00	8	30,77
Serviços	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	100,00	0	0,00	1	3,85
Familiares	2	33,33	0	0,00	1	16,67	3	50,00	0	0,00	0	0,00	6	23,08
Trabalho	4	66,67	0	0,00	0	0,00	2	33,33	0	0,00	0	0,00	6	23,08
Outros	1	20,00	1	20,00	0	0,00	1	20,00	2	40,00	0	0,00	5	19,23
Total	7	26,92	1	3,85	2	7,69	7	26,92	9	34,62	0	0,00	26	100,00

TABELA 59 PERTENCE OU PERTENCEU A ALGUMA ASSOCIAÇÃO? SE SIM A QUANTAS? (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

	0	1	2	3	=/>4	NS/NR	Total
Total	53	15	3	2	1	0	74
%	71,62	20,27	4,05	2,70	1,35	0,00	100,00

TABELA 60 JÁ ALGUMA VEZ FEZ TRABALHO VOLUNTÁRIO? SE SIM QUANTAS VEZES? (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

	0	1	2	3	=/>4	NS/NR	Total
Total	54	4	4	2	10	0	74
%	72,97	5,41	5,41	2,70	13,51	0,00	100,00

TABELA 61 JÁ ALGUMA VEZ FEZ TRABALHO VOLUNTÁRIO? SE SIM QUANTAS VEZES? (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

	Nada	Pouco	Razoavelmente	Muito	NS/NR	Total
Total	1	0	5	68	0	74
%	1,35	0,00	6,76	91,89	0,00	100,00

TABELA 62 QUANTAS VEZES ESTÁ COM A SUA FAMÍLIA? (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

	Todos os dias	Várias vezes por semana	1 a 2 vezes por semana	Poucas vezes	Nenhuma	Total
Total	38	12	11	12	1	74
%	51,35	16,22	14,86	16,22	1,35	100,00

TABELA 63 PARA SI OS SEUS AMIGOS SÃO IMPORTANTES? (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

	Nada	Pouco	Razoavelmente	Muito	NS/NR	Total
Total	0	1	9	64	0	74
%	0,00	1,35	12,16	86,49	0,00	100,00

TABELA 64 QUANTAS VEZES ESTÁ COM OS SEUS AMIGOS? (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

	Todos os dias	Várias vezes por semana	1 a 2 vezes por semana	Poucas vezes	Nenhuma	Total
Total	27	15	21	11	0	74
%	36,49	20,27	28,38	14,86	0,00	100,00

TABELA 65 PARA SI A SUA FAMÍLIA É IMPORTANTE VS QUANTAS VEZES ESTÁ COM ELA? [MORADORES] (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Para si a sua família é importante?	Quantas vezes está com a sua família?											
	Todos os dias	%	Várias vezes p/sem.	%	1 a 2 x sem.	%	Poucas vezes	%	Nenhuma	%	Total	%
Nada	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	100,00	1	1,35
Pouco	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Razoavelmente	3	60,00	0	0,00	0	0,00	2	40,00	0	0,00	5	6,76
Muito	35	51,47	12	17,65	11	16,18	10	14,71	0	0,00	68	91,89
Total	38	51,35	12	16,22	11	14,86	12	16,22	1	1,35	74	100,00

TABELA 66

PARA SI OS SEUS AMIGOS SÃO IMPORTANTES VS ESTÁ MUITAS VEZES COM OS SEUS AMIGOS? [MORADORES] (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Para si a sua família é importante?	Quantas vezes está com a sua família?											
	Todos os dias	%	Várias vezes p/sem.	%	1 a 2 x sem.	%	Poucas vezes	%	Nenhuma	%	Total	%
Nada	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Pouco	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	100,00	0	0,00	1	1,35
Razoavelmente	2	22,22		0,00	2	22,22	5	55,56	0	0,00	9	12,16
Muito	25	39,06	15	23,44	19	29,69	5	7,81	0	0,00	64	86,49
Total	27	36,49	15	20,27	21	28,38	11	14,86	0	0,00	74	100,00

TABELA 67

DE UMA FORMA GERAL DIRIA QUE A MAIORIA DAS PESSOAS EM CAMPO DE OURIQUE É DE CONFIANÇA? (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

	Sim	Não	NS/NR	Total
Total	61	7	6	0
%	82,43	9,46	8,11	100,00

TABELA 68

IDADE DE RESIDÊNCIA VS DE UMA FORMA GERAL ACHA QUE AS PESSOAS DE CO SÃO DE CONFIANÇA? [MORADORES] (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Há quantos anos mora em Campo de Ourique?	De uma forma geral diria que a maioria das pessoas de Campo de Ourique são de confiança?							
	Sim	%	Não	%	NS/NR	%	Total	%
0-10	16	80,00	2	10,00	2	10,00	20	27,03
10-20	8	66,67	3	25,00	1	8,33	12	16,22
20-30	5	100,00	0	0,00	0	0,00	5	6,76
>30	32	86,49	2	5,41	3	8,11	37	50,00
Total	61	82,43	7	9,46	6	8,11	74	100,00

TABELA 69 CONFIA NAS SEGUINTE INSTITUIÇÕES? (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Instituições		Confia nas seguintes instituições			Total
		Sim	Não	NS/NR	
Presidência da República	Total	33	27	14	74
	%	44,59	36,49	18,92	100,00
Assembleia da República	Total	21	41	12	74
	%	28,38	55,41	16,22	100,00
Câmara Municipal	Total	31	30	13	74
	%	41,89	40,54	17,57	100,00
Junta de Freguesia	Total	47	12	15	74
	%	63,51	16,22	20,27	100,00

TABELA 70 ACHA QUE AS SEGUINTE ACÇÕES SÃO JUSTIFICÁVEIS? (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

Acções		Acha que as seguintes acções são justificáveis?				Total
		Sim	Algumas vezes	Não	NS/NR	
Fugir ou manipular os impostos	Total	3	8	50	13	74
	%	4,05	10,81	67,57	17,57	100,00
Consumir drogas	Total	5	4	50	15	74
	%	6,76	5,41	67,57	20,27	100,00
Agir em interesse próprio	Total	4	15	43	12	74
	%	5,41	20,27	58,11	16,22	100,00
Divórcio	Total	32	17	12	13	74
	%	43,24	22,97	16,22	17,57	100,00
Aceitar subornos	Total	2	3	55	14	74
	%	2,70	4,05	74,32	18,92	100,00
Homossexualidade	Total	29	6	20	19	74
	%	39,19	8,11	27,03	25,68	100,00
Aborto	Total	29	13	18	14	74
	%	39,19	17,57	24,32	18,92	100,00
Eutanásia	Total	20	12	25	17	74
	%	27,03	16,22	33,78	22,97	100,00
Não comprar bilhetes nos transportes	Total	5	4	51	14	74
	%	6,76	5,41	68,92	18,92	100,00
Prostituição	Total	6	10	40	18	74
	%	8,11	13,51	54,05	24,32	100,00
Pena de morte	Total	10	9	42	13	74
	%	13,51	12,16	56,76	17,57	100,00
Manipulação genética de alimentos	Total	5	7	47	15	74
	%	6,76	9,46	63,51	20,27	100,00

TABELA 71 INTERESSA-SE PELA POLÍTICA? (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

	Sim	Não	NS/NR	Total
Total	35	36	3	74
%	47,30	48,65	4,05	100,00

TABELA 72 COM QUE FREQUÊNCIA DISCUTE POLÍTICA? (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)

	Todos os dias	Várias vezes por semana	1 a 2 vezes por semana	Poucas vezes	Nenhuma	Total
Total	4	15	12	22	21	74
%	5,41	20,27	16,22	29,73	28,38	100,00

GUIÃO 1

Entrevista ao Presidente da Junta de Freguesia - Dr. Luís Graça Gonçalves

1. Na sua opinião ao que se deve a heterogeneidade e reconhecimento do comércio de bairro de Campo de Ourique? Como o considera, em termos de relevância para a estrutura do bairro?
2. Campo de Ourique é conhecido pelas suas características particulares e pelo seu sentido de comunidade, no fundo “uma cidade dentro de uma cidade”. Considere que esta afirmação é válida ainda no presente? Acha que tem vindo a ganhar maior espírito de comunidade, ou que pelo contrario tem vindo a perder este espírito?
3. O que pode ser feito para potencializar ou recuperar se for esse o caso, o sentido de comunidade deste bairro? A Junta de Freguesia tem intervindo nesta dimensão?
4. Existe uma grande quantidade de pessoas que se desloca a pé no bairro, contudo existem graves problemas de estacionamento. Quais são na sua opinião as razões por detrás deste problemas e que medidas a seu ver acha adequadas para o resolver?
5. Segundo o Metro de Lisboa estão previstas duas estações de metro em freguesias adjacentes a Campo de Ourique: Campolide e Estrela. Até que ponto considera estas duas estações importantes para a potencialização da mobilidade nesta junta de freguesia?
6. Nos inquéritos realizados à população de Campo de Ourique denotou-se uma importante parcela da população idosa. O que está a Junta de Freguesia a fazer para lidar com as necessidades dos idosos?
7. Apesar de Campo de Ourique ser um bairro com população qualificada existem poucos equipamentos culturais. Quais são as políticas da junta de freguesia a este respeito?
8. Que equipamentos considera que são essenciais para Campo de Ourique?

GUIÃO 2

Entrevista ao Comissário da Carta Estratégica de Lisboa para a sustentabilidade ambiental e energética - Professor Tiago Farias

1. O conceito de sustentabilidade urbana tem conhecido uma profunda evolução nos últimos anos assim como reconhecimento político e social. Como enquadra esta nova afirmação deste conceito?
2. Acha que esta evolução recente tem a sua origem em novos progressos tecnológicos ou numa consciencialização política que por sua vez está a potencializar o desenvolvimento tecnológico?
3. Sem dúvida que as cidades são os principais locais de experimentação de novas políticas e tecnologias relacionadas com a sustentabilidade urbana. Como vê o crescimento das cidades e como entende a importância dos transportes como elemento estruturante não só da forma urbana mas também da eficiência energética destas?

4. Quais são os principais eixos de acção da carta estratégica de Lisboa, comissariado para a sustentabilidade ambiental e energética?
5. Indicou num dos seus textos sobre o comissariado para a sustentabilidade ambiental e energética que os edifícios são dos principais consumidores de energia. Que medidas podem a seu ver contribuir para uma maior eficácia energética destes em Lisboa?
6. Elucidou que os transportes são o segundo maior contribuidor para o consumo energético, mencionando em particular o automóvel, relacionando a utilização abusiva deste com a forma urbana dispersa. Que medidas estão previstas nesta carta para contribuir para uma maior compacção da malha urbana e utilização de outros meios de transporte?
7. O conceito de comunidades sustentáveis é regido por princípios como o da densidade, capacidade de deslocação pedonal, diversidade de transportes, diversidade económica e funcional entre outros. Em que medida é que acha relevante a aplicação de medidas inspiradas neste princípios para um melhor ambiente e eficiência energética?
 - 7.1. Alguns destes princípios serão aplicados pela carta estratégica?
8. Uma das medidas sugeridas pelo conceito de comunidades sustentáveis é a implementação do TOD (Transit Oriented Development) que é uma medida que dá mais importância ao acesso que à quantidade (distância e velocidade), assim como preocupa-se mais com a integração das infra-estruturas de transporte na envolvente assim como a contribuição destas para a afirmação e coesão social. Podia comentar esta afirmação?

GUIÃO 3

Entrevista ao Professor do MIT - Professor John Fernandez

1. The sustainable development concept has been around for about 30 years but has gained a new life in the last decade due to the visible problems of global warming, people consciousness, political activity and so on. Do you think "it is here to stay" or it is a tendency to be forgotten in the future?
2. Can you contextualize, giving your opinion, about the evolution of the urban sustainability associated movements, more precisely, their origins, principles and applications and its relation with the Urban Metabolism movement?
3. Urban Metabolism is not a recent movement. Can you explain what were the factors that have contributed to its new affirmation as an important research area?
4. Is there an ideal urban form for a balanced Urban Metabolism?
5. On this theme could you please elaborate on the notion of civic centre, first introduced by Perry . Do you think it's a revitalized concept?
6. On the Framework of the MIT Portugal Program you are involved in a Project called ReMAP Lisboa. One of the main objectives of this Project is the identification of "[...] proxies for flows distribution among the fundamental spatial scale (neighborhood)". Could you please explain this objective?
7. REMAP is a Project that pretends to analyze the Urban Metabolism of Lisbon. How are the social factors like for example, income, family size, cultural aspects, are taking into account in the "equation"?

GUIÃO 4

Entrevista a técnica da CCDDR-LVT: Dr^a. Isabel da Silva Marques

1. O conceito de desenvolvimento sustentável tem já cerca de 22 anos. Contudo, só muito recentemente se começou a falar de sustentabilidade urbana de uma forma mais activa. Na sua opinião a que se deve este facto?
2. Vários movimentos resultaram desta evolução do conceito de sustentabilidade urbana, entre os quais o das comunidades sustentáveis. Como enquadra este conceito neste âmbito?
3. Existe um background teórico bastante comum a uma maioria destes movimentos. Não acha que existe uma repetição de movimentos que se têm aproveitado desta evolução e consciencialização sobre o tema da sustentabilidade?
 - 3.1. Qual o peso que os órgãos públicos podem ter para passar essa mensagem?
4. Não acha que se corre o risco de existirem várias tendências e pouco entendimento por parte da sociedade do que realmente se entende por sustentabilidade urbana?
5. Os geógrafos têm por natureza uma formação multidisciplinar. Sendo o conceito de sustentabilidade urbana algo também multisectorial e multidisciplinar que papel é que acha que estes podem ter de forma a potencializar este conceito?
6. Um dos maiores problemas do conceito de comunidades sustentáveis assim como dos similares é o da aplicabilidade dos princípios subjacentes. Como entende esta questão?
 - 6.1. O caso dos eco-bairros
7. Roseland definiu para o conceito de comunidades sustentáveis o conceito de capital comunitário o qual incluía o conceito de capital social. Este conceito a par do primeiro referido servirá de base a este tese. Que importância acha que o conceito de capital social tem para a sustentabilidade de uma comunidade?

TABELA 73 RESULTADOS DAS ENTREVISTAS

PROBLEMÁTICAS	EVOLUÇÃO DA FORMA URBANA
PROF. TIAGO FARIAS	
<ul style="list-style-type: none"> - Vamos separar [...] os países europeus em que as cidades não crescem, portanto, são relativamente saudáveis mas dispersam-se ao nível das actividades e das matrizes origem-destino que são mais complexas, são menos pendulares, portanto tudo isso vai ter que sofrer alguma alteração caso contrário o transporte sustentável que é andar de bicicleta, andar a pé e o transporte colectivo não satisfazem as necessidades de acessibilidade; - As cidades muito embora não tenham crescido de uma forma assustadora em termos de dimensão, dispersaram-se e agora temos que viver com isso e vai ser duro inverter, mas vamos inverter, agora esta inversão é cara, é para quem pode [...] ou então há que ceder nas regalias; - Nos países em desenvolvimento é mais assustador porque aí as cidades crescem a uma velocidade alucinante, nas cidades europeias é mais um problema de organização que de crescimento, e vai ser um grande problema, porque viver no centro urbano deixou de ser moda, as pessoas habituaram-se a viver num sitio longe, energeticamente muito menos sustentável e a nível de mobilidade ruinoso; - Quando nos tirarem a mobilidade [...] ficando cara e complexa, é uma situação difícil de manter, portanto, as pessoas vão voltar a ter que repensar o conceito de urbe à antiga em que eu desloco-me a pé para as necessidades básicas, transportes colectivos, para as necessidades mais normais, e o automóvel como o complemento para as actividades lúdicas e pontuais; - O problema é que nos anos 70, 80 e 90 foram (os transportes) dominados por um conceito que no mundo dos transportes era o <i>predict and provide</i>. Depois passamos para uma situação em que já não era o <i>predict and provide</i> é o <i>aim and management</i>. É esse o salto que se pretende [...]. 	
DR. LUÍS GONÇALVES	
DR^a. ISABEL MARQUES	
PROF. JOHN FERNANDEZ	
<ul style="list-style-type: none"> - After the world wars there was an enormous amount of interest in urban renewal [...] in Europe, the Americans and Europeans worked closely together developing modern theories about urban renewal, what could the modern city look like. And the modern city, there were some consensus in the 50's, that the modern city looked very differently, it was not a city that was based on previous medieval and 18th century transportation patterns and building densities, it needed something completely different, so we had architects that led the modern era, like Le Courbusier, and others who defended cities that really looked very very different. That eventually led into a lot of real work in European and American cities, in England there was a lot of urban renewal [...] and Germany as well, in the USA even thou American cities were not affected by the war, there was a lot of interest in renewing [...] urban areas, because there was a large population growth, and huge economic growth. The USA needed to build housing and office spaces very quickly, and that led to lots of projects that were kind of iconic projects in the 60's and in the 70's, that eventually took the center of cities and erased huge portions of the city and rebuilt it. This happened in New York city, Boston [...]; - What happened in the late 60's and in the 70's, is that was a lot of [...] sociological work that shown that the new urban renewal, for sociological reasons, not for architectural, planning or resource efficiency [...], was often a very inequable way of developing cities [...] it was a brutal way, in which to housing parts of society. In USA, a lot of public housing was very criticized for the concentration of poverty, and the physical strategies to renew cities were far ahead of the institutional, organizational, sociological strategies to deal with the problem of cities. In many situations you were creating really very concentrated issues of crime and poverty and under-education [...] investing a lot of money in bricks and mortar without spending very much time on actually investment in dealing with the problem; - So in the 60's and in the 70's there was an inversion of the pendulum in the other way [...] focusing on cities, the physical aspect, was an over emphasis. There was also in the USA and in Europe, in the 70's 80's and in the 90's a return to some more conservative politics [...]. What happened was that the 	

urban essence in the 60's and 70's was a little bit discredited, and the roles, the quite powerful roles that some urbanists had, were really not continued.

• UNIDADE DE VIZINHANÇA

- The most effective initiatives in developing the civic center are always very well tied to the community;
- So were I seen it worked very well is when there is very engaged community participation in defining what the purpose of the civic center really is. The 19th century ideal of the civic center as the civic presence of the square with education, school, library, church, that ideas of civic center, as an abstraction, is still relevant that one should tend to the needs of the community, is just that today the community is very different than it is used to be;
- [...] so I think district centers are a nicer idea, I think district centers that serve very specific needs of that district, are a more effective way to look at the civic center then it used to be, which is a little bit the representation of the power structures;
- So, to answer your question, the idea of civic center, it used to be very well supported because of its connection to power structures and to the representation of power, unfortunately, when that became weaker, there was no other organizational catalyst behind civic centers that supported them, and therefore, I think they became quite weak. I actually believe now that there is a very very strong reason to believe that civic centers will play a central role in cities, especially now that they are changing.

• FORMA URBANA IDEAL

- There is not an ideal urban form, however, there is some interesting work now and we are part of it, Nancy Grimm and Robert Alberti and others, [...];
- There is not an ideal urban form for particular climates either;
- There is nobody that I read in the community [...] who is advocating for an ideal urban form. That has been a real distance placed between anything that had to do with geometric determinism and ideal conditions in a city. There used to be (this kind of thinking), and this goes back to Ebenezer Howard, and to the Italian renaissance period. There is work that people of social ecology in Vienna are doing, and that we (MIT) are doing on the better forms, or the more practical forms of urbanization given some urban resources profile. This is some ongoing work but basically the idea is that if you took the 1000 biggest cities you would be able to cluster them into several groups that have to do with a limited set of attributes like climate, topography, affluence levels [...] and some other attributes. That seems a very interesting pathway because it is clear that every city is different and has its own geographical attribute, and therefore it must be designed in the most appropriate way [...] however, it seems also very obvious to me that if you listed tropical cities in developing countries with populations of five million living on the coast, you could have probably a couple of dozen cities who can match them and those cities likely consume resources very differently then a developed city in a northern climate [...] with less than a million population. The resource profile of that one group of cities will look very different from the other. So if you do that I think that's not so difficult to say that are better and less better ways for those particular types of cities to be planned.
- [...] There has been a lot of work done (about) historical consumption of human society, and one very interesting idea that has come up that is very useful here and that's the idea of socio-metabolic regimes. There have been basically two distinct groups of socio-metabolic regimes: the pre-fossil fuels and the fossil fuels, and now there is the idea that we are entering a third (group), the post-fossil fuels [...]. It is very clear that lots of cities, maybe most of the cities of any size were developed, were located, grew, and matured, especially in Europe, during the pre-fossil fuels socio-metabolic regime. During that socio-metabolic regime the least expensive [...] transportation mode was by water, so you had lots of cities located on coasts, rivers, and bodies of water, and they were dense they don't needed to accommodate cars. Those kind of cities now are very difficult to deal. There are lot of traffic congestion, and maybe their ports, maybe the location by water, is not economically good as it used to be;
- If in the 50 next years fossil fuels become extraordinarily expensive, and there is interest and economic benefits of less energy intensive modes of transportation, water will become much more important than those cities that developed under the previous socio-metabolic regime and we will have a new revival of their rationality that contributed to the location were they are. So my basic point is that even thou we suggest that will be zero carbon cities, actually, what we were left with, is we are left with the legacy of cities that were designed with a rationale of a completely different socio-metabolic regime, and we have to contend with them.

PROBLEMÁTICAS	SUSTENTABILIDADE URBANA
PROF. TIAGO FARIAS	
<ul style="list-style-type: none"> - [...] a sustentabilidade urbana passa por voltar à vivência urbana que desapareceu em Portugal [...] houve uma dispersão urbana para as zonas envolventes o que conduziu ao núcleo urbano despojado, morreu o conceito de bairro, morreu o conceito de vivência da rua e portanto destruiu-se a sustentabilidade; - Sustentabilidade é partilha, partilha de espaço, partilha de autocarro, partilha do edifício, partilha da piscina, portanto essa sustentabilidade só ficou para quem não conseguiu dar o passo de seguir para esta forma de planeamento urbanístico, etc, que não são nada sustentáveis; - Eu vejo necessidade, mas não vejo mudança [...] pelo menos vejo que ouve um travão [...] mas daí a voltar ao sítio original vai ser um grande passo; - É um problema de governância, não é um problema tecnológico. (A tecnologia) é um complemento, eu não quero edifícios com painéis fotovoltaicos se as pessoas viverem num bairro denso, em que os prédios têm cinco andares, o telhado não dá para fazer nada mas é melhor do que viverem todos dispersos [...] cheios de painéis fotovoltaicos; - A tecnologia é um complemento interessante, não muito, porque nós também não a produzimos, mas acima de tudo é um complemento, é um problema de estratégia; - Acho que isso (<i>Transit Oriented Development</i>) já é uma medida de pormenor. É óbvio que aquilo que se defende [...] é o <i>seamless mobility</i> [...] portanto não há atrito - passo de metro para autocarro e de autocarro para <i>light rail</i> de uma forma fluida em que o peão, seja ele idoso, criança ou de mobilidade reduzida, não nota isso. Primeiro temos que repensar o que andamos a fazer na cidade. 	
DR. LUÍS GONÇALVES	
DR^a. ISABEL MARQUES	
<ul style="list-style-type: none"> - Eu penso que hoje em dia as pessoas sentem muito o tempo que perdem todos os dias nos transportes, na utilização do transporte individual, e por outro lado na dificuldade que têm no acesso ao transporte público, porque o horário do transporte não se adequa ou porque têm que fazer muitos transbordos, ou porque têm uma grande distância de casa até à paragem; - Por outro lado, hoje em dia chega-se também quase que ao extremo que o ambiente é fundamental, e ainda bem que se chegou a essa consciência [...] penso que a comunicação social neste aspecto teve uma importância muito grande na consciência das pessoas e no alertar para estas questões; - Outra questão que acho muito importante é a questão de desde muito cedo [...] o sistema educativo introduzir as questões ambientais, porque muitas vezes são as crianças que trazem a casa e alertam os pais [...] penso que há uma série de identidades e alguns projectos [...] não nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto, mas nas cidades médias, e nós hoje em dia vamos e caminhamos por esse país fora e vemos que as cidades estão limpinhas [...] e que as pessoas procuram modos mais saudáveis de vida, porque hoje em dia as pessoas também procuram ter uma vida mais saudável e esta busca de uma vida mais saudável também se adequa [...] com o conceito de comunidades sustentáveis e desenvolvimento sustentável; - Hoje em dia com a UE temos directrizes que temos que cumprir e temos metas a atingir [...] há essa consciência política, há a consciência individual, consciência colectiva e consciência de todos os organismos que, não trabalhando na área do ambiente, têm um papel importante na comunidade como por exemplo na área da educação; - Há evoluções em termos tecnológicos, e mesmo em termos da construção [...] do próprio edificado que já pode comportar dois sistemas de água. A própria tecnologia permite também que o conceito (de sustentabilidade urbana) tenha evoluído; - Eu penso que isto tudo tem a ver com acções de sensibilização, e cada vez mais com envolver as pessoas nos processos, quero dizer, [...] não é só criar os processos, é envolver as pessoas na criação, elaboração e gestão dos processos, é quase como vestir a camisola, as pessoas sentirem que aquele projecto, aquela acção também é delas é algo que lhes pertence; - (O pilar da governância) [...] é essencial, aliás na minha opinião está no centro; 	

- Tem que haver esta governância no sentido de articular, de criar uma consciencialização comum, de pensar no colectivo, de todos trabalharem para o mesmo e não desperdiçar esforços;
- É uma das grandes virtudes do conceito (de sustentabilidade, a vertente da multidisciplinaridade). Todos estes projectos, todo o conceito de comunidade sustentável, obriga a que haja por um lado a integração da população e do actor social comum no processo, como de todas as áreas disciplinares envolventes;
- O geógrafo enquanto planeador do território e também pela vertente social integrada na geografia, o arquitecto pelos seus conhecimentos dos materiais e na orientação do edifício, o arquitecto paisagístico porque conhece as plantas adequadas aquele clima, aquele bairro, à utilização da água [...] o gestor de tráfego porque sabe melhor como as coisas se interligam [...] eu acho que todos são importantes, e não é o sociólogo sozinho que consegue implementar o projecto nem o geógrafo;
- O conceito de desenvolvimento sustentável foi muito importante para a concepção e interiorização do que deve ser o papel de cada um no processo colectivo.

PROF. JOHN FERNANDEZ

The reason why these issues are coming back are very different why they arose in the 50's and 60's. (In the 50's and 60's) there was a lot of interest in the local pollution [...] now the interest is coming because cities are seen in a larger scale has playing a role of adapting and mitigating the greenhouse and global climate change, by the way of reducing greenhouse gases emissions, and on the other (end), there is a huge interest in looking in what are the actual effects that urbanization has on the environment, and articulating the positive and negative aspects of urbanization around the world. And in that sense, we are looking in a different way. Is not so much the fracture set of research and professional interests in either building and transportation or social issues, but now I think I can say that the community is very aware that continuing in that way will lead inevitably to negative consequences. [...] but the community is very well aware that [...] (there should be) a focus on cities with the majority of population, and with the majority of economic activity, income, concentration and consumption, [...] (and above all in the) high wealth households. So, targeting (those) households around the world, not necessary country by country, but really just in terms of income levels that relate to consumption levels, a lot of those high wealth income households are either in cities or orbiting around those cities, but basically in cities, because they are agents of economic activity and innovation and are also of interest for people who study climate change and greenhouse gases;

- In my opinion it is a more mature approach to cities as both physical entities and economic drivers and sociological centers, I mean, it really is a very very broad (approach) and it is the weakness of the set of studies right now, because the actual interaction between these groups [...] is still very preliminary;
- I think the sustainable development tendency is here to stay because I am convinced that from everything that I read and the conferences that I have been to and the enormous academic research, and now governmental swing towards sustainable development, that is going to be here to stay, because most of the problems will not go away [...] and there are a couple of key problems, I think. One of the problems is related to the population migration, so populations are migrating in different ways then they used to and must faster than they used to. So, one kind of population migration which seems inevitable up to one point is the urban to rural migration which is leading a number of different metropolitan regions to essentially hit their maximum resource availability for those populations. So, some examples from different parts of the world, Amman in Jordan, which is a very important city in the middle east and attracts a lot of immigrants, not only for the typical reasons, but also political reasons, knows very well that in the next five years, and if not in the next four or three years, they will actually going to run out of water for the population that they serve. So there is a lot of talk in limiting the urban population, suggesting that the population of a city can't expand every longer. Another example are cities in India, in the middle of India, and even on the coast, that are living with very regular energy blackouts and it is now a regular anticipated aspect of the provision of services in a city, that they may not be reliable, and I think we will going to see a lot more of that;
- So [...] the urban to rural population is one kind of population shift, the second kind of population shift are global population shifts, so shifts that are international shifts, but then also shifts because of extreme events. Even in the USA, we saw a huge population exodus from New Orleans without precedent. So, I think there is no question that the IPCC scientists, other climate scientists, resource scientists, are absolutely decided to have great consensus in the facts about the resources constrains;

- So, I think that sustainable development as an idea, as an interest, many many stakeholders, from government to individuals say it is here to stay;

METABOLISMO URBANO

- The sustainable cities movement or the green cities, resource efficient cities idea, you can take all the way back to the origins of [...] planned cities and the ideal of the city as an oasis, of civic and cultural stability. To put some specifics in that in the 18th 19th centuries in England the green and garden cities movement [...] and the idea that the green, and the city, had many different levels, had moral, had resources, had civic implications, had social engagement, and essential led to a enlightened civilization that one could plan a city to be opposite of what it was back then, and the opposite of what it was back then was this very messy, uncontrolled, and clearly unsustainable thing, with enormous pollution concentration in the centre of the city. [...] The one main driver for urban metabolism, but really the civic sense of cities, [...] comes from a very obvious sign that cities were unsustainable, [...] it was very very difficult to acquire resources, distribute them equitably, and then disperse waste. (So cities were unsustainable) [...] but unsustainable in [...] a different sense that we mean today, unsustainable in a sense of simple not been able to (maintain) public health;
- [...] the origins of the idea that cities could be something different came from health concerns, and stemming from obvious pollution, but eventually it led to a thinking of regional [...] (impacts) that led to a national recognition (USA) that cities themselves were left unregulated and unplanned, in the sense of their familiarity to disperse waste could become chaotic, so it led to national intervention. [...] That I would say that was the main driver, the whole urban pollution catalyzed by health concerns. On the other side of the idea of global cities and civilization, I say that from the society metabolism crowd, from the group of people, mostly ecologists, and eventually some urban ecologists, and eventually now some industrial ecologists, that group of people that are much more analytically inclined [...] (they study the) human civilization uses of resources and juxtapose that against natural systems. So Howard, Odum are the natural ecologists in the USA, there is Heinz who focus in complex systems, and eventually Forrester at MIT in urban dynamics, and at a larger scale, Meadows with the limits of growth, and again also Ehrlich with the population explosion [...] those were all at the society level and very very quickly in the mid 90's and now there has been a major focus on cities;
- [...] those are two major sources that have converged now but they came from very different backgrounds, the ecologists and the green city, and the planners, are coming together now and you can see it in conferences and papers;

PROBLEMÁTICAS

CAMPO DE OURIQUE

PROF. TIAGO FARIAS

DR. LUÍS GONÇALVES

- Aquilo que era há uns tempos já não é tanto [...] (relativamente ao) comércio como estrutura de bairro). Campo de Ourique foi sempre um bairro que teve uma estrutura comercial local muito forte e permanente, e os estabelecimentos permaneciam muito anos, e por sua vez existia uma ligação entre a população e o próprio estabelecimento. Hoje em dia, devido à crise, isso não se sucede, não se sucede porque os estabelecimentos mudam [...] não digo quase de mês a mês, mas de seis em seis meses há muitos estabelecimentos que mudam e portanto a ligação que há com o bairro (por parte) da estrutura de comércio está um pouco a desaparecer;
- Com a chegada de novos residentes com capacidade económica diferente das pessoas que vivem na freguesia e que são trabalhadores tanto o marido como a mulher [...] essa ligação que havia de pessoas ao bairro, embora haja, e maioritariamente ainda sejam os antigos, está-se a desvanecer;
- Infelizmente só durante o dia porque isso é um problema das grandes cidades (insegurança), não há comércio nocturno só restaurantes;
- (Outra razão para as pessoas deslocarem-se a pé) É que é um bairro plano, 80%, temos aqui uma parte do bairro que é uma barreira natural que é no casal ventoso, [...] a freguesia engloba os bairros camarários, bairros sociais, que devido à sua barreira natural estão separados do resto;

- (O estacionamento) É o pior problema que existe na freguesia e está a piorar. Os visitantes prejudicam ainda mais o estacionamento porque arrumam em segunda fila, e o parque de estacionamento está sempre a 50%;
- [...] ainda há aqui dois ou três locais onde se poderiam fazer parques de superfície, em que a própria Junta [...] dois apresentou projecto, outro a própria Câmara já tem o projecto, que é o grande parque de estacionamento da Praça Afonso do Paço, que há quinze anos que se anda a lutar para a sua construção. (Era uma solução que) minimizava pois a freguesia não tem muitos espaços para fazer estacionamento;
- Aqui há muitos anos a maior parte das pessoas não tinha carro, neste momento [...] face aos custos dos impostos, essas casas estão a ser recuperadas e a ser postas no mercado imobiliário no da venda e de aluguer, principalmente da venda, e como o preço do m2 da habitação em Campo de Ourique é muito caro, quem vem e compra casa são as pessoas [...] com capacidade económica e que por isso quando vêm pelo menos dois carros têm. (Além disso) os edifícios existentes não têm garagem, os novos edifícios, alguns, também não têm garagem, devido ao seu tamanho o regulamento não obriga a ter garagem;
- Na rua Maria Pia há alguns edifícios degradados e na rua Campo de Ourique, são os dois locais em que há na realidade algum edificado degradado;
- Existe uma população de idosos com falta de recursos chamada miséria envergonhada [...] que não é muito visível [...] ela mantém a aparência de viver bem mas tem-se conhecimento [...] que há muitas dificuldades económicas nesse estrato social e etário.”;
- Antigamente havia o cinema Paris que ficava relativamente perto [...] havia o jardim cinema que também ficava relativamente perto da Álvares Cabral, e esses também já não existem;

DR^a. ISABEL MARQUES

- Tem toda a importância. [...] o capital social associado à governância, e porque sem o envolvimento das pessoas, sem esta noção do colectivo, sem as pessoas sentirem que são pertença de algo, e que podem trazer algo mais, [...] vai criar um conceito de comunidade muito mais sustentado muito mais fortalecido e nesse sentido faz todo o sentido. No bairro de Campo de Ourique isso é facilmente conseguido, agora vamos imaginar um bairro social [...] é uma realidade recriada, em que as pessoas são metidas ainda com muito da sua cultura porque as pessoas nesses bairros são muitas vezes pessoas que originam de imigração dos PALOP, [...] depois são sítios em que não têm segurança, actividades económicas [...] quer dizer, como é que se faz uma intervenção num bairro destes?;
- Campo de Ourique é um caso interessante pela sua localização, porque tem uma comunidade já estável, aquelas pessoas moram lá há muitos anos, na maior partes das pessoas ainda há um inter-conhecimento muito grande [...] e é um bairro muito harmonioso porque tem muito comércio, tem os serviços ali ao pé, é bem servido em termos de transportes, é um bairro que em termos de criação de uma mobilidade interna é um bairro fácil porque é praticamente plano. Tem o grande problema do estacionamento, porque são prédios em que na altura em que foram construídos não tinham garagem não é, as pessoas tinham que estacionar na rua, portanto, é um grande ponto fraco, eu penso que a segurança será também um ponto fraco [...] nunca teve esquadra de polícia (exceptuando recentemente), mas tinha um carro móvel. O próprio comércio tradicional alterou-se muito, porque antigamente (existia) o comércio pronto-a-vestir (hoje em dia) está praticamente ocupado por lojas do chinês [...].

PROF. JOHN FERNANDEZ

PROBLEMATÍCAS | POLITICAS/PROJECTOS

PROF. TIAGO FARIAS

CARTA ESTRATÉGICA DE LISBOA

- A sustentabilidade ambiental e energética, eu acho que a resposta está se resolvermos as outras perguntas, se voltarmos a ser uma cidade repovoada [...] e se rejuvenescermos o centro urbano vamos consumir muito menos energia, muito menos transportes, muito menos automóveis, muito menos petróleo. Se conseguirmos voltar a dar identidade à cidade as pessoas vão querer estar aqui, portanto, é aqui que vão querer fazer a sua vida vão para a rua, andar a pé porque se revêem na imagem da cidade na cultura, no seu edificado. Se respondermos a essa segunda pergunta, depois temos uma pergunta fundamental que tem feito com que as cidades não sejam sustentáveis que é a governância. É difícilimo

implementar medidas que levem a pessoa a ser sustentáveis porque o modelo de governo local é [...] ainda muito global;

- Como é que queremos uma cidade mais sustentável? É uma cidade que gaste menos energia, e para gastar menos energia tem que andar menos, e quando ande partilhe, e tem que consumir menos, partilhar o jardim o edifício a piscina, e isso foi exactamente o oposto do que aconteceu nas últimas três décadas. A cidade perdeu 300 000 habitantes, mas que vêm para cá todos os dias. As tecnologias [...] se eu tiver que andar de carro e se o carro poluir pouco e for altamente eficiente é melhor do que com um todo o terreno [...] isso é óbvio, e é óbvio que se eu tiver uma piscina que é aquecida com solar térmico e que tem alimentação eléctrica por fotovoltaico isso é muito bem-vindo mas eu prefiro uma piscina partilhada por mil famílias do que cem piscinas num descampado cada um com a sua. A partilha para mim é o futuro da sustentabilidade, e isso é algo que os portugueses desabituarão-se;
- Houve uma grande [...] destruição do conceito de bairro (Lisboa), em que eu vou à escola em frente e não vou a escola a sete ou quinze km;
- Grande parte dos edifícios (que consomem bastante energia) não são privados. E eu continuo a achar que isto é um problema cultural e de governância. Costuma-se dizer que os nórdicos gerem o património público como se fosse próprio por isso são eficientes. Esse é para mim um problema cultural que tem que ser ultrapassado. Depois obviamente que se os edifícios se puderem recorrer a todas as medidas tecnológicas para serem eficientes são muito bem-vindos, mas eu não ia por aí, eu acho que mais facilmente se ganha 20% de energia educando [...] a reciclagem resultou bem porque entrou pelas crianças, entrou pela educação;
- O primeiro (contribuidor) está relacionado com as barreiras físicas da cidade de Lisboa [...] (o segundo) os transportes está muito ligado a decisões estratégicas de onde é que eu vou viver, onde é que eu vou trabalhar, onde é que os meus filhos vão andar e isso não foi considerado prioritário nas décadas de 80 e 90. Uma casa maior mais barata e com mais espaço perto de uma auto-estrada, era mais interessante do que um apartamento pequeno ao pé de uma estação de comboios;
- A carta tem a ver, no meu ponto de vista, como a cidade vai ser repensada como cidade de bairros. A cidade de bairros é aquilo que Lisboa tem que voltar a ser como se vê nas outras grandes capitais. E como é que eu me cruzo entre bairros, bem, a ligação entre bairros é fácil - ou transportes colectivos ou através da rede verde. Se repararmos, as cidades cada vez mais têm ligações verdes entre bairros. As ligações verdes permitem introduzir lá dentro os 'modos suaves'. É uma alteração cultural muito grande e que vai ter que começar pelos eixos verdes;
- Acho estas medidas mais interessantes do que motas eléctricas [...], implementar portagens, isso depois são ferramentas de complemento, agora a base, a estratégia da cidade, é voltar a ter pessoas na rua. Não há crianças em Lisboa [...] não há idosos na rua, e onde é que eles estão? Estão fechados. E enquanto não houver esta ligação entre bairros as pessoas não vão andar na rua a pé. Quanto mais pessoas na rua menos crime, menos desordem, menos insegurança. A visão da carta estratégica é muito menos 'vamos encher isto de veículos eléctricos' [...] e muito mais 'vamos mudar a forma de usar a cidade'.

DR. LUÍS GONÇALVES

- Temos (intervido) através de alguns eventos como sejam a feira do artesanato, pois não há nenhum local de encontro, e por conseguinte o local de encontro de massas é a nossa feira de artesanato que fazemos há cerca de um ano e meio no terceiro sábado de cada mês; é efectivamente os concertos [...] que temos feito [...] na igreja de Santo Condestável, enfim, vêm algumas centenas de pessoas e por conseguinte é outra das actividades da Junta para aproximar a comunidade. Temos outra actividade que é mais para a terceira idade que são as excursões e passeios que são uma maneira, mas isso dos passeios é só para reformados e pensionistas;
- Havia uma perspectiva de criar um equipamento cultural da Câmara no ex-Cinema Europa mas penso que as coisas estão muito difíceis e não vislumbra que ali seja feito qualquer equipamento social. É uma propriedade privada, que no mandato anterior do Prof. Carmona havia uma posição com o promotor imobiliário que cedia a câmara 3000 m² [...] e o resto era condomínio, a informação que a Câmara tem (no presente) foi reformular o projecto e há um compromisso [...] com a câmara só para 1000 m² e a comprar. Assim, não se vislumbra que saia qualquer coisa como equipamento cultural;
- Acho que era o estacionamento, acho que era um novo centro de saúde, que é uma coisa que neste momento está em ruptura total [...] temos 3500 utentes sem médicos que é grave numa população idosa como esta

[...] e penso que (devia) existir um espaço para a juventude, não existe nenhum ginásio, nenhum espaço, nada onde se possa praticar desporto, isto é uma luta que tem-se desde o mandato [...] e há a promessa de fazer um gimnodesportivo junto à piscina de Campo de Ourique que fica na rua Correia Teles;

- A junta faz aquilo que é possível na parte do lazer tem algumas actividades como ginástica, excursões, concertos, praia idosos;
- Eu penso que o (metro) de Campolide não vai influenciar muito, mas aquele que é da estrela vai ficar uma estação no final da rua Silva Domingues que serve muito bem Campo de Ourique [...] segundo o que me disseram estava previsto fazerem concurso para estender até à Estrela. É evidente que o nosso sonho é o metro [...] que vem mesmo a Campo de Ourique e que poderá ter a sua estação em frente ao cemitério dos prazeres. Embora tenha dois ou três transportes [...] o 25, 28 e o 9 que consegue escoar algumas pessoas para fora, e o 9 também vai levar directamente ao metro mesmo junto à estação do rato.

DR^a. ISABEL MARQUES

PROJECTO ECO-BAIRROS

- Tivemos que criar um conceito que fosse alargado o suficiente mas não demasiado alargado nem o restringir demasiado [...] nós esperamos que as Câmaras digam: “atenção nós temos esta área que é importante”. Nós o que fizemos foi pensar o que é que está dentro do conceito de eco-bairros, (e) o que é que nós queremos. Nós queremos intervenção em termos de governância, portanto tem que ser um projecto que tenha governância, a tal gestão logo desde o início, tem que ser um projecto que obrigatoriamente integre as populações, portanto que as chamem ao projecto para participar, porque há muitas coisas que para que esta comunidade sustentável funcione, há coisas que são do domínio publico, mas há intervenções que são do domínio privado. Tem a ver com as acções de sensibilização ambiental, tem a ver com o tipo de electrodomésticos que escolhemos para a nossa casa, a mudança das lâmpadas [...], e depois tinha-se que encontrar, portanto, domínios, tinha que se intervir em domínios específicos e em todos eles. No domínio da reciclagem, em que a reciclagem tinha que estar acessível em termos de distância, [...] tinha que ter uma recolha com uma periodicidade adequada ao volume de resíduos produzidos, tinha também que ter uma intervenção ao nível da água, portanto toda a rega pública não podia ser água potável [...] toda a iluminação pública tinha que ter origem em painéis fotovoltaicos, ou uma iluminação que não fosse da rede de energia eléctrica [...] e depois assegurar uma governância activa;
- Há outra questão importante, as empresas de distribuição dos serviços [...] começam já a ter esta preocupação, e este projecto é também uma oportunidade de mostrarem que eles têm a tecnologia e estão a actualizar-se nesta nova era da sustentabilidade urbana. A nova legislação energética dos edifícios, eu penso, vai a médio longo prazo trazer uma grande mais valia à sustentabilidade urbana, portanto, as pessoas vão-se preocupar mais com os materiais, mais com a orientação dos edifícios [...].

PROF. JOHN FERNANDEZ

PROJECTO REMAP

- This question relates to the reality of urban metabolism [...] and that is that the data is terrible, there is missing data, there is no reasonable way to find information on the flows of physical things because no one keeps that information. So the proxy, and there are two proxies, the first proxy is economic, and the second proxy is district scale or neighborhood. Proxy is simply the representation of something, else something that can be substituted. We are really interested in resource intensity, but since we don't have any of the data, the proxy will be the purchasing habits of the consumers for appliances, electronics and for each one of those products, we can say basically a car has a certain percentage of aluminum or something [...], so the economic activity, purchasing activity, and the products themselves, serve as proxies for the actual physical data that we don't have. There is an additional scale [...] the household. Instead of analyzing the purchase habits of every individual, if I can develop a household typology, and if I have ten household types then, for that household types, I can develop the idea of a representative basket of products that they will buy [...], and that basket of products will serve as a proxy for the resource flows that are dedicated to the activities of the household. The next level for proxy is the district and the neighborhood. So the idea of a sustainable city as so much more to do with the equity and the quality of life [...] just beside resource flows. But if one are to develop a district model, an idea of within a district say, you have those households and you have a mix of households and then you have some density of those households, and you have other indicators like diversity or transportation, density of green [...] and you have ways to measure all of those things, so instead of the consumption of the individual or the household that are related to the product basket, where I am

interested in doing this is eventually for urban activities. If an urban activity serves as the proxy for the real flow. So the urban activities can be transportation, so, for the urban activity of transportation what are the different types of transportation and how can I then assign those activities to resource flows?

- So I think the district has a fundamental role. The district in cities around the world is almost always a sub-unit of the city that people define either formally or informally, could be a neighborhood or actually a district boroughs of New York City [...] and people consider those as being something distinct of the rest of the city. And one of the reasons is that there is a critical set of elements that people would consider to be necessary as part of a district like access to a food market [...];
- For me the framework that I am working on puts urban activities at the center;
- In urban economics there are three forces at play. One is the people who are trying to seek income, employment, and cities are very good at providing employment because there is an agglomeration of firms and because of that [...] there is the production of goods and services. So one provision is that goods and services are there. Second one, when you have agglomeration of firms the household [...] (has) the necessity of a built environment and infrastructure in every city [...] and that's distinct to cities. And then the third is that a city is for some urban economists [...] the production and sometimes the elimination of transportation costs. So I can provide access, goods and services, and I can access to build environment [...] with a lower transportation cost. So if I live close enough to walk to work my transportation cost is essentially zero;
- For me, the social factors are taken into account in those three urban activities;
- For others [...] the DPSIR framework is what they use. DPSIR is a driver environmental state and impacts relationship, more or less causal diagram, that relates drivers to the pressures, that then lead to the state of the environment and then lead to impacts like on human health and others, that then lead to responses to changes.
- The REMAP Project in my flavor [...] has the urban activities at the centre. Others view is that should be more of a causal model. In either one I think we return to the idea that the economic drivers [...], the reasons why people decide to live in cities and the reasons of people who own firms, that decide to locate them in cities, really has to do with the activities in which they can either maximize the income, or reduce costs of some kind, and lead to the innovation of the cities and the creation of knowledge in cities. That's for me the central thing of [...] how social factors, cultural aspects everything else is considered.

INQUÉRITO

Comunidades Sustentáveis como a expressão social da sustentabilidade urbana
– o caso de Campo de Ourique

1. COMPONENTE GERAL

1.1. Género

- a) M b) F

1.2. Idade

1.3. Grau de instrução

- a) Não sabe ler nem escrever
b) Sabe ler e escrever
c) EB 1º Ciclo
d) EB 2º Ciclo
e) EB 3º Ciclo
f) E. Secundário
g) Curso Superior

1.4. Situação Sócio Profissional

- a) Activo com profissão
b) Desempregado
c) Doméstica
d) Estudante
e) Reformado/pensionista
f) Outra

1.5. Residência

1.5.1. Há quantos anos mora em Campo de Ourique? _____

1.5.2. Qual a Freguesia e rua onde mora?

_____ / _____

1.5.3. Já alguma vez teve outra habitação?

- a) Sim b) Não

1.5.3.1. Se sim, porque mudou para Campo de Ourique?

1.6. Composição do agregado familiar

Tipologias	Composição (n ^o)	Profissão dos elementos	Local de trabalho/estudo dos elementos
Jovens (0-18)			
Adultos (18-65)			
Idosos (>65)			

1.7. Para não moradores

1.7.1. Porque motivos vem a Campo de Ourique?

- a) Compras;
- b) Serviços;
- c) Visitar familiares;
- d) Outros

1.7.2. Com que frequência vem a Campo de Ourique?

- a) Diariamente;
- b) 3x semana;
- c) 2x semana;
- d) 1 x semana;
- e) Esporadicamente;
- f) Nunca

1.7.3. Gosta de vir a Campo de Ourique?

Indicar numa escala de 1-4

(sendo que 1=Nada; 2=Pouco; 3=Razoavelmente; 4=Muito)

2. COMPONENTE COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS

2.1. Dimensão geral

2.1.1. Sente-se feliz de uma forma geral?

Indicar numa escala de 1-4

(sendo que 1=Nada; 2=Pouco; 3=Razoavelmente; 4=Muito)

- 2.1.2. Está satisfeito (a), de forma geral, com o seu bairro como local para viver?
Indicar numa escala de 1-4
(sendo que 1=Nada; 2=Pouco; 3=Razoavelmente; 4=Muito)

2.2. Dimensão Sócio Cultural

- 2.2.1. Identifica-se com o Bairro de Campo de Ourique?
Indicar de 1-4
(sendo que 1=Nada; 2=Pouco; 3=Razoavelmente; 4=Muito)
- 2.2.2. Acha que Campo de Ourique é um bairro onde pessoas de diferentes níveis sociais e culturais se dão bem?
Indicar numa escala de 1-4
(sendo que 1=Nada; 2=Pouco; 3=Razoavelmente; 4=Muito)
- 2.2.3. Sente-se envolvido(a) na comunidade de Campo de Ourique? Se sim porquê?
Indicar de 1-4
(sendo que 1=Nada; 2=Pouco; 3=Razoavelmente; 4=Muito)

Porquê: _____

- 2.2.4. Está satisfeito(a) com a oferta cultural do bairro no que respeita a:

Desporto e lazer

Indicar numa escala de 1-4

(sendo que 1=Nada; 2=Pouco; 3=Razoavelmente; 4=Muito)

Bibliotecas

Indicar numa escala de 1-4

(sendo que 1=Nada; 2=Pouco; 3=Razoavelmente; 4=Muito)

Museus, cinemas, teatros

Indicar numa escala de 1-4

(sendo que 1=Nada; 2=Pouco; 3=Razoavelmente; 4=Muito)

Galerias de arte, escolas de música e dança

Indicar numa escala de 1-4

(sendo que 1=Nada; 2=Pouco; 3=Razoavelmente; 4=Muito)

Parques e espaços ao ar livre

Indicar numa escala de 1-4

(sendo que 1=Nada; 2=Pouco; 3=Razoavelmente; 4=Muito)

2.3. Equipamentos e Serviços

2.3.1. Está satisfeito(a) com o bairro de Campo de Ourique no que respeita à oferta de comércio?

Indique numa escala de 1-4

(sendo que 1=Nada; 2=Pouco; 3=Razoavelmente; 4=Muito)

2.4. Transportes e conectividade

	Tipo	Local	Modo utilizado	Frequência	Tempo
COMÉRCIO	2.4.1. Onde efectua as compras de alimentação?	Mercearia ou minimercado Hipermercado Supermercado Outro (especifique)	A pé Automóvel Autocarro Comboio Metro Outro: _____	Diariamente 3x semana 2x semana 1 x semana Esporadicamente Nunca	<15 min 16-30 min 31-60 min 61-90 min >90 min.
	2.4.2. Onde efectua as compras de artigos para o lar, higiene e limpeza?	Mercearia ou minimercado Hipermercado Supermercado Outro (especifique)	A pé Automóvel Autocarro Comboio Metro Outro: _____	Diariamente 3x semana 2x semana 1 x semana Esporadicamente Nunca	<15 min 16-30 min 31-60 min 61-90 min >90 min.
	2.4.3. Onde efectua as compras de jornais e revistas?	Quiosque Tabacaria C.Comercial Outro (especifique)	A pé Automóvel Autocarro Comboio Metro Outro: _____	Diariamente 3x semana 2x semana 1 x semana Esporadicamente Nunca	<15 min 16-30 min 31-60 min 61-90 min >90 min.
	2.4.4. Onde vai ao barbeiro/cabeleireiro?	Loja rua Centro Comercial Outro (especifique)	A pé Automóvel Autocarro Comboio Metro Outro: _____	Diariamente 3x semana 2x semana 1 x semana Esporadicamente Nunca	<15 min 16-30 min 31-60 min 61-90 min >90 min.
	2.4.5. Onde efectua as compras de vestuário/ouriversaria?	Loja rua Centro Comercial Outro (especifique)	A pé Automóvel Autocarro Comboio Metro Outro: _____	Diariamente 3x semana 2x semana 1 x semana Esporadicamente Nunca	<15 min 16-30 min 31-60 min 61-90 min >90 min.
SERVIÇOS	2.4.6. Onde consulta o médico de clínica geral?	Centro de Saúde Hospital Consultório privado Clínica privada 2.4.6.1. <i>Onde se situa?</i>	A pé Automóvel Autocarro Comboio Metro Outro: _____	Diariamente 3x semana 2x semana 1 x semana Esporadicamente Nunca	<15 min 16-30 min 31-60 min 61-90 min >90 min.
	2.4.7. Frequenta equipamentos de desporto/lazer?	2.4.7.1. Se sim indique onde:	A pé Automóvel Autocarro Comboio Metro Outro: _____	Diariamente 3x semana 2x semana 1 x semana Esporadicamente Nunca	<15 min 16-30 min 31-60 min 61-90 min >90 min.

	Tipo	Local	Modo utilizado	Frequência	Tempo
SERVIÇOS	2.4.8. Frequenta equipamentos culturais?	2.4.8.1 Se sim indique onde:	A pé Automóvel Autocarro Comboio Metro Outro: _____	Diariamente 3x semana 2x semana 1 x semana Esporadicamente Nunca	<15 min 16-30 min 31-60 min 61-90 min >90 min.
	2.4.9. Onde vai aos correios, bancos, farmácias?	Correios: Bancos: Farmácias:	A pé Automóvel Autocarro Comboio Metro Outro: _____	Diariamente 3x semana 2x semana 1 x semana Esporadicamente Nunca	<15 min 16-30 min 31-60 min 61-90 min >90 min.

3. COMPONENTE CAPITAL SOCIAL

3.1. Redes sociais

3.1.1. Pertence a alguma associação? Se sim a quantas?

3.1.2. Já alguma vez fez trabalho voluntário? Se sim quantas vezes?

3.1.3. Para si a sua família é importante?

Indicar numa escala de 1-4

(sendo que 1=Nada; 2=Pouco; 3=Razoavelmente; 4=Muito)

3.1.4. Quantas vezes está com a sua família?

- Todos os dias
- Várias vezes por semana
- 1 a 2 vezes por semana
- Poucas vezes
- Nenhuma

3.1.5. Para si os seus amigos são importantes?

Indicar numa escala de 1-4

(sendo que 1=Nada; 2=Pouco; 3=Razoavelmente; 4=Muito)

3.1.6. Quantas vezes está com os seus amigos?

- Todos os dias
- Várias vezes por semana
- 1 a 2 vezes por semana
- Poucas vezes
- Nenhuma

3.2. Confiança

3.2.1. De uma forma geral diria que a maioria das pessoas de Campo de Ourique são de confiança?

- a) Sim b) Não c) NS/NR

3.2.2. Confia nas seguintes instituições:

Presidência da República

- a) Sim b) Não c) NS/NR

Assembleia da República

- a) Sim b) Não c) NS/NR

Câmara Municipal

- a) Sim b) Não c) NS/NR

Junta de Freguesia

- a) Sim b) Não c) NS/NR

3.3. Civismo

3.3.1. Por favor indique numa escala de 1 a 3 se as seguintes afirmações são sempre justificáveis, algumas vezes ou nunca:

a) Fugir ou manipular os impostos

1. Sim 2. Algumas 3. Não 4. NS/NR

b) Consumir drogas

1. Sim 2. Algumas 3. Não 4. NS/NR

c) Agir em interesse próprio

1. Sim 2. Algumas 3. Não 4. NS/NR

d) Divórcio

1. Sim 2. Algumas 3. Não 4. NS/NR

e) Aceitar subornos

1. Sim 2. Algumas 3. Não 4. NS/NR

f) Homossexualidade

1. Sim 2. Algumas 3. Não 4. NS/NR

g) Aborto

1. Sim 2. Algumas 3. Não 4. NS/NR

h) Eutanásia

1. Sim 2. Algumas 3. Não 4. NS/NR

i) Não comprar bilhete nos transportes públicos

1. Sim 2. Algumas 3. Não 4. NS/NR

j) Prostituição

1. Sim 2. Algumas 3. Não 4. NS/NR

k) Pena de morte

1. Sim 2. Algumas 3. Não 4. NS/NR

l) Manipulação genética de alimentos

1. Sim 2. Algumas 3. Não 4. NS/NR

3.3.2. Interessa-se pela política?

a) Sim b) Não c) NS/NR

3.3.3. Com que frequência discute política com os seus amigos, colegas ou familiares?

a) Todos os dias

b) Várias vezes por semana

c) 1 a 2 vezes por semana

d) Poucas vezes

e) Nenhuma vez

